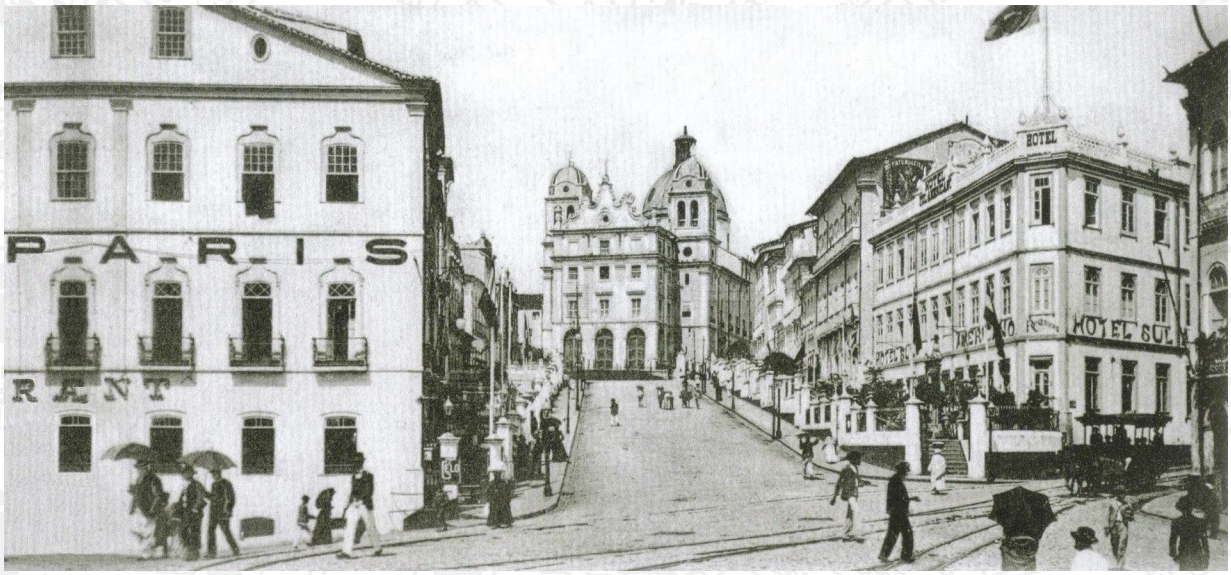
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FFCH
Universidade Federal da Bahia - UFBA

—Falla-se todas as linguas

Hospedagem, serviços e atrativos para os viajantes estrangeiros na Bahia oitocentista



Olívia Biasin Dias

Salvador - Bahia
2007

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

—Falla-se todas as linguas

Hospedagem, serviços e atrativos para os viajantes estrangeiros na Bahia oitocentista

Olívia Biasin Dias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como um dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Mestre em História Social, sob a orientação da Profª Drª Edilece Souza Couto.

SALVADOR - BAHIA

2007

Aos viajantes que navegaram
comigo nessa jornada...

AGRADECIMENTOS

- Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, que nunca me desampara e sempre me concede força e estímulo para que eu realize meus sonhos.
- Em especial, à minha mãe, Ângela Bruno Biasin, pela dedicação, por ter me ajudado com o trabalho de digitação, por me incentivar a lutar pelos meus sonhos e vibrar com minhas conquistas.
- À minha irmã, Andréa Biasin Dias, pelo estímulo e pela realização da revisão gramatical.
- Ao meu pai, Jorge Luís Dias, pelo carinho, apoio e atenção.
- Ao meu namorado, Gabriel Machado Santos, pelo carinho, incentivo, companheirismo e pela elaboração do projeto gráfico.
- À professora Edilece Souza Couto pelo apoio, amizade e orientação.
- À professora Lina Aras por ter acreditado no meu potencial no início da minha jornada acadêmica.
- Aos funcionários e estagiários do CEDIC, em especial a dona Lúcia, por sempre mostrarem boa vontade em me auxiliar durante o trabalho de pesquisa.
- Ao estagiário Fábio, do CEDIG, pela presteza e atenção.
- Ao senhor Álvaro, responsável pela biblioteca do ICBA, pela gentileza e brevidade em atender às minhas solicitações.
- À amiga Mica, por ter procurado o diário da viagem de Darwin nas bibliotecas da sua cidade, nos Estados Unidos, e me enviado uma cópia da obra.

Eu não sou da sua rua,
Eu não sou o seu vizinho,
Eu moro muito longe, sozinho.

Estou aqui de passagem.

Eu não sou da sua rua,
Eu não falo a sua língua,
Minha vida é diferente da sua.

Estou aqui de passagem.

Esse mundo não é meu,
Esse mundo não é seu.

Eu não sou da sua rua
Arnaldo Antunes/ Branco Mello

RESUMO

O estudo analisa as viagens enquanto fenômeno social que obteve expressivo crescimento no mundo ocidental, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX. A pesquisa teve como objetivos compreender as motivações das viagens realizadas por diversos estrangeiros que estiveram no Brasil e passaram pela Bahia no período; assim como identificar e analisar o estabelecimento de serviços de hospedagem, alimentação e lazer, viabilizado devido à permanência temporária desses personagens em terras baianas. Constatei que a interface entre viagens, serviços e atrativos possibilitou que a cidade do Salvador se constituísse em núcleo receptor de visitantes das mais variadas nacionalidades. A presença desses atores sociais levou à formação e consolidação de novas atividades comerciais, voltadas para atendê-los. Essa dinâmica exerceu influência na intensificação e (re)configuração das representações do lugar, promovendo novas formas de *olhar* e interagir com o *outro*.

Palavras-chave: Bahia oitocentista, viajantes, motivações, serviços e atrativos.

ABSTRACT

This study analysis the trips as a social phenomenon that grew a lot in the western world, specially from the second half of the 19 th century on. This research intends to comprehend the motivations of the trips made by several foreigners who came to Brazil and Bahia in the period; identify and analyze hostelling, food and entertainment made viable due to the permanence of these people in the state. I could realize that the interface among trips, services and attractions made Salvador become a center for visitors from many different nationalities. The presence of these social actors lead to the formation and consolidation of new commercial activities. This dynamic had influence in the intensification of the representations of the place, promoting new ways of seeing and interacting with different people.

Key-words: Bahia in the 19 th century, travelers, motivations, services and attractions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capa
Fonte: VIANNA, Marisa. *"...vou para a Bahia"*. Salvador: Bigraf, 2004.
Montagem da foto: Gabriel Machado Santos.

Figura 1.....29
Anúncio de estabelecimento hidroterápico, em Salvador, no ano de 1885.
Fonte: *Almanach do Diário de Noticias para 1885*. Quinto anno, Bahia, [s.n.], 1885, p. 20.

Figura 2 29
Anúncio de casa de saúde em Itaparica - Bahia, no ano de 1885.
Fonte: *Almanach do Diário de Noticias para 1885*. Quinto anno, Bahia, [s.n.], 1885, p. 156.

Figura 3 65
Vista da Cidade da Bahia em meados do século XIX.
Litografia de Victor Frond.
Fonte: RIBEYROLLES, Charles de. *Brasil pitoresco*: *história, descrições, viagens, colonização, instituições.* Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 2º v., 1980, p. 49.

Figura 4 66
Cadeirinha de arruar.
Fonte: GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estada neste país durante parte dos Anos de 1821, 1822 e 1823.* São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956, p. 145.

Figura 5 70
Foto de negra ganhadeira, por Therese da Baviera.
Fonte: PRINZESSIN VON BAYERN, Therese. *Meine Reise in den brazilianischen Tropen*. Berlin: Verlay von Dutrich Reimer, 1897, p. 226.

Figura 6.....71
Negros Carregadores
J. J. Butler (1845).
Fonte: KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Províncias do Norte)*. São Paulo: Martins, 1943, p.7.

Figura 7.....93
Negra baiana
Fonte: KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Províncias do Norte)*. São Paulo: Martins, 1943, p.34.

Figura 8.....119
Vista da Ladeira de São Bento para o Largo do Teatro, vendo-se à esquerda o Hotel D'Univers. Século XIX.
Fonte: Arquivo Público Municipal - Fundação Gregório de Mattos. Salvador - BA.

Figura 9.....123
Vista da Ladeira de São Bento, de onde se observam os hotéis Paris, Luzo-Brazileiro e Sul-Americano. Início do século XX.
Fonte: Arquivo Público Municipal - Fundação Gregório de Mattos. Salvador - BA. Postal. Photo Lindemann. Edição Reis & Cia.

Figura 10.....127
Anúncio do Hotel Restaurante Francez.
Fonte: *Almanach do Diário de Noticias para 1885*. Quinto anno, Bahia, [s.n.], 1885, p. 124.

Figura 11.....128
Anúncio do Hotel Müllem, no ano de 1889.
Fonte: ROCHA, Prudêncio de Carvalho e. *Almanack literário e de indicações para o anno de 1889.* 3º anno, Bahia: Typographia do Bazar 65, 1888, p. 14.

Figura 12.....129
Anúncio do Hotel des Étrangers, no ano de 1888.
Fonte: ROCHA, Prudêncio de Carvalho e. *Almanach literario e de indicações para o anno de 1888.* Segundo Anno. Bahia, Salvador: Typographia do Bazar 65, 1887, Annuncios, p. 12.

Figura 13.....130
Anúncio do Grande Hotel de Paris, no ano de 1885.
Fonte: *Almanach do Diário de Noticias para 1885*. Quinto anno, Bahia, [s.n.], 1885, p. 120.

Figura 14.....132
Hotel das Nações, localizado no Comércio.
Foto de G. Gaensly e R. Lindemann (1890).
Fonte: FERREZ, Gilberto. *Bahia: velhas fotografias, 1858 - 1900*. Rio de Janeiro: Kosmos; Salvador: Banco da Bahia Investimentos, 1988, p. 155.

Figura 15.....134
Anúncio de casa de pasto, no ano de 1889.
Fonte: ROCHA, Prudêncio de Carvalho e. *Almanack literário e de indicações para o anno de 1889.* 3º anno, Bahia: Typographia do Bazar 65, 1888, p. 6.

Figura 16.....135
Anúncio de hotel.
Fonte: MASSON, Camillo de Lellis. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Bahia, para o anno de 1855*, organizado por Camillo de Lellis Masson. Primeiro anno. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia, 1854. v II, p. 290.

Figura 17.....137
Anúncio de restaurante-café.
Fonte: REIS, Antonio Alexandre Borges dos. Almanak Administrativo, indicador, noticioso, commercial e litterario do estado da Bahia para 1899, organisado por Antonio Alexandre Borges dos Reis. Segundo anno, Bahia: Editores Wilcke, Picard & C., 1899, p. 352.

Figura 18.....137
Anúncio de hotel-restaurante-pastelaria
Fonte: REIS, Antonio Alexandre Borges dos. Almanak Administrativo, indicador, noticioso, commercial e litterario do estado da Bahia para 1899, organisado por Antonio Alexandre Borges dos Reis. Segundo anno, Bahia: Editores Wilcke, Picard & C., 1899, p. 327.

Figura 19.....138
Anúncio do Restaurante Cyro, no ano de 1888.
Fonte: ROCHA, Prudêncio de Carvalho e. *Almanach literario e de indicações para o anno de 1888.* Bahia, Salvador: Typographia do Bazar 65, 1887, Annuncios, p. 56.

Figura 20.....139
Anúncio do Hotel Sul-Americano, na Praça Castro Alves (antigo Largo do Teatro).
Fonte: REIS, Antonio Alexandre Borges dos. Almanak Administrativo, indicador, noticioso, commercial e litterario do Estado da Bahia para 1903, organisado por Antonio Alexandre Borges dos Reis. Sexto anno, Bahia: Editores Reis & Cia. Supplemento.

Figura 21.....141
Gravura da Praça do Mercado, de onde se vê à direita o Hotel do Globo.
Fonte: SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de urbanização. Salvador da Bahia no século XIX*. Rio de Janeiro: Versal, 2005, p.26.

Figura 22.....142
Anúncio do Hotel das Nações, no ano de 1873.
Fonte: PIMENTA, Altino Rodrigues. *Almanak Administrativo comercial e industrial da Província da Bahia, para o anno de 1873*. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Oliveira Mendes & C. Anno I, 1872, Revista de Annuncios, p. 10.

Figura 23.....151
Anúncio da Pastelaria Devoto, no ano de 1888.
Fonte: ROCHA, Prudêncio de Carvalho e. *Almanach literario e de indicações para o anno de 1888.* Bahia, Salvador: Typographia do Bazar 65, 1887, Annuncios, p. 37.

Anexo.....162
Mapa da cidade do Salvador, pelo engenheiro Adolfo Morales de los Rios, no ano de 1894.
Fonte: RIBEIRO, João. *Almanaque Brasileiro Garnier para o anno de 1909.* 7º anno, Rio de Janeiro, 1909.

LISTA DE ABREVIATURAS

CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais - UFBA
CEB	Centro de Estudos Baianos - UFBA
CEDIC	Centro de Documentação e Informação Cultural sobre a Bahia
CEDIG	Centro de Digitalização do Programa de Pós Graduação em História - UFBA
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
ICBA	Goethe-Institut - BA
IGHB	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO 1

VIAJAR É PRECISO: MOTIVAÇÕES E OBJETIVOS DAS VIAGENS

1.1 O Desenvolvimento das Viagens Organizadas 20

1.2 A Viagem como Elemento de Distinção 25

1.3 Motivações para as Viagens ao Brasil 32

1.4 Viajantes na Bahia Oitocentista 37

1.5 O Apelo da Natureza Tropical: entre a poesia e a ciência 48

1.6 Pesquisas Científicas nos Trópicos 58

CAPÍTULO 2

A BAHIA E SEUS ATRATIVOS NATURAIS E CULTURAIS

2.1 Conhecendo a Cidade 65

2.2 Excursões pelos Arrabaldes e pelo Interior da Província 80

2.3 O Componente Humano como Atrativo 90

2.4 Representação da Alteridade 103

CAPÍTULO 3

ONDE HOSPEDAR-SE NA BAHIA OITOCENTISTA?

3.1 Hospitalidade e Cartas de Apresentação 107

3.2 A Hospedagem no Interior do Brasil 113

3.3 A Hospedagem na Bahia 116

3.4 Anúncios de Serviços 124

3.5 A Gastronomia e a Criação de Novas Sociabilidades 144

ANEXO 162

CONSIDERAÇÕES FINAIS 163

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 166

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda as viagens realizadas ao Brasil e, mais especificamente, à Bahia no século XIX. Porém, mais do que analisar o destino receptor, pretende-se refletir acerca do ato de viajar, dos motivos de tais deslocamentos e das vivências experimentadas pelos viajantes. Afinal, as emoções e as sensações extraídas de uma viagem dependem não somente do destino escolhido, mas, sobretudo, da disposição e do estado de espírito com os quais se viaja.

As viagens marítimas com motivos exploratórios floresceram no final do século XV e intensificaram-se no decorrer do XVI. No século XV Colombo partiu para a "desconhecida" América e no início do XVI os portugueses encontraram o caminho das Índias e também o Brasil. Nesse contexto, as grandes navegações estimularam o imaginário popular, aguçando a curiosidade das pessoas em relação a outros povos e lugares.

Desde que o Brasil foi colonizado pelos portugueses, a identidade tropical brasileira foi sendo construída pelo olhar estrangeiro. De paraíso à terra misteriosa, povoada por homens bárbaros e infantis, as visões sobre paisagens brasileiras vêm sendo (re)elaboradas ao longo dos séculos, mas sem nunca perder o caráter de exótico.

A transferência da Família Real para o Brasil, a fim de escapar à conquista francesa, e a abertura dos portos às nações amigas, em 1808, possibilitou a vinda de sujeitos de todas as partes do mundo à Colônia (a partir de então sede da monarquia portuguesa). Desse modo, pretende-se identificar as principais motivações que levaram diversos indivíduos a se deslocarem para a Bahia dos oitocentos, posto que existe uma grande escassez de informações quanto às viagens com esse destino e à maneira como se dava a prestação de serviços ligada à hospitalidade. Afinal, por mais que os viajantes possuíssem um espírito aventureiro e almejassem apreciar cenários diferenciados, ainda assim desejavam encontrar um mínimo de conforto, aconchego e segurança em terras longínquas.

Na maioria das obras relacionadas ao desenvolvimento do turismo nacional, as viagens são investigadas a partir do século XX. Na Bahia, os pesquisadores e professores dos cursos de Turismo acompanham essa mesma cronologia, sendo a década de 30 um marco no turismo baiano devido à construção do *Palace Hotel*, em 1934, considerado o primeiro alojamento hoteleiro de luxo da Bahia[1], e da institucionalização da atividade turística em Salvador - com a

[1] No entanto, o *Palace* não se constitui, de fato, no primeiro hotel edificado na Bahia a contar com uma boa estrutura para receber os visitantes mais exigentes. O *Hotel Chile*, inaugurado na 1ª década do século XX, já oferecia conforto aos clientes, dentre os quais se incluía Ruy Barbosa. QUEIROZ Lúcia A. *Turismo da Bahia: e*stratégias para o

implantação da Secção de Turismo, vinculada à Diretoria do Arquivo e Divulgação (DAD), sob a égide do poder público municipal. De qualquer modo, na primeira metade do século XX a atividade turística realizada no Estado era ainda bastante incipiente, só obtendo maior relevância a partir de 1970, quando passou a ser tratada como um vetor estratégico pelo governo.[2]

Para a elaboração do presente trabalho foram analisados os relatos produzidos pelos seguintes viajantes: Charles Darwin, Conde de Suzannet, Daniel Kidder, Elizabeth & Louis Agassiz, Maria Graham, Maximiliano da Áustria, Robert Avé-Lallemant, Samuel Greene Arnold e Therese da Baviera, sendo que todos eles estiveram no Brasil durante o período imperial, exceto Maria Graham, que veio ao Brasil pela primeira vez antes da proclamação da Independência, em 1821. Todavia, ela esteve no país em outras duas ocasiões, nos anos de 1823 e 1824.

A escolha dos viajantes tomados como objeto de investigação se deu a partir de três critérios: geográfico - dentre os visitantes selecionados todos estiveram na Bahia; nacionalidade - os sujeitos escolhidos eram estrangeiros; e cronológico - a pesquisa foi recortada num período temporal delimitado, entre o ano da Independência e o final do século (1822-1900).

Em alguns momentos do trabalho, especialmente no segundo capítulo, quando discorro sobre os serviços de alimentação e hospedagem, utilizo partes de narrativas de outros viajantes, que fogem à delimitação temporal, a exemplo de Thomas Lindley (1803). Vale ressaltar que em relação a alguns dos relatos pesquisados, só tive acesso parcial ao material, não sendo possível efetivar a leitura das obras por completo, como foi o caso dos diários de Greene Arnold e Therese da Baviera, o que pode gerar falhas ou inconsistências.

É digno de nota que dentre os dez viajantes-autores, foram selecionadas três mulheres - mesmo sendo minoria as que viajavam nessa época - porque acredito ser importante destacar as vivências e escritos de pessoas que romperam com alguns padrões sociais, passaram por privações, enfrentaram o preconceito de gênero e conviveram com a máxima de que “mulher em barco dava azar”, ainda corrente no século XIX.

Além dos relatos, a investigação conta com informações encontradas nos jornais *Alabama* (1879 e 1881), *Jornal da Tarde* (1860), *O Interesse Público* (1860), *O Século* (1850), *O Trovão* (1868) e em doze almanaques publicados entre os anos de 1845 a 1903, que circularam na praça de Salvador. A única excessão referente ao recorte espaço-temporal cabe ao Almanaque

---

desenvolvimento. Salvador: EGBA, 2002. Além disso, desde o final dos oitocentos os viajantes podiam optar entre dois hotéis bem conceituados, o *Paris* e o *Sul-Americano*.

[2] Ibidem.

Brasileiro *Garnier*, publicado na Província do Rio de Janeiro (1909), de onde foi retirado o mapa da capital baiana, anexado ao final do trabalho.

As narrativas das viagens eram publicadas, em sua maioria, no país de origem dos autores, sendo lidas em língua estrangeira entre os intelectuais brasileiros. Trata-se de uma minoria as obras publicadas no Brasil ainda nos oitocentos. As que tiveram essa sorte foram traduzidas para o português após a Independência, recebendo maior estímulo com a criação do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) e a gestão de D. Pedro II. Contudo, no século XX, vários títulos foram publicados no país.[3]

Em relação aos autores dos relatos, deve-se levar em consideração que esses personagens nem sempre pertenciam à mesma classe social, possuíam os mesmos objetivos e nível educacional, resultando daí uma heterogeneidade de interpretações e juízos de valor. A diferença de gênero é outro fator importante a ser destacado, pois homens e mulheres não vivenciam da mesma maneira os acontecimentos cotidianos. Além do mais, como os visitantes não faziam parte da sociedade local, já vinham ao país com uma idéia pré-concebida sobre o mesmo. Muitos também tinham dificuldade para entender o idioma e tiveram um contato mais próximo apenas com estrangeiros ou indivíduos abastados, com costumes "europeizados". Assim, diversos viajantes escreveram sobre os fatos observados sem contextualizá-los, o que acarretava em generalizações e imagens distorcidas.

Os relatos não transmitiam impressões totalmente seguras. Primeiro, porque muitas vezes eles não permaneciam no seu formato original, não sendo publicados na íntegra. Segundo, porque os viajantes anotavam apenas os acontecimentos que consideravam relevantes e, em terceiro, porque quando já havia interesse em publicar, os fatos eram selecionados em virtude do que chamaria mais a atenção dos editores e, conseqüentemente, dos leitores.

Em tal processo, os dados apresentados pelos visitantes foram coletados de várias maneiras, através da observação direta da fala da população do lugar, da tradução de um intérprete e de informações contidas em outros diários ou livros de história. No mais, os viajantes, por terem vindo de outros países e pertencerem a outras culturas, podiam fornecer informações a respeito de práticas muitas vezes consideradas irrelevantes para os habitantes da terra, tidas como comuns e "naturais", ganhando outra leitura ante o olhar estrangeiro.

Entretanto, a principal preocupação dessa pesquisa não é exatamente se as descrições das cidades e dos habitantes condiziam com a realidade. O importante é analisar o modo como esses

[3]OLIVEIRA FILHO, João P de. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: _____. (org.). *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero/ UFRJ,1987, p. 99.

atores se situavam e se inseriam, momentaneamente, na cidade da Bahia: o cotidiano, as alegrias, os desconfortos da viagem e a visão que eles delineavam do "novo mundo". Assim, a análise foi elaborada a partir das interpretações que esses personagens faziam acerca do Brasil e, mais especificamente, da cidade da Bahia.[4]

Como boa parte dos relatos era complementada com ilustrações, texto e imagem produziam representações sociogeográficas do Brasil, não refletindo necessariamente a realidade, mas sim impressões referentes ao *outro*. Contudo, como nos diz Peter Gay "[...] as percepções são fatos tão sólidos quanto a mais brutal realidade; elas têm igualmente conseqüências no mundo".[5]

Para se ter uma noção de como as narrativas de viagem construíam uma geografia imaginária do lugar e serviam de referência para futuros viajantes e leitores em geral, vale citar o comentário feito pelo Conde de Suzannet, quando decidiu deixar Ouro Preto, em Minas Gerais: "A cidade já foi tantas vêzes descrita por viajantes que lá estiveram, que me achei dispensado de uma longa estada".[6]

Quanto às informações transmitidas pelos viajantes de outrora a respeito de localidades longínquas, o arquiduque Maximiliano da Áustria notou que esses aventureiros podiam mentir ou exagerar acerca dos fatos vistos ou vivenciados. Porém, após o advento do vapor e do aumento do número de viagens, havia se tornado possível seguir suas rotas para "comparar o que foi dito com a realidade", posto que "em todo globo terrestre", ninguém mais tinha "a certeza de não ser surpreendido".[7]

Esses depoimentos revelam o quanto os viajantes estavam conectados com o universo das viagens e como as informações eram extensamente compartilhadas. Em um período no qual o visitante não podia contar com o auxílio das reportagens televisivas e da internet, os relatos de viagem, na forma de cartas, livros ou matérias publicadas em jornais e revistas, tiveram um papel fundamental na criação de imagens referentes ao Brasil. Assim, mesmo aqueles que nunca pensaram em viajar ou que não tiveram a oportunidade e/ou a coragem necessária para conhecer pessoalmente o país, ao menos, saciavam sua curiosidade conhecendo-no através da literatura.

---

[4] No trabalho, Bahia é usada para designar a cidade do Salvador, pois na época ela era comumente chamada de cidade da Bahia.

[5] GAY, Peter. *Guerras do Prazer: a experiência burguesa - da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia das Letras, p. 44.

[6] SUZANNET, Conde de. *O Brasil em1845.* Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957, p.103.

[7] HABSBURGO, Maximiliano de. *Bahia 1860: esboços de viagem.* Rio de Janeiro/Bahia: Tempo Brasileiro/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982, p.120.

Nos relatos, o elemento tempo por vezes aparece de forma descontínua ou incoerente. Alguns viajantes, como Kidder e Suzannet, não organizavam os acontecimentos dividindo-os em dias da semana e datas, conforme o modelo de diário. Como analisou Ilka Leite[8], a observação de uma peça do vestuário feminino podia ocupar mais tempo na narrativa do que a descrição de um longo percurso, que poderia ocupar apenas algumas linhas do texto. Esse tipo de descontinuidade está presente no diário de Darwin, que passou 18 dias em Salvador, mas pouco escreveu sobre seu cotidiano na cidade. Não obstante, ocupou dois parágrafos para descrever um peixe que apanhou quando nadava em uma de suas praias.

Alguns viajantes, a exemplo do próprio Darwin, admitiram a possibilidade de haver falhas e lacunas nas análises.

> [...] A excitação causada pela novidade dos objetos e a possibilidade de sucesso estimulam-no a redobrar sua atividade. Ademais, como um número de fatos isolados logo se torna desinteressante, o hábito da comparação conduz ao da generalização. De outro lado, com apenas demorar-se pouco tempo em cada lugar, o viajante faz descrições que são geralmente meros esboços, em vez de observações pormenorizadas. Daí surge, como aprendi à minha própria custa, a constante tendência de preencher as grandes lacunas do conhecimento, com hipóteses superficiais e imprecisas.[9]

No Prólogo de seu livro, a princesa Therese observou os problemas referentes à narrativa de viagem construída no formato de diário:

> Aconselharam-me a publicar minhas aventuras de viagem sob a forma de diário. Segui o conselho. Mas quanto mais me adiantava, mais tomava consciência de que esta forma não era das mais felizes. Impede, por exemplo, de generalizar as impressões e utilizar experiências completadas mais tarde. Se se exprimir globalmente uma situação posterior, mostraremos que se conheceu coisas que mal ou impossivelmente se poderia ter conhecido. Quando me dei conta desta e de outras desvantagens da forma de diário, a obra já avançara demais para ser recomeçada de outra maneira.[10]

Por sua vez, o Conde de Suzannet se mostrou um tanto quanto tendencioso, ao afirmar:

> Minha opinião é sem dúvida severa, mas imparcial. Procurei apoiar o meu julgamento em fatos. Meu trabalho, embora mais completo, está ainda muito imperfeito. Assim sendo, é apenas a título de estudo e de simples informação que o submeto aos leitores, esperando que, em falta de melhor, acolherão com

---

[8]LEITE, Ilka B. *Antropologia da Viagem.* Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
[9]DARWIN, Charles. *Viagem de Um Naturalista ao Redor do Mundo*.São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., [19-], p. 132.
[10]PRINZESSIN VON BAYERN, Therese. *Meine Reise in den brazilianischen Tropen*. Berlin: Verlay von Dutrich Reimer, 1897, prólogo.

> indulgência essas impressões de viagens em países que merecem a atenção dos políticos.[11]

Ele disse ainda que sacrificou questões detalhadas em detrimento das de interesse mais geral e que procurou "[...] antes fazer o leitor compreender e compartilhar das minhas impressões, em lugar de distraí-lo, apenas, com a narração de incidentes de viagem".[12] Isto é, ao mesmo tempo em que declarou ter assumido uma posição de imparcialidade, admitiu que o trabalho estava incompleto e que havia descartado dados mais detalhados. Essas explicações se revelaram incoerentes e confusas, alertando-nos para as dificuldades da utilização desse tipo de fonte.

No período, o relato de viagem constituia-se um exercício de observação que não incluía a "discussão do lugar do olhar",[13] daí que todas essas odvertências nos mostram o quão importante se faz uma abordagem crítica no que concerne à análise dessa modalidade de literatura.

***

O estudo apresenta, inicialmente, um panorama do desenvolvimento das viagens organizadas no decurso do século XIX, apontando os aspectos que influenciaram a sua expansão no mundo ocidental. Em seguida, enfoca os objetivos dos viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil e vieram à Bahia, ressaltando o significado que a viagem representava para esses atores.

No segundo capítulo são identificados os principais atrativos da cidade e seus arredores, bem como os itinerários que os visitantes faziam para o interior da Província. Demonstra-se como o componente humano, especialmente o índio, o mestiço e o negro brasileiros, tornou-se objeto de interesse e apreciação desses agentes históricos. Por fim, é abordado de que maneira os viajantes, ao participarem da dinâmica da cidade e dialogarem com a população local, legitimavam sua suposta supremacia racial, moral e intelectual, reinterando uma representação de Brasil exótico, que se encontrava na infância da civilização.

No terceiro capítulo é indicado o modo como se dava a hospitalidade e a hospedagem concedida aos viajantes estrangeiros no interior do Brasil. Avaliam-se aspectos da infra-estrutura existente na cidade da Bahia, no que tange aos serviços de acomodação e alimentação, assinalando um crescimento desses estabelecimentos e a criação de novas formas de sociabilidade. Acompanha o trabalho um plano de Salvador contendo a localização de alguns

[11] SUZANNET, Conde de. Op. cit, p.14.
[12] Ibidem, p. 14.
[13] LEITE, Ilka B. Op. cit., p. 98.

hotéis da época. Havia outros, mas que não foram localizados por terem sido citados ao longo do texto apenas ocasionalmente ou porque tiveram uma duração bastante efêmera. A localização dos estabelecimentos pode não estar totalmente exata, com exceção dos hotéis Paris e Sul-Americano, em função da própria cartografia do período.

Em suma, a investigação certifica a importância dessas viagens, matrizes dos fluxos de turismo internacional existentes hoje na cidade, para a formação de um mercado consumidor e prestador de serviços relacionado ao universo da hospitalidade. Para se obter uma melhor compreensão de como a atividade turística se desenvolveu e vem sendo praticada na Bahia é preciso investigar suas origens, quando o turismo de massas ainda não se constituía uma realidade da sociedade ocidental.

CAPÍTULO 1. VIAJAR É PRECISO: MOTIVAÇÕES E OBJETIVOS DAS VIAGENS

1.1 O DESENVOLVIMENTO DAS VIAGENS ORGANIZADAS

As viagens ganharam força econômica no século XX, quando passaram a ser realizadas de forma organizada e a serem consideradas uma atividade sócio-econômica rentável. No entanto, elas sempre estiveram presentes na vida dos seres humanos, motivadas por diferentes anseios e necessidades.

O turismo moderno ou organizado surgiu no decorrer do século XIX e se consolidou no XX, experimentando expressivo desenvolvimento a partir de 1950 (pós-guerra). O fato de as viagens terem adquirido um novo significado social e se tornado uma atividade econômica em crescente expansão no mundo ocidental oitocentista está baseado em diversas transformações sócio-culturais ocorridas na Europa.

A substituição da tração humana ou animal, como fonte de energia, pela máquina a vapor proporcionou aos barcos e trens maior velocidade, conforto e capacidade de transportar passageiros e bens materiais, mudando a relação do homem com o tempo e o espaço. O avanço dessa e de outras técnicas, a migração de trabalhadores das áreas rurais para as cidades, a ascensão da burguesia e o valor que os seres humanos passaram a conceder ao tempo livre, que se converteu em tempo social, geraram significativas mudanças urbanas, ocasionando o surgimento de novas atividades comerciais e o fortalecimento de setores da economia que possuíam pouca representatividade. Essas transformações influenciaram decisivamente na consolidação do hábito de viajar e alteraram o perfil das viagens realizadas até aquele momento.[14]

Na Inglaterra do século XVII nasceram as viagens de cunho predominantemente cultural, denominadas *grand tour*. Tais viagens de estudos, que se espalharam por todo o continente europeu, eram realizadas por jovens aristocratas e, posteriormente, pela alta burguesia. Eles passavam de seis meses a dois anos viajando pela Europa, principalmente pela França e Itália, em companhia de um tutor, visando expandir seus conhecimentos e auferir uma educação mais

[14] PIRES, Mário J. *Raízes do Turismo no Brasil. Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX*. Barueri: Manole, 2001.

acurada, com o objetivo de se tornarem diplomatas, políticos, advogados e militares bem capacitados.[15]

Pode-se citar como um exemplo de *grand tourist* o alemão Johann W. von Goethe, que no século XVIII viajou à Itália motivado pelo desejo de conhecer e aprender mais sobre a arte, a cultura e os monumentos dos antigos. O poeta anotava em um diário[16] suas impressões a respeito dos lugares visitados e das experiências vividas durante o roteiro.

Os *grand tours* foram dificultados durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763); no ano de 1789, em função da Revolução Francesa e, posteriormente, em virtude das guerras napoleônicas, voltando a crescer até meados do século XIX, quando entraram em declínio. A essas viagens culturais foram gradativamente sendo agregados momentos de diversão, o que aumentou o valor conferido ao lazer.

As viagens motivadas pelo lazer, pelo descanso ou pelo desejo de conhecer um novo lugar receberam a nomenclatura *turismo* na época romântica, por um neologismo do termo *The Tour*. A palavra *tourism* era utilizada na Inglaterra desde o século XVIII, mas não era compreendida na França dos oitocentos e tampouco no Brasil. Boyer indica que a palavra *turista* foi introduzida no seu sentido contemporâneo pelo escritor Stendhal, em 1838, no livro *Memoirés d' um tourist*.[17]

Apesar de nos oitocentos, inclusive no Brasil, muitos indivíduos viajarem motivados pela recreação e pelo ócio, quando uma minoria rica e desejosa por seguir as últimas tendências se dirigia aos lugares mais reputados, o turismo ainda era uma prática pouco difundida. A intervenção das grandes sociedades capitalistas no ramo das viagens aconteceu tempos depois, na segunda metade do século XX, com o advento do turismo de massa.

O turismo de massa, diferentemente daquele praticado por poucos privilegiados do século XIX, é mais dependente da conjuntura política, econômica e sócio-cultural das localidades e dos sujeitos envolvidos. O desejo de ter acesso à atividade turística avançava passo-a-passo para uma cultura de consumo, mesmo que, inicialmente, a maioria dos deslocamentos tenha sido curta e não muito demorada, a exemplo das viagens familiares de fim de semana ou de lua-de-mel.

O surgimento do turismo, que é uma invenção recente, está atrelado à história dos meios de comunicação de massa, dos transportes e da hospedagem com fins lucrativos. Essa prática não visa a satisfação de uma necessidade básica do homem, constituindo-se uma criação sócio-

---

[15] Sobre o tema, ver dentre outras obras e artigos SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour*: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. In: *Revista Brasileira de História - viagens e viajantes*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, v. 22, nº 44, p. 289-319, 2002.

[16] GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viagem à Itália 1786-1788.* São Paulo: Cia. das Letras. 1999.

[17] BOYER, Marc. *História do Turismo de Massa*. Bauru: EDUSC/Salvador: EDUFBA, 2003, p. 25.

cultural. A atividade turística está ligada ao lúdico, à fantasia e ao sonho, permeando o imaginário dos indivíduos.[18]

Nos oitocentos, o tipo de viagem mais conhecido e praticado pelos europeus era o *termalismo*. Os centros termais e balneários, com fontes de águas termais ou minerais eram freqüentados por pessoas em busca de alívio para alguma enfermidade, lazer ou simplesmente, repouso. Boa parte da clientela desses estabelecimentos também desejava entreter-se com algum tipo de recreação. Para preencher essa lacuna, os centros começaram a oferecer jogos, sendo que, em muitos deles, o entretenimento se sobrepôs à procura pelos tratamentos hidroterápicos.[19]

Outros estímulos às viagens foram as exposições universais que se consagraram na Europa, na segunda metade dos oitocentos.[20] Em geral, esses eventos de cunho artístico e científico atraíam um grande número de pessoas de diversas localidades. A exposição universal de 1855, ocorrida na França, proporcionou grande incentivo à hotelaria ao receber mais de cinco milhões de visitantes, muitos vindos de outros países. Nesse ano, já havia em Paris mais de mil restaurantes e cafés. A feira de 1878, ocorrida após a guerra franco-prussiana, simbolizou para os franceses a recuperação nacional. Nesse instante, a capital parisiense prosperava e seus hotéis e restaurantes possuíam uma vasta clientela.[21]

As novidades causadas pelo dinheiro, pela urbanização, pelos avanços técnicos e pela política geravam novas necessidades e pressões sobre os indivíduos das camadas médias para que estes fizessem ajustes econômicos, intelectuais e emocionais. As mudanças pelas quais passava a Europa Ocidental produziam tensão, gratificação e ansiedade. Nessa atmosfera, em que nada parecia seguro e garantido, lançar-se diante de novos prazeres podia ser uma proposta bastante realista e sedutora.[22]

Para acompanhar as transformações do século XIX, era preciso um novo tipo de profissional no segmento das viagens: empreendedor e carismático, que soubesse convencer os clientes potenciais de que viajar poderia ser útil e prazeroso. Os personagens que mais se sobressaíram nesse período foram Thomas Cook e César Ritz. O inglês Cook (1808 - 1892), então missionário batista, no ano de 1841, organizou uma excursão na qual levou 570 fiéis de sua igreja para uma viagem de ida e volta, entre as cidades de Loughboroug e Leicester, para um

---

[18] Ibidem, p. 16.
[19] REJOWSKI, Mirian et al. Op. Cit.
[20] Os monumentos arquitetônicos Palácio de Cristal e Torre Eiffel foram algumas das atrações expostas nas feiras de 1851, em Londres; e 1889, em Paris, respectivamente.
[21] FRANCO, Ariovaldo. *De caçador a Gourmet: uma história da gastronomia.* São Paulo: Senac, 2001, p. 213 e 215.
[22] GAY, Peter. Op. cit., p. 240-241.

congresso antialcoólico. O valor das passagens era inacessível para os membros da *Associação Batista*, formada em sua maioria por trabalhadores com poucos recursos financeiros. Para solucionar o problema, Cook negociou com os donos da *Midland Counties Rilway*, garantindo-lhes que conseguiria reunir um significativo número de passageiros caso o valor dos bilhetes fosse reduzido.[23]

Após essa histórica viagem, Cook organizou mais três nos anos seguintes, todas com o mesmo propósito. O êxito dos quatro empreendimentos anteriores o incentivou a planejar em 1845, visando também aos lucros financeiros, uma excursão de veraneio para o litoral de Liverpool. Essa viagem teve um objetivo diferente das demais, pois além de ter sido aberta a todos os interessados, independentemente da religião, visava à recreação. Prevendo uma ótima oportunidade de negócios, ele organizou excursões para a Primeira Exposição Universal, ocorrida em Londres, no ano de 1851, quando aproximadamente 165.000 pessoas usaram seus serviços.[24] Devido ao grande sucesso, o empresário passou a ser auxiliado por seu filho e fundou a *Thomas Cook & Son.*[25]

De fato, a atitude de Cook prenunciou a figura do moderno operador de turismo, pois ele foi o primeiro profissional a estabelecer as bases das viagens organizadas: instituiu o conceito de pacote turístico; realizou os primeiros passeios com participação de guias; criou o primeiro cupom de hotel (*voucher*); desenvolveu o cooperativismo entre as empresas ligadas às viagens (agências, hotéis, transportadoras, restaurantes etc); organizou o primeiro *tour* ao Oriente Médio; inventou o *traveller check* (na época chamada de *circular note*) e realizou, em 1872, uma volta ao mundo[26], na companhia de nove pessoas, com duração de 222 dias. Como a *Cook & Son* se tornou uma empresa muito lucrativa e de grande sucesso, outras agências de viagens surgiram no mercado, como a *Stangen* (1863), na Alemanha e a *Chiari* (1878), na Itália. [27]

De acordo com Witney, além de pregar a temperança, Cook queria descobrir um modo de afastar os trabalhadores industriais dos *Pubs*, locais onde se costumava consumir bebidas alcoólicas, encontrando nas viagens o meio ideal para atingir esse objetivo. O empreendedor começou a dedicar-se às viagens com o mesmo entusiasmo com o qual costumava tratar dos

[23] REJOWSKI, Mirian et al. Op. Cit.
[24] ACERENZA, M. A. *Administración del turismo: conceptualización y organización.* 4 ed. México: Trillas, 1991.
[25] Até hoje as filiais de suas empresas são encontradas em vários países, denominadas *Thomas Cook Travel*.
[26] As crônicas da viagem foram publicadas no *Times* de Londres e, para alguns, inspiraram o escritor Júlio Verne a escrever o romance *A volta ao mundo em 80 dias*, no mesmo ano. ACERENZA, Ibidem.
[27] REJOWSKI, Mirian et al. Op. cit.

assuntos religiosos. Acreditava que elas ampliavam os horizontes dos indivíduos e aumentavam a busca pelo conhecimento, fomentando a tolerância entre os homens. [28]

Dois outros pioneiros do ramo das viagens foram o norte-americano Henry Wells e o português Bernardo de Abreu. O primeiro iniciou suas atividades em 1841, mesmo ano de Thomas Cook, e em 1859 abriu a agência *American Express Company*, nos Estados Unidos.[29] O segundo, fundou *a Agência Abreu* na cidade do Porto, em 1840, ano em que a linha de trem de Lisboa àquela cidade foi inaugurada. A empresa tratava dos vistos de saída, passagens de trem para Lisboa e passagens de navio para a América do Sul, sendo a maior demanda para o Brasil.*[30]*

Com relação à hotelaria do século XIX, o suíço César Ritz (1850-1918) foi o profissional que mais se destacou, revolucionando o setor. Ele foi o responsável pela inserção de novos serviços e equipamentos nos hotéis, como a instalação de quartos de banho em todos os apartamentos. Ficou conhecido também por oferecer um tratamento personalizado aos hóspedes e cardápios de excelente qualidade.[31] No final dos oitocentos, Ritz, então conhecido como "o hoteleiro dos reis e o rei dos hoteleiros", dirigiu sofisticados hotéis, localizados em diferentes partes da Europa, destacando-se: O Grande Hotel Nacional de Lucerna, em 1877; O Grande Hotel de Roma, em 1893; o *Hotel Ritz de Paris*, em 1898 e o *Hotel Carlton de Londres*, em 1899.[32]

Apesar dos feitos de César Ritz, cumpre mencionar a importância do hotel *Tremont House*, pertencente a Isaiah Roger e edificado em Boston, Estados Unidos, no ano de 1828. Embora pouco enfocado na literatura, o estabelecimento de estilo neoclássico possuía 170 apartamentos, salas de convenções e restaurante para 200 comensais. No mais, a gerência do *Tremont House* foi a responsável pela criação do cargo de mensageiro, visto que o hotel tinha três pavimentos e no período não havia elevadores.[33]

---

[28] WHITNEY apud REJOWSKI, Mirian et al, Ibidem.
[29] ACERENZA, M. A. Op. Cit.
[30] REJOWSkI, Mirian et al. Op. cit.
[31] Em 1880, uniu-se ao chef Auguste Escoffier, parceria que os consagrou como a maior referência européia no ramo hoteleiro e gastronômico da época. DIAS, Célia Maria de M. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade.In: _____.(org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas.* Barueri: Manole, 2002.
[32] PIRES, Mário J. Op. cit.; DIAS, Ibidem.
[33] CHON, K. S.; SPARROWE, Raymond T. *Hospitalidade: conceitos e aplicações.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

1.2 A VIAGEM COMO ELEMENTO DE DISTINÇÃO

As viagens realizadas pelos aristocratas, como prática lúdica, constituíam um elemento de distinção que após serem expostas à admiração, eram imitadas, meio pelo qual se difundiam. Nos oitocentos, os europeus com alto poder aquisitivo, que representavam aproximadamente 10% da população, dirigiam-se aos destinos de viagem inventados pelos *gatekeepers* (guardiões da cultura), que determinavam quais localidades eram elegantes e mereciam ser visitadas. [34]

Dentre essas invenções de destinos chiques ou paradisíacos, encontravam-se: o esqui nos Alpes; a "Suíça mítica"; o inverno no sul da França, que se tornou a grande atração dos britânicos das camadas sociais mais elevadas; os balneários e as estações termais, destacando-se Baden-Baden, na Alemanha e Spa[35], na Bélgica. D. Pedro II, então Imperador do Brasil, em sua terceira viagem ao exterior, na qual o acompanhou uma comitiva de 24 pessoas, no ano de 1887, hospedou-se no centro termal de Baden-Baden. Aconselhado por seu médico, almejava descansar, curar uma anemia, melhorar do diabetes e dos problemas cardíacos que o afligiam. O Imperador, que ainda teve tempo e disposição para fazer um cruzeiro pela Riviera Italiana, também se tratou na estação de cura de Aix-les-bains, no Hotel Splendide, instalado na França. Enquanto recuperava-se no exterior, recebeu o telegrama enviado por sua filha Isabel noticiando o fim da escravatura no Brasil.[36]

Os lugares da moda rivalizavam entre si e freqüentá-los era um indicador de riqueza e status: Nice, Pau, Cannes, Monte Carlo, Côte d' Azur, Alpes Suíços, Riviera Italiana. No fim do século XIX, o Egito era um dos locais preferidos como destino de viagem para os amantes da história antiga.[37] Não foi à toa que D. Pedro II realizou duas viagens àquele país, com o objetivo de conhecer pessoalmente parte de sua cultura e monumentos históricos, nos anos de 1872 e 1877.[38]

Os norte-americanos "descobriram" os prazeres de Atlantic City, planejada e desenvolvida como centro turístico de férias desde seu início, em 1824; e do verão tropical em Miami, que a

---

[34] BOYER, Marc. Op. cit., p. 9. Peter Gay (2001, p.26) ressalta que a burguesia vitoriana constituía aproximadamente 12% da população total. Segundo o autor, no final do século XIX, muitos burgueses encaravam como necessidade o que fora supérfluo para a geração de seus pais.

[35] O centro termal obteve tanto êxito que até hoje os alojamentos hoteleiros que agregam serviços de tratamento de saúde e controle alimentar recebem essa nomenclatura.

[36] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos.* São Paulo: Cia. das Letras, 2ª ed., 2004.

[37] BOYER, Marc. Op. cit.; ACERENZA, M. A. Op. cit.

[38] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit..

partir de 1896 se tornou acessível pela estrada de ferro. Na América do Sul, Chile e Argentina saíram na frente em relação à criação de destinos de veraneio. No final dos oitocentos, Viña del Mar, localizada próxima a capital chilena, e Mar del Plata, situado a 400 km de Buenos Aires, já eram muito freqüentadas.[39]

A prática da distinção das viagens se dava da seguinte maneira: um local desconhecido pela maioria ou considerado comum era identificado por alguém da alta sociedade como original e muito atraente, passando a despertar a atenção de outros atores sociais, especialmente daqueles que se encontravam na mesma camada social que a do "inventor" ou que estavam no estrato inferior, logo abaixo, mas tentando ascender. Assim, os grupos de famosos da sociedade de cada local e época adotam uma nova prática, nesse caso "descobrem" um novo lugar, consagrando-o e, daí por diante, as pessoas que têm condições de copiar seu comportamento e escolha garantem a manutenção da prática, que pode ou não ser duradoura.

Os aristocratas, ameaçados de perder seu poder para a burguesia em ascensão, aproveitavam seu prestígio social para distinguir-se. A riqueza, a ociosidade, as viagens culturais e de lazer a locais belos e exóticos os tornavam especiais. Eles ditavam o que era bom e imprescindível para quem quisesse fazer parte desse seleto grupo. Afinal, os burgueses poderiam adquirir muito dinheiro, mas não lograriam obter tão facilmente o *status quo* da aristocracia.[40]

A florescente classe média européia buscava sua identidade social, pois não fazia parte do proletariado, nem tampouco da aristocracia, preocupando-se em ganhar dinheiro e acompanhar as novas mudanças. Peter Gay não está de acordo com a reputação da burguesia, vista como avessa a experimentar o novo. Para ele, os burgueses dos oitocentos estavam à frente das transformações do mundo do trabalho e do lazer, mobilizados pela fé no progresso e pelo espírito de iniciativa. Contudo, no que tange à recreação, a maioria costumava divertir-se no âmbito doméstico, em saraus de poesia, recepções e jogos de charadas. Uma filha ao piano, com os convidados da família ao seu redor, ainda era a distração preferida dos burgueses tanto da Europa quanto da América.[41]

Com relação às viagens do século XIX, os indivíduos que elegiam os novos locais eram, principalmente, os membros das famílias reais, os artistas e escritores - *hommes de lettres* - e altos cortesãos. Eles difundiam suas escolhas à pequena nobreza, banqueiros, oficiais superiores, grandes comerciantes, universitários, altos funcionários públicos, escritores e artistas não tão

[39] ACERENZA, M. A. Op. Cit.; REJOWSKI, Mirian et al. Op. Cit.; BOYER, Marc. Op. cit.
[40] BOYER, Marc.Ibidem, p. 39.
[41] GAY, Peter. Op. cit.

célebres e profissionais liberais com renda suficiente para viajar. Já os operários, pequenos comerciantes, artesãos e camponeses estavam impossibilitados de realizar essa prática devido à forte barreira monetária e cultural que os separava dos grupos hierarquicamente configurados em posições superiores.[42]

Quando um local considerado destino obrigatório para os viajantes se tornava conhecido demais, logo se descobriam novos pontos de visitação. Uma invenção de distinção, quando perdia o status de raro, rapidamente sucedia a outra, que se tornava essencial para quem desejasse desfrutar de prestígio social. Nesse sentido, a busca por uma nova paisagem se tornou uma "aquisição cultural". [43]

No entanto, seria injusto apresentar os atores sociais que viajavam de forma padronizada. Primeiro, porque nem todos se deslocavam pelos mesmos motivos. Segundo, porque suas escolhas nem sempre estavam baseadas na imitação e, mesmo quando um superior na hierarquia social ou profissional influenciava um indivíduo a viajar, não se pode afirmar que sua motivação era exclusivamente a de poder freqüentar um local da moda ou indicado por alguém admirado. Além dos que viajavam a trabalho, para visitar parentes, em busca da cura para alguma enfermidade ou de aprovação social, muitos viajavam apenas motivados pelo puro prazer que essa atividade lhes proporcionava.

O filho do magnata do aço da Alemanha, Friedrich Alfred Krupp, após o falecimento do seu pai, em 1887, decorou sua residência com os caros *souvenirs* que trazia das longas viagens que realizava à Espanha, Marrocos, Egito, Turquia, dentre outras localidades. Tecidos, tapetes, mantilhas, lanças, escudos, mesinhas e até mesmo um cavalo empalhado eram mimos adquiridos nas suas andanças a países estrangeiros. Como se nota, os burgueses também atuavam como agentes da mudança cultural. Ao mesmo tempo em que procuravam seguir a moda, em outras circunstâncias, a ditavam.[44]

Os anseios, gostos e preferências individuais dos sujeitos os conduziam para diferentes destinos. Por exemplo, se havia mais de uma estação termal de luxo, porque o viajante escolheria uma em detrimento da outra? Se era possível passar o inverno em alguns locais famosos da França, o que o levava a optar por Nice? Se um nobre aventureiro e curioso queria estar perto da natureza, porque escolheria o Brasil e não as montanhas suíças ou, quem sabe, algum outro país da América? Enfim, existiam opções entre os lugares que poderiam ser visitados, apresentando

[42] Ibidem, p. 35.
[43] BOYER, Marc. Op. cit. p. 47.
[44] GAY, Peter. Op. cit. p. 172.

distâncias, paisagens e obstáculos distintos, que seriam escolhidos a partir dos gostos, do poder aquisitivo e das motivações individuais de cada um.

No século XIX, o discurso higienista passou a ser dominante no Ocidente. Como já foi citado, muitas vezes as viagens eram motivadas pela busca de tratamentos de saúde. Pessoas de alta renda que sofriam de doenças "do peito", fraquezas, reumatismo etc, recebiam recomendações médicas para se afastarem da cidade e, literalmente, "mudar de ares", indo buscar a cura para seus males nas estações termais, nas montanhas ou em lugares com forte presença de paisagens naturais. Vale lembrar que o período foi marcado pelo ideal romântico, que privilegiava a contemplação da natureza e a necessidade de descanso; mas também por epidemias, como o cólera, que aterrorizava os cidadãos e os afugentava das cidades. Para os médicos, a prevenção e a cura estavam ligadas à higiene e a qualidade do ar. Inclusive, foi esse um dos motivos que trouxe o naturalista Louis Agassiz ao Brasil, no ano de 1865.

Centros assistidos, *spas*, hotelaria de convalescença e hotelaria hospitalar são denominações que fazem parte da atual tipologia dos meios de hospedagem, assinalando que os alojamentos voltados para fins terapêuticos constituíram grande estímulo à expansão do setor hoteleiro. As palavras de origem latina *hospitale-icum e hospitium* indicavam o lugar onde os viajantes poderiam instalar-se temporariamente durante seu itinerário. Segundo Belchior e Poyares, a nomenclatura hospício começou a ser utilizada com sentido de hospedaria no século IX. Na França, os hospícios e os hotéis serviam para designar os alojamentos destinados a abrigar forasteiros e doentes.[45]

No Brasil, a prática de se hospedar em locais apropriados para cuidar da saúde pode ser verificada por intermédio dos anúncios de centros de tratamento, sugerindo a interface entre o ato de bem acolher, a necessidade de repouso e o desenvolvimento dos meios de hospedagem.

[45]Apud CAMPOS, José Ruy Veloso. *Introdução ao universo da hospitalidade*. Campinas*:* Papirus, 2005.

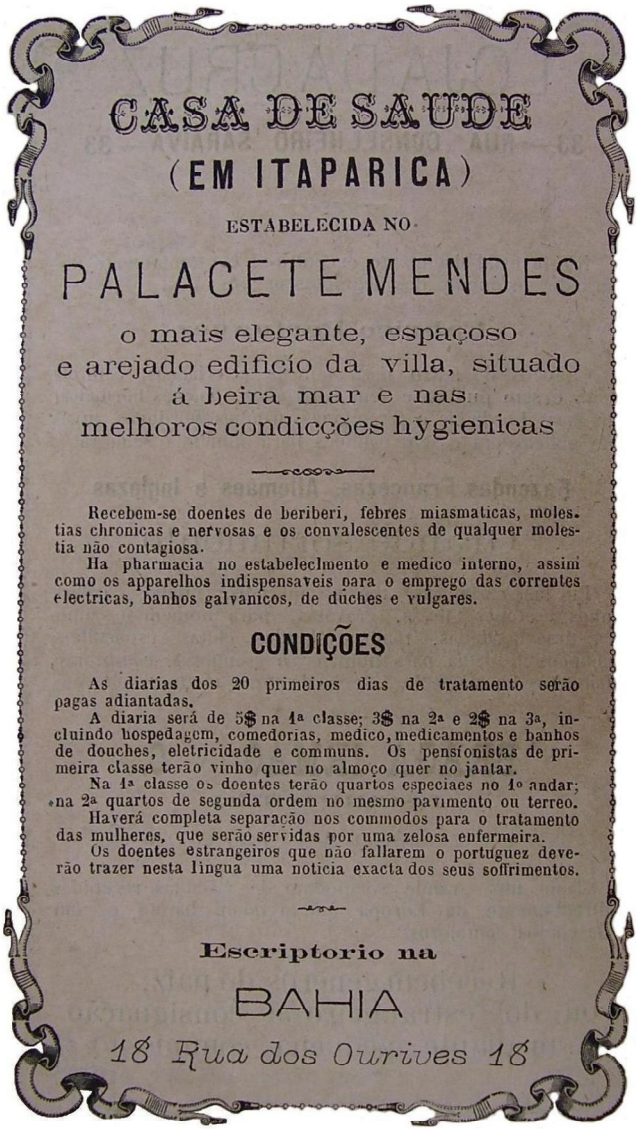


Figura 1 (à esquerda): Anúncio de estabelecimento hidroterápico, em Salvador, no ano de 1885.
Figura 2 (à direita): Anúncio de casa de saúde em Itaparica – Bahia, no ano de 1885.

A partir da segunda metade do século XVIII, muitos teóricos, a exemplo de Jean Jacques Rosseau, criticavam a vida nos centros urbanos, vista como poluída, artificial e que conduzia ao desajuste social. Enquanto a natureza representava justamente o oposto, inspirando virtude, liberdade e felicidade. Segundo Boyer, os aristocratas, primeiramente os britânicos, adotaram um novo olhar sobre o campo, despertando maior interesse pelo cenário natural e acreditando que o contato com a natureza era essencial para o bem-estar físico e mental.[46]

Nos setecentos, muitas famílias abastadas, principalmente da França, Inglaterra e Itália, construíram casas de campo, chamadas de *Villegiatura*, como segunda residência. No século

[46]BOYER, Marc. Op.cit., p. 54.

seguinte, o número dessas casas cresceu consideravelmente e membros da burguesia construíram solares e até pseudos-castelos. Os sujeitos dos estratos intermediários não ficaram imunes a essa tendência e adquiriram residências menores com o intuito de também desfrutar do prazer aristocrático do ócio e da recreação em meio à natureza.

Para se ter uma idéia da dimensão das viagens motivadas pelo desejo de maior contato com o ambiente natural, vale citar a recomendação do arquiduque Maximiliano da Áustria que, em 1860, na cidade do Salvador, no Brasil, lembrou-se das inúmeras viagens que já havia feito, concluindo que:

> [...] o ser humano, que tem sensibilidade para a natureza, deveria contemplar três grandes paisagens, para compreender o que a terra oferece de sublime: uma manhã nos Alpes no alto dos penhascos elevados, no ar puro, longe da engrenagem do mundo, cercado das magníficas tonalidades de cores da rica flora do Alpes. [...] O meio-dia quente nos trópicos paradisíacos com a grande profusão de aromas e cores, de vida, de som, de júbilo por existir, como provoca o sol em seu momento culminante e como meu coração a contemplou, agora, agradecido. [...] E a noite no deserto, quando a bola de fogo chamuscante, vermelho-sangue, desaparece nos eflúvios da Fata Morgana, no horizonte infinitamente distante, no abrasador mar de areia, quando o céu se envolve em púrpura e a extensa superfície se cobre de poeira dourada e prateada, quando as cores desaparecem lentamente e o firmamento se estende límpido como diamante.[47]

As viagens de cunho educativo, surgidas com os *grand tours*, alteraram-se em termos de motivações, destinos e composição interna. No *grand-tour* valorizava-se a paisagem artificial, especialmente os monumentos da antiguidade clássica, o que conferia à Itália grande prestígio. Do século XVIII para o XIX, a natureza passou ao centro da cena, havendo a criação de novos destinos. Além do mais, os *grand-tourists* amiúde viajavam acompanhados por um tutor e, nos oitocentos, as viagens com finalidade pedagógica, principalmente as realizadas ao Novo Mundo, eram organizadas em torno de um grupo, chefiado por um pesquisador que pudesse orientar os demais integrantes.

No século XIX, a história obteve um papel central, sendo responsável por ensinar aos homens como eles deveriam agir no mundo. Viajar para conhecer outros povos e territórios era a melhor maneira de alcançar esse fim, pois para instruir-se era necessário ver, averiguar e registrar. Sob esse prima, a viagem visava também, através de um esquema narrativo, responder a questionamentos e problemas acerca da história das civilizações.

---

[47] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p. 213 - 214.

O reverendo norte-americano Daniel Kidder, que veio ao Brasil na década de 1830, teve a oportunidade de deixar a Bahia rumo ao Rio de Janeiro a bordo do paquete francês "Lê Orientale", que empreendia um cruzeiro ao redor do mundo e levava sessenta alunos, viajando em companhia de seus professores, com o objetivo de aperfeiçoarem seus estudos. Segundo informações de Kidder, tratava-se de um empreendimento particular, organizado pelo comandante do barco, Sr. Lucas, mas que contara com a permissão do governo francês. O navio, originariamente construído para a marinha mercante, partiu de Nantes, tocando em algumas localidades de Portugal, em direção a Pernambuco. Posteriormente, desembarcou nos portos mais importantes do Brasil, permanecendo cerca de doze dias na Bahia.

Kidder espantou-se com a idéia "bastante singular" de estabelecer uma escola politécnica itinerária, aspecto que foi alvo da curiosidade dos moradores das cidades por onde passava. Os alunos se instruíam em matéria científica, em turismo e marinhagem prática. O missionário descreveu a estrutura física do vapor e as situações que presenciou a bordo. O navio estava dividido em três seções. A primeira, intitulada "dunette", compreendia as cabines do capitão e dos professores. O compartimento denominado "carré" era reservado às pessoas que viajavam apenas por passeio e não tomavam parte nas atividades letivas. Para os alunos, fora destinado o "entrepont", onde havia redes para dormir e uma longa mesa para refeições e estudos. Os alunos e "amadores" eram filhos de famílias nobres da França e da Bélgica.[48]

O navio estava repleto de provisões, sobressaindo-se pela grande quantidade as carnes em conserva e as verduras. As frutas constituíam os únicos alimentos frescos, com exceção dos pães que reforçavam o cardápio. Kidder se surpreendeu com o fato de não haver aves, suínos ou qualquer outra espécie animal para completar a alimentação. Ao observar a dinâmica das refeições a bordo, constatou que os franceses não se adaptavam à vida marítima, por conta

> das regras de etiqueta que obrigavam a cada pessoa ter o seu talher completo, um guardanapo e um copo de uso privativo. Como resultado dessa exclusividade no uso de guarnições de mesa, cada vez que se anunciava a refeição, cada passageiro corria para sua cabina. Logo depois vinham de novo aparecendo com seus petrechos, numa atitude profissional de operários que se dirigiam para o trabalho, sobraçando ferramentas. O primeiro serviço de cada um era limpar o prato com o guardanapo e a seguir o talher. A operação era repetida durante a refeição tantas vêzes quantas fôssem necessário, até que, finalmente, no fim do repasto, limpavam novamente os talheres para guardá-los. Êsse hábito certamente aliviava a tarefa dos criados.[49]

[48] KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Províncias do Norte)*. São Paulo: Martins, 1943, p. 216.
[49] Ibidem, p. 217.

Finalizou suas observações a respeito da expedição, concluindo que "Não era feliz à idéia básica da empresa", por ser muito difícil manter a organização de um curso itinerante. Para o autor, constituiu-se "espetáculo novo e curioso verem-se barões, condes, viscondes, marqueses e moços de todos os matizes da aristocracia, vestindo grosseiras camisetas de lã e calças sujas, manejando o leme, escalando o cordame ou remando em escaleres". Afirmou que sempre se lembraria da semana que passou em companhia do grupo de estudantes como "um agradável e curioso incidente" ocorrido em sua vida. [50]

Como Kidder pôde presenciar, os costumes dos jovens aristocratas europeus estavam se alterando e as viagens além-mar ganhavam novos significados para esses agentes históricos dos oitocentos.

Uma das maneiras de difundir a realização das viagens era através dos relatos que as descreviam, de modo que esse gênero literário alcançou grande popularidade no período.[51] Os jovens burgueses e aristocratas liam, dentre outros títulos, *Viagem à Itália 1786-1788*, de Goethe; *Voyage aux Pyrénées*, de Victor Hugo, 1843 e *Impressions de Voyages em Suisse*, de Alexandre Dumas, publicado em 1851, o que mostra o poder da literatura, enquanto produto cultural, sobre o imaginário da classe letrada. Nesse sentido, tanto a literatura como a arte, ao criarem cenas idílicas e imagens representativas da felicidade, despertavam (e continuam a despertar) nos homens o desejo de viajar.

Portanto, no século XIX, os europeus viajavam bastante. Decerto, mudavam os gostos, os modismos e as motivações, perpassando pelas viagens de repouso, cura, recreação até as de ordem pedagógica, apoiadas em novos saberes científicos e tecnológicos.

1.3 MOTIVAÇÕES PARA AS VIAGENS AO BRASIL

O panorama da história das viagens na Europa aponta para a investigação do modo como essa atividade sócio-econômica se desenvolveu no Brasil, encontrando-se associada às motivações, aos meios de transporte, à hospedagem e à gastronomia. No século XIX, o Brasil não ficou alheio a essas mudanças comportamentais, passando a se constituir em destino para os mais diversos tipos de viajantes, com seus variados objetivos.

[50] Ibidem, p. 219 e 220.
[51] BOYER, Marc. Op. cit.

A transferência da Corte Portuguesa e a abertura dos portos ao comércio exterior resultaram em fatos que incentivaram a vinda de estrangeiros às terras brasílicas. Esses acontecimentos, além de marcos no processo de emancipação política, apontaram o início de novas relações comerciais e culturais, influenciando sobremaneira no desenvolvimento urbano das principais cidades brasileiras.

Os ingleses foram os primeiros a se deslocarem para o Brasil. A união efetivada entre Portugal e Inglaterra frente ao Bloqueio Continental e a ajuda que a Corte recebeu para transferir-se para a Colônia, colocaram a Inglaterra em uma situação privilegiada. Por isso, os ingleses eram beneficiários de uma tarifa alfandegária menor, resultando daí a vinda de diversos negociantes e comerciantes que abriram filiais de suas lojas e empresas em território brasileiro. Na Bahia[52], as firmas Lyon and Parkinson, Lebreton Whateley and Co. , John Foster, dentre outras, vendiam tecidos de algodão, cutelaria, porcelanas, lãs, carvão e toda sorte de produtos vindos da Inglaterra. Posteriormente, foram instaladas empresas pioneiras no ramo da indústria, da exploração mineral, do mercado financeiro e dos transportes. Esses investimentos, à medida que ajudavam a Bahia a se modernizar, acentuavam a subordinação da Província ao capital inglês.

Entre os anos de 1806 e 1822, o escritor inglês Robert Southey produziu a obra *Histories of Brazil,* publicada em três volumes. O autor, que nunca esteve no país, mas viveu alguns anos em Portugal, escreveu a obra baseada em farta documentação pesquisada nos arquivos de Lisboa ou adquirida por intermédio de comerciantes estrangeiros que conhecia. Através da história por ele elaborada, que passou a servir de referência bibliográfica, os ingleses construíram imagens referentes ao Brasil, direcionando o olhar para essa terra distante, bela e "exótica".[53]

Quanto aos franceses, eles começaram a vir em maior número a partir de 1815, após o restabelecimento da paz na Europa. Contudo, o Brasil sofria uma forte influência cultural da França desde o século XVIII, inclusive no tocante aos ideais filosóficos e políticos. Cabe assinalar que o IHGB, fundado no Rio de Janeiro, em 1838, durante seus primeiros anos manteve uma intensa relação com o *Institut Historique de Paris*, criado em 1834, que fornecia modelos de produção historiográfica e de vida social para os intelectuais nacionais.[54]

---

[52] VERGER, Pierre. *Notícias da Bahia-1850.* Salvador: Corrupio, 1999, p. 129.
[53] DIAS, M. O. da S. *O Fardo do Homem Branco* - Shouthey, historiador do Brasil. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.
[54] GUIMARÃES, M. L. L. S. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional.In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1998, p. 12.

O matrimônio selado entre D. Leopoldina da Áustria e D. Pedro I incentivou a vinda de viajantes germânicos ao Brasil. Aproveitando a ocasião de sua boda, em 1817, a futura imperatriz convidou um grupo de naturalistas para acompanhá-la à sua nova morada, onde deveriam realizar pesquisas científicas e traçar um panorama dos recursos naturais e dos costumes da população. Os célebres naturalistas Spix & Martius, que compunham essa expedição, percorreram boa parte do território brasileiro durante três anos, visitando o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas.[55]

A partir desse acontecimento os contatos se estreitaram, acarretando na vinda de representantes comerciais e de visitantes alemães em geral. Na capital baiana, no ano de 1820, foi aberto o consulado de Hamburgo; em 1873, fundaram o Clube Germânico e, a partir da década de 60, foram inauguradas escolas alemãs visando à educação infantil. Esses dados demonstram o quão significativa foi a presença dos alemães na Bahia, até mesmo porque muitos negociantes, médicos, boticários, educadores e uma gama de outros profissionais se fixaram em Salvador e no interior da Província.[56]

Por seu turno, os Estados Unidos e o Brasil mantiveram ralações diplomáticas desde a abertura dos portos, quando um comerciante americano foi nomeado pelo senado do seu país para representá-lo no Brasil. Sabe-se que poucos foram os norte-americanos que nos visitaram na primeira metade do século, destacando-se os missionários religiosos de denominações protestantes,[57] principalmente metodistas, que vieram divulgar a Sagrada Escritura no Brasil. As religiões evangélicas foram implantadas na América Latina nos oitocentos, construindo suas bases em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. Porém, na segunda metade do século, além dos missionários, naturalistas, negociantes e profissionais de outros ramos também aportaram em terras brasileiras. Para se ter uma idéia das relações estabelecidas entre os dois países no período, basta lembrar que, a partir de 1865, os Estados Unidos passaram a ser os principais compradores do café brasileiro.[58]

A Rússia tampouco ficou alheia ao ciclo de viagens ao Brasil. Para tanto, o czar Alexandre I custeou a vinda de naturalistas e artistas interessados em pesquisar a fauna, a flora e os

[55]Em português, a obra foi editada em 2 volumes: VON SPIX, J. B. e VON MARTIUS, C. F. P. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.
[56]BARRETO, Maria R. N. e ARAS, Lina M. B. de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos,* vol. 10, p. 151-72, jan.-abr., 2003.
[57]D. João VI havia declarado tolerância religiosa aos cultos não-católicos, embora o catolicismo fosse a religião do Estado, única com direito a celebrar cerimônias públicas. Já as religiões de matriz africana eram perseguidas e tratadas como feitiçaria.
[58]Sobre o assunto, ver WRIGHT, Antonio Fernando Pacca de Almeida. *Desafio americano à preponderância britânica no Brasil, 1808-1850.* São Paulo/Brasília: Nacional/INL, 1978.

minerais. O cônsul geral da Rússia, barão de Langsdorff, durante uma viagem ao redor do mundo, encantou-se com as belezas naturais do Brasil, fato que o levou a transferir-se para cá, em 1813, onde continuou a exercer, no Rio de Janeiro, a função de cônsul de seu país.

Assim, de acordo com Ilka Leite, as investigações referentes ao Brasil tiveram três momentos distintos. Primeiramente, as pesquisas foram produzidas pelos portugueses; a partir da abertura dos portos, pelos europeus, com maior preponderância inglesa. E, no século XX, a produção foi marcada pela influência norte-americana.[59]

No decorrer do século XIX, a ciência, a etnografia e a história natural estavam em voga na França (considerada o centro da civilidade). Com efeito, surgiu nesse e nos demais países europeus uma tendência às viagens, prática que inspira conhecimento, aventura, coragem, determinação, crescimento econômico e cultural.

Grande parte dos viajantes que esteve no Brasil oitocentista estava participando de expedições científicas que visitariam diversos países. Entre esses pesquisadores destacaram-se geólogos, botânicos, zoólogos, etnógrafos e mineralogistas. Na maioria dos casos eles desejavam completar pesquisas já iniciadas em seus países de origem. No entanto, apesar de os naturalistas representarem a maioria, não foram os únicos estrangeiros a aportar em terras brasileiras. Muitos artistas, jornalistas, missionários religiosos, negociantes, representantes diplomáticos, comerciantes, técnicos, engenheiros, médicos, educadores, profissionais liberais, pessoas com a finalidade de visitar parentes e aventureiros estiveram no Brasil, a trabalho ou a passeio.

Outros indivíduos vieram ao país com o intuito de escrever sobre a experiência da viagem para, depois, publicá-la. O gênero de aventura estava em voga na Europa e os jornais e as editoras se interessavam pelos relatos de viagem, pois havia grande interesse por parte do público nesse tipo de literatura. Essa produção, muitas vezes mesclava o interesse acadêmico-científico com a intenção de difundir e legitimar o expansionismo econômico e geopolítico de países europeus, especialmente da Grã-Bretanha, ou visava fornecer informações a respeito da colonização e da imigração européia.[60]

Até o século XIX as viagens raramente tinham como principal objetivo o repouso, a recreação ou a curiosidade de conhecer novos lugares, o que atualmente chamamos de *turismo de lazer*. Entre os exemplos de viajantes oitocentistas que estiveram no Brasil e mais se assemelharam a turistas modernos, que viajam motivados pelo prazer, encontram-se: o francês

[59] LEITE, Ilka B. Op. cit., p.40.
[60] AUGEL, Moema P. *Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista*. São Paulo/ Brasília: Cultrix/ INL, 1980.

Antoine Dugrivel,[61] que veio ao Brasil em 1832 e permaneceu pouco mais de um mês na Bahia, definindo a viagem como um "passeio sentimental". Contudo, esse "homme du monde", conforme se auto-intitulava, declarou ter anotado e organizado suas impressões com o intuito de publicá-las. O Conde de Suzannet[62] esteve no Brasil entre 1842 e 1843, passando algumas semanas na Bahia; o zoólogo prussiano Hermann Burmaister[63] veio ao país em 1850 com a finalidade de realizar pesquisas científicas, mas, no prefácio de sua obra, escreveu que seu principal objetivo era mesmo fazer "uma excursão de recreio" que lhe proporcionasse novos ensinamentos.

A francesa Louise Bourbonnaud[64], em 1886, realizou uma viagem pelas Américas e pelas Antilhas, passando um dia na Bahia, com o objetivo de instruir-se e experimentar novas emoções, já que vivia só e a vida lhe parecia enfadonha. No mesmo ano, o diplomata francês Henri Allizé[65] empreendeu uma viagem de recreação ao Brasil, que durou dois meses, e o pastor protestante alemão Henry Schwieger[66], em 1896, afastou-se de sua atividade laboral por motivos de saúde e, sendo-lhe aconselhado realizar uma viagem marítima, decidiu-se pela América do Sul, permanecendo três dias na Bahia.

Surpreendente é a história da austríaca Ida Pfeiffer que, após tornar-se viúva, com as economias que guardara durante vinte anos, efetuou uma série de viagens a outros países, algo que sempre desejara fazer. Ela esteve no Brasil em 1846, aos 51 anos, na sua primeira viagem ao redor do mundo.

> Assim como o pintor se empenha em reproduzir a imagem e o poeta em formular seus pensamentos, eu me empenho em ver o mundo. Se as viagens foram o sonho da juventude, as lembranças do que vi farão o encanto da velhice. [...] Talvez haja quem pense que a vaidade foi a única razão para uma viagem tão longa. Nada tenho a responder, apenas o desafio a fazer o que fiz; então hão de se convencer de que, para se expor de coração leve a tais privações e perigos é preciso estar animado da paixão autêntica pelas viagens e ter o invencível desejo de se instruir e explorar países até agora desconhecidos.[67]

---

[61]AUGEL, Ibidem.
[62]SUZANNET, Conde de**.** Op. cit.
[63]BURMAISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980, p. 72
[64]AUGEL, Moema P. Op. cit., 1980, p. 122.
[65]PIRES, Mário J. Op. Cit., p. 100.
[66]AUGEL, Moema P. Op. cit., 1980, p. 129.
[67]Apud LEITE, Miriam L. M. *Livros de viagem* (1803-1900), Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1997, p.42 e 43. Nessa época não era comum mulheres viajarem sozinhas, sem a companhia de algum membro masculino da família. Em função das suas andanças, ela se tornou integrante da *Sociedade de Geografia de Berlim* e da *Sociedade de Zoologia de Paris*, sendo sua viagem ao redor do mundo financiada por essas entidades.

Sua declaração nos mostra o prazer que o ato de viajar lhe proporcionava e o significado que essa atividade possuía em sua vida.

1.4 VIAJANTES NA BAHIA OITOCENTISTA

No século XIX, muitos estrangeiros que estiveram no Brasil vieram à Bahia, a maioria com interesses científicos ou comerciais. Entre 1817-1820, Spix & Martius estiveram na Bahia pesquisando sobre a fauna e a flora local. Em 1818, foi a vez do comerciante francês Louis François de Tollenare. O desenhista alemão Johann Moritz Rugendas empreendeu a viagem em 1822, acompanhando a expedição financiada pelo czar russo Alexandre I. O espanhol Manuel de Almagro veio ao país em uma missão científica, passando pela Bahia em 1862, e William Scully desembarcou em terras baianas em 1866, com objetivos comerciais e ligados à imigração, só para citar alguns exemplos.

No decorrer dos oitocentos, a Bahia também recebeu diversos hóspedes ilustres, a exemplo do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, entre 1815-1817; do príncipe de Joinville, em 1840; do príncipe Adalbert da Prússia, que permaneceu quatro dias na Bahia, em 1843; do conde de Castelnau, que chegou a Salvador em 1848, para exercer a função de cônsul; e do príncipe Duque de Württemberg, que esteve na cidade no ano de 1853.[68]

O próprio Imperador Dom Pedro II passou pela Bahia, em visita às províncias do norte do Brasil. Em 1º de outubro de 1859, Pedro II e a imperatriz Teresa Cristina partiram do Rio de Janeiro, juntamente com seus serviçais e uma comitiva imperial, a bordo do vapor *Apa*, em direção à Província da Bahia. Com relação aos objetivos da excursão, o Imperador teceu o seguinte comentário:

> Para melhor conhecer as províncias do meu Império, cujos melhoramentos morais e materiais são o alvo de meus constantes desejos e dos esforços do meu govêrno, decidi visitar as que ficam ao Norte da do Rio de Janeiro, sentindo que a estreiteza do tempo que medeia entre as sessões legislativas me obrigue a percorrer somente as províncias do Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba, reservando a visita das outras para mais tarde.[69]

Entender os objetivos da viagem é a peça-chave para apreendermos sua significação. Afinal, o que motivou esses sujeitos a sofrerem privações; passarem por diversos obstáculos em terra; atravessarem o Atlântico (já que a maioria vinha da Europa); passarem cerca de três meses

[68] VERGER, Pierre. Op. cit.
[69] PEDRO II, Imperador do Brasil. *Diário da Viagem ao norte do Brasil em 1859*. Salvador: Progresso, 1959, p. 17.

em um transporte marítimo - apesar do vapor, suas condições ainda eram precárias - e a travarem contato com pessoas de hábitos e idiomas diferentes dos seus?

A inglesa **Maria Graham**, quando veio ao Brasil, já estava acostumada às viagens internacionais. Na companhia do pai, que era almirante, ela conheceu a Índia, em 1808, e escreveu um livro sobre a aventura. Em 1809, casou-se com o capitão da marinha inglesa Thomas Graham, com quem empreendeu mais uma viagem à Índia e, em 1819, foi à Itália, publicando suas crônicas de viagem no ano de 1820. Em meados de 1821, deixou a Inglaterra com destino à América do Sul acompanhando seu marido, que capitaneava a fragata *Doris*.[70]

A bordo, Maria Graham exerceu o cargo de professora, ministrando aulas para o grupo de guarda-marinhas que estava na fragata, todos realizando uma viagem de aprendizado. No Brasil, o navio aportou primeiramente em Pernambuco, deslocando-se em seguida para Salvador, onde permaneceu por 53 dias e, posteriormente, dirigiu-se ao Rio de Janeiro. A viajante passou duas vezes pela Bahia, em 1821 e 1822. Ela desempenhou a função de preceptora da Princesa D. Maria da Glória, no ano de 1824, morando por um tempo na Corte. No entanto, devido a conflitos de relacionamento não permaneceu no cargo, retornando para seu país em 1825. Casou-se em segundas núpcias, após ficar viúva, com o renomado artista plástico Augustus Calcott. Em 1842, faleceu vítima de tuberculose.

Maria Graham, que também era escritora, provavelmente tinha o interesse de publicar suas impressões a respeito do Brasil. Antes de realizar essa viagem ela já havia publicado cinco livros, tendo escrito um total de 18 obras ao longo da carreira, algumas das quais narrativas de viagens. O seu diário foi editado pela primeira vez em 1824, na Inglaterra. A obra só foi traduzida e publicada em português no ano de 1956.

O inglês **Charles Robert Darwin** estudou em Edimburgo e Cambridge e, no ano em que se formou, participou da comissão científica chefiada pelo capitão Fitzroy, que pretendia dar a volta ao mundo a bordo do navio *Beagle*. O jovem Darwin, então com 22 anos, ainda era um naturalista pouco experiente e sem remuneração quando enxergou nessa viagem a oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre geologia e história natural. A expedição, que durou quase cinco anos, de 1831 a 1836, passou pela América do Sul e pelas ilhas do Pacífico.

A primeira edição do seu diário foi publicada em 1839, como pertencente ao terceiro volume da série organizada por Fitzroy. No mesmo ano, o relato de viagem ganhou nova edição, sendo publicado separadamente. Após a circunavegação, na qual coletou grande quantidade de

[70]GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estada neste país durante parte dos Anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.

material, organizou as idéias contidas na obra que o consagrou, *Da origem das espécies pela seleção natural, de 1859*. No prefácio do diário, ele evidenciou que a obra se destinava "ao leitor de generalidades", revelando que em algumas passagens foram feitas adições que tornariam a leitura do livro "mais aprazível ao gosto popular".[71] Todavia, ele lembrou aos naturalistas que havia publicações mais detalhadas compreendendo os resultados científicos da viagem.

O vapor *Beagle* deixou Devonport em 27 de dezembro de 1831, atracando em Salvador depois de aproximadamente dois meses de viagem. A expedição permaneceu na capital baiana cerca de dezoito dias e seguiu para o Rio de Janeiro. Ao deixar o Brasil, o vapor se dirigiu a Montevidéu, Buenos Aires, Terra do Fogo, costa do Chile e várias ilhas do Pacífico. Na volta, passaram novamente por terras brasileiras, ficando quatro dias na Bahia, "a fim de completar as mediações cronométricas do mundo", antes de regressar definitivamente para a Europa.[72]

Ao longo do século XIX, o Brasil foi o destino de viagem escolhido por diversos religiosos que visavam expandir sua religião ou conhecer novos lugares. Quatro desses viajantes passaram pela Bahia e deixaram por escrito testemunhos da experiência, sendo eles: o reverendo anglicano Henry Martyn, que esteve na cidade do Salvador em novembro de 1805, acidentalmente, durante a viagem que o levara da Inglaterra para a Índia[73]; o missionário metodista norte-americano Daniel Parish Kidder, como pregador religioso, no período de 1837 a 1840; o metodista norte-americano James Fletcher, que executou suas atividades religiosas no Brasil entre 1852 e 1865; e o pastor protestante alemão Henry Schwieger, em 1897.[74] Esses visitantes observaram e teceram comentários a respeito das diversas características dos locais visitados, sendo os aspectos da vida religiosa o que mais lhes despertaram a atenção.

O Reverendo **Daniel Kidder**, na companhia da sua esposa Cynthia H. Russel, permaneceu no Brasil por alguns anos, percorrendo quase todas as províncias do país, com a finalidade de pregar a fé.

> Como subsídio para os nossos trabalhos evangélicos tínhamos preparado quatro novas publicações em português, especialmente adaptadas ao ambiente brasileiro. Delas tiramos larga edição e desembaraçamos da Alfândega nova remessa de Bíblias, Testamentos e Saltérios, recebida dos Estados-Unidos, que melhor nos aparelhou para o bom desempenho de nossa missão. [75]

---

[71]DARWIN, Charles. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo.* São Paulo: Abril Cultural, [19-], prefácio.
[72]Ibidem, p. 128.
[73]Fato registrado no diário de KIDDER, Daniel P. Op. cit., p. 38.
[74]Viajantes arrolados por AUGEL, Moema P. Op. cit., 1980.
[75]KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Províncias do Norte).* São Paulo: Martins, 1943, II vol., p. 2.

Kidder aproveitou a viagem para observar os costumes dos habitantes dos diferentes lugares por onde pregava. No seu livro, dedicou um capítulo à história da Bahia, relatando a "descoberta" do Brasil e a trajetória de Caramuru. Registrou que ao iniciar os apontamentos tinha a intenção de dedicar pelo menos um capítulo ao "aborígene brasileiro" e outro à obra dos jesuítas, o que não fora possível devido à amplitude de temas a serem abordados.[76]

O missionário viajou pelo norte do país, de 1837 a 1839, passando duas vezes pela Bahia no último ano. Em 1840, em virtude do falecimento de sua esposa, regressou aos Estados Unidos. Depois de alguns anos, após desenvolver diversas atividades no âmbito religioso, tornou-se professor de Teologia Prática em dois seminários americanos e, no ano de 1880, foi eleito membro da Comissão de Educação da Igreja Metodista, aposentando-se em 1887.[77]

Quando Kidder veio ao Brasil, ele já havia lido o relato de viagem do reverendo Henry Martyn, que permanecera onze dias na Bahia, em 1805, utilizando-o como referência para observar as permanências e as mudanças ocorridas quase meio século depois. Concordou com Martyn em diversos aspectos, inclusive, no que tange à religiosidade dos brasileiros, acreditando que apesar da existência de muitas cruzes no país, sua doutrina ainda não havia sido demonstrada.[78]

Seu trabalho recebeu críticas do Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antônio de Seixas, que acusou as sociedades bíblicas de divulgarem exemplares adulterados das Escrituras e afirmou que os missionários protestantes não haviam feito nada de relevante para o bem da humanidade. O Arcebispo também havia dito, conforme registrou o viajante, que o conteúdo impresso nos folhetos distribuídos por ele e sua equipe "eram blasfêmias contra a Igreja Católica Romana". Contudo, Kidder defendeu-se, alegando que nenhum dos folhetos atacava o catolicismo e que tais publicações "limitavam-se a expor os deveres cristãos e a exortar o leitor à prática da religião pura".[79]

Ao fazer uma análise do trabalho que desenvolvera no Brasil, o missionário o considerou bastante significativo, acreditando haver obtido um grande êxito, uma vez que o estoque de Bíblias que trouxera esgotou-se rapidamente. Ressaltou "[...] que a assistência ao culto, em inglês, era excelente na Baía, comparada, naturalmente, com a do Rio-de-Janeiro e de

[76]Ibidem, p. 244.
[77]KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo).* São Paulo: Martins, 1940, I vol., p. V.
[78]KIDDER, Daniel P. Op. cit., II vol.
[79] Ibidem, p. 47.

Pernambuco".[80] Vale destacar que os missionários Kidder e Fletcher são considerados pioneiros na difusão do protestantismo no Brasil.

As anotações foram publicadas em dois volumes, no ano de 1845; o primeiro abordando sua estada em São Paulo e no Rio de Janeiro e, o segundo, relatando as observações acerca das províncias do norte. O livro circulou simultaneamente em Londres e na Filadélfia e, no Brasil, apareceu traduzido para o português na década de 1940, pela Livraria Martins Editora. O também religioso Fletcher organizou uma outra versão da obra, publicada em 1857, e que chegou à oitava edição em onze anos, complementando-na com algumas recordações do período em que esteve no país.[81]

Por sua vez, a viagem do **Conde de Suzannet** foi motivada pela curiosidade e aventura. O nobre francês declarou que após o desgosto e a decepção política de ver a queda dos Bourbons, na Revolução de Julho, com os quais sua família mantinha ligações, a vida na França tornou-se tediosa. "Era jovem, independente e livre; por isso não tardei em me aborrecer com a vida inativa e monótona que levava, e deixei a França para completar minha educação, visitando países estrangeiros."[82] Adepto das viagens, ele não veio apenas ao Brasil, percorrendo durante seis anos consecutivos o Oriente Próximo e as Américas. O conde permaneceu no país entre os anos de 1842 e 1843, ficando algumas semanas na Bahia, no último ano. Como a maioria dos viajantes, ele partiu do Rio de Janeiro para desbravar outras cidades brasileiras, indo da Corte para Minas Gerais, por terra, de onde seguiu viagem pelo Jequitinhonha, alcançou Belmonte e de lá rumou para Salvador. Antes de regressar à Europa, ainda esteve em Alagoas, Pernambuco, Maranhão e Pará.

Ele citou o fato de o príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied ter estado no Brasil antes dele, o que sugere que a leitura desse relato tenha servido de estímulo para a realização da sua viagem. O diário de Suzannet foi publicado pela primeira vez em Paris, no ano de 1846, e no Brasil, apenas na década de 50 do século XX. No capítulo em que trata da Bahia, assim como outros visitantes, escreveu sobre Caramuru e sua esposa, concluindo que "É muito romântica a história do primeiro estabelecimento português na Bahia".[83] Comentou ter redigido às pressas suas impressões e que muitas delas haviam sido publicadas em revistas da época. Entretanto, não evidenciou se já havia interesse prévio em publicá-las.

---

[80] Ibidem, p. 51.
[81] KIDDER e FLETCHER (1845*). O Brasil e os brasileiros*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1941.
[82] SUZANNET, Conde de**.** *O Brasil em 1845.* Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957, p. 13.
[83]Ibidem, p. 181.

O norte-americano **Samuel Greene Arnold** era historiador, advogado e possuía uma formação religiosa batista. Foi por três vezes eleito vice-governador do estado de Rhode Island, local onde nascera. Esteve no Brasil por conta de uma longa excursão que realizara, saída da Inglaterra com destino à América do Sul, de 1847 a 1848. Visitou Madeira, Funchal, São Vicente, Tenerife, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Montevidéu, Buenos Aires, Santiago, Valparaizo e Bolívia. Escreveu sobre Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, tendo permanecido na capital baiana por apenas dois dias, em novembro de 1847.

O diário, dedicado a sua esposa Luisa Grundat, ficou guardado em sua residência por toda a vida, tendo sido publicado em castelhano sob o título de "Viaje por América del Sul (1847-1848)" muitos anos depois, em 1951. Tudo indica que Arnold não tinha nenhuma intenção de publicar suas anotações. Em 1952, o brasileiro Alberto Silva traduziu a parte referente à Bahia, que somam oito páginas, e a publicou pelo Centro de Estudos Baianos (CEB). Antes de vir ao Brasil, ele já havia estado na Europa, Escandinávia, Egito e Síria. Contudo, no seu relato, pelo menos na parte relacionada à Bahia, não destacou as motivações da viagem.[84]

Robert Christian Berthold Avé-Lallemant era de nacionalidade alemã e médico de formação. No Brasil, interessou-se especialmente pela condição de vida dos colonos alemães. Indignado com algumas situações que presenciou nas colônias, sua narrativa ganhou tom de denúncia, de modo que ele procurou defender os interesses dos imigrantes junto às autoridades brasileiras e de seu país, suplicando-lhes ajuda. Denunciou "o comércio de carne" estabelecido entre Brasil e Alemanha e tentou alertar seus compatriotas quanto ao caráter enganoso das propagandas que circulavam em seu país sobre a situação dos imigrantes, tendo seu relato conseguido alcançar grande repercussão.[85]

Apesar de ser médico e haver demonstrado interesse por diversas áreas da ciência, não era naturalista. Apresentou seu diário como uma "narração dum médico de hospital, que nunca teve pretensões ao nome de naturalista, seja zoólogo, botânico ou mineralogista".[86] Quando veio ao Brasil, após o término do seu doutorado, dois de seus irmãos viviam no país, um deles exercendo a função de pastor evangélico na comunidade alemã do Rio de Janeiro. Trabalhou como médico entre os alemães do Rio, de 1837 a 1855, regressando à Europa em seguida. Porém, em 1858,

[84]ARNOLD, Samuel G. *Um diário inédito sobre a Bahia.* Tradução e prefácio: Alberto Silva. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1952.
[85] AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelo Norte do Brasil no ano de 1859*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1961, p.8.
[86] Ibidem, p. 07.

retornou ao Brasil, recomendado por Humboldt, para ser médico de bordo da fragata *Novara*, que faria uma viagem de circunavegação.[87] Todavia, ele abandonou a expedição e ficou no Rio de Janeiro, seguindo sozinho para uma viagem ao sul do país. Depois, partiu para a Bahia, onde, segundo suas próprias palavras, já havia estado em fevereiro de 1855. O viajante percorreu os principais rios da região e conheceu às margens do rio Mucuri, colônias de imigrantes. Para a execução da viagem, ele recebeu ajuda financeira do Imperador D. Pedro II. Em troca, teria que repassar para o governo brasileiro as informações coletadas sobre as condições de vida das áreas visitadas.

As descrições das andanças de Avé-Lallemant pelo Brasil foram publicadas em dois volumes: um, relatando as vivências pelo sul e o outro, pelo norte. Ao percorrer o interior da Província da Bahia e visitar Porto Seguro, ele citou a obra *História do Brasil*, do historiador brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen, para narrar o descobrimento do Brasil.

Ferdinand Maximilian von Habsburg, mais conhecido como Maximiliano da Áustria, foi o viajante mais célebre que passou pela Bahia na década de 1860. O nobre austríaco nasceu no castelo de Schönbrunn, era filho do arquiduque Francisco Carlos da Áustria e sobrinho de D. Leopoldina, primeira Imperatriz do Brasil. Três anos antes de visitar o país contraíra matrimônio com a princesa Charlotte, filha de reis belgas.[88]

Maximiliano exerceu a função de chefe-supremo da marinha austríaca e foi Governador Geral do Reino Lombardo-Veneziano. Após decepcionar-se com a política, devido a objeções frente a seu modo de governar e às excessivas intromissões de seu irmão - o Imperador Francisco José -, foi exonerado do cargo. Assim, com a intenção de recuperar-se das desilusões, descansar e fugir do inverno europeu, decidiu organizar uma viagem de estudos e recreio ao Brasil.

Aos 27 anos de idade, o arquiduque chegou ao país pela Bahia, em janeiro de 1860, a bordo da corveta austríaca *Elizabeth*. Sua comitiva era composta por um comandante, um cozinheiro, dois médicos, um caçador, um botânico, um pintor e outros profissionais que o acompanhavam. De Salvador partiu para Ilhéus e, posteriormente, deslocou-se para o Rio de Janeiro. Em seguida, aportou no Espírito Santo, regressando à Bahia, de onde seguiu em direção a Pernambuco.

Ao retornar da viagem realizada ao país tropical, Maximiliano aceitou, após muita insistência de Napoleão III, a coroa de Imperador do México, ingressando no país em 1864. No entanto, em 1867, com a saída das tropas francesas do México, o povo, tendo à frente o líder

[87]AUGEL, Moema P. Op. Cit., 1980, p. 92.
[88]EDELWEISS, Frederico. *A visita de Maximiliano da Áustria à Bahia.* Salvador: Centro de Estudos Baianos/Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial da Bahia, 1961.

republicano Juarez, sublevou-se e Maximiliano foi preso e condenado à morte, sendo executado em junho de 1867. Tal acontecimento foi intensamente descrito pela imprensa internacional e chocou a sociedade da época.

Maximiliano, um homem de extrema sensibilidade e que sempre se interessou pela expressão escrita, ao longo da vida redigiu diversas narrativas de viagem, entre as quais se encontram as impressões acerca das cidades da Bahia e de Ilhéus, organizadas em dois volumes.[89] Ambos os livros foram publicados em Viena, nos anos de 1861 e 1864, respectivamente. O nobre ainda possibilitou a publicação das anotações do médico-naturalista que acompanhou sua comitiva, Dr. Heinrich Wra. A obra composta de dois volumes, intitulada: *Resultados botânicos da viagem de Sua Majestade, Imperador do México Maximiliano I ao Brasil*, foi editada em 1866.[90]

Jean Louis Rodolph Agassiz visitou o Brasil de 1865 a 1866, juntamente com sua esposa, **Elizabeth Cary Agassiz** e a comitiva científica que chefiou, composta de aproximadamente quinze pessoas. O naturalista suíço, naturalizado norte-americano, desde a infância nutria o desejo de conhecer o Brasil, vislumbrando a oportunidade ideal para realizar esse sonho quando seu médico lhe recomendou que mudasse de clima.

> No correr do inverno de 1864-1865, minha saúde ficou tão abalada que os médicos me recomendaram abandonar todo trabalho e mudar de clima. Foi-me proposta uma viagem à Europa; mas o interesse que um naturalista deveria sentir em se achar de novo no meio do ativo movimento cientifico do Velho Mundo constituía justamente um obstáculo. Não era aí que deveria procurar repouso para o espírito.[91]

Para transformar a viagem de recreio e saúde em uma expedição científica, Agassiz foi patrocinado pelo mecenas norte-americano Nathaniel Thayer que, sabendo das intenções do cientista, custeou a excursão, que recebera o nome de *Thayer* em sua homenagem.

O naturalista se interessava primordialmente por geologia, paleontologia e ectiologia. Ele já atuava na área da pesquisa, tanto que aos 20 anos de idade havia realizado um estudo para Von Martius sobre os peixes que Spix coletara no Brasil. A leitura do relato produzido pelos bávaros

---

[89]HABSBURGO, Maximiliano de. *Bahia 1860*: esboços de viagem. Rio de Janeiro/Bahia, Tempo Brasileiro/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982 e Mato Virgem, Wien, 1864. Os livros serviram de inspiração ao escritor alemão Karl May, famoso por escrever histórias voltadas para o público jovem, abordando aventuras vividas em países exóticos.

[90]AUGEL, Moema P. *A visita de Maximiliano da Áustria a Ilhéus.* Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1981.

[91] AGASSIZ, Jean L.R. e Elizabeth C. A. Viagem ao Brasil: 1865-1866. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975, p.9.

Spix & Martius, sobre sua permanência de três anos em território brasileiro, e o contato pessoal com os célebres naturalistas o motivaram sobremaneira a empreender a viagem.

Uma vez no Brasil, instalados no Rio de Janeiro, os Agassiz deixaram parte da expedição na Corte e se dirigiram ao litoral, onde conheceram Bahia, Belém do Pará e o rio Amazonas, que exploraram até as fronteiras com o Peru. Retornaram a Belém e seguiram para o Ceará. Enquanto isso, a parte da expedição deixada no Rio de Janeiro se deslocou para o interior de Minas Gerais.

Agassiz gozava de uma boa relação com D. Pedro II, sendo o próprio Imperador do Brasil um benfeitor das ciências.

> Uma circunstancia particular aumentava o atrativo dessa viagem. O Imperador do Brasil, que se interessa profundamente por todos os empreendimentos científicos, havia testemunhado viva simpatia pela obra a que eu me consagrara, ao fundar nos Estados Unidos um grande Museu zoológico, cooperara mesmo para isso, enviando coleções feitas por ordem sua expressamente para esse fim. Sabia eu, portanto, que poderia contar com a benevolência do soberano desse vasto Império para tudo o que dissesse respeito aos meus estudos.[92]

Por essa razão, Agassiz contou com o apoio e a simpatia do Imperador, de quem se tornou correspondente. Durante sua estada no Rio de Janeiro, o naturalista ministrou uma série de conferências no Colégio Pedro II, sempre prestigiadas pelo monarca e sua família. D. Pedro II visitou o navio mercante no qual viajava a comissão e aceitou com simplicidade o convite do comandante para lanchar a bordo, fato que chamou a atenção de todos.

Ao contrário de outros viajantes, segundo o próprio Agassiz, a publicação do diário não era um dos seus objetivos. “Ele é produto mais das circunstâncias que de um propósito premeditado”.[93] Elisabeth Agassiz documentava as aventuras do casal e os resultados dos trabalhos, fornecidos diariamente por seu marido, de modo que os registros foram feitos pelos dois.

No livro são comentados temas variados, como as principais essências florestais, o gado, a agricultura, a imigração e a miscigenação racial, privilegiando-se, no entanto, os aspectos da história natural. A obra foi publicada pela primeira vez em 1868, mas ganhou sucessivas edições, inclusive em francês. No Brasil, foi publicada pela primeira vez em 1938, pela Cia. Editora Nacional.

A princesa **Therese da Baviera** era grande apreciadora das ciências naturais e das viagens, tendo conhecido os demais países europeus, a Ásia e a África do Norte antes de visitar o Brasil, onde permaneceu por três meses. Conheceu Belém, percorreu o Amazonas até Manaus,

[92] Ibidem, p.9.
[93] Ibidem, p.12.

explorando uma parte do rio Negro. Em seguida, velejou ao longo da costa oriental do Brasil e visitou as cidades portuárias, ficando em Salvador de 9 a 11 de agosto, retornando à capital baiana no dia 10 de outubro, para então reembarcar à Europa.

A nobre, que era prima de Pedro II, visitou o Brasil em 1888, aos 38 anos de idade, para realizar estudos nas áreas da botânica, zoologia e etnografia. Por se tratar de uma mulher e pertencer à nobreza, Therese, que era solteira, viajou com uma dama de companhia, um taxidermista e um acompanhante. A princesa não se intimidava frente às dificuldades e perigos da viagem, transitando pelo território brasileiro a pé, a cavalo, de navio ou de canoa, sempre desejando conhecer novas paisagens, efetuar pesquisas científicas e coletar objetos etnográficos para ampliar seu museu particular. Ademais, ela queria desfrutar da "sensação de liberdade e de total independência" que só a distância e a mudança de ambiente poderiam lhe propiciar.[94]

Ao voltar para seu país, organizou suas notas de viagem e todo o material coletado para publicar o livro, dedicado ao Imperador Pedro II, “Meine Reise in den Brasilianischen Tropen”, no ano de 1897, que não foi traduzido para o português. Após a vinda ao Brasil, a ilustre viajante ainda visitou a região andina e a costa do Pacífico, publicando um novo livro de viagem acerca da empreitada, em 1908. Faleceu aos 75 anos e pode-se dizer que teve uma vida agitada para os padrões da época, visto que boa parte do seu tempo foi dedicada às viagens e à investigação científica, o que não era comum nem mesmo entre os indivíduos do sexo masculino. Depois da sua morte, a coleção que formou - contendo 2.438 objetos de todo o mundo - foi incorporada ao Museu Estatal de Etnologia de Munique.[95]

[94] PRINZESSIN VON BAYERN, Therese. Op. cit., p. 19.
[95] SCHINDLER, Helmut. Plumas como enfeites de moda. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos,* vol. III (suplemento), 1089-108, 2001.

Quadro 1 - Comparativo dos viajantes:

Viajante	Nacionalidade	Motivações	Permanência no Brasil	Menção a outros viajantes-autores	Menção a autores de livros sobre história e geografia do Brasil	Viveu de/ a:
Maria Graham	Inglesa	Trabalho, publicação e passeio	Entre 1821-1823	Humboldt e Frezier	Southey	1785-1842
Charles Darwin	Inglês	Pesquisa científica	Em 1832 e 1836	Humboldt e Alcides D'Orbigny		1809-1882
Daniel Kidder	Norte-americano	Religiosa	Entre 1837-1840	Henry Martin, Maximiliano de Wied-Neuwied e Maria Graham	Shouthey e Inácio Acioli de Cerqueira e Silva	1815-1891
Conde de Suzannet	Francês	Passeio	Entre 1842-1843	Maximiliano de Wied-Neuwied, Saint-Hilaire e Spix		1814-1862
Greene Arnold	Norte-americano	Passeio (hipótese)	Em 1847			1821-1880
Robert Avé-Lallemant	Alemão	Passeio e trabalho	Entre 1837-1855 e 1858-1859	Humboldt e von Tschudi	Adolfo Varnhagem	1812-1884
Maximiliano da Áustria	Austríaco	Passeio e pesquisa	Em 1860	Humboldt, Adalberto da Prússia, Burmeister, Darwin, Fletcher &Kidder e Rugendas		1832-1867
Louis Agassiz	Suíço (naturalizado norte-americano)	Pesquisa científica e tratamento de saúde	Entre 1865-1866	Humboldt, Spix & Martius, Darwin, Fletcher, Bates, Wallace e Castelnau		1807-1873
Elizabeth Agassiz	Norte-americana	Passeio e pesquisa	Entre 1865-1866	Ibidem		1822-1907
Therese da Baviera	Bávara	Passeio e pesquisa	Em 1888	Spix & Martius, Maximiliano de Wied-Neuwied, Charles Hartt, Wappaus, Julius Naeher	Alfredo Moreira Pinto, Manoel Ayres de Cazal, Milliet de Saint-Adolphe/Caetano Lopes de Moura	1850-1925

1.5 O APELO DA NATUREZA TROPICAL: ENTRE A POESIA E A CIÊNCIA

De acordo com os dados do quadro anterior, normalmente os viajantes nutriam mais de um interesse, de modo que suas motivações se entrelaçavam. Maria Graham, por exemplo, que já tinha uma predileção pelas viagens marítimas, apresentou três objetivos diferentes. Veio acompanhando o marido, capitão de uma fragata, porém, desenvolveu um trabalho a bordo e, posteriormente, trabalhou por um curto período na Corte. Além disso, conheceu diversas cidades brasileiras, nas quais teve uma intensa vida social e, no prefácio de seu diário, demonstrou que havia interesse um publicar suas impressões, até mesmo porque já era autora de outros livros de viagem. Ou seja, ela trabalhou, passeou, instruiu-se e ainda escreveu um livro.

O francês Conde de Suzannet mesclou o interesse em melhor conhecer outras partes do mundo (motivação de ordem pedagógica e cultural), com o desejo de distrair-se (lazer). Pelo visto, a vontade de conhecer novos lugares também atraiu Robert Avé-Lallemant para as terras brasílicas. No entanto, acredito que vários tenham sido os motivos que o levaram a optar pelo país. Segundo dados coletados por Moema Augel, dois de seus irmãos já se encontravam no Brasil, aspecto favorável para a escolha do seu destino de viagem; ademais, ele pretendia examinar a situação dos colonos alemães. Por fim, não descarto a possibilidade de ter havido uma prévia intenção de publicar as impressões de viagem, posto que sua relação com esse tipo de literatura não cessou após a visita aos trópicos; em 1869, ele conheceu o Nilo e à Núbia, escrevendo um livro sobre a experiência.

Louis Agassiz e sua esposa Elisabeth, como já foi dito, empreenderam a viagem com duas finalidades, sendo a científica a que ganhou maior destaque. No entanto, o sonho do menino Agassiz de conhecer o Brasil não pode ser totalmente deixado de lado em detrimento dos seus anseios científicos: “eu era atraído para o Brasil por um desejo de quase toda a minha vida”, o que se tornara “um projeto sempre adiado, por falta de ocasião oportuna, mas nunca abandonado”.[96] Quanto aos objetivos, ainda comentou:

> [...] eu recuava ante a idéia de só realizar uma simples visita de turista ao Brasil. Reduzido apenas aos meus recursos, que partido poderia tirar das mil oportunidades que se ofereciam? Bem fraco, sem dúvida. Voltaria do Brasil rico em recordações agradáveis, mas sem um só resultado cientifico importante.[97]

[96] AGASSIZ, Jean L. R. e Elizabeth C. A. Op. cit., p.9.
[97] Ibidem, p.9.

Apesar de todos terem alguns interesses em comum, como o desejo de vislumbrar as paisagens tropicais, eles tendiam a mostrar seus conhecimentos pessoais de acordo com a área de atuação profissional, organizando as viagens internas e os relatos em torno de interesses específicos. Assim, os aspectos hídricos e a situação dos portos despertaram a atenção de Maria Graham. Por sua vez, o médico Avé-Lallemant estava sempre atento às condições de salubridade dos locais visitados e às principais doenças que acometiam seus habitantes.

Em virtude do fascínio pela ciência natural, mesmo os que não eram pesquisadores convertiam-se em naturalistas momentâneos, porém, de forma mais descompromissada. Esse foi o caso de Avé-Lallemant que, passeando pela cidade da Bahia, observou com acuidade as árvores tropicais, arriscando nomear cientificamente algumas delas, a exemplo das "jaqueiras (artocarpus integrifólia)".[98] O médico alemão continuou a admirar a flora baiana:

> Inúmeros os lugares e cenários assim nos arredores da Bahia. Por tôda a parte acompanha-os, característico essencial, inevitável, a abundante e viçosa vegetação de palmeiras, bananeiras, artocarpos, figueiras, caricáceas e gutíferas, para não falar numa infinidade doutras plantas que, menores, pertencem às famílias das apocíneas, solâneas, asclepiádeas, passiflóreas, malpighiáceas, etc. Uma flora da Bahia não fica certamente esgotada com isso.[99]

Maximiliano, que estava vinculado a instituições científicas, não perdeu a oportunidade de pôr em prática seus conhecimentos:

> Acrescentando, também, um pouco de ciência, como convém a nós, alunos da natureza, quero mencionar que as borboletas que tivemos a oportunidade de contemplar, logo nos primeiros momentos, eram as *Papilio Thoas* amarelo-ouro e as *Papilio Dardanus* pretas, malhadas de pontos amarelo-claro e vermelho carmesim.[100]

Esses "alunos da natureza" ficavam deslumbrados em poder contemplar espécimes naturais que conheciam apenas por intermédio de livros ou estufas, possuindo a viagem um viés científico-pedagógico.

> Eu, como o mais jovem e mais impaciente, era também o primeiro do nosso grupo - o pioneiro - na ânsia de aprender. Com verdadeiro grito de júbilo e deslumbramento triunfantes saudei a maravilha mais perfeita do mundo animal que aqui se nos apresentava. Seria uma alucinação? Ou ilusão de ótica provocada pelo cansaço? [...] E, no entanto, não era sonho; era aquele pássaro encantador, que considero o primeiro entre todos os seres vivos alados da terra.

[98] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.24
[99] Ibidem, p. 28.
[100] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.78.

> Os rudes brasileiros, com sua tendência realista, chamam-no Sangue do boi, em alusão à sua cor. Sua etiqueta científica é Rhamphopis brasilicus.[101]

Maximiliano ainda constatou que o animal "seria, na Europa, a jóia rara de qualquer jardim zoológico". [102]

A partir da segunda metade do século XVIII, o romantismo contribuiu para valorizar não apenas bucólicas paisagens de campos e jardins, mas também as grandes florestas, cordilheiras e desertos. O ambiente selvagem passou a primeiro plano, sendo-lhe atribuído um caráter sublime e belo![103]

De qualquer modo, não obstante a inegável beleza das paisagens naturais, deve-se levar em consideração que o encantamento dos visitantes muitas vezes estava acompanhado de um certo exagero, característica própria dos românticos. Os comentários deslumbrados acerca do tema também poderiam ter sofrido influência de imagens paradisíacas e fantasiosas assimiladas antes mesmo da viagem ser efetuada, através da leitura de outros diários, ilustrações, livros de história e de "ouvir falar", criando-se um ideal de paisagem natural e uma grande expectativa em torna da viagem.

Até mesmo Darwin, que abordou majoritariamente questões ligadas ao meio natural - utilizando um vocabulário mais instrumental - não deixou escapar a emoção ao entrar em contato com os trópicos, em Salvador.

> Mas "delícia" é termo insuficiente para exprimir as emoções sentidas por um naturalista que, pela primeira vez, se viu a sós com a natureza no seio de uma floresta brasileira. A elegância da relva, a novidade dos parasitos, a beleza das flores, o verde luzidio das ramagens, e, acima de tudo, a exuberância da vegetação em geral, foram para mim motivos de uma contemplação maravilhosa. O concerto mais paradoxal de som e de silêncio reina à sombra dos bosques. Tão intenso é o zumbido dos insetos que pode perfeitamente ser ouvido de um navio ancorado a centenas de metros da praia. Apesar disso, no recesso íntimo das matas, a criatura sente-se como que impregnada de um silêncio universal. Para o amante da história natural, um dia como este traz consigo uma sensação de que jamais se poderá, outra vez, experimentar tão grande prazer.[104]

No primeiro dia em que se encontrava na Bahia, vinda de Pernambuco, a inglesa Maria Graham relatou, embevecida:

> Esta manhã, ao raiar da aurora, meus olhos abriram-se diante de um dos mais belos espetáculos que jamais contemplei. Uma cidade, magnífica de aspecto,

---

[101] Ibidem, p.102.
[102] Ibidem, p. 103.
[103] PÁDUA, José A. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
[104] DARWIN, Charles. Op. cit., [19-] p. 4.

> vista do mar, está colocada ao longo da cumeeira e na declividade de uma alta e íngreme montanha. Uma vegetação riquíssima surge entremeada com as claras construções e além da cidade estende-se até o extremo da terra, onde ficam a pitoresca[105] igreja e o convento de Santo Antônio da Barra. [...] O pitoresco dos fortes, o movimento do embarque, os morros que se esfumam a distância, e a própria forma da baía, com suas ilhas e promontórios, tudo completa um panorama encantador; depois,há uma fresca brisa marítima que dá ânimo para aprecia-lo, não obstante o clima tropical.[106]

Maximiliano, um amante da natureza, poeta e pintor, que possuía um amplo e difuso conhecimento sobre o ambiente natural, realizou seu desejo de vir ao Brasil, tornando seu passeio uma aventura romântica com um quê de investigação científica. A aventura; a natureza idealizada, associada à beleza e à liberdade; e a crença no progresso andavam lado-a-lado na sua forma de ver o mundo. Para se ter uma noção do que representava para o visitante e seus companheiros de viagem conhecer o Brasil, na chegada, pelo porto da Barra, em Salvador, ele documentou que o grupo "encontrava-se em febril alvoroço", pois estavam "[...] as portas do paraíso e ansiosos pela entrada, com uma impaciência indescritível, quase infantil. Hoje era o dia em que o sonho, acalentado durante anos, de pisar o solo tropical da América, se deveria realizar".[107]

A majestosa natureza constituía o centro das atenções, sendo o elemento que tornava o Brasil imponente diante do mundo e através do qual o estrangeiro poderia regozijar-se, como declarou o nobre austríaco:

> Sob o rico e dourado esplendor solar dos trópicos e um reluzente céu azul, chegamos, às 10 horas, de coração alegre, à grande e extensa Bahia de todos os santos. Foi um desses momentos felizes em que, no sentido mais lato da palavra, se nos abre um mundo novo, quando desejaríamos ter cem olhos para observarem as maravilhas desconhecidas que se nos revelam ininterruptamente e de todos os lados; um desses momentos em que, em meio à alegria, surge o pesar de não percebermos tudo, de não gravarmos tudo na memória. Embora a alma, infelizmente, desfrute do rico panorama apenas de maneira fulgaz, a descrição do mesmo, através da palavra escrita, contudo, é somente uma pálida fotografia, que, apesar de calcada na verdade, se torna, no entanto, descorada e inexpressiva, quando comparada à natureza. Isso se confirma tanto melhor num novo continente, onde só a natureza impera com seu luxo incontido, onde nada

[105]O adjetivo pitoresco (mais usado para descrever cenários naturais) revelava as irregularidades e a originalidade da paisagem, produzindo sensações agradáveis no espectador. SCHIAVINATTO, Iara Lis. "Imagens do Brasil: entre a natureza e a história". In: NOVAIS, F. e JANCSÓ (org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação.* São Paulo: Hucitec/Unijuí, 2003. Quando o adjetivo era empregado para descrever aspectos arquitetônicos, significava que a arquitetura se harmonizava com seu entorno. SMITH, Bernard. *European vision and the Shout Pacific*. New Haven: Yale Universaty Press, 2ª ed., 1988.
[106]GRAHAM, Maria. Op. cit., p. 144.
[107]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p. 75.

> que foi criado pela mão do homem, nada concluído, desperta a atenção do viajante. [108]

No entanto, o arquiduque reclamou que o céu dos trópicos nem sempre era límpido e azul intenso como imaginara e que para seu gosto, desenvolvido "no sul da Itália, na Espanha, no sagrado Egito e na Grécia clássica", as nuvens de um dia nublado eram "um ponto sombrio, no verdadeiro sentido da palavra, na beleza dos trópicos." [109]

Para muitos viajantes, o momento da pesquisa *in loco* era também instância máxima de diversão, como atestou Maximiliano.

> Praticamente teve início uma verdadeira competição entre nós, para ver quem primeiro chamaria a atenção dos seus amigos para alguma coisa maravilhosa, para alguma aparição brilhante deste novo mundo mágico. Assim também se desenrolavam as imagens surgidas através da nossa fantasia, estimulada por tais visões.[110]

Por seu turno, o Conde de Suzannet, após mencionar a diferença entre os sabores das carnes de alguns animais que havia caçado, confessou nunca ter tido coragem de experimentar a do macaco, mas afirmou que caçá-los era um exercício e passatempo.[111]

Durante uma excursão à Ilha de Itaparica, Maximiliano extasiou-se com um "bando de periquitos verde-esmeralda" que tentavam afugentar-se da "louca caçada" que o enchia de prazer. Na ocasião, declarou:

> Mal tínhamos caminhado alguns passos para o interior, ao longo de uma colina verdejante, densamente coberta de mata, quando, de todos os lados e distâncias, começou a algazarra da caçada, como se fosse necessário combater-se uma tribo inteira. Seria impossível contar os inúmeros tiros que a mocidade satisfeita detonava, com devotado entusiasmo.[112]

Contraditoriamente, observa-se que muitos viajantes exterminavam os componentes que mais apreciavam. No período, não havia uma preocupação consistente com a preservação ambiental, de modo que eles não percebiam o território como um recurso finito.[113] A forma predatória com a qual o forasteiro se relacionava com o meio sugere ambivalência na construção

---

[108] Ibidem, p. 69.
[109] Ibidem, p. 90.
[110] Ibidem, p. 103.
[111] SUZANNET, Conde de**.** Op. cit., ,p. 169.
[112] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.158.
[113] Sobre o tema, ver PÁDUA, José A. Op. cit.

da alteridade, pois, conforme constatou Todorov, a mitificação, nesse caso da natureza edenizada, não pressupõe necessariamente conhecimento e respeito pelo *outro.*[114]

Em Salvador, no Dique, local que o arquiduque austríaco adorou conhecer por ter "paixão" pelo elemento água, prosseguiu extasiado em meio aos atrativos naturais e a diversidade das espécies encontradas.

> Quanto mais caminhávamos pela margem, por um atalho estreito, orlado de um verde viçoso, tanto mais se distanciava, para minha alegria, o cenário humano das negras que lavavam e tomavam banho, com seu séqüito de soldados fazendo a corte e moleques de rua negros e vadios, e animadamente cada vez mais penetrávamos na verdadeira plenitude da natureza tropical, idescritível. À nossa direita, tínhamos a margem, com misteriosas plantas aquáticas, úmidas, verde-lazurita, inúmeras aróideas e canáceas, entre elas, a Arum-gigante, a rara Anhinga, que nosso pequeno botânico saudava com alegria realmente comovente, como se aí se encontrasse o objetivo de sua felicidade, a flor encantada de um conto de fadas.[115]

Na ocasião, o negro apareceu como fator que atrapalhava a plena observação da paisagem. Enquanto admirava seu objeto de apreciação, o visitante incomodou-se com os componentes humanos que faziam parte daquele contexto, desejando deslocá-los do seu *habitat*. Durante um passeio pelo mesmo local, Avé-Lallemant teceu uma crítica semelhante: "Tais cenas de lavadeiras deviam, sem dúvida, banir-se do parque projetado em volta do lago".[116] Segundo Ilka Leite, quando o negro não estava trabalhando ou não atraía o estrangeiro por suas "exóticas" manifestações artístico-culturais, convertia-se em um estorvo.[117]

Para aqueles que viajavam a lazer, como foi o caso dos nobres Maximiliano e Conde de Suzannet, o que os excitava era a aventura da viagem, a liberdade advinda do homem em contato com a natureza, supervalorizada pelos românticos do período. Ademais, a idéia de ir mais além do que os seus pares os estimulava. A coragem necessária para efetuar um empreendimento desse porte, motivado por prazeres mundanos, pelo simples deleite, não visando a sobrevivência ou o enriquecimento, de certo modo os tornavam originais. Os riscos e obstáculos presentes nesse tipo de prática glorificavam o sujeito que, independentemente de ajudar a fomentar algum ramo da ciência, tornava-se reconhecido e ganhava prestígio entre seus compatriotas. O desejo do "exclusivismo" e do "ineditismo" aparece com certa constância nas falas de Maximiliano.

> Os viajantes inexperientes farejam a mata virgem em toda a parte, mas pouquíssimos europeus realmente chegaram a ver alguma. Eu, porém, atravessei

[114] TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - a questão do outro.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.
[115] HABSBURGO, Maximiliano de, Op. cit. p.100.
[116] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op cit., p.27.
[117] LEITE, Ilka B. Op. cit., p. 100.

> o oceano especialmente para conhecê-la, não desistindo, assim, de minhas indagações, o que me levou, finalmente, a obter á resposta de que, na costa brasileira, a mata virgem só penetra no mar, realmente, num único ponto. Tal região tornou-se, portanto, a partir de então, o único e exclusivo objetivo dos meus mais ardentes desejos.[118]

Na Ilha de Itaparica, ele alegou que se imbricar em um manguezal era uma das maiores dificuldades que o viajante poderia enfrentar, pois tinha "de começar a sua epopéia no meio da maré, sem uma base firme", atribuindo a isso o fato de muitas regiões continuarem inexploradas pela ciência. Mas o audacioso nobre não se deixou abater pelos referidos obstáculos e adentrou o manguezal, ávido por novas aventuras.[119]

Quando o Conde de Suzannet resolvera atingir Bahia e Pernambuco por um caminho muito difícil, passando pela Província de Minas Gerais, sabia que teria que vencer complicadas barreiras, como atravessar um longo trecho deserto, sem água e sem habitações. Mas ele alegou que não era ocasião para se preocupar com perigos, pois estava determinado a "tudo enfrentar".[120] No meio do percurso, em dezembro de 1842, deixando Ouro Preto em direção a Diamantina, para seguir rumo à Bahia, expressou-se da seguinte maneira: "A vida da viagem recomeçava para mim, com as suas fadigas e contratempos, mas também com todo o encanto dos seus incidentes bizarros e dos seus encontros inesperados".[121]

Nos oitocentos, a visão edênica ainda persistia. Deus, liberdade e paraíso eram imagens que povoavam o universo mental desses aventureiros, que louvavam o progresso material e a liberdade em meio ao ambiente natural, simultaneamente. No fim do seu itinerário, Darwin mencionou:

> Entre as cenas que se acham profundamente impressas em minha mente, nenhuma excede a sublimidade[122] das florestas primevas, não tocadas pela mão do homem, quer as do Brasil, onde predominam os poderes da Vida, quer as da Terra do Fogo, onde imperam a Decadência e a Morte. Ambas são templos repletos dos variados produtos de Deus da Natureza: ninguém pode permanecer na solidão daquelas selvas sem sentir-se comovido e convencer-se de que há no homem algo mais que o mero respirar dos seus pulmões.[123]

---

[118] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p. 92.
[119] Ibidem, p. 140.
[120] SUZANNET, Conde de**.** Op. cit., p. 70.
[121] Ibidem, p. 105.
[122] Segundo SCHIAVINATTO, Iara Lis. Op. cit, o ideal de sublimidade, discutido dentro de um debate estético acerca do sublime/pitoresco, deveria suscitar medo e sensação de impotência, sugerindo o poder da natureza sobre os homens. Todavia, o adjetivo sublime também era usado vulgarmente para caracterizar belas paisagens. No trabalho, creio que os viajantes normalmente o utilizavam com o segundo sentido. Sobre o tema, ver BURKE, E. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo*. Campinas: Papirus/Unicamp, 1993.
[123] DARWIN, Charles. Op. cit., [19-], p. 131.

No “belo” Dique, Maximiliano relatou:

> Voltamos, novamente, ao caminho aberto da mata, cuja beleza e riqueza me levaram à convicção de que os teólogos quebraram a cabeça, em vão, quanto à natureza do Paraíso perdido. Para que refletirem tanto, se os próprios olhos podem informa-los? Se eles fizessem um único passeio pela mata virgem brasileira, não mais poderiam duvidar de como era o Paraíso. Sob um céu como esse, cercado do aroma de plantas como essas, numa paz verde como essa, viveu pai Adão livre e à vontade, na época da sua felicidade, sem anseios e sem casaca.[124]

Em seguida, refletiu acerca do progresso:

> Mas, sendo um ser humano, dormitava em sua alma o ímpeto pernicioso do progresso e a idéia de que o mundo à sua volta poderia ser ainda melhor. A partir desse momento, teve início a luta contra o Criador e contra a Sua obra. A mulher ao seu lado apareceu como o anseio personificado e, no afã de satisfaze-la, surgiu a ambição que foi logo seguida pelo tédio. Com o primeiro bocejar de Adão no Paraíso, surgiu a busca do conhecimento. Eva, de repente, chamou-lhe a atenção para a necessidade de uma casaca, e ele teve a idéia, como primeiro gastrônomo, que se poderiam melhorar as frutas, com o acréscimo de acompanhamento. A despreocupação transformou-se, de repente, em desejos...[125]

E, durante um passeio pelo interior da Bahia, questionou-se:

> Como será, porém, um dia. Daqui a alguns séculos, o Paraguaçú, quando o homem civilizado, com sua ambição mesquinha e niveladora habitar suas margens desmatadas e suas colinas desnudas?[126]

A princesa Therese também exaltava "a majestade da natureza distante dos homens, impoluta" e se queixava dos "limites restritivos de nossa supercivilização".[127] Deixou transparecer, assim como Maximiliano, um desconforto ante esses dois mundos tão distantes, o da natureza bela, porém rude, ainda não dominada pelo homem e o de uma vida pautada no aperfeiçoamento técnico e na criação do conforto e do luxo, na qual as manifestações humanas se sobrepunham à dinâmica do ambiente natural.

Nas grandes cidades européias e norte-americanas prevaleciam as paisagens urbanas, enquanto no Brasil ainda era possível contemplar a grandiosidade da natureza, que não precisava de adornos para ser sublime! Ao referir-se à “mata virgem que avassala o espírito”, Maximiliano exclamou:

---

[124] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p. 144.
[125] Ibidem, p.144.
[126] Ibidem, p. 186.
[127] PRINZESSIN VON BAYERN, Therese. Op. cit., p. 99.

> São Pedro ou o Palácio do Louvre podem ser fotografados. O escritor pode reconstituir para o leitor curioso, em ordem matemática, pedra por pedra, coluna por coluna; pode indicar as cores da construção ou mencionar quem vive ou viveu lá. Mas nem a fotografia da mata brasileira – da qual possuo fracas tentativas – nem a descrição podem oferecer ao forasteiro qualquer imagem satisfatória. Faltam às duas uma escala de comparação e pontos de referência em relação à pátria. Quem quiser ter uma idéia disso, nada mais lhe resta, senão fazer as malas e viajar par cá.[128]

Os românticos, em conflito existencial, lutavam contra as convenções mecanicistas da sociedade industrial em expansão no mundo. Os viajantes situavam seu olhar entre a razão e o sentimento, onde um vocabulário técnico, envolto em procedimentos, dividia lugar com uma linguagem poética. Seu universo mental era permeado tanto pela influência da ilustração, quanto do romantismo, o que pode parecer contraditório. Entretanto, Falcón[129] aponta para o caráter de complementariedade entre o racionalismo e o sentimentalismo, considerando a cultura romântica como a "outra face da mentalidade ilustrada".

Os viajantes acreditavam que a abundância da natureza era um impecilho ao esforço civilizador, visto que os indígenas e os habitantes das áreas rurais eram considerados preguiçosos, acomodados e superticiosos, ou seja, desprovidos de capacidade para promover o progresso. Desse modo, a riqueza natural inibia o espírito capitalista laborioso, sendo um fator desfavorável à consolidação de uma disciplina para o trabalho. Então, se a natureza lhes concedia o básico para sobreviver, porque empenhar-se no trabalho?

Avé-Lallemant, ao conhecer a povoação Vila Verde, perto de Porto Seguro, na Província da Bahia, concluiu que o local não tinha nenhuma importância sócio-econômica por culpa de seus habitantes, que seriam preguiçosos. Relatou que por muitas vezes aconselhou um pai de família a educar seus filhos para o trabalho, mas que suas palavras foram em vão. Eis sua descrição desses personagens:

> E a essa gente que, como verdadeiros lazarones do Oeste, levaram vida de vadios nas canoas ou caçando na floresta, não se pode ajudar nem aconselhar. Porquanto é uma idéia fixa que o trabalho no campo rebaixa-a à categoria do negro. Enquanto o coqueiro, no seu exuberante viço, lhes atirar espontâneamente suas nozes colossais, e os caranguejos correrem aos milhares debaixo dos mangues, o povo daquele trecho da costa passará a vida mandriando, e não se fará uma existência honrosa.[130]

---

[128] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.105.
[129] FALCÓN, Francisco J. C. *A Época Pombalina (política econômica e monarquia ilustrada).* São Paulo: Editora Ática, 1982, p. 103,104.
[130] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p .145.

Naquele momento, articulavam-se os fenômenos da natureza com os caracteres dos povos de cada região. Nessa perspectiva, vai se delineando um certo determinismo natural que justifica o atraso encontrado nos trópicos. “Gera-se e nasce-se. De resto, vive-se quase como os animais da mata virgem.”[131]

A paisagem tropical, ao mesmo tempo em que era vista como pitoresca e exuberante, também era encarada como um obstáculo ao avanço civilizatório, havendo um posicionamento ambíguo. Essas duas vertentes de pensamento permaneceram como um conflito teórico ao longo das reflexões dos viajantes, especialmente de Maximiliano da Áustria. A ambigüidade se dava entre a recusa e a aceitação do progresso econômico, gerando tensão e desconforto.[132] Afinal, de acordo com sua mentalidade, os elementos que seduziam deveriam ser domesticados de modo a produzir uma sociedade nos moldes dos centros europeus.

> E, se o Governo não organizar logo um sistema adequado de imigração, se não superar o ódio aos estrangeiros e não souber vencer os partidários da escravatura, o grande Império desmoronará e a mata virgem avançará, novamente, vitoriosa, cobrindo o país.
> Soa muito bonito, quando se afirma que o Brasil é maior do que a Europa, dez vezes tão grande quanto a Áustria. Eles podem inflamar-se com essa idéia grandiosa, mas até onde chegam as determinações do Imperador? [...] Se somássemos as milhas quadradas do Brasil realmente cultivadas, o Estado gigantesco encolheria assustadoramente.[133]

Suzannet, entretanto, já demonstrava ter uma visão menos conflitante e mais pragmática, enxergando os recursos naturais do Brasil não explorados como desperdício, sem apelar para ideais românticos. “O Brasil é de todos os países da América do Sul, o que oferece mais recursos naturais; além das minas de ouro e diamantes, cuja exploração imperfeita deixa tanto a desejar”.[134] E prosseguiu em seu discurso com viés civilizatório:

> Se os recursos preciosos atualmente desperdiçados forem explorados; e se as relações comerciais, vantajosas para todos os povos, forem estabelecidas sôbre bases regulares, o Brasil poderá ainda retomar confiança no futuro: o comércio com a Europa trará consigo não somente a propriedade material, mas também servirá à causa da ordem, facilitará a reforma dos costumes e trará para o caminho da civilização um povo desgarrado e que dela se afasta cada vez mais.[135]

---

[131] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p .113.
[132] PÁDUA, José A. Op. cit.
[133] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit. p. 161.
[134] SUZANNET, Conde de**.** Op. cit., p. 231.
[135]Ibidem, p.249.

É evidenciado nas falas de Avé-Lallemant, Suzannet e Agassiz que o meio natural e seus recursos possuíam grande valor econômico e que as florestas e rios eram objetos de interesse político. A magnitude do mundo natural não era encarada de forma isolada, mas atrelada ao progresso humano. Se bem utilizados, os recursos naturais poderiam levar o Brasil a se regenerar e progredir.

Em oposição às belezas tropicais que tanto atraíam os estrangeiros, surgiram as doenças que assolaram o país ao longo do século XIX. A imagem do Brasil foi abalada pelo terror provocado principalmente pela epidemia de febre amarela, que se tornou endêmica a partir de 1850.[136]

O religioso Kidder estava no Brasil no período das epidemias de cólera e febre amarela, encontrando-se na Bahia durante o surto da primeira, que atingia sobretudo a população pobre. Já a segunda doença fez muitas vítimas estrangeiras, tanto de europeus como de africanos provenientes de áreas onde não existia a enfermidade. O médico Avé-Lallemant, no período em que ficou na Corte, por ordem do Imperador, foi posto a disposição do então Ministro de Interior, ao lado de quatro outros médicos, para discutirem as "repetidas devastações anuais de febre amarela".[137] Quando Maximiliano passou pelo cemitério Campo Santo, em Salvador, pôde sentir "o sopro venenoso da febre amarela". O medo da doença e da possibilidade de ter que repousar algum dia naquela "morada dos mortos", segundo suas próprias palavras: "aumentaram a melancolia apreensiva que tinha tomado conta do meu coração".[138]

Seguramente as epidemias afugentaram muitos estrangeiros mas, ainda assim, o porto da cidade da Bahia encontrava-se sempre em atividade, com um constante vai-e-vem de pessoas e mercadorias.

1.6 PESQUISAS CIENTÍFICAS NOS TRÓPICOS

As expedições científicas ao Brasil tiveram início no final do século XVIII, quando Portugal começou a financiá-las, no intuito de melhor conhecer as potencialidades exploráveis da Colônia ou de subjugar a população autóctone. A metrópole havia proibido a entrada de

[136]CHALHOUB, Sidney. *A cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996; sobre o cólera, ver DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: epidemia na Bahia do século XIX*. Salvador: EDUFBA/Sarah Letras, 1996.
[137]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p. 30.
[138]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.151.

estrangeiros no Brasil, para resguardar o território e assegurar o monopólio de exploração e comércio. Inclusive, esse foi o motivo que impediu o cientista alemão Alexander von Humboldt de adentrar no território brasileiro.[139]

Vários termos eram utilizados nos setecentos para designar o pesquisador ilustrado que viajava e relatava suas descobertas e experiências, sendo os mais conhecidos: naturalista, viajante e filósofo da natureza. Esse tipo de viajante se interessava em comparar, classificar e catalogar os homens e a natureza sob as formas de classe, gênero, raça e espécie, caracterizando a viagem como filosófica.[140]

O enciclopedismo foi um dos componentes do ideário ilustrado e consistia na elaboração de um inventário crítico de conhecimentos, onde não poderia haver lugar para mentiras, mitos e supertições. Acreditava-se que só o olhar instruído pela razão e pela ciência poderia observar corretamente e libertar-se das falsas percepções.[141] Um discurso muito semelhante é encontrado na fala dos viajantes naturalistas do século XIX, sequiosos pela *verdade*, que só a ciência poderia revelar.

No interior do movimento ilustrado construiu-se um elo entre cultura, desenvolvimento técnico e educação. Segundo os intelectuais europeus, por meio da ordenação do mundo - pautada em valores morais racionais - e do progresso científico, os homens teriam uma vida material mais confortável e, conseqüentemente, seriam mais felizes!

Os viajantes do início dos oitocentos, influenciados pela cultura iluminista, lançaram-se a regiões pouco conhecidas com o objetivo de "fazer ciência", devendo analisar detalhadamente as características dos locais visitados. Com efeito, não se esperava desses agentes sociais apenas relatos de aventuras, mas sim, impressões organizadas a partir de uma metodologia específica de observação e coleta, utilizadas para a construção e hierarquização de um saber sobre o espaço natural e as sociedades humanas.[142]

A viagem de pesquisa com viés enciclopedista é percebida na narrativa de Darwin:

> [...] há o crescente prazer de estabelecer comparação entre o carater do cenário dos diferentes países, o que até certo ponto é distinto do fato de simplesmente admirar-se a sua beleza. Depende principalmente do conhecimento que possua relativamente às partes individuais de cada panorama: sinto-me fortemente inclinado a crer que, como na música, quem compreender cada uma das notas, se também possuir gosto próprio, haverá de apreciar melhor o efeito de conjunto.

[139] LEITE, Ilka B. Op., cit.
[140] OLIVEIRA FILHO, J. P. de. Op. cit.; SCHIAVINATTO, Iara Lins. Op. cit.
[141] ROUANET, Sergio P. O olhar iluminista. In: NOVAIS, Adauto (org.). *O Olhar.* São Paulo: Cia das Letras, 1997.
[142] GUIMARÃES, M. L. L. S. História e Natureza em Von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a Nação. *História, Ciências, Saúde*-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. VII, 389-410, jul.-out., 2000.

> Do mesmo modo, na contemplação de uma bela paisagem, quem examinar-lhe cada um dos detalhes poderá melhor entender o aspeto global dos efeitos combinados. Por conseguinte, o viajante deverá ser botânico, pois que em todos os quadros da natureza as plantas formam o principal embelezamento.[143]

Essas viagens aconteceram num momento em que estavam sendo delineadas novas relações entre a Europa e a América. Não havia mais espaço para a violência e a dominação explícita, que marcaram os primeiros séculos de colonização. Daí em diante, a supremacia européia passou a ser sustentada pelo poder de um saber científico. Nesse sentido, os valores universais de civilização desembocaram em novas formas de imperialismo.[144] No rastro dos filósofos da ilustração, os naturalistas desejavam um mundo menos cruel, de homens livres e cultos. "Propagar o Cristianismo, a Ciência e a Indústria para que o Outro também pudesse viver melhor", era a ideologia da missão civilizadora pretendida no decorrer do século XIX.[145]

No Brasil, as viagens científicas foram organizadas primordialmente por grupos estrangeiros, até mesmo porque não havia mão-de-obra especializada suficiente para formar equipes de pesquisadores capazes de realizar tais empreendimentos. O baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, formado pela Universidade de Coimbra, foi o primeiro súdito da Coroa portuguesa a chefiar uma viagem científica em território brasileiro, entre 1783-1791, tendo realizado estudos mineralógicos e botânicos.[146]

Posteriormente, durante o II Reinado, quando o país passou a participar mais efetivamente do processo de mundialização da ciência, o Estado brasileiro promoveu a viagem da *Imperial Comissão Científica de Exploração* ao Ceará, com o objetivo de averiguar a existência de minerais preciosos e analisar o problema das secas. A empreitada gerou muita polêmica, ficando conhecida como *a comissão das borboletas*, visto que se havia despendido significativa soma de dinheiro público em prol de poucos benefícios, pois não se achou nenhuma solução para a seca e tampouco foram encontrados valiosos minerais.[147]

A origem e a diversidade dos elementos naturais e das sociedades humanas se converteram em questão central para o pesquisador-viajante. Eles deveriam estabelecer uma conexão entre os diversos aspectos observados e articulá-los de modo a conferir-lhes um sentido. Tanto que um

---

[143]DARWIN, Charles. Op. cit., [19-], p.131.
[144]GUIMARÃES, M. L. L. S. Op. cit., 2000, p. 1.
[145]SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa: o papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Asia*, 23, 2000, p.96.
[146]FERREIRA, Alexandre R. *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias-antropologia.* Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1974.
[147]Sobre o tema, ver BRAGA, R. *História da Comissão Científica de Exploração.* Fortaleza: Imp. Univ. do Ceará, 1962.

dos objetivos centrais da pesquisa de Louis Agassiz era "provar que a teoria das transformações não repousa sobre fato algum".[148]

Segundo o casal Agassiz, a origem da vida era "o grande problema do dia. Como o mundo orgânico se tornou o que é? Eis uma questão sobre a qual devemos querer que a nossa viagem traga algum esclarecimento".[149] Como se vê, o naturalista esperava que a expedição gerasse novas informações sobre a origem das espécies, a fim de obter dados que pudessem refutar a teoria de Darwin.

> O primeiro ponto a esclarecer é este: que extensão abrangem no mundo as espécies distintas e qual é seu limite? Enquanto persistir uma dúvida sobre este ponto, todas as teorias sobre a origem das espécies, sobre sua fonte, suas transformações sucessivas, sua migração para fora de certos centros, serão outras tantas palavras vazias.[150]

As viagens científicas eram compostas de dois objetivos entrelaçados: o acadêmico e o político-econômico. Havia um interesse pessoal por parte do viajante e o institucional, vinculado ao Estado. O governo de origem do pesquisador incentivava e, por vezes, financiava a viagem com o intuito de fomentar o desenvolvimento científico nacional, mas também porque as expedições forneciam informações de suma importância sobre os recursos naturais exploráveis e as possibilidades comerciais dos lugares visitados. Mesmo após a Independência, as viagens de cunho científico ao Brasil continuaram sendo patrocinadas majoritariamente por capital estrangeiro. Em muitos casos, o próprio governo brasileiro as apoiava, mas normalmente não era o principal financiador.

Os naturalistas, mesmo quando vinham por conta própria, tinham algum grau de dependência em relação ao Estado brasileiro. Para Ilka Leite[151] havia um interesse por esse tipo de produção literária tanto por parte das instituições científicas quanto das classes dirigentes, representadas pelos órgãos oficiais do governo que financiavam ou, ao menos, intermediavam a empreitada através das relações diplomáticas entre os dois países. Observa-se o primeiro caso na viagem de Spix & Martius, patrocinada pelo Rei da Baviera, e o segundo caso pode ser constatado nas viagens do Conde de Suzannet e do Arquiduque Maximiliano.

Os viajantes, ao regressarem a seus países, tornavam-se mais valorizados, pois o saber adquirido durante a viagem, por meio das experiências vivenciadas e da observação *in loco*,

---

[148]AGASSIZ, Jean L.R. e Elizabeth C.A. Op. cit., p.35.
[149]Ibidem, p.23.
[150]Ibidem, p.24.
[151] LEITE, Ilka B. Op. cit., p. 62.

conferia-lhes prestígio, visto que a maioria dos intelectuais era teórico de gabinete e não tinha a oportunidade de realizar pesquisas de campo. Além disso, a viagem poderia ser um meio para o indivíduo ascender social e economicamente, através de gratificações e prêmios oferecidos por instituições acadêmicas e pelo Estado; cargos e títulos honoríficos em entidades científicas de renome; ou através da venda dos elementos naturais coletados durante a viagem, para colecionadores ou naturalistas que se encontrassem numa posição mais privilegiada. Tal fato demonstra que o objetivo desses deslocamentos, em muitos casos, não estava atrelado apenas a recompensas materiais, mas também simbólicas, que seriam auferidas após o retorno desses atores sociais a seus países de origem.[152]

Desse modo, ter a oportunidade de contemplar as paisagens dos trópicos e manter contato com outros povos era um fator de distinção, pois apenas um grupo de estrangeiros tinha a oportunidade de viajar para o exterior. Assim, os viajantes que estiveram no Brasil se destacavam socialmente, sendo que havia, mesmo entre eles, uma heterogeneidade que os hierarquizava subjetivamente, posto que esses sujeitos se distinguiam através de fatores como: sexo, profissão, nacionalidade, situação econômica e, no caso dos pesquisadores, agente financiador. Segundo Bourdieu "[...] nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas (ou o aspecto simbólico das ações) nada significam além delas mesmas: na verdade elas exprimem sempre a posição social segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a lógica da distinção".[153]

Agassiz, em um desabafo registrado em seu diário, reclamou do fato de os pesquisadores europeus, e suas respectivas obras, obterem maior prestígio que os demais no meio acadêmico.

> Há entre os nossos compatriotas uma tendência a submeter tudo que é obra científica ou literária ao julgamento da Europa, a só aceitar o homem quando ele obteve o sufrágio das sociedades sábias de além-mar. Um autor americano acha muitas vezes mais satisfação em publicar os seus trabalhos na Inglaterra do que na América. Na minha opinião, quem dirige a sua obra a um público estrangeiro rouba à sua pátria um capital intelectual a que ela tem direito. Publiquem-se os nossos resultados nos Estados Unidos, e deixe-se a Europa o cuidado de os descobrir se merecerem ser conhecidos. É com a condição de permanecer fiéis ao país na vida intelectual como na vida política que os senhores hão-de poder ser espíritos verdadeiros, retos e dignos de compreender a natureza.[154]

As ciências progrediam devido aos esforços dos múltiplos especialistas e intelectuais que pesquisavam, viajavam, difundiam conhecimentos, trocavam informações e materiais coletados,

---

[152] OLIVEIRA FILHO, João P. de. Op. cit., p. 121 e 122.
[153] BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: MICELI, Sergio (org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p.17.
[154] AGASSIZ, Jean L. R. e Elizabeth C.A. Op. cit., p. 41 e 42.

criando uma rede de relacionamentos que tinha sua base nos museus, academias, institutos históricos e geográficos, universidades e sociedades científicas.[155] Nessa perspectiva, os viajantes se apresentavam enquanto veículo de produção e divulgação de conhecimento. Com a criação das instituições e a valorização da pesquisa, o conhecimento para fins práticos foi sendo subdividido e os intelectuais começaram a especializar-se em campos delimitados.

Os relatos dos estrangeiros ajudaram a criar uma imagem de Brasil para os próprios brasileiros, através das descrições da constituição racial do povo e dos seus costumes, da geografia, do clima e da vegetação, já que nesse período o Brasil tinha uma realidade física e humana pouco estudada.

Os viajantes, que estavam relacionando-se com culturas diferentes da sua, (re)afirmavam-se diante do *outro*. Assim, elaboravam uma imagem da sociedade com a qual estavam entrando em contato ao mesmo tempo em que se conheciam melhor, (re)construindo sua própria identidade. A ciência, então em processo de afirmação, "tornava-se um território privilegiado" para a legitimação da supremacia européia em relação aos demais povos.[156]

Para os naturalistas, contribuir para o saber científico significava sentir-se agente do fomento do progresso e das condições de vida humana, além de estar na vanguarda de uma atividade. Agassiz, durante o percurso da viagem de navio que o trouxera dos Estados Unidos ao Brasil, promoveu palestras com o intuito de instruir sua equipe quanto às pesquisas que deveriam ser executadas e às metologias adequadas para esse fim. Ao debater sobre a geologia, ele observou que o grupo prestaria " importante serviço à ciência" pois, até então, possuía-se "poucas noções exatas sobre a geologia do Brasil".[157] Mais adiante, o naturalista deu mostras de sua inquietude diante das pesquisas a serem realizadas, uma vez que à investigação científica se atribuía um grande valor naquele momento, sendo-lhe até mesmo conferida o estatuto de verdade.

> À medida que as nossas palestras se vieram multiplicando, fui me sentindo menos seguro: isto é, fui verificando cada vez mais a dificuldade de preparar nosso trabalho sem estar familiarizados com a prática mesma das coisas. Mas é isso o que inevitavelmente espera quem quer que se lance à procura da verdade.[158]

Darwin ressaltou que esse tipo de viagem valia a pena por possibilitar o desenvolvimento do conhecimento e o avanço científico. "[...] É necessário olhar-se para uma colheita futura, não

---

[155]SCHIAVINATTO, Iara Lis. Imagens do Brasil: entre a natureza e a história. In: Novais, F e Jancsó (org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação.* São Paulo: Hucitec/Unijuí, 2003, p. 615.
[156]SILVEIRA, Renato da. Op. cit, p. 102.
[157]AGASSIZ, Jean L.R. e Elizabeth C.A. Op. cit., p. 27.
[158]Ibidem, p. 41.

importa quão distante possa estar, na qual se haverá de colher algum bom fruto, algum bom resultado".[159]

Maximiliano da Áustria também demonstrou seu encantamento pela ciência, observando com orgulho a atuação do botânico que o acompanhou, no Dique, em Salvador.

> A felicidade do nosso pequeno Botânico, neste mostruário do mundo tropical, era indescritível. Acontecia com ele, com seus conhecimentos, o mesmo que a todos nós, embevecidos, ao contemplarmos tal paraíso. Ele não sabia o que devia saudar e apanhar primeiro; atirava-se em todas as direções, arrancava e cortava de toda planta e, às vezes, desaparecia tão completamente na mata espessa que o mato auto se fechava como ondas sobre o pequeno homem. Em seguida, surgia, de novo, uma verde, exultando, como uma nova aquisição qualquer. Se imaginarmos que esse homem, durante toda sua vida, adorou, em exemplares de formas mirradas, todas essas plantas, guardando-as como jóia, que agora, de repente, se podiam embriagar nessa quantidade imensa, diante da exuberância da natureza e se regalar com aquilo que lhe era mais sagrado, compreenderemos que andasse por aí carregado como um ceifador que voltasse da ceifa nos Alpes, apesar do verão tropical [...] os bolsos escondiam sementes e frutos para todo um mundo futuro. Até o boné amarrotado, que já vira passar algumas tempestades na sua honrada cabeça, deveria servir de receptáculo para sementes tropicais. Considero dignificante tal entusiasmo pela ciência; é o primeiro passo para grandes êxitos.[160]

O Conde de Suzannet, quando atingiu o ponto culminante do planalto que separa Diamantina do Vale do Jequitinhonha, ressentiu-se "amargamente" por nunca ter estudado geologia, pois havia "em tôdas as montanhas do Brasil, coisas novas a descobrir, cheias de interêsse e de utilidade". Para ele, um viajante estranho às questões mineralógicas era obrigado a suportar as privações e o cansaço do trajeto "sem vantagem real".[161]

O olhar do viajante, mesmo daquele que não era naturalista, estava instrumentalizando-se, no intuito de melhor mapear o território e compreender seus fenômenos naturais e sociais. Portanto, o Brasil tornou-se local privilegiado enquanto campo de observação da natureza tropical e dos homens, despertando a atenção das principais nações do Ocidente, no decurso do século XIX.

---

[159]DARWIN, Charles. Op. cit., [19-], p. 130.
[160]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p. 107.
[161] SUZANNET, Conde de**.** Op. cit., p. 158.

CAPÍTULO 2. A BAHIA E SEUS ATRATIVOS NATURAIS E CULTURAIS

2.1 CONHECENDO A CIDADE

A cidade do Salvador - sede do governo colonial português até 1763, quando então foi substituída pelo Rio de Janeiro - está situada numa das extremidades da Baía de Todos os Santos. No entorno da baía ou em suas proximidades foram fundados os municípios de Nazaré, Maragojipe, Cachoeira, Santo Amaro e São Francisco do Conde, entre outros que compõem a região denominada Recôncavo Baiano, onde prosperou uma das mais importantes economias canavieiras das Américas.[162]

> A Bahia de Todos-os-Santos (Bay of all Santos) é uma das mais formosas do mundo; de águas mui profundas, se prolonga por umas 40 milhas e pode acolher todos os barcos do mundo. Cheia de ilhas, refugio de criação de baleias, apresenta um formoso porto em sua embocadura onde está edificada S. Salvador que nós chamamos Bahia.[163]

Figura 3: Vista da Cidade da Bahia em meados do século XIX.

[162]Sobre o Recôncavo e sua economia, ver ARAUJO, Tatiana Brito de. *Os engenhos centrais e a produção açucareira no Recôncavo Baiano.* Salvador: FIEB, 2002.
[163]ARNOLD, Samuel G. Op. cit., p. 5.

Uma das características de Salvador é a configuração acidentada do terreno onde foi construída, dividindo-a em Cidade Alta e Cidade Baixa. Nos oitocentos, a ligação entre os dois pontos se fazia por escadarias e principalmente por ladeiras, que os brancos costumavam subir e descer dentro de cadeirinhas de arruar carregadas por negros, já que era difícil fazer esse percurso até mesmo a cavalo. Nas estações chuvosas, a acessibilidade a diversos locais se tornava ainda mais complicada devido a freqüentes desabamentos e inundações. Com relação às cadeirinhas, os viajantes estrangeiros fizeram muitos comentários, a exemplo do que observou Green Arnold:

> A comunicação entre a cidade alta e a baixa se faz a cada extremo da última, de menor extensão, por uma pequena rua tortuosa e empinada. Nenhuma carruagem pode subir até esta colina. Utilizam-se cadeiras de mão que são mui cômodas; cerram-se-lhe um dossel cortinado que pode abrir e fechar a vontade. Dois negros a sustentam sôbre seus ombros. Vai a passo de caranguejo pois os carregadores não andam em linha. É uma forma luxuosa de transporte porém não se deve estar quieto sentado porque facilmente pode virar.[164]

O Conde de Suzannet percebeu que em Salvador "O calor é tão forte, que raramente é possível montar a cavalo durante o dia. O meio de transporte mais usado é a cadeira, uma espécie de poltrona coberta e protegida por cortinas, que é transportada nos ombros de dois escravos".[165]

A viajante Maria Graham, que também era desenhista, não só teve a oportunidade de se locomover através das cadeirinhas, como fez uma ilustração do meio de transporte mais usado na cidade.

> Chovia quando desembarcamos. Por isso, como as ruas que conduzem para fora da imunda cidade baixa não permitem o emprêgo de veículos de roda, em virtude da violência da subida, alugamos cadeiras e as achamos, se não agradáveis, ao menos cômodas. [...] Tudo é suspenso pelo alto por um único varal, pelo qual dois negros a carregam a passo rápido sôbre os ombros, mudando, de vez em quando, do direito para o esquerdo.[166]

Figura 4: Cadeirinha de arruar.

[164] Ibidem, p. 6.
[165] SUZANNET, Conde de. Op. cit., p.187.
[166] GRAHAM, Maria. Op. cit., p.145.

Conseguiu registrar com perspicácia a importância das cadeirinhas na vida urbana de Salvador, o missionário Kidder. Em relação a esse meio de locomoção, verificou que havia negros dedicados a transportar passageiros

> [...] numa espécie de 'sedan' a que chamam cadeira. Estafante para o branco e mesmo perigosa, é a escalada das escarpas abruptas que vão ter à cidade alta, principalmente quando os raios do sol escaldam-lhe a cabeça livremente. O transeunte não encontra ônibus, carro ou sege que o transporte. Condizente com êsse estado de cousas, acha porém, em tôdas as esquinas ou logradouros públicos, uma fila de cadeiras fechadas por cortinas, cujos portadores, de chapéu na mão, cercam avidamente os possíveis fregueses - sem a ousadia dos cocheiros de Nova York, é verdade - mas, perguntando com insistência: 'Quer cadeira, Senhor?' Depois de acomodar o passageiro numa dessas cadeiras, os portadores suspendem-na e põe-se em movimento, provavelmente tão satisfeitos por ter conseguido um passageiro quanto êste pela oportunidade de se deixar carregar. Na Baía, as famílias precisam manter uma ou duas cadeiras, com os respectivos negros, da mesma forma que em outros lugares se têm carruagens e animais. O fardamento dos portadores, a finura das cortinas e dos ornamentos da cadeira, indicam a nobreza e os recursos de cada família.[167]

Os primeiros transportes coletivos de Salvador, as gôndolas (grandes carruagens puxadas por animais) e os bondes puxados por burros, começaram a circular a partir da segunda metade do século. O valor das passagens era inacessível à maior parte da população, que continuava a se locomover a pé, enquanto os ricos seguiam dando preferência às cadeirinhas, que lhes protegiam do sol, das chuvas, eram mais baratas e faziam parte de um hábito arraigado na sociedade.[168]

No ano de 1873 foi inaugurado, pelo comerciante e comendador Antônio de Lacerda, o elevador Hidráulico da Conceição, posteriormente rebatizado de Elevador Lacerda, estabelecendo um novo elo entre os dois níveis da cidade. Para transportar cargas de um plano a outro também eram utilizados guindastes, que funcionaram do final do século XVI até, possivelmente, meados de 1870.

Depois, no ano de 1889, na freguesia da Sé, a fim de transportar pessoas e mercadorias, foi inaugurado o Plano Inclinado Gonçalves, no local do antigo guindaste dos Padres. O Plano tinha capacidade para levar 4 mil passageiros em duas horas, tornado-se uma importante alternativa de transporte popular. Um outro plano inclinado, o do Pilar, foi construído em finais dos oitocentos, onde séculos antes havia funcionado um dos primeiros guindastes de Salvador, na freguesia de Santo Antônio Além do Carmo. Em suma, ambos os planos inclinados foram importantes na

---

[167] KIDDER, Daniel P. Op. cit., p.9.

[168] SAMPAIO, Consuelo N. *50 anos de urbanização. Salvador da Bahia no século XIX*. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

dinamização do circuito comercial da cidade, beneficiando especialmente a população de baixa renda.[169]

Embora o transporte coletivo privilegiasse as áreas mais centrais, nas últimas décadas do século a circulação foi facilitada, havendo maior integração entre pontos mais longínquos. Em 1897, Salvador saiu na frente, sendo a segunda cidade brasileira - a primeira foi o Rio de Janeiro - a instalar uma linha de bondes elétricos, inovando no tocante aos transportes urbanos.[170]

Quanto à comunicação entre Salvador e o restante da Província, pode-se dizer que a rede viária era bastante deficiente e carecia de investimentos. Em geral, as mercadorias eram transportadas em lombo de burro, por meio de trilhas abertas pela marcha das boiadas. O intercâmbio com as cidades do interior ficava limitado, prejudicando as trocas comerciais entre as diversas regiões da Bahia.

Os transportes marítimos, caracterizados basicamente pela navegação de cabotagem praticada por uma população humilde, passaram, a partir da segunda metade do século, a sofrer concorrência da *Companhia de Navegação Baiana*. A empresa, sediada em Londres, utilizava embarcações a vapor e operava três linhas: a do Norte (Aracaju, Penedo e Maceió), a do Sul (Camamu, Ilhéus, Canavieiras, Porto Seguro e Colônia Leopoldina) e do Recôncavo (Santo Amaro, Cachoeira, Maragogipe, Nazaré, Valença e Caravelas).[171] A atuação dos transportes que ligava Salvador a outras localidades da Província foi mencionada por Avé-Lallemant:

> Linhas de vapôres entre Valença, Nazaré, Cachoeira, no Paraguaçu, e S. Amaro, no S. Francisco, ligam, semanalmente, muitas vêzes essas localidades com a metrópole dos negros - se não me levam a mal a expressão - transportando muita gente com pequena bagagem dum lado para outro, enquanto que barcas maiores levam consideráveis quantidades de produtos para a Bahia, de lá trazendo o necessário a essas cidades provinciais.[172]

Não obstante às tentativas de melhorar a comunicação com o interior, algumas regiões permaneciam afastadas da capital, de modo que passaram a se relacionar mais intensamente com outras Províncias. Em contrapartida, Salvador contava com uma boa comunicação com o litoral brasileiro e com terras estrangeiras, por via marítima.[173]

A cidade estava administrativamente dividida em dez freguesias urbanas. Cada uma delas encontrava-se ligada a sua igreja matriz, o que mostra a densa ligação existente entre política,

---

[169] Ibidem. A autora registra que a foto do Elevador Lacerda foi apresentada na Exposição Universal de 1889, em Paris.
[170] Ibidem.
[171] MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
[172] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.29.
[173] MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Op. cit., 1992.

Igreja e sociedade. O comércio se concentrava na Cidade Baixa, nas freguesias de Nossa Senhora do Pilar e sobretudo na de Nossa Senhora da Conceição da Praia, área do porto.[174]

Navios brasileiros e "de todas as nações" ancoravam na Praia, como constatou, admirado, Greene Arnold.[175] Canoas, lanchas, barcos a vela e saveiros que transportavam produtos do Recôncavo para a capital também eram constantes no local.

No tocante às relações internacionais estabelecidas na cidade, Maximiliano da Áustria verificou que não havia "[...] nenhum príncipe de Reuss-Greiz-Schleiz-Lobenstein, nenhum conde de Heusse, nenhuma república, por menor que seja, que não possua seu representante oficial na *Bahia de Todos os Santos"*.[176]

No porto da cidade, situado entre a Gamboa e a Jequitaia, eram realizadas intensas atividades comerciais com a Europa e outros continentes. Devido a sua posição geográfica, diversas embarcações atracavam aí apenas para serem reabastecidas ou reparadas. Com efeito, esse trânsito gerava uma população flutuante, que provocava transtornos na tumultuada região portuária.[177]

Próximo ao porto, uma gama de produtos destinados à exportação, como açúcar, algodão, fumo, cachaça, piaçava, azeite de baleia, café, cacau e couro, era armazenada nos trapiches. Por sua vez, importava-se grande variedade de mercadorias vinda da Europa, principalmente de Portugal e da Inglaterra: artigos industrializados, utensílios domésticos, perfumaria, instrumentos musicais, tecidos, porcelanas, calçados, vinho, manteiga, azeite doce, bacalhau, cerveja e farinha de trigo.

Em Salvador funcionava o maior mercado de escravos do Nordeste. Os negros recém-chegados da África eram alojados e expostos nas portas dos armazéns para serem vendidos, cena que deixou muitos estrangeiros transtornados, a exemplo de Maria Graham:

> [...] aí estão os mercados que parecem estar bem sortidos, especialmente de peixe. Aí fica também o mercado de escravos, cena que ainda não aprendi a ver sem vergonha e indignação. Adiante fica uma série de arcadas com lojas de ourives, joalheiros e de armarinhos e suas mercadorias miúdas; além, casas de melhor aparência; mas há falta de limpeza e dessa arte de fazer com que as coisas pareçam bem, que atraem o comprador na Inglaterra e na França.[178]

[174]NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *As dez freguesias na cidade do Salvador*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.
[175]ARNOLD, Samuel G. Op. cit., p.5.
[176]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit, p.79.
[177]SAMPAIO, Consuelo N. Op. cit.
[178]GRAHAM, Maria. Op. cit., p.150.

Situavam-se na Cidade Baixa dois grandes e diversificados mercados - destacando-se o de Santa Bárbara - onde se vendiam frutas, frutos do mar, pedras preciosas e animais, dentre outros itens. O passeio de Maximiliano por um "mercado de frutas" fora "muitíssimo gratificante". Descreveu-o de forma bastante viva, dizendo que "Para o viajante europeu, o mercado de frutas da Bahia tem uma importância realmente científica, como um rico mostruário dos produtos mais característicos da terra, reunidos num só local". Comparou-o ao bazar do Cairo, ao mercado de Gibraltar e ao de London Bridge, considerando que faltava ao mercado de Londres "aquela característica peculiar e exótica" encontrada no da Bahia.[179]

Aglomeravam-se nas ruas e no cais negras vendendo objetos africanos, tecidos e diversos tipos de alimentos, como peixes, frutas, bolos e mingaus. Muitas dessas mulheres estavam trabalhando para suas senhoras, das quais normalmente ganhavam uma pequena recompensa financeira. Com esse dinheiro, acumulado no decorrer de anos de trabalho, algumas delas conseguiram comprar sua carta de alforria.[180] De acordo com Mattoso, vender era o ofício mais exercido na Bahia dos oitocentos, havendo vendedores de status e níveis sociais diversos. O universo das vendas abarcava desde ambulantes e caixeiros-viajantes até corretores, leiloeiros e negociantes de grande porte.[181]

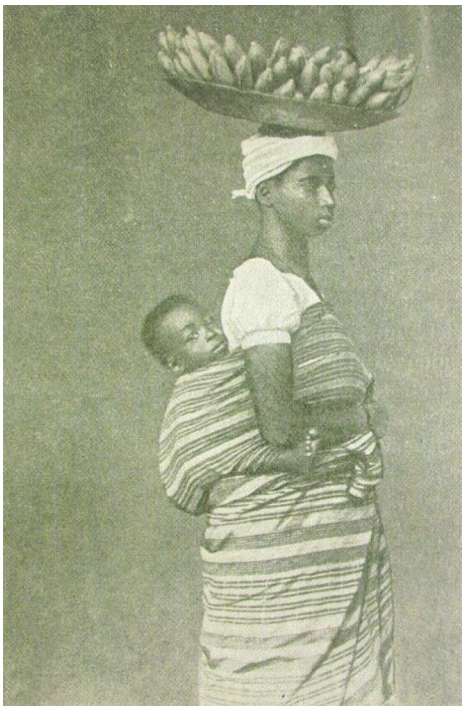


Figura 5: Foto de negra ganhadeira, por Therese da Baviera.

[179]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. Cit., p.138.
[180] SOARES, Cecília M. *Mulher Negra na Bahia no Século XIX*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1994.
[181]MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Op. cit, 1992.

Os barbeiros, santeiros, serralheiros, funileiros, trançadores de cestos, vendedores de água e outros tipos de trabalhadores também ofereciam seus serviços ao ar livre. Os barbeiros possuíam grande importância na Bahia, pois além de cortarem os cabelos dos clientes, eram músicos, dentistas e ajudavam a curar os enfermos aplicando-lhes sangrias e sanguessugas. Negros, escravos e libertos ficavam nos "cantos" - movimentadas praças e esquinas - de onde ofereciam seus serviços de carregadores de pesadas cargas ou de passageiros. Apesar do trabalho na rua normalmente ser bastante penoso, era algo almejado por muitos negros e mestiços, principalmente na localidade do porto, pois lhes dava certa autonomia e poderia significar um meio de alcançar a liberdade.[182]

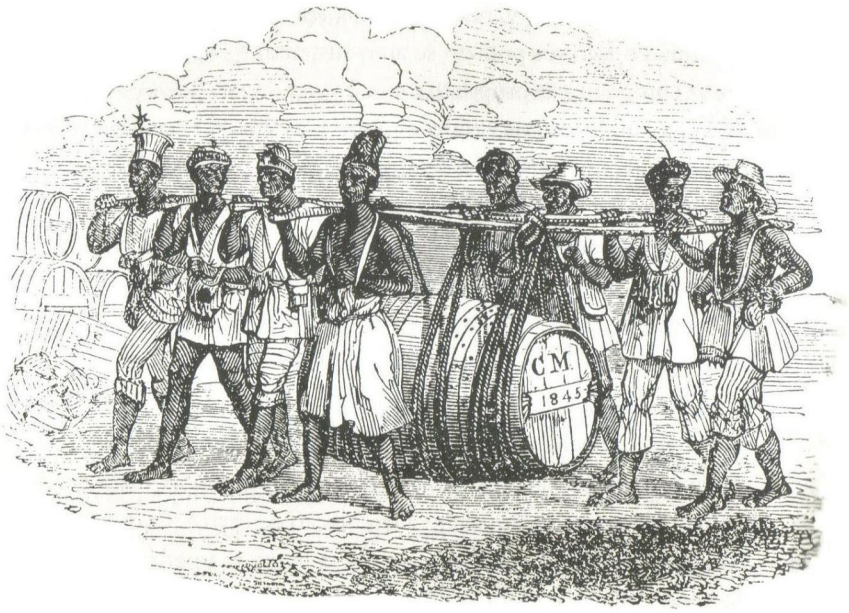


Figura 6: Negros carregadores.

"A cidade baixa é paralela à costa, com sobrados, tendas e bazares; a bolsa e o mercado estão ao lado do desembarcadouro com toda classe de frutas, pescado e carne para vender", informou Greene Arnold, atestando a intensa dinâmica comercial do local.[183] Kidder concluiu que "A cidade baixa não oferece atrativos para o estrangeiro", embora tenha registrado que as principais casas de comércio se situavam ao longo da rua da Praia e tenha elogiado a arquitetura do prédio onde ficava a Bolsa.[184]

[182]MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia:* a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo/Salvador: HUCITEC/Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
[183]ARNOLD, Samuel G. Op. cit, p.7.
[184]KIDDER, Daniel P. Op. cit, p.7. O prédio da Bolsa, construído em estilo neoclássico, encontrava-se onde atualmente funciona a Associação Comercial da Bahia.

Diferentemente de Kidder, o Conde de Suzannet considerou alguns prédios dignos de nota, sendo eles: a alfândega, o arsenal, os estaleiros da Marinha, a Bolsa e as igrejas de N. S. do Pilar e da Conceição. A beleza desta última também foi observada por Maria Graham e Avé-Lallemant.

A configuração e a sujeira da Cidade Baixa incomodaram sobremaneira Maria Graham, que afirmou ter sido este "o lugar mais sujo em que eu tenha estado",[185] descrevendo-o assim:

> Nos espaços que deixam livres, ao longo da parede, estão vendedores de frutas, de salsichas, de chouriços, de peixe frito, de azeite e doces, negros trançando chapéus ou tapetes, cadeiras (espécie de liteiras) com seus carregadores, cães, porcos e aves domésticas, sem separação nem distinção; e como a sarjeta corre no meio da rua, tudo ali se atira das diferentes lojas, bem como das janelas. Ali vivem e alimentam-se os animais. Nessa rua estão os armazéns e os escritórios dos comerciantes, tanto estrangeiros quanto nativos. As construções são altas, mas não tão belas nem tão arejadas como as de Pernambuco.[186]

Além das casas comerciais, nas freguesias do Pilar e da Conceição da Praia havia sobrados residenciais habitados por famílias de comerciantes, caixeiros portugueses e seus respectivos escravos. Residiam no Pilar famílias abastadas que enriqueceram devido aos bons negócios feitos no ramo da exportação e importação. Em ambas as freguesias havia casas de afortunados e pobres, fato que ocorria em todo o perímetro urbano da cidade.[187]

Os odores, a insalubridade, o descuido das ruas e vias públicas, a irregularidade e estreiteza das calçadas e a presença dos escravos eram aspectos da Cidade Baixa que despertavam a atenção e causavam repulsa nos viajantes. Greene Arnold, na companhia de seu amigo Edmett, visitou bazares da região e reclamou da qualidade do ar, situação que só melhorou quando retornaram para a Cidade Alta, local em que era um "prazer" respirar, diferentemente da Cidade Baixa, onde "o calor sufocante e os maus vapores" quase mataram Edmett.[188]

Além de reparar que a Cidade Baixa era o centro comercial, o Conde de Suzannet também notou que na rua "estreita e comprida que corre ao longo da praia", respirava-se "os odores mais nauseabundos".[189] A repugnância causada nos visitantes não afetava os moradores, nem mesmo os estrangeiros radicados na capital. Afinal, os viajantes e os residentes possuíam mentalidades, sensibilidades e percepções olfativas distintas.

---

[185]GRAHAM, Maria. Op.cit., p.145.
[186]Ibidem, p.145.
[187]REIS, João J. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
[188]ARNOLD, Samuel G. Op. cit., p. 5.
[189]SUZANNET, Conde de**.** Op. cit., 183.

Em contrapartida, a Cidade Alta era considerada elegante, limpa e tranqüila, local onde era possível observar belas casas, carruagens e pessoas bem vestidas. Tratava-se de uma região residencial, apesar de ter pequenas lojas. A maioria dos habitantes de Salvador residia nessa área, sendo a freguesia da Sé o centro político, administrativo e eclesiástico. "A cidade alta é muito grande, o logar atraente, o ar fresco e delicioso; as casas são de pedra rebocada de três andares, ruas bem pavimentadas, mas bem estreitas; algumas praças pequenas e grande quantidade de igrejas", foi a impressão de Greene Arnold.[190]

Referiu-se a essa região, de forma bastante elogiosa, o Conde de Suzannet:

> A cidade alta, que se alcança subindo uma rampa íngreme, é menos freqüentada do que a cidade baixa mas, o conjunto das construções é de uma arquitetura nobre e regular, embora um pouco pesada, e merece a atenção do viajante. A Bahia é a sede do arcebispado metropolitano do Brasil. Há belos edifícios que relembram a antiga opulência: o teatro, o palácio do presidente e algumas igrejas. A maravilhosa vista da baia que se descortina do alto em que está situada a cidade completa a paisagem de maneira feliz. Os inúmeros conventos demonstram a importância religiosa da Bahia.[191]

Ao sair da Cidade Baixa e chegar na Praça do Teatro, Maximiliano verificou que

> Os prédios tornam-se mais elegantes, mais lisboetas. E já se vêem algumas fachadas, como na praia do Tejo, revestidas com azulejos. Diante das casas, onde há espaço, encontram-se pequenos terraços, nos quais algumas plantas, como roseiras e camélias, se apresentam muito graciosas, em vasos de barro, como galho de flor sobre um bolo confeitado de glacê. A Praça do Teatro é surpreendente.[192]

Ao contrário da maioria dos viajantes, Avé-Lallemant não teve uma primeira impressão favorável acerca da Cidade Alta, talvez por ainda estar atormentado com a profusão de pessoas, sons e formas encontrada na Cidade Baixa. "Em cima, no alto, para o interior, a cidade alta, continuação alcantilada da cidade baixa, uma babel de casas, igrejas, conventos, um caos de vielas, praças, recantos, becos e travessas, que sobem e descem, e em cuja conexão, só depois dalgum tempo, pode o recém-chegado descobrir alguma ordem".[193] Posteriormente, mudou de opinião, julgando que a cidade "se dissolve num aristocrático cenário teatral dum Campo Grande e duma Vitória", corroborando com os demais visitantes quanto ao aspecto do lugar.[194]

---

[190]ARNOLD, Samuel G. Op. cit., p. 7.
[191]SUZANNET, Conde de. Op. cit., p.183.
[192]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.87-88.
[193] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.20.
[194]Ibidem, p. 27.

Na praça do Palácio estavam situados o Palácio do Governo, a Câmara Municipal e a cadeia, o Tribunal da Relação[195] e a Casa da Moeda[196]. Muito próxima à Câmara, ao norte, ficava a Santa Casa da Misericórdia, composta pela igreja, pela sede desta irmandade e por um hospital. Ao seu lado foi construída a Catedral e, mais adiante, no Terreiro de Jesus, estava a Igreja dos Jesuítas (tornada Catedral Basílica), vizinha à Escola Médico-Cirúrgica. Descendo a rua direita do Palácio, chegava-se ao largo do Teatro São João, inaugurado em 1812, no governo do Conde dos Arcos. Essas edificações eram sempre mencionadas pelos viajantes.

Da plataforma do Elevador Lacerda, na praça do Palácio, Therese da Baviera admirou a "maravilhosa" vista da baía, lembrando-se do golfo de Nápoles.[197] Por seu turno, Kidder, acompanhado pelo cônsul norte americano Sr. Foster, visitou o Palácio do Governo, o antigo colégio dos jesuítas e a igreja da Nossa Senhora da Conceição. Também conheceu as capelas dos Conventos de São Bento e de São Francisco, opinando que "A do primeiro é tão completamente destituída de ornatos quão profusa e extravagante se apresenta a do último".[198] O pastor Kidder dedicou praticamente um capítulo do seu relato para tratar de assuntos religiosos, discorrendo sobre a organização religiosa da arquidiocese e referindo-se a todos os conventos da cidade.

Os visitantes estavam sempre atentos aos aspectos arquitetônicos das edificações, especialmente das religiosas, sendo que as igrejas e conventos também chamavam a atenção pela grande quantidade. Avé-Lallemant fez alusão a algumas igrejas, expressando-se da seguinte maneira:

> Achei realmente notável a igreja dos jesuítas no Terreiro, a Igreja do Colégio. Aí o mármore sobe até à abóbada; a igreja é suntuosa, embora não obedeça ao mais rigoroso estilo eclesiástico. Quase não lhe é inferior a pequena igreja de Nossa Senhora da Praia. E assim se aglomeram as igrejas uma após outra, muitas sem importância, merecedoras outras, em alto grau, de serem vistas e verdadeiramente admiráveis.[199]

Quanto à estética das construções urbanas, a presença de bonitos chafarizes foi citada por muitos estrangeiros. "Êsse gosto original pela arquitetura ainda hoje continua evidente na Bahia, tendo tido mesmo desenvolvimento progressivo. Basta, para prová-lo recordar aqui as belas fontes novas que se encontram na Bahia", escreveu Avé-Lallemant durante sua segunda estada em Salvador. Maravilhou-se, em especial, com a fonte situada no Terreiro, exclamando ser "a

---

[195] Demolido em 1860, sendo mais tarde construída no local a plataforma do elevador Lacerda.
[196] Segundo SAMPAIO, Consuelo N. Op. cit, p.69, a instituição não operava desde 1834 e no terceiro quartel do século, o prédio já havia sido demolido.
[197] PRINZESSIN VON BAYERN, Therese. Op. cit, p. 233.
[198] KIDDER, Daniel P. Op. cit., p.11.
[199] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.23.

obra-prima mais perfeita", "cuja aquisição faz honra à cidade". Opinava que no Rio de Janeiro deveria haver fontes semelhantes e que "jovens artistas poderiam fazer aí muitos estudos, e os baianos deviam ir até as fontes para verem algo nobre e educarem seu senso de beleza".[200]

Ao reparar nas construções, Maximiliano não deixou de notar as "numerosas fontes de ferro do novo aqueduto - muito bonitas, as bicas em forma de crocodilos, peixes e crianças..." e "o novo e grande chafariz de ferro", localizado no Terreiro.[201] Por sua vez, sem nenhum grau de entusiasmo, Kidder assinalou, duas décadas antes, que "Aqui e acolá encontram-se chafarizes antigos talhados em pedra e instalados em vales mais ou menos profundos, para captar as águas de algum riacho que desce saltitando pelas encostas. Não existe, porém, nenhum aqueduto de vulto".[202]

O serviço de água em Salvador, realizado pela Companhia do Queimado a partir de 1857, era bastante precário, havendo constantes problemas de abastecimento. Na tentativa de amenizar essa situação, a instalação de chafarizes se multiplicou ao longo do século, mas ainda assim persistia a carência de água encanada.

No tocante à infra-estrutura urbana, toda a cidade sofria com a má pavimentação das ruas, com a ausência de saneamento básico e com a precariedade da iluminação. Em 1829, foram instalados lampiões alimentados por óleo de baleia, mas que não geravam uma boa iluminação. A situação só melhorou a partir da década de 1850, quando lampiões a gás foram colocados em diversos pontos. De qualquer modo, era necessário ter coragem para sair de casa após o findar do dia, visto que as ruas ficavam muito escuras.[203]

Na cidade, os barões, viscondes, donos de engenhos e ricos comerciantes viviam nos solares e luxuosos sobrados e os cônsules estrangeiros alugavam casas arborizadas, nos arredores. Os lojistas, os pequeno-burgueses e os artesãos possuíam humildes habitações; os soldados mulatos e os negros livres se alojavam em casebres, casas velhas assobradadas ou habitavam os andares inferiores dos sobrados que abrigavam as famílias brancas. A localização e o tipo de residência onde se morava designava a posição social da família.[204]

Nas casas das famílias afortunadas havia grande quantidade de móveis e utensílios luxuosos, como cadeiras e poltronas de jacarandá, camas com baldaquins, lençóis de linho da Bretanha e serviços de mesa em porcelana da China. Porém, contrastando com o luxo existente

---

[200]Ibidem, p.23.
[201]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.134.
[202]KIDDER, Daniel P. Op. cit., p.9.
[203]SAMPAIO, Consuelo N. Op. cit.
[204]VERGER, Pierre. *Notícias da Bahia – 1850.* Salvador: Corrupio, 1999.

nessas habitações, faltava em quase todas as residências certa comodidade. A ausência de infra-estrutura básica e os hábitos culturais do povo em nada contribuíam para um melhor asseio da cidade. Conforme Sampaio, a maior parte da população jogava lixo doméstico nas ruas e nos quintais. Não raro os excrementos eram enrolados e lançados ao ar livre.[205]

Na Bahia antiga havia um nítido contraste entre os problemas urbanos - atrelados à pobreza da maioria dos habitantes - e a preocupação de aparentar riqueza material e prestígio. Mattoso assinala que todas as camadas sociais prezavam certa ostentação.[206] Esse fator talvez explique, em parte, o gosto pelos artefatos luxuosos vindos da Europa, mesmo que em terras tropicais estes nem sempre tivessem muita funcionalidade.

Nas freguesias do centro – Sé, Passo, Santo Antônio Além do Carmo, Santana, São Pedro -, foram construídas simples residências, levantadas em terrenos foreiros, habitadas por famílias negras e pobres. Essas pessoas, aos poucos, começaram a afugentar os vizinhos com melhores condições econômicas, especialmente para a Vitória, uma elegante periferia, situada ao sul da cidade, e que passou a ser mais habitada a partir de 1830. Maximiliano registrou que a Vitória lhe havia cativado "decisivamente" ao fazê-lo recordar a região de Claremont, na Inglaterra.[207] Kidder relatou o quanto era aprazível, aos olhos dos viajantes, o panorama observado da Vitória.

> Na verdade, poucas cidades podem apresentar uma visão de conjunto de maior beleza que a Baía, a quem observar de uma certa distância, do mar. Mesmo o Rio de Janeiro dificilmente lhe pode ser comparado. A capital do Império excede a Baia pela infinita variedade de seus lindos subúrbios; todavia, não conseguiríamos apontar lugar algum que rivalizasse com o que na Baia chamam o Morro da Vitória.[...] na Baia, porém, as vantagens parecem-se concentrar tôdas num único bairro, de modo a não deixar dúvidas, ao estrangeiro, quanto à escolha da localização de sua residência. No Morro da Vitória encontram-se os mais belos jardins da Baía, as mais encantadoras alamedas e as mais vastas extensões de sombra. Aí se acham também, as melhores casas, o melhor clima, a melhor água e a melhor sociedade.Muito contribuem para o aspecto romântico do local e para o interêsse histórico as extensas muralhas de dois velhos fortes.[208]

Até mesmo D. Pedro II, quando esteve na Bahia, em 1859, entusiasmou-se com o lugar, relatando em seu diário de viagem: "O caminho para a Graça, desde o Campo da Vitória é muito

---

[205]SAMPAIO, Consuelo N. Op. cit.
[206]MATTOSO, Kátia M. de Queirós. A opulência na província da Bahia. In: ALENCASTRO, Luiz F. de (org.). *História da vida privada no Brasil 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
[207]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.112.
[208]KIDDER, Daniel P. Op. cit., p.37-38.

bonito por causa das belas chácaras com lindos edifícios, principalmente de estrangeiros, que dão a êste bairro o aspecto das Laranjeiras, no Rio de Janeiro".[209]

Os indivíduos dos estratos superiores, por vezes, freqüentavam as alamedas do Passeio Público, uma área de lazer localizada na entrada da Vitória, muito visitada pelos estrangeiros. Quanto ao local, Kidder registrou:

> Êsse logradouro está situado no ponto mais amplo e mais alto da cidade. De um lado avista-se o mar, de outro a baía, e apenas uma leve grade de ferro protege o público à borda do enorme precipício que circunda o Passeio. Quanto à ventilação, nem as baterias de Nova York lhe podem ser comparadas, e a soberba eminência sobre a qual se assenta o Passeio Público dá-lhe indiscutível superioridade sôbre aquela paragem norte-americana. O sítio destinado às baterias, nos Estados Unidos, é mais amplo e disposto com mais gôsto. Todavia, a riqueza do arvoredo e das flores do Passeio Público da Baía compensa fartamente as falhas que possa ter nos pontos acima referidos.[210]

Ao elogiar as casas e jardins "na extremidade sul da cidade alta, na chamada Vitória", Avé-Lallemant assinalou ser "encantador" morar nesse lugar e que não se podia "ter vizinhança mais agradável do que o seu 'Passeio Público'."[211] Também fez referência ao Passeio o arquiduque Maximiliano, escrevendo que "Entre a Vittória e as casas da cidade encontra-se, num terraço elevado, como que sustentado pelas copas das árvores situadas abaixo, o célebre *Passeo público*, com seu obelisco e suas estátuas de mármore luzidio, sob gigantescas árvores."[212]

Fora do centro da cidade, juntamente com o Passeio Público, o Dique - lagoa cercada por uma diversificada vegetação tropical - foi um dos pontos mais visitados. "Parques maravilhosos foram construídos com algum sacrifício da topografia em redor dêle", reinando "ali a Natureza indômita", escreveu Avé-Lallemant.[213] Maximiliano fez largas descrições sobre o Dique, como pode ser observado no capítulo 1. "Passeei a cavalo com o Sr. Dance e o Sr. Ricken pelas margens do dique, decididamente a mais bela paisagem dêste belo país", relatou Maria Graham.[214] Os baianos costumavam organizar piqueniques no local, como também o faziam na Vitória. Não sem razão, o escritor oitocentista Xavier Marques utilizou este cenário para ambientar o piquenique da família Boto, no seu romance *O Feiticeiro*.[215]

Em relação ao quadro sócio-econômico de Salvador, é digno de nota que o tráfico de africanos era um negócio altamente lucrativo para os baianos e estrangeiros envolvidos nesse

[209]PEDRO II, Imperador do Brasil. Op. cit., p.55.
[210]KIDDER, Daniel P. Op. cit., p.34.
[211]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.24.
[212]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.71.
[213]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.26.
[214]GRAHAM, Maria. Op. cit. p.156.
[215]MARQUES, Xavier. *O feiticeiro.* 3. ed. São Paulo: GRD, 1975.

comércio. A atividade negreira acelerou-se em fins do século XVIII, continuando a crescer até 1830, acompanhando o desenvolvimento da economia açucareira. Avaliava-se em cerca de sete mil a média anual de escravos importados nas primeiras décadas dos oitocentos, oriundos principalmente do golfo do Benim, embora houvesse escravos trazidos de Angola, Benguela e outras regiões situadas ao sul da África. Muitos deles eram traficados para outras cidades, não permanecendo na Bahia.[216]

Na primeira metade do século XIX, Salvador era o segundo centro urbano mais importante do Brasil, estando atrás apenas do Rio de Janeiro. Os negros e mestiços representavam aproximadamente 72% da população.[217] Mattoso estima que entre 1810 e 1870 o número de habitantes da cidade tenha oscilado entre 50 mil e 100 mil e, na última década, no ano de 1890, estaria em torno de 145 mil habitantes. A maior parte da população de Salvador era muito pobre, a maioria composta de escravos. A riqueza estava concentrada nas mãos de poucos, entre eles, muitos estrangeiros.[218]

Os senhores de engenho formavam o grupo mais poderoso da capital e do Recôncavo. Eles constituíam os representantes do poder, tanto pelo domínio econômico quanto político, pois muitos ocupavam cargos governamentais, sendo vereadores, deputados e presidentes de província. Mas esses personagens não estavam sós no topo da pirâmide hierárquica social. Os grandes negociantes, os principais funcionários do Estado e da Igreja e os militares de alto escalão os acompanhavam. Abaixo, encontravam-se os funcionários intermediários do Estado e da Igreja, oficiais militares, proprietários rurais de pequeno e médio porte, profissionais liberais, comerciantes, artesãos qualificados, agiotas e remediados que viviam do aluguel de imóveis e de escravos. Enquadravam-se no terceiro grupo os funcionários públicos menores, soldados, profissionais liberais de pouco prestígio, taverneiros, artesãos, quitandeiros, pescadores e vendedores ambulantes. O nível mais baixo da pirâmide estava representado pelos escravos, mendigos e *vadios,* ou seja, os grupos que deveriam ser constantemente vigiados e reprimidos.[219] Cabe mencionar que embora fosse difícil conseguir ascender socialmente na Bahia dos oitocentos, a mobilidade social era possível.

Após a independência do Brasil a economia açucareira entrou em decadência, havendo uma queda nos preços do açúcar no mercado internacional, devido à concorrência com a produção

[216] REIS, João J. Op. cit., 1999.
[217] Ibidem, p.34.
[218] MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Op. cit., 1992.
[218]REIS, João J. Op. cit., 1999.
[219] Estratificação social proposta por MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Op. cit., 1992, p.596-597.

cubana e ao fato de o açúcar de beterraba ter passado a ser muito utilizado na Europa. As produções do fumo e do algodão também declinaram; a primeira, por conta da proibição do tráfico de escravos e; a segunda, devido a problemas de locomoção, visto que o algodão era plantado no interior da província e a insuficiência de estradas e ferrovias dificultava e encarecia seu transporte, deixando-o em desvantagem frente ao algodão norte-americano.

Em 1830, a produção nos engenhos ainda foi acometida por uma epidemia que atingiu o gado baiano, resultando na diminuição do número de animais de tração nos engenhos e na redução da oferta de carne. Após a proibição inglesa ao comércio atlântico de africanos, os engenhos passaram a sofrer com a escassez de mão-de-obra escrava e, nesse período, os agricultores baianos ainda começaram a competir com as províncias do Centro-Sul, cuja produção cafeeira florescia e liderava as exportações. Entretanto, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, a atividade canavieira conseguiu manter bons níveis de produção nos anos de crise.[220]

De acordo com João Reis, durante todo o século o povo mostrou-se bastante inquieto e rebelde. Um número significativo de conspirações e levantes escravos aconteceu tanto na capital quanto no Recôncavo, sendo o período de 1807 a 1835 conhecido pelas inúmeras sublevações. Freqüentemente as revoltas eram organizadas por escravos africanos, ligados a africanos libertos. A insubordinação era uma preocupação constante das autoridades e dos senhores, intensificando-se após a Independência, juntamente com outros movimentos sociais, como as lutas pela Independência da Bahia (1822-23), as Revoltas Federalistas (1831-32) e a Sabinada (1837-38).[221]

Para piorar a situação, em 1830, um surto de varíola castigou os baianos e, em 1837, ocorreram muitas mortes resultantes da epidemia de rubéola. Nos anos de 1850, a epidemia de febre amarela, seguida pela de cólera-morbo, também fez muitas vítimas. Além desses percalços, as secas ocorridas no interior da Província, em 1824-25 e entre 1830-33, afetaram o abastecimento de gêneros alimentícios e acarretaram na migração de um grande contingente de famílias que fugiram para Salvador e vilas do Recôncavo, fato que se repetiu na seca de 1878. É evidente que os indivíduos mais pobres sofriam de forma mais drástica com os problemas existentes. Como afirma Reis, "a distribuição desigual da mortalidade refletia a desigualdade social de Salvador".[222]

---

[220]REIS, João J. *Rebelião Escrava no Brasil:* a história do levante dos malês em 1835. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
[221]Ibidem.
[222]REIS, João J. Op. cit., 1999, p.37. ; MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Op. cit., 1992.

Assim, as mudanças ocorridas devido à entrada de pessoas, mercadorias e empresas estrangeiras e ao início do processo de urbanização estimularam novos hábitos de consumo e alteraram, paulatinamente, o ritmo de vida dos baianos. Contudo, não representaram significativas alterações na estrutura social, de modo que os problemas decorrentes da alta concentração de renda e das profundas desigualdades sociais continuaram a dar o tom dessa movimentada e colorida cidade.

2.2 EXCURSÕES PELOS ARRABALDES E PELO INTERIOR DA PROVÍNCIA

A partir de 1847, a Família Imperial começou a veranear assiduamente em Petrópolis, em decorrência dos problemas urbanísticos e sanitários do Rio de Janeiro, acometido por surtos de cólera, febre amarela e varíola.[223] Além de gozar do clima ameno da serra, D. Pedro II queria construir uma cidade que simbolizasse o regime monárquico e, por conseguinte, sua imagem.

As famílias mais abastadas do Rio de Janeiro, a fim de fugir das epidemias, mas também em busca de ócio, diversão e prestígio, seguiam os passos do monarca e veraneavam nas montanhas. Petrópolis passou a receber diversas pessoas, desde as que já faziam parte do convívio do Imperador, até as que pleiteavam ingressar na sua teia de relacionamentos. Havia os que se contentavam em apenas conhecer pessoalmente o seu palácio - inaugurado por volta de 1855 - ou visitar os locais freqüentados pela Família Real. A alta sociedade carioca construía palacetes ou alugava casas durante o verão, influenciada pelos novos hábitos da Corte.[224]

Para atender a essa demanda, foram construídos na cidade diversos alojamentos e centros privados de lazer, como hotéis, restaurantes, teatros, bilhares e casas de banho. O viajante francês Charles Ribeyrolles contabilizou, em 1859, ano em que esteve na *cidade de Pedro*, a existência de 6 hotéis, 5 botequins e 19 bilhares. [225]

Além de veranear em Petrópolis, a população do Rio de Janeiro costumava passear nas cercanias da capital, em bairros como São Cristóvão, Botafogo e Tijuca, sendo que para a alta

---

[223]ALENCASTRO, Luiz F. de. Vida privada e ordem privada no Império. In: _____. (org.). *História da vida privada no Brasil 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
[224]SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2004, p.243.
[225]O publicista veio ao Brasil em 1858 e, as vésperas de regressar para seu país, em 1861, faleceu no Rio de Janeiro, vítima da febre amarela. RIBEYROLLES, Charles de. *Brasil pitoresco*: história, descrições, viagens, colonização, instituições. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980, p. 275.

sociedade era de "bom-tom" morar nos arrabaldes, conforme escreveu no seu diário Elizabeth Agassiz.[226]

Em Salvador, a população seguia essa mesma tendência e acorria para os arredores da cidade no verão, a fim de escapar das doenças e da rotina citadina. O cronista Manuel Querino registrou que os baianos passavam as festas de final de ano nos arredores ou à beira mar, quando "trocava-se o bulício da cidade pela solidão campezina".[227] Segundo o autor, o Bonfim destacava-se como arrabalde predileto, possivelmente por ser o de mais fácil acesso, posto que "havia as gôndolas de três seções e os pequenos vapores da Companhia Baiana" que faziam o trajeto.

O missionário Kidder realizou uma excursão ao Bonfim, onde chegou de saveiro, e notou que durante as festas de Natal e de Ano Novo, assim como no decorrer da estação estival, o bairro se tornava

> [...] o ponto preferido por todos. Há então grande procura de casas e até as mais humildes ficam atulhadas de gente da cidade que prazeirosamente abandona suas residências para mudar de ares e gozar das delícias de uma casa de campo, condições essas que encontram reunidas à distância de três a seis quilômetros apenas.[228]

O religioso se deslumbrou com a beleza da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, descrevendo-a como "de estilo moderno" e de "um bom gosto bastante fora do comum".[229]

Alguns anos antes, Maria Graham também passou pelo Bonfim com a finalidade de chegar no convento da Soledade, localizado "na mais longínqua extremidade da cidade".[230] No local, ela comprou flores artificiais, feitas de penas de aves brasileiras, trabalho que considerou digno de admiração, apesar dos preços elevados. Entretanto, ela não fez referência à Igreja.

Esteve no Bonfim por ocasião da festa que se realiza em sua igreja na segunda quinta-feira após o Dia dos Reis, o príncipe Maximiliano da Áustria. Para conduzi-lo ao evento, um conterrâneo seu, que residia na cidade, mandou fabricar uma carruagem dourada, estilo rococó, considerada pelo nobre "um luxo extravagante", sentindo-se constrangido perante "a multidão curiosa da Bahia".[231] Na praça e em volta da igreja, observou

> [...] um movimento confuso de feira. Negros nos mais coloridos e berrantes trajes de festa empurravam-se a corriam, com barulho e gritos estridentes. Carruagens com Senhoras em romaria ou carregando gente curiosa da cidade

[226]AGASSIZ, Jean L. R. e Elizabeth C. A. Op. cit., p.67.
[227]QUERINO, Manuel. Op. cit., p.196.
[228]KIDDER, Daniel P. Op. cit., p.52.
[229] Ibidem, p. 52.
[230]GRAHAM, Maria. Op. cit., p.157.
[231]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.124.

> procuravam dirigir-se para o terraço da igreja, através da maré humana, como barcos em ondas impetuosas.[232]

Continuou referindo-se ao festejo como ocasião ideal para melhor estudar "a carne humana negra" e "os trajes dos negros".[233] O nobre foi "tomado por um arrepio de indignação" quando percebeu que em meio à desordenada festa popular, o padre celebrava a missa "tranqüilamente" e que "A sala de dança grande, alegre e animada, era um templo brasileiro, e o povo tagarela eram cristãos batizados, assim chamados católicos, que assistiam à missa."[234] O autor acreditava que "para um católico respeitável, todo esse alvoroço deve parecer blasfêmia, pois nessa festa popular dos negros, misturavam-se, mais do que o permitido, resquícios do paganismo na assim chamada romaria."[235] Após deixar a "louca bacanal" ele apreciou a vista "da grande e extensa metrópole mercantil" do ponto mais elevado da península.[236]

Por conta do ambiente descontraído no qual se desenrolava a cerimônia, do entrelaçamento entre o profano e o sagrado, o visitante não conseguia distinguir o culto cristão da festa popular, supondo que o sentimento religioso não era a principal motivação dos fiéis. Cabe ressaltar que o catolicismo praticado pelos baianos floresceu dentro de uma sociedade com influências culturais variadas e era expresso de forma espetacularizada.

Na Península de Itapagipe - onde se situa o Bonfim - havia diversos quilombos e terreiros de candomblé, em conseqüência da sua numerosa população negra e localização fronteiriça. Ali ocorriam cerimônias religiosas de matriz africana e freqüentes revoltas, o que a tornava uma área de conflito, significativa na dinâmica sócio-cultural da capital baiana.[237]

Os viajantes concordavam entre si e com a população da cidade no que tange à beleza, à salubridade do ar e ao clima do Bonfim, considerado muito agradável! Nem mesmo D. Pedro II deixou de observar que havia "muitos estabelecimentos que visitar e quarteirões inteiros de belas casas de 4 andares para o lado do Bonfim."[238] Comentou ainda que da igreja gozava-se de uma vista "soberba" e recordou que seu avô, D. João VI, gostava de passar as tardes em Boa Vista, no caminho do Bonfim para Montserrat.[239] Até o final do século, ia-se ao arrabalde por terra, num

---

[232]Ibidem, p.128.
[233]Ibidem, p. 130.
[234]Ibidem, p. 131.
[235]Ibidem, p.129.
[236]Ibidem, p. 132.
[237]REIS, João J. Op. cit., 1999.
[238]PEDRO II, Imperador do Brasil. Op. cit., p.48.
[239]Ibidem, p.151.

demorado trajeto, ou por via marítima. No entanto, por volta da década de 80, já existia um serviço regular de bonde para o local.[240]

Acompanhado por Mr. Paker, capelão da colônia anglo-americana de Salvador, Kidder passeou a cavalo pelos arredores da cidade, durante o qual pôde visitar algumas "curiosidades". Primeiramente, ele se dirigiu ao cemitério do Campo Santo, que despertou sua atenção quando soube do levante popular que o havia depredado, acontecimento que comenta no diário.[241] Posteriormente, o religioso foi ao Rio Vermelho, sendo o percurso "lindamente ornamentado de coqueiros e outras árvores e arbustos indígenas".[242] Também aproveitou a ocasião para ver a captura de uma baleia, o que considerou um "acontecimento notável na Baía" e para visitar um estabelecimento ligado à sua pesca.[243] Ainda nessa freguesia, passou por uma casa que no verão era ocupada pela família do seu amigo, certificando que o Rio Vermelho também era escolhido como local de veraneio.

O médico alemão Friedrich Aschenfeldt, alguns anos depois de Kidder, em 1848, referiu-se à estrada que o levou ao Rio Vermelho como a melhor dos arredores de Salvador. Observou a ausência de alojamentos e locais destinados a servir refeições, computando apenas uma venda onde se podia comprar bebidas, torradas e queijo, o que considerou insuficiente para satisfazer a quantidade de pessoas que convergiam para o local em função das festas religiosas.[244] No ano de 1859, foi Avé-Lallemant quem excursionou por essa freguesia, onde admirou a riqueza da vegetação e observou as "bonitas e alegres casas".[245]

Também empreendeu "um passeio sumamente compensador" ao Rio Vermelho, a princesa Therese da Baviera. A ilustre visitante, em 1888, pôde fazer o trajeto de *tramway*, enquanto os viajantes que estiveram no local em períodos anteriores tiveram que percorrer o caminho a cavalo. Contudo, segundo a descrição de Therese, o novo meio de transporte não eliminara totalmente as dificuldades encontradas no itinerário.

> O bonde volteia penosamente pelos caminhos abertos como brechas no mato, passando por vales generosamente arborizados, por barrancos estreitos e encantadores, cobertos completamente pela vegetação, e bosques inteiros de palmeiras elevam ao céu seu leque de folhas.[246]

---

[240]AUGEL, Moema P. Op. cit., 1980, p.168.
[241]Sobre o tema, ver REIS, João J. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
[242]KIDDER, Daniel P. Op cit., p. 10.
[243]Ibidem, p.11.
[244]AUGEL, Moema P. Op. cit., 1980, p. 170.
[245]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.28.
[246]PRINZESSIN VON BAYERN, Therese. Op. cit., p.234.

O Rio Vermelho, assim como Itapuã e Barra, a despeito das grandes fazendas e sítios localizados na região, eram povoados por famílias que viviam da pesca (inclusive de baleia), do cultivo de frutas, legumes e da venda de produtos artesanais. A Barra também se destacava por abrigar casas de veraneio pertencentes à alta sociedade baiana.

Alguns visitantes excursionaram pelos Barris, por São Lázaro e pelo Garcia. O casal Agassiz "depois de três dias passados com meio enjôo, num navio mal tratado e sobrecarregado de gente", ao chegar a Salvador, acomodou-se "em arejada casa de campo", possivelmente localizada na fazenda do Garcia, propriedade de Antônio de Lacerda. Elizabeth Agassiz elogiou a boa hospitalidade, "a mais graciosa de todas, na qual os hóspedes e visitantes se libertam mutuamente de cerimônias a fazer e receber", e referiu-se ao apoio que seus companheiros de viagem receberam tanto de Lacerda, "amador apaixonado da história natural", como de Nicolai, pastor residente da Igreja Anglicana, "que os acompanhou em suas excursões e os levou a visitar tudo que, nas redondezas, fosse digno de interesse".[247]

Havia ainda outros arrabaldes, como Matatu e Cabula, não mencionados por nenhum dos estrangeiros pesquisados. Muitos deles restringiam suas visitas a áreas mais centrais, o que posteriormente se convencionou chamar de *city tour*. Os que se arriscavam a excursionar pelos arredores e pontos longínquos da cidade, optavam por locais considerados belos e pitorescos.

A ilha de Itaparica também foi uma localidade visitada por muitos estrangeiros. Acompanhada pelo cônsul britânico, Sr. Pennel, sua filha e alguns amigos, Maria Graham excursionou pela ilha, tendo a viagem de barco durado pouco menos de duas horas. Ela descreveu a vila de Itaparica e suas principais culturas, opinando não haver nada de notável no local, com exceção da fertilidade do solo. No retorno a Salvador, a tripulação passou entre os rochedos onde o capitão donatário Francisco Pereira Coutinho havia naufragado e sido capturado por nativos, fato histórico que mereceu o comentário da autora.[248]

Kidder não perdeu a oportunidade de visitar algumas ilhas situadas na Baía de Todos os Santos. O percurso foi feito por um pequeno navio que transportava em torno de cem passageiros, de diversas nacionalidades. O autor verificou que cada viajante levava o seu farnel, sugerindo que não havia comércio alimentício, fixo ou ambulante, no interior do transporte.

[247]AGASSIZ, Jean L. R. e Elizabeth C. A. Op. cit., p. 93.
[248]GRAHAM, Maria. Op. cit., p.158.

Após desembarcar e passear pelas ruas de Itaparica, partiu para Bom Jesus, localizada ao sul da Ilha dos Frades, mas permaneceu na embarcação. Em seguida, passou por outras ilhas e vilarejos que lhe pareceram "extraordinariamente pitorescos".[249]

Também visitou "a grande, interessante e pouco conhecida ilha de Itaparica" o arquiduque Maximiliano. O viajante e sua comitiva alugaram um vapor para fazer o traslado e para o respectivo passeio levaram espingardas, facões, latas para guardar as plantas coletadas, redes para borboletas, caixas para besouros e gêneros alimentícios "para fortalecer o estômago e molhar a garganta".[250]

Apesar de ter considerado a vila de Itaparica deserta e "a verdadeira imagem da indolência brasileira", ao contrário de Maria Graham, achou o local interessante devido à exuberância da natureza. Para o autor, se a ilha fosse bem cultivada, já que possuía um solo muito fértil, transformar-se-ia num "pequeno reino".[251] O problema dessa e das demais localidades do Brasil, segundo sua ótica, era a falta de proprietários e de braços para cultivar a terra.

Ao sair de Itaparica rumou em direção ao rio Paraguaçu, com destino à fazenda Engenho Novo, situada no Recôncavo, de propriedade do Sr. Tomás Pedreira Geremoabo. No trajeto, refletiu acerca de sua existência, afirmando que "Em um tal rio não se pode ficar alegre nem loquaz. O pequeno Eu emudece ante a grandiosidade da natureza, e mal se pode evitar um sentimento de abandono".[252] Mesmo a beleza e a tranqüilidade transmitidas pela paisagem não podem, por si só, aplacar as angústias do homem. A felicidade sentida em torno da realização de uma aguardada viagem, muitas vezes, é acompanhada de ansiedade e aflição, provocadas pelo isolamento geográfico e cultural, pela solidão sentida em alguns momentos e decepção em torno das expectativas construídas.

Ao anoitecer, já abrigado na fazenda, novamente Maximiliano refletiu sobre a dimensão da natureza e do lugar ocupado pelo homem, mostrando-se angustiado e saudosista em relação à sua pátria e aos seus.

> Até onde a vista alcançava, até onde o ouvido conseguia perceber o som distante, não se podia pressentir nenhum bater de coração, nenhum calor humano. E, mais uma vez, o sentimento doce e assustador da imensa solidão apoderou-se de mim, aquela sensação sonhadora de estar perdido no paraíso da mais exuberante natureza. Ante tão magníficos espetáculos da natureza, indescritivelmente belos, nunca teria suspeitado em mim essa saudade nostálgica da pátria, essa necessidade de aconchego. Isso deu-me a chave para a

[249]KIDDER, Daniel P. Op. cit., p.37.
[250]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.151 e 152.
[251]Ibidem, p.160.
[252]Ibidem, p. 186.

> compreensão dos sentimentos daqueles que se cansaram da América e, no entanto, hoje era apenas o terceiro dia de minha estada num continente que o vasto oceano separa da nossa velha Europa. [253]

Acompanhado pelo senador e conselheiro de Estado Francisco Gonçalves Martins, Avé-Lallemant visitou os canaviais de propriedade de seu anfitrião, nas cercanias de Santo Amaro e à margem do São Francisco. Durante o trajeto, realizado pelo vapor D. Pedro II, ele notou que a Baía de Todos os Santos apresentava-se maior que a Baía do Rio de Janeiro e que as ilhas pelas quais passavam eram "romanticamente belas".[254]

No engenho de Francisco Gonçalves, o visitante reparou em todo o processo de fabricação do açúcar e observou os negros trabalharem, horrorizando-se com o fato de labutarem até mesmo no domingo, "o dia do Senhor, no qual Êle descansou", e temeu que os imigrantes alemães recebessem o mesmo tratamento dado aos escravos.[255]

De volta a Salvador, a bordo do vapor que o transportava, avistou fazendas senhoriais, algumas muito imponentes. Opinou que quem "olha com olhos europeus para esses palácios de verão dos nababos baianos, só pode sentir profunda indignação, vendo uma longa fila de estrebarias escuras, que não são para os animais, e sim para os negros, a escravatura".[256] Antes de chegar à capital baiana, passou pela ilha de Itaparica, mas não desembarcou.

De passagem pelo Paraguaçu, devido à nomenclatura do rio, Avé-Lallemant recordou a história do naufrágio de Caramuru e do romance entre ele e a índia Paraguaçu, explicando-o ao leitor. Quanto ao panorama observado do rio, registrou: "Dificilmente se pode ver mais encantador quadro tropical. Eu cria ver realizados diante dele meus sonhos de criança, de matas de palmeiras e paisagens tranqüilas no Sul encantado".[257]

Reportou-se à cidade de Cachoeira como de grande importância para a economia baiana, afirmando que a mesma merecia ser visitada por todos os viajantes. Esteve em São Felix, onde foi muito bem recepcionado pelo suíço Lucas Jessler, em cuja residência participou de uma reunião dançante para festejar o domingo e teve a oportunidade de conhecer pessoas simples, mas honradas e sinceras. Impressionou-se com o fluxo comercial das duas vilas e com a "extraordinariamente grande" fabricação de charutos, relatando que "só na serraria do velho Lucas Jessler fabricam-se diariamente 7.000 a 8.000 caixas de charutos, que vão ser utilizadas

[253]Ibidem, p.194.
[254]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.31.
[255]Ibidem, p.34.
[256]Ibidem, p.42.
[257]Ibidem, p.57.

exclusivamente para o acondicionamento de charutos fabricados em S. Félix, Cachoeira, a vizinha Muritiba e outras localidades da redondeza".[258]

No regresso à cidade da Bahia, chocou-se com a "algazarra" encontrada no vapor, que estava superlotado "de gente de tôdas as categorias" e ainda embarcava cabras, carneiros e muares. Insatisfeito com o desconforto da embarcação e com a demora da chegada, indignou-se ainda mais com os hábitos dos passageiros de fumar e cuspir.

> Do primeiro tem-se na Alemanha uma perfeita idéia e sôbre êle devo portanto calar; do último, porém, não se tem nenhuma noção; dêle preciso falar. Onde dois ou três brasileiros ou portuguêses estão juntos ou sentados, um ao lado do outro, em amigável conversa, começam, sobretudo quando têm os charutos na bôca a cuspir um diante do outro, de maneira a não se poder compreender onde vão buscar tôda aquela saliva. Se estão muito juntos - falo naturalmente de gente sem educação - encontram-se pouco tempo depois literalmente dentro dum círculo de espuma, algo como as larvas do *Cercopis Spumaria* nos nossos campos. [...] Quando porém, se está com êles num recinto apertado, esse hábito torna-se realmente insuportável. Detestava-o particularmente a bordo dos vapôres. Quando o mar se agitava um pouco mais, muitas vêzes escorreguei nos passeios, nessas cobertas cheias de cuspo; e antes de alguém quebrar o pescoço e as pernas, escorregando nesse rio de saliva, não se procurará corrigir o abuso.[259]

Situação parecida foi experimentada pelo Conde de Suzannet durante sua viagem, com duração de dois dias, de Salvador a Maceió. Entusiasmado para conhecer as cidades marítimas mais freqüentadas pelos estrangeiros, "de fisionomia curiosa e picante", passou por alguns percalços a bordo, dizendo não haver "Nada mais sujo nem mais maltratado do que um navio brasileiro", onde "os porcos passeiam livremente na parte da frente do tombadilho e, na parte de trás, os perus e galinhas andam à vontade."[260] Além dos perigos e obstáculos enfrentados na viagem transatlântica, freqüentemente os viajantes se deparavam com situações desagradáveis nos deslocamentos internos. Tinham que se conformar com serviços de transportes precários, que não atendiam as suas exigências, e tolerar hábitos diferentes dos seus. Como possuíam uma estrutura emocional e um padrão de repugnância diferente dos demais passageiros, freqüentemente se irritavam com as condições de viagem.

De volta a Salvador, Avé-Lallemant não tardou em excursionar novamente por outras localidades da Província e dirigiu-se a Camamu. Em seguida, esteve em Rio das Contas; Ilhéus, onde permaneceu por um dia; Canavieiras; em uma fazenda às margens do Rio Pardo; Belmonte; Porto Seguro; Caravelas e Mucuri.

---

[258] Ibidem, p.63.
[259] Ibidem, p. 65.
[260] SUZANNET, Conde de. Op. cit., p.197.

Referiu-se à vila de Ilhéus como "velha, pequena, mesquinha", constatando que "muito pouco há ali realmente que ver".[261] Na verdade, o médico se decepcionou com a simplicidade das habitações, a maioria de taipa e cobertas de folhas de coqueiros. Não conseguia compreender como uma povoação que já existia há 300 anos havia alcançado "tão pequeno progresso e se tenha feito tão pouco pelo asseio e aspecto local".[262]

Mas, o viajante se reconciliou com a paisagem ao deslumbrar-se com o

> [...] maravilhoso panorama de Ilhéus, por sôbre o mar e a terra, um cenário da profunda paz dos palmeirais, à beira do oceano, no seu eterno sussurrar. Se um pintor transporta-se fielmente para a tela êsse quadro tropical, admirariam certamente sua capacidade de imaginação, seu modo de reproduzi-lo, mas duvidariam fortemente da realidade dessa cena da Natureza.[263]

Em contrapartida, ele considerou as casas da vila de Porto Seguro bonitas e os navios de bom aspecto. Verificou que a localidade era mais importante economicamente que Canavieiras e Belmonte. Quanto a Caravelas, expressou-se positivamente, constatando que ali havia "uma verdadeira embora pequena cidade".[264] Acreditava que Caravelas poderia florescer rapidamente caso tivesse uma alfândega, para poder negociar diretamente com o mercado exterior, e não sofresse com a insalubridade, segundo ele, decorrente dos manguezais da região.

Embora não tenha visitado a Colônia Leopoldina, composta de imigrantes suíço-alemães, situada às margens do rio Peruípe, na comarca de Caravelas, registrou algumas informações sobre o local e mostrou-se satisfeito com os bons resultados da empresa. Porém, a despeito da prosperidade noticiada, o cronista criticou o uso de braços escravos na lavoura e o fato de o café ser a única cultura produzida.[265]

Seguiu viagem, por via fluvial, até o rio Mucuri[266], onde visitou um núcleo de colonização alemã. Prestou serviços médicos aos colonos e, horrorizado com as condições de vida, teceu contundentes críticas aos agentes envolvidos na pratica da imigração para o Brasil, sobretudo ao mineiro Teófilo Ottoni, diretor da colônia.[267]

Ao contrário do ocorrido com Avé-Lallemant, o arquiduque Maximiliano entrou em contato com alguns imigrantes alemães da Colônia Leopoldina e verificou, indignado, que as crianças

---

[261]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.70.
[262]Ibidem, p.71.
[263]Ibidem, p.72.
[264]Ibidem, p.149.
[265]Ibidem, p.151.
[266]Rio brasileiro que banha os estados da Bahia, de Minas Gerais e do Espírito Santo.
[267]Ibidem, p.163.

não sabiam falar alemão e que as condições de vida dos agricultores não eram boas, "sendo eles a encarnação da melancolia".[268]

Além de excursionar por Itaparica e conhecer o rio Paraguaçú, Maximiliano da Áustria esteve por duas vezes no Recôncavo Baiano, aproveitando uma das ocasiões para conhecer São Francisco do Conde. Também esteve em Ilhéus, onde permaneceu por sete dias e pôde, finalmente, conhecer a "mata virgem". Referiu-se à cidade como "uma aldeia", "um lugar abandonado por Deus e pelo mundo".[269] Descreveu as habitações como "um amontoado de casas", que se pareciam com as de Itaparica e lembravam "casinhas de madeira de um brinquedo de crianças".[270] Tanto Maximiliano quanto Avé-lallemant, ao observarem a arquitetura habitacional de Itaparica e Ilhéus não se preocuparam com a funcionalidade das construções e com o *modus vivendus* dos moradores, frustrando-se ao procurarem apenas o deleite estético.

Nas redondezas de Ilhéus, o visitante foi de canoa até a fazenda Vitória, de propriedade do Barão Ferdinand von Steiger-Mumssingen, que o recepcionou e hospedou. Juntamente com sua comitiva e guiado pelo imigrante suábio Heinrich Berbet, conhecedor da selva da região, o arquiduque passeou pelos arredores da fazenda e pela floresta. Com efeito, ele havia atravessado o atlântico justamente para "enfrentar aventuras verdadeiras e inevitáveis", a fim de "captar as selvagens e sublimes impressões do mato, às custas de canseiras e adversidades".[271]

Na mata, conheceu tribos indígenas de botocudos e pataxós, além de ter se encontrado, por acaso, com um temido escravo fugido. Encarou o fato de ter pernoitado na mata como "a aventura em pleno viço" e descreveu o momento como "extremamente romântico".[272] Atormentado por carrapatos "exóticos", que lhe despertaram ojeriza, e preocupado com a falta de provisões alimentícias, o príncipe aventureiro resolveu retornar à fazenda com sua comitiva. Considerou a excursão muito válida, posto que na ocasião foi possível colher significativa quantidade de exemplares vegetais. O pintor Selleny, que o acompanhava, traçou "geniais esboços" e, acima de tudo, ele teve a oportunidade de penetrar a selva e realizar seu sonho de juventude.[273]

De todo modo, não obstante as aventuras que viveu na capital e no interior da Bahia, o viajante sentiu a necessidade de entregar-se ao prazer do ócio:

---

[268]Apud AUGEL, Moema P. *A visita de Maximiliano da Austria a Ilhéus.* Salvador: CEB, 1981, p.18.
[269]Ibidem, p.12.
[270]Ibidem, p.13.
[271]Ibidem, p.15.
[272]Ibidem, p.20.
[273]Ibidem, p.20.

> Em viagens, e mesmo no novo Continente, sob o sol tropical e no limiar da mata virgem, precisa-se, como turista, ter dias livres, em meio ao mais fervoroso cumprimento dos deveres, apesar da grande ânsia de descobrir e de saber, - dias em que nenhum específico objetivo que exija esforços é fixado - e que são dedicados à uma volta pela cidade e pela natureza, os assim chamados dias perdidos, quando se empreende toda a espécie de coisas insignificantes: encomendas, compras, passeios não planejados. Muitas vezes, nesse descanso, vê-se mais do que numa apressada *Steeple chase*, quando se persegue, aos trancos e barrancos, apenas uma idéia pré-estabelecida.[274]

A princesa Therese da Baviera também enfrentou alguns obstáculos e escapou do roteiro padrão da maioria dos visitantes, saindo de Salvador e seus arrabaldes mais afamados. Ela esteve no Recôncavo, onde conheceu a cidade de Santo Amaro. Porém, seu passeio foi prejudicado por uma tempestade, ocorrência que a impossibilitou de visitar muitos lugares e ver coisas novas.[275]

Praticamente todos os viajantes pesquisados realizaram passeios pela cidade da Bahia e seus arredores. Alguns ainda excursionaram por sítios do interior. Os roteiros nem sempre eram parecidos, pois, enquanto alguns percorriam o Recôncavo, outros desbravavam cidades e vilas do sul, em direção a outras Províncias.

De qualquer forma, alguns pontos de atração coincidiam, como as construções religiosas, a Vitória e o Dique, localizados em Salvador. Dentre os arrabaldes de maior destaque, encontravam-se o Bonfim e o Rio Vermelho. Fora da capital, Itaparica e Ilhéus ganhavam a preferência dos visitantes. Assim, esses personagens criavam itinerários de passeios e divertimentos, valorizados principalmente por outros viajantes que compartilhavam desses referenciais em comum.

2.3 O COMPONENTE HUMANO COMO ATRATIVO

Os viajantes do século XIX, cientistas ou não, geralmente escreviam a respeito das diferenças geográficas e sócio-culturais das localidades visitadas e do cotidiano dos que aqui viviam. Costumavam descrever tudo o que consideravam exótico e pitoresco, sendo as características dos índios, a vida dos escravos e as relações inter-raciais alguns dos assuntos mais comentados.

Durante todo o século, os negros foram considerados *diferentes* devido a sua procedência, cor da pele, caracteres fenotípicos e culturais. Acreditava-se que eles eram inferiores, idéia

[274] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit. p. 200.
[275] PRINZESSIN VON BAYERM, Therese. Op. cit., p.227.

dominante na época. De acordo com Schwarcz[276], as teorias raciais eram priorizadas na análise dos problemas locais. A interpretação pessimista, que via o Brasil como atrasado em função da sua composição étnica e racial, era bastante difundida tanto internamente quanto no exterior. Diante de tal contexto, muitos visitantes se incomodavam com o fato de os negros participarem do dia-a-dia das cidades, ficando evidente a mescla de curiosidade e repulsa que permeava os sentimentos desses estrangeiros.

O Conde de Suzannet, durante sua estada na Bahia, chocou-se com a "imoralidade de tôdas as classes" que, segundo ele, "possibilitou o cruzamento das raças e destruiu todos os preconceitos de casta".[277] Analisou a população brasileira, explicando que era

> [...] composta de diversas raças: I – Os portuguêses da Europa, naturalizados brasileiros; II – Os portuguêses crioulos, nascidos no Brasil, ou brasileiros propriamente ditos; III – Os mestiços de brancos e negros, ou mulatos; IV – Os mestiços de branco e índios, ou cabras; V – Os negros da África; VI – Os índios que se dividem em diversas tribos.[278]

Por fim, concluiu que "a situação moral desta sociedade, entregue às paixões e aos instintos selvagens, é verdadeiramente aflitiva".[279]

Mesmo portador de uma visão eurocêntrica, vale ressaltar que o Conde não deixou de perceber a relevância da educação formal para o desenvolvimento do país. "Melhorar a instrução deveria ser o primeiro passo para entrar num caminho melhor. Mas êsse passo não foi dado. A maioria dos brasileiros cursa apenas a escola primária."[280]

Apesar de a maioria dos viajantes depreciar as características físicas dos negros, na Bahia, Suzannet considerou a população negra "robusta e ativa", impressionando-se com "a beleza das negras que se vêem voltando das fontes situadas fora da cidade, com o cântaro elegantemente colocado à cabeça". Notou "nos negros da Bahia tôdas as características de uma raça trabalhadora e inteligente",[281] contrariando as teorias raciais vigentes, que concediam aos negros apenas características negativas.

Após ter observado os tipos urbanos da cidade e, provavelmente, tido notícias de algumas rebeliões escravas ocorridas na Província, Greene Arnold constatou:

---

[276]SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.* São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.14. A autora mostra que tais teorias, bastante difundidas na Europa, chegaram ao Brasil tardiamente, em finais do século XIX.
[277]SUZANNET, Conde de**.** Op. cit., p.43.
[278]Ibidem, p.43.
[279]Ibidem, p.43.
[280]Ibidem, p.44.
[281]Ibidem, p.184.

> Os negros da Bahia são de uma raça superior, de grande tamanho e força, a maior parte são escravos e alguns são libertos [...] É uma raça, mental tanto como fisicamente, superior a todas dos demais negros do Brasil. Hão sublevado repetidas vezes e em uma ocasião dominaram a cidade alguns dias contra o govêrno.[282]

Enquanto observava os negros que transportavam cargas para a Cidade Alta, Avé-Lallemant comentou:

> [...] quase não se pode ver mais soberba figura de homem que as dêsses negros da Bahia, sobretudo os Minas, tão comuns ali... Apertados uns contra os outros, sob o varal, êsses homens côr de azeviche formam o mais admirável grupo atlético que se possa ver. Põem-se em marcha aos gritos e com certo entusiasmo bélico. O suor escorre-lhes pelo corpo nu, retesam-se todos os músculos, salientes, bojudos; as partes carnudas das espáduas e a parte superior do braço são muitas vêzes idealmente belas; Miguel Ângelo não as teria esculpido mais perfeitas no mármore. E, contudo, nesse tão belo desenvolvimento de músculos, nada de exagerado. Nada me fêz lembrar, quando admirava êsses negros Minas, um Hércules de Neméia, apoiado na sua clava; tudo, ao contrário, me lembrava um Aquiles e o pugilista Polideuces.[283]

Admirou-se também com a beleza das mulheres negras Minas, associando sua imagem à sensualidade.

> As mulheres negras da Bahia parecem mais bonitas que os negros. Como tais, já se tornaram realmente famosas. E de fato quase não se pode encontrar em outra parte maior riqueza de formas que entre as negras Minas da Bahia.[...] Entre as negras Minas moças da Bahia vêem-se ou adivinham-se formas admiráveis. Além disso, têm tôdas porte soberbo, ombros bem inclinados para trás, de maneira que o peito se salienta fazendo os pomos parecerem muito mais desenvolvidos. Nesse porte exagerado há, sem dúvida, uma espécie de provocação[...] Movem, inquietas, os ombros e os braços e têm um modo peculiar de balançar os quadris[...] Há muitas negras Minas livres na Bahia, e estas, ao que parece, têm perfeita consciência dos seus escuros encantos. Não notei nenhuma negra vestida à européia, o que, na verdade, a teria transformado em macaca.[284]

Contudo, após deleitar-se ante a observação de homens e mulheres Minas, o autor se retratou, apresentado esse quadro como a face obscura da cidade. “Essas múltiplas figuras de negros, modificando-se e movimentando-se misturadas, é que dão à cidade êsse tom africano e constituem, por certo, o seu lado sombrio, o seu lado escuro.”[285]

De acordo com o arquiduque Maximiliano, em geral, os negros nada possuíam de atrativo e belo, mas nem por isso deixaram de ser objeto de apreciação:

---

[282]ARNOLD, Greene S. Op. cit., p. 6.
[283] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.20-21.
[284] Ibidem, p.21-22.
[285] Ibidem, p.22.

> No muro do jardim, ao longo do passeio, mulheres negras, de cócoras, vendiam frutas. Um grupo bastante interessante para o recém-chegado, no qual todos os tamanhos, idades e proporções estavam representados, através dos exemplares mais originais.[286]

Ao avistar uma jovem negra vestida com uma indumentária tipicamente africana - saia de chita, bata branca, xale colorido, turbante e contas de vidro - encantou-se com admirável figura e disse que em se tratando de negras com tal aspecto, "o coquetismo era possível".[287]

Essas características ambivalentes concedidas aos negros, ora positivas ora negativas, situavam-se num jogo de representações que se movimenta e se modifica a depender das circunstâncias e do lugar de quem as constroem. Joffe[288] diz que o *outro* não-europeu é visto de forma depreciada, mas também se torna desejável porque desafia os valores centrais da sociedade eurocêntrica, significando uma ameaça a suas normas. Nesse sentido, as populações negras ou indígenas, ao mostrarem a existência de outras crenças e valores, mais associados à emoção e a espiritualidade, despertavam repulsa, mas também fascínio e, até mesmo, inveja.[289] No caso da negra brasileira, a ênfase era ainda maior devido a sua condição de mulher, historicamente carregada de simbolismos, relacionados à degradação e ao desejo.

Figura 7: Negra baiana.

[286]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.81.
[287]Ibidem, p.82.
[288]A autora ressalta que conceder ao outro características negativas e ao mesmo tempo vê-lo como atraente é comum também em culturas não-hegemônicas. JOFFE, Hélène. Degradação, desejos e "o outro". In: ARRUDA, Ângela (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.110.
[289]Vale lembrar que nem sempre os viajantes faziam distinções entre os negros, criando generalizações e passando a impressão de que independente da procedência, condição econômica e hierarquia entre africanos e crioulos, eles compartilhavam os mesmos espaços e códigos. Esse tipo de omissão também ocorria em relação às descrições dos povos indígenas.

As manifestações populares, tanto de caráter religioso como cívico, também constituíam momentos privilegiados para a observação do povo, conforme relatou Avé-Lallemant em relação ao corteja da igreja da Nossa Senhora da Conceição da Praia:

> O templo ostentava todo o brilho do nobre material de sua ornamentação, as variegadas pinturas do seu teto, a profusa iluminação do seu altar-mor, junto ao qual tôda a agitação daquela gente que ia e vinha, sobretudo negros, causava a mais singular impressão. Por isso a pequena procissão pareceu também uma pantomima sem ordem, e as meninas fantasiadas no cortejo, que deviam representar anjos e a Santa Virgem, lembravam fantoches de bailado ou dançarinas de corda.[290]

Continuou descrevendo "a gente de côr" que fervilhava "diante da igreja e das ruas adjacentes", reparando atentamente no vestuário feminino:

> E é genuinamente africano um rico colar de corais, com enfeites de ouro, em volta do pescoço negro dessas mulheres. Muitas trazem grossas correntes de ouro ornando-lhes o colo. Vi uma com o antebraço coberto até o cotovelo de braceletes articulados. Parece-me, todavia, que os maiores cuidados da *toilette* consistem no enrolar em forma de turbante em volta da cabeça a muito bordada faixa branca, na camisa finamente bordada e na fímbria da saia rodada e franzida. Meias, pareceu-me que nenhuma usava com as leves chinelinhas, como se tivessem estudado a coqueteria da nudez de gracioso pé feminino.[291]

Era difícil para os visitantes observarem as festas católicas sob o aspecto religioso. Eles criticavam a organização e a estrutura dos rituais, influenciados por uma perspectiva mais ortodoxa do catolicismo romano e, principalmente, por uma visão protestante. Nesse sentido, os eventos perdiam sua função religiosa e passavam a ser contemplados como um espetáculo, uma curiosidade local.

Na celebração ocorrida em Salvador, no dia 2 de dezembro, em homenagem ao aniversário de D. Pedro II, Avé-Lallemant se ateve à apresentação das tropas das forças armadas, acreditando que apesar de terem a melhor das intenções, só podiam mover-se "muito lentamente, com muita dificuldade e tinham quase que se empurrar", devido ao calor, a estreiteza e irregularidade das ruas. Fixou sua atenção no "péssimo calçado, velho e esburacado" da milícia baiana, opinando que como expressão de devotamento eles deveriam "comprar um par de sapatos novos ou mandar remendar e engraxar os velhos".[292] O visitante decepcionou-se e não conseguiu compreender

[290] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.45.
[291] Ibidem, p.46.
[292] Ibidem, p.45.

como representantes das forças armadas do país não possuíam uma indumentária em boas condições de uso.

Durante a Regência, em festa realizada no Passeio Público de Salvador, com o objetivo de também comemorar o aniversário do Imperador, Kidder escreveu que a circunstância era recomendável "aos olhos dos que por várias vezes se chocaram ante a incompreensível mescla de solenidade e ridículo que muita gente julga essencial à 'pompa e ao esplendor' das festas da igreja".[293] No evento, o religioso encontrou

> Ótima ocasião para divagações filosóficas sobre a natureza humana. Da infância irriquieta à velhice provecta, tôdas as idades, tôdas as classes e todos os caracteres encontravam-se alí representados. O soldado e o burguês, o comendador, o milionário e o escravo, todos unidos, irmanados pelo mesmo regozijo.[294]

Em outra ocasião, enquanto passeava pela cidade, Kidder discorreu o seguinte comentário:

> Vêem-se chusmas de negros altos, atléticos, aos pares ou em grupos de quatro ou seis, transportando a carga suspensa em grossos paus. Outros tantos ficam encostados nos madeiros, tecendo palha, deitados nos passeios, dormitando pelas esquinas e dando aos transeuntes a impressão de enormes rolos de serpentes, reluzindo ao sol. Os que estão cochilando têm geralmente uma sentinela encarregada de os despertar, quando procurados por algum serviço e, ao sinal combinado levantam-se como elefantes, com sua carga.[295]

Na sua análise, o religioso comparou o negro ao animal, tanto no plano estético quanto no tipo de trabalho por ele realizado, sendo possível observar na citação a presença da idéia de hierarquia racial entre brancos e negros. O arquiduque Maximiliano, assim como Kidder, também animalizou os negros em suas descrições: "Também quanto à fala, não se pode negar nos negros, algo de animal".[296] Durante um passeio no Dique, o nobre notou que:

> Tais negros são realmente um povo de boa índole que, com sua cordialidade quase canina, reconhecem a superioridade dos brancos. Toda essa cena, com as figuras negras pré-adâmicas, às margens do regato fresco, sombreadas por mangueiras misteriosas, cercadas de grande quantidade de aróideas e milhares de outras cores cintilantes, apresentava um quadro típico do exotismo meridional.[297]

---

[293]KIDDER, Daniel P. Op. cit., p.35.
[294]Ibidem, p.35.
[295]Ibidem, p.8.
[296]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.94.
[297]Ibidem, p.102.

Como se vê, Maximiliano animalizava o negro, comparando-o ao cachorro, e associando-o a uma imagem primitiva e ao exotismo dos trópicos. Segundo Silveira[298], tanto a animalização quanto a infantilização das raças consideradas inferiores eram argumentos comumente usados pelos intelectuais dos oitocentos. As correntes do pensamento racialista[299], que se cristalizaram e ganharam força no transcurso do século XIX, naturalizavam os modos de pensar e agir, transformando o comportamento a algo inato ao tipo físico e excluindo os processos históricos e psicossociais que permeiam a vida dos indivíduos. Na associação da raça com a personalidade, a pretensa supremacia moral e intelectual do branco europeu era sempre destacada.

O reconhecimento da alteridade dava margem a hierarquização, nesse caso, baseada principalmente nas diferenças físicas entre os indivíduos e na tecnologia - atrelada a idéia eurocêntrica de progresso. Conforme Saffioti[300], quando a diferença é percebida e passa a ser hierarquizada por uma das partes, inicia-se a construção das relações de poder.

Na cidade da Bahia, Maximiliano notou a diversidade racial da população e considerou que não havia um tipo característico que pudesse representar o povo.

> Também aqui, a população é peculiar. Vêem-se negros e mais negros. Não existe, na Bahia, um povo branco, a não ser na classe baixa, marinheiros brancos de todos os países. Os senhores de escravos, ao contrário, são brancos, ou melhor, amarelo-pálidos. Faltam aqui tipos característicos, como nas cidades da África e da Ásia. Isto porque o povo primitivo foi impedido para as matas mais profundas.[301]

Ao contrário do nobre austríaco, o casal Agassiz julgou que a junção dos aspectos mais peculiares de Salvador, dentre os quais se encontravam os negros, oferecia uma feição à nação.

> Quando se chega pela primeira vez à América do Sul, é na Bahia que se devia aportar. Nenhuma outra cidade manifesta em tão alto grau o caráter, reproduz tão visivelmente a fisionomia, leva a grau tão acentuado a marca da nação a que pertence. Limitamo-nos esta manhã a atravessar a cidade e dela só poderíamos dizer bem pouca coisa, mas vimos o bastante para confirmar tudo o que se narra da originalidade e do pitoresco de seu aspecto. Ao desembarcar, achamo-nos ao pé de uma colina quase perpendicular; acorreram negros oferecendo-se para nos transportar ao alto dessa encosta escarpada e inacessível aos veículos, numa "cadeira", espécie de assento encoberto por compridas cortinas. É um estranho meio de transporte para quem nunca o experimentou e a cidade em si, com suas

[298]SILVEIRA, Renato da. Op. cit.
[299]O debate ocorria, principalmente, em torno dos monogenistas, que defendiam a existência da unidade do gênero humano e dos poligenistas, que acreditavam que as raças teriam surgido separadamente, já biologicamente hierarquizadas, não havendo uma homogeneidade de discurso. SILVEIRA, Ibidem, p.98.
[300]SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: Costa, A. De O. & BRUSCHINI, C. (org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/São paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
[301]HABSBURGO, Maximiliano de.Op. cit., p.86.

> ruas em precipícios, suas casas bizarras, suas velhas igrejas, é tão estranha e tão antiga como esse veículo singular.[302]

Ao chegar a Bahia, no dia 28 de julho de 1865, Elizabeth Agassiz, teve a oportunidade de contemplar "os negros que, com um cesto de verduras ou de flores e frutos na cabeça, vão e vêm no serviço da casa".[303] O exotismo dos negros e a exuberância da natureza davam o tom da singularidade brasileira, sendo a cidade da Bahia considerada pelo casal local privilegiado para a apreciação desse panorama.

A respeito dos baianos, Avé-Lallemant se pronunciou da seguinte forma:

> Quando se desembarca na Bahia, o povo que se movimenta nas ruas corresponde perfeitamente à confusão das casas e vielas. De feito, poucas cidades pode haver tão originalmente povoadas como a Bahia. [...] Tudo parece negro: negros na praia, negros na cidade, negros na parte baixa, negros nos bairros altos. Tudo o que corre, grita, trabalha, tudo o que transporta e carrega é negro.[304]

Para o estrangeiro, as obras produzidas pelo homem não possuíam grande valor de atração. Afinal, nenhum naturalista ou viajante em busca de lazer deixaria sua pátria em direção ao Brasil com o objetivo de conhecer suas paisagens urbanas, uma vez que seus países de origem serviam de referência nesse quesito. "Deve-se lembrar de que, nos trópicos, não se perde a exuberância selvática da natureza, nem mesmo nas vizinhanças das grandes cidades; pois a vegetação natural ultrapassa muitíssimo, pelos efeitos pitorescos, a obra artificial do homem"[305], escreveu Darwin.

De acordo com Maximiliano

> [...] a exuberância da natureza é o verdadeiro e único atrativo do Brasil ainda tão primitivo em toda sua extensão, e que tudo o que foi produzido pela mão do homem, sobretudo pelo próprio europeu, em comparação com essa natureza rica, pouca coisa oferece de interessante e instrutivo.[306]

Desse modo, a natureza e o componente humano - representado na figura do selvagem - constituíam as fontes de maior interesse, o que pode ser observado na fala do nobre austríaco, durante sua permanência na Bahia:

> Nosso velho francês e o ágil Monsieur Henry tinham sido encarregados de encomendar para o hotel produtos típicos, quando poderíamos, então, fazer com calma nossas compras, a fim de levar presentes transatlânticos para a nossa pátria. Mas o que se deve levar do Brasil? A arte, não floresce; indústria, igualmente pouco. Portanto, a natureza viva e morta tem que servir para tudo. Se tivéssemos querido negociar inteiramente dentro do espírito brasileiro, teríamos

[302]AGASSIZ, Jean L.R. e Elizabeth C.C. Op. cit., p.94.
[303]Ibidem, p.93.
[304]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p. 20.
[305]DARWIN, Charles. Op. cit., [19-], p.129.
[306]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.141.

> sido instruídos a comprar, sobretudo, escravos. Tive, até, por um momento, a idéia de levar para a pátria uma negrinha como surpresa original, mas, refletindo na diferença de clima e nas tristes conseqüências que o mesmo poderia ter para a saúde da criança, pensei em algo melhor. [307]

Embora seja possível apreender certa ironia na fala de Maximiliano (quando o autor considerou a possibilidade de "negociar dentro do espírito brasileiro"), não se pode deixar de notar que ele percebeu o *outro* - nesse caso o negro - como um atrativo local, tendo em vista a possibilidade de levá-lo para seu país como um *souvenir*, exemplar do que havia de mais típico do país e que poderia ser facilmente transportado. O visitante anulou por completo a identidade do indivíduo, comparando-o a um produto, coisificando-o. No entanto, posteriormente ele percebeu o *outro* como ser dotado de humanidade e se desfez da idéia inicial, optando por levar uma coleção de animais - vide macacos e papagaios - como lembrança de viagem.

Na ocasião em que se encontrou com índios botocudos, em uma vereda pela qual afirmou ter sido o primeiro europeu a transitar, na fronteira das Províncias da Bahia e de Minas Gerais, Avé-Lallemant também pensou em levar consigo "com muito prazer", um garoto indígena. Ao expressar, por meio de mímicas, que gostaria de levá-lo, a criança "correu assustada", segundo sua própria descrição. De qualquer modo, como o visitante havia se enganado quanto ao sexo da criança, pois se tratava de uma menina, desistiu da empreitada.[308] Aos olhos dos estrangeiros, o selvagem deslocava-se de sua própria existencialidade, tornando-se "conteúdo simbólico do desejo burguês".[309]

Ao chegar no hotel onde se hospedara, cheio de entusiasmo pelas novas paisagens e situações que iria contemplar, Maximiliano interrogou o proprietário do estabelecimento, perguntando-lhe:

> onde poderíamos ver papagaios, onde encontraríamos macacos, onde poderíamos admirar colibris, onde penetrar na mata virgem, onde poderíamos encontrar selvagens, mas selvagens realmente autênticos.[310]

No que tange às observações feitas em relação às raças e aos costumes dos habitantes, o principal interesse nesse campo, principalmente dos naturalistas, era a oportunidade de entrar em contato com indígenas, populações que eles acreditavam estar na infância da humanidade e que, devido a inevitável "marcha" para o progresso, converter-se-iam em peças raras de museu. Desse

---

[307]Ibidem, p.200.
[308]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.242. Por meio da leitura do texto não foi possível inferir qual a intenção do viajante ao pensar em levar para a Europa o menino indígena.
[309]STALLYBRASS; WHITE Apud JOFFE, Hélène. Op. cit., p.114.
[310]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.92.

modo, para um viajante, ver "selvagens autênticos", como pretendia o nobre austríaco, significava poder acompanhar o curso da história em tempo real. Ou seja, ter acesso aos primórdios da civilização, a "pré-história viva", representada pelos silvícolas dos trópicos, mas sendo partícipe e representante do que havia de mais avançado no mundo em termos de cultura e civilidade. Com efeito, o olhar do forasteiro, gerador de representações, tentava apreender os cenários considerados diferentes, desejando reter o tempo e o espaço.

Darwin expressou o que significava para o viajante-naturalista, que buscara conhecer e classificar o mundo, entrar em contato com o indígena:

> Quanto a objetos individuais, talvez nada possa mais certamente criar admiração do que a contemplação do bárbaro na sua pátria nativa – do homem no seu estado mais rudimentar e primitivo. A mente retrocede rapidamente pelos séculos que se foram e indaga: poderiam os nossos progenitores ter sido idênticos aos que agora temos sob as vistas? Homens, cujos sinais e expressões, quando mais não seja, são menos inteligíveis a nós que os dos próprios animais domésticos; homens, que não possuem os instintos desses animais, nem parecem ostentar o raciocínio humano ou, pelo menos, alguma arte conseqüente desse exercício da razão. Não creio ser possível descrever-se ou pintar a diferença que há entre o selvagem e o homem civilizado. É a diferença entre uma fera e um animal doméstico – e parte do interesse que se encontra em contemplar um selvagem é a mesma que levaria uma pessoa a desejar ver um leão no seu deserto, o tigre dilacerando a presa no matagal ou o rinoceronte vagueando pelas planuras africanas.[311]

Aproveitando sua estada em Salto, na fronteira de Minas com Bahia, o Conde de Suzannet visitou uma aldeia de botocudos, sobre os quais sabia tratar-se de "índios 'mansos' do Brasil". Descreveu uma das residências que viu como uma "cabana coberta de folhas de coqueiro" e contemplou uma demonstração de arco e flecha, acontecimento pelo qual já ansiava assistir. Em troca de alguns utensílios como anzóis, panos e alimentos, o conde conseguiu levar arcos e flechas como lembrança.[312]

Quando entrou em contato com os botocudos, Avé-Lallemant os considerou "muito mais singulares do que plantas e animais" e "criações da Natureza tão estranhas como até então não vira no Brasil".[313] Perturbado com a cor dos indígenas - que não era branca nem preta - com sua nudez e apresentação pessoal, constatou:

> Essa gente, esses botocudos, nada vêem, nada notam; esses olhos sem brilho não refletem nada, absolutamente nada; têm perfeita aparência de idiotismo. Se devesse assinalar algo nesses homens da floresta, que me parecessem o principal característico de suas peculiaridades, seriam sem dúvida os olhos, eu diria antes

[311]DARWIN, Charles. Op. cit., [19-], p.131.
[312]SUZANNET, Conde de**.** Op. cit., p.176.
[313]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.228.

> que estes não têm expressão! Apagados, indiferentes, nada recebendo ou refletindo, seus olhos passeiam como uma fôlha sêca levada pelo vento, dum lada para outro. [...] quando muito, os olhos do botocudo receiam que os olhos perscrutadores do europeu, do civilizado, os encontre.[314]

Seguiu com sua descrição, acreditando que "[...] entre homens e animais, esvoaçam dum lado para outro, sem se libertarem da natureza dos últimos, e poderem passar para o lado luminoso dos primeiros."[315] De acordo com sua análise, tudo o que havia concernente à arte, ornamentos e adereços corporais "nessas criaturas nuas e ingênuas" eram os colares, cordões e o botoque usado no lábio inferior.[316]

O visitante pretendeu, por intermédio de mímicas, dialogar com os índios e "estudá-los um pouco". No entanto, suas tentativas foram inúteis e ele não conseguiu "despertar o homem pensante no botocudo", acreditando que ele apresentava-se como "macaco bem humorado".[317] Avé-Lallemant trocou produtos alimentícios por arcos, flechas e botoques. Antes de deixar a aldeia, ainda assistiu a uma dança típica, "o que na verdade sabiam fazer bem". Contudo, apesar do elogio citado, ele ridicularizou a dança, descrevendo-a da seguinte maneira:

> As caras idiotas, os botoques em constantes movimentos para baixo e para cima, as mamas bambaleantes, a completa nudez das mulheres [...], as grandes cicatrizes nas espáduas e nas costas, resultantes do tratamento brutal dos homens, os pulinhos desajeitados – tudo isso causa uma impressão tão verdadeiramente horrível, que não posso traduzi-la em palavras.[318]

A comparação que desfavorece o *outro*, conforme Arruda, tranqüiliza o sujeito que se vê diante de uma situação nunca antes vivenciada, na qual novas formas de pensar e agir são apresentadas.[319] O diferente passa a ser mais perturbador na medida em que nos damos conta de que o outro é "um semelhante que não conseguimos situar". Para tanto, torna-se necessário negociar a diferença e acomodá-la, de modo que possa ser incorporada e tornada inteligível. Através da representação, as características perturbadoras do outro são trabalhadas, ganham novos contornos e a diferença é integrada. Nesse processo, analogias e projeções são usadas para mediar o diálogo entre o conhecido e o estranho.[320]

---

[314] Ibidem, p.231-232.
[315] Ibidem, p.232.
[316] Ibidem, p.237.
[317] Ibidem, p.238.
[318] Ibidem, p.241-242.
[319] Seguramente os índios também plasmavam determinada(s) imagem(s) a respeito dos estrangeiros. Porém, o trabalho em questão privilegia as impressões dos viajantes.
[320] ARRUDA, Angela. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro - negociando as diferenças. In: _____. (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.20.

Os objetos usados por esses povos e levados pelos viajantes como lembrança, a exemplo de arcos e flechas, tornavam-se artigos para serem observados por "brancos civilizados", como vestígios do homem primitivo. Descolados do seu meio, os utensílios mudavam de função, perdendo valor de uso e sendo utilizados para mera apreciação de outros sujeitos, sobrevivendo apenas como curiosidade. Não obstante o contato com os indígenas ter ocorrido em meio a sua realidade, no seu *habitat*, os bens materiais e as práticas culturais dos grupos foram vistos de forma descontextualizada. Com efeito, essa maneira de ver outras culturas registrava os costumes sem buscar a significância dos comportamentos.

Tanto Avé-Lallemant quanto outros viajantes, ao perceberem os povos indígenas como inferiores e infantis, sem passado e, portanto, sem memória, realizaram uma análise superficial e preconceituosa, não conseguindo apreender a complexidade das tramas sociais de outras culturas, com códigos e valores definidos. Assim, aos olhos desses visitantes, o maior valor conferido aos índios era o de atrativo.

A idéia predominante na época apresentava a miscigenação racial como um fator negativo para a humanidade, sendo este um "fardo" para o Brasil. O naturalista Louis Agassiz, por exemplo, destacou-se por encarar a mestiçagem como um grave problema para a sociedade brasileira:

> O resultado de ininterruptas alianças entre mestiços é uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de pura raça o companheiro e o animal predileto do homem civilizado.[321]

Por sua vez, o médico Avé-Lallemant acreditava que por meio da miscigenação era possível embranquecer a população e, com essa medida, prevaleceriam "cores claras" e "cérebros esclarecidos", o que seria positivo para o país.[322]

Já o Conde de Suzannet via os mulatos com bons olhos, considerando-os trabalhadores e inteligentes, porém acreditava que eles tivessem "ódio e desejo de vingar-se dos brancos", por terem sido escravos na infância.[323] Todos esses comentários expressam o quanto os visitantes ficavam confusos ao tentarem compreender a mistura de raças, a escravidão e as relações sociais no Brasil.

---

[321] AGASSIZ, Jean L.R. e Elizabeth C. A. Op. cit., p.184.
[322] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.66.
[323] SUZANNET, Conde de. Op. cit., p.44.

Ao conhecer um jovem, na cidade de Ilhéus, filho de uma mulata com um branco, cujos avós paternos eram branco e índio, Maximiliano ficou admirado com a miscigenação racial "resultado desse quádruplo cruzamento". Sob seu prisma, o rapaz caracterizava "uma mistura de todas as cores imagináveis, semelhante a água de um pintor de aquarelas", porém, "muito agradável", tratando-se de um "exemplo de extravagância racial", de um "produto cosmopolita" que merecia "ser apresentado aos grandes círculos médicos da Europa".[324]

A diversidade racial não era considerada uma questão a ser analisada e resolvida apenas por dirigentes e intelectuais brasileiros, pois também representava um problema para a ciência ocidental. O racismo científico, por meio da classificação dos seres humanos, dividindo-os em civilizados e bárbaros, legitimou a supremacia dos europeus, bem como o direito, senão o dever, de civilizarem os povos considerados inferiores.[325] Os viajantes seguiam essa mesma linha de raciocínio e creditavam à imigração européia a possibilidade do Brasil progredir. Entretanto, muitos deles, a exemplo de Avé-Lallemant, pensavam que os imigrantes não teriam condições de prosperar enquanto houvesse mão-de-obra escrava no país.

Dentre os viajantes pesquisados, pode-se inferir, através da leitura dos seus relatos, que todos eram contrários à escravidão. No entanto, nem sempre eles emitiam opiniões tão parecidas quanto à capacidade intelectual e à moral dos negros, índios e mestiços, pois apesar de terem acesso às mesmas referências e esteriótipos, cada sujeito vivenciou a experiência da viagem de forma particular e a sentiu e interpretou de maneira única.

O horror provocado pelo sistema escravocrata pode ser comprovado nas falas de Maximiliano da Áustria e Darwin. O primeiro, durante sua passagem pela Bahia, referiu-se aos negros como "escravos e, por isso, animais com alma humana" e aos brancos como "senhores de escravos, portanto, seres humanos com alma animal".[326] Ao fim da viagem, tão horrorizado que estava com a escravidão, o futuro autor de *A Origem das Espécies*, declarou: "[...] deixamos finalmente as costas do Brasil. Dou graças a Deus, e espero nunca mais visitar um país de escravos".[327]

A diversidade racial e cultural, tornava-se, doravante, um atrativo que despertava a atenção dos estrangeiros que aportavam no Brasil tropical, ávidos por se depararem com "selvagens realmente autênticos" e "bárbaros na sua pátria nativa", como citaram, respectivamente, os

[324] AUGEL, Moema P. Op. cit.,1981, p.18.
[325] SILVEIRA, Renato da. Op. cit.
[326] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.75.
[327] DARWIN, Charles. Op. cit., [19-], p.129.

viajantes Maximiliano da Áustria e Charles Darwin. Assim, a raça é uma peça chave que desde meados dos oitocentos está sempre se (re)posicionando no jogo das constantes elaborações das representações da identidade do povo brasileiro.

2.4 REPRESENTAÇÃO DA ALTERIDADE

De acordo com Leite, a vida do viajante é marcada "pelo antes e pelo depois".[328] Durante a viagem, pode-se dizer que o indivíduo está situado num universo paralelo, imerso em outro tempo e espaço, longe do seu referencial identitário, tanto cultural quanto geográfico. Nesse contexto, ele vive sua própria existência, mas deslocado do ambiente sócio-cultural no qual normalmente está inserido.

Para entrar em outro território, realizar as atividades que deseja e, até mesmo, voltar ao seu país de origem, o viajante depende da aceitação e da boa vontade dos *outros.* Independente do grau de ego e etnocentrismo, o forasteiro precisa relacionar-se com a comunidade e criar uma rede de contatos que propicie sua permanência em cada lugar visitado, a fim de evitar conflitos.

A viagem pode ser analisada como um momento limiar na vida do sujeito, quando ele deixa o seu cotidiano, muda o ritmo de vida e entra numa nova realidade, no papel de estrangeiro. Nesse sentido, viajar representa, para muitos, liberdade e conquista pessoal fora do domínio familiar.

O homem sempre se deslocou em busca do maravilhoso, mesmo que, em cada época, as paisagens mudem de valor. Porém, ao viajar em busca do desconhecido, simultaneamente, o homem busca a si mesmo, sendo a viagem uma vivência tanto externa quanto interna. Os viajantes oitocentistas, principalmente os naturalistas, na tentativa de classificar os povos e a natureza e ordenar o mundo para melhor entendê-lo, tentavam também conhecer seu lugar no universo e compreender melhor sua própria existência.

É interessante notar que as cenas e locais que atraíam o visitante, em geral, não despertavam a atenção dos habitantes, havendo um conflito de olhares e interesses entre as partes. O cônsul e comerciante austríaco Lohmann, que ciceroneou o arquiduque Maximiliano e sua comitiva, por exemplo, durante os passeios realizados procurava mostrar ao nobre os progressos técnicos e materiais da capital baiana, como as construções de maior destaque, a fim de passar

[328]LEITE, Ilka B. Op. cit., p.87.

uma imagem civilizada da cidade. O cônsul, apesar de também ser estrangeiro, não manifestava um olhar romântico ante a natureza tropical e tampouco se surpreendia com a diversidade de tipos humanos. Essa diferença de visões foi percebida pelo príncipe austríaco, constatando que os homens de negócios, inclusive os estrangeiros residentes na cidade, só conheciam a Bolsa e as ruas da Vitória e não demonstravam interesse em melhor conhecer os locais com forte presença de paisagens naturais. Maximiliano registrou que Lohmann não estava acostumado a realizar passeios tropicais, tendo ficado bastante descontente por acompanhá-lo ao Dique. Enquanto os brasileiros tentavam afrancesar seus modos e costumes, aspecto que o cônsul se esforçava para mostrar ao arquiduque, este via na grandiosidade da fauna a da flora e nas características do povo seu alvo de interesse.

O Conde de Suzannet reparou que "para os brasileiros, atravessar florestas virgens é motivo de horror. Êles não compreendiam minha admiração por êsses lugares solitários e belos, que a mão do homem ainda não havia profanado".[329] Agassiz também constatou que os brasileiros pareciam "indiferentes aos pormenores da Natureza".[330] Os aspectos mais relevantes para os visitantes passavam despercebidos ou, ao menos, não eram tão valorizados pela população local, possuindo significados diferentes para esses sujeitos. Assim, a representação do lugar é modificada de acordo com as diferentes leituras que dele são feitas. O viajante não compartilha o sentimento de pertença vivido pelo morador e tampouco das particularidades do seu cotidiano.

Maximiliano informou que durante um passeio pelas lojas localizadas na Cidade Baixa, visitou a barraca de um francês que vendia flores, conchas, insetos e animais empalhados, como *souvenir*, já devidamente acondicionados para serem transportados em viagens oceânicas. Contudo, os olhares curiosos de uma "multidão" observavam com estranheza o nobre e seus companheiros. Essa situação o constrangeu e perturbou a tal ponto que Maximiliano deixou o local, sem nada comprar, e "covardemente" empreendeu "uma verdadeira fuga".[331]

Nem mesmo após passar por essa situação, o viajante fez uma autocrítica em relação à maneira como ele via os exóticos habitantes dos trópicos. Quando mudou de lugar e passou de observador a observado, sentiu-se intimidado e queixou-se do comportamento dos que o fitavam insistentemente, confidenciando que

> o olhar anatomizante de estranhos exerce sobre mim um efeito magnético e tolhedor; fico coberto de suor frio e, apesar da minha anglomania, ainda não

[329]SUZANNET, Conde de**.** Op. cit., p.89.
[330] AGASSIZ, Op. cit, p.71.
[331]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.203.

> consegui a frieza necessária para suportar, com tranqüilidade e, impassibilidade estóicas, uma tal descarga moral.[332]

O mesmo ocorreu quando Avé-Lallemant tentou estabelecer um diálogo com os índios. O visitante não percebeu que, possivelmente, a falta de expressões e atitudes, as quais ele havia se referido na descrição dos autóctones, decorria do fato de ele estar sendo alvo da curiosidade alheia e visto com desconfiança e estranheza.

Os viajantes, ao cruzarem com realidades e paisagens, tanto naturais como humanas, muito diferentes das suas, exercitavam o olhar, mesmo que de forma inconsciente. De acordo com Saffioti[333], os sujeitos devem ser situados como seres relacionais e históricos.

> A ótica da oposição entre o EU e o OUTRO condiciona lutas do EU para dominar ou anular o OUTRO. Quando se concebe O EU e o OUTRO como seres análogos, as relações entre as pessoas se processam através da identificação e da diferenciação. Não se trata de perceber apenas corpos, que entram em relação um com o outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU que entra em relação com o OUTRO.[334]

Somente o contato com o *outro* permite ao *eu* refletir sobre si mesmo, questionar sua auto-imagem, e (re)definir-se enquanto sujeito. Portanto, identidade e alteridade são construídas uma em função da outra, afinal, o diferente, ao mesmo tempo em que ameaça é também o que assegura a identidade.

Para Todorov, após o contato com o outro não é mais possível aderir aos preconceitos da mesma maneira que antes, ainda que o indivíduo não tenha a intenção de desligar-se deles.

> A existência dos outros à nossa volta não é um puro acidente. Os outros não são, simplesmente, sujeitos solitários comparáveis ao eu mergulhado em meditação; os outros também fazem parte dela: o *eu* não existe sem um *tu*. Não podemos chegar ao fundo de nós mesmos se daí excluirmos os outros. O mesmo acontece com países estrangeiros e as culturas diferentes da nossa: aquele que apenas conhece a sua terra arrisca-se sempre a confundir cultura e natureza, a erigir o hábito em norma, a generalizar a partir de um único exemplo que é ele mesmo.[335]

Entretanto, quando ocorre o encontro de idéias e práticas entre segmentos diversos, o desenvolvimento do vínculo social e afetivo entre os sujeitos só acontece quando se percebe que o *outro* tem uma significação no seu próprio universo. Após o confronto com humanidades outras

---

[332]Ibidem, p.203.
[333]SAFFIOTI, H. I. B. Op. cit, analisa a alteridade para abordar questões ligadas ao gênero. Nesse texto, utilizo sua análise para estudar a relação do viajante (Eu) em contato com a população local (Outro).
[334]Ibidem., p. 210.
[335]TODOROV, Tzvetan. A viagem e a narrativa. In: *As morais da história*. Portugal: Publicações Europa-América, Biblioteca Universal, 1991, p.99.

o indivíduo pode até mesmo reiterar, de forma ainda mais elaborada, antigas percepções, negativizando ainda mais a alteridade. Portanto, não basta constatar a existência do outro, é preciso reconhecer sua realidade como legítima.[336]

De qualquer modo, Arruda nos lembra que as representações também servem para transformar os sentidos e as imagens que nos parecem familiares, pois, confrontados com o novo, precisamos readequar nosso repertório mental.[337] Assim, após a experiência da viagem, o indivíduo pode começar a ver o familiar como incômodo e estreito, fazendo uma nova leitura do seu próprio universo e, de fato, ampliar seus horizontes.

[336]JOVCHELOVITEH, Sandra. Re(des)cobrindo o outro - para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In: ARRUDA, Ângela (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.74.
[337]ARRUDA, Angela. Op. cit.

CAPÍTULO 3. ONDE HOSPEDAR-SE NA BAHIA OITOCENTISTA?

3.1 HOSPITALIDADE E CARTAS DE APRESENTAÇÃO

O *Grande Diccionário Portuguez*, de 1873, conceitua hospitalidade como o "agasalho feito a hóspedes, a peregrinos; bom acolhimento que se faz a alguém" ou como "razão, deveres, boas obras entre hóspedes, conhecidos na antiguidade".[338] Assim, no século XIX, o termo hospitalidade já estava bem definido e, no Brasil, a população possuía sua maneira de bem acolher o visitante, que variava conforme o local de moradia e a camada social a qual pertencia o anfitrião. De acordo com os relatos, o povo, em geral, era considerado afável e espontâneo. Embora essas características sejam consideradas positivas, é importante salientar que a cordialidade e a inclinação para um trato mais informal não devem ser confundidas com *boas maneiras* e ética, pois nem sempre essa amabilidade estava destituída de interesses, muitas vezes camuflados. Era muito comum, por exemplo, oferecer hospedagem a indivíduos que possuíam algum poder, com o objetivo de angariar benesses pessoais. Quando isso não ocorria, ao menos o anfitrião ganhava importância social perante a vizinhança.[339]

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, no Brasil, as práticas de convivência eram regidas por uma ética de base emotiva. Havia, principalmente no interior, uma tendência a se omitir o nome da família no trato social, fazendo-se referência apenas ao prenome para comunicar-se com os demais. O tratamento informal às vezes chocava o estrangeiro, que o interpretava de duas maneiras: ou como desrespeito e falta de educação ou como manifestação de ingenuidade e simplicidade do homem que desconhecia modos mais civilizados.

A maioria dos viajantes era muito bem tratada pelos estratos superiores da população, com quem travavam um contato mais direto, e pelos seus concidadãos que moravam no Brasil. Recebiam convites para se hospedarem em suas residências, eram ciceroneados por eles em passeios e recebidos em suas casas para bailes e jantares. No interior, mesmo quando os estrangeiros se surpreendiam com a pobreza material das casas, com os costumes dos habitantes, com a informalidade e com o fato de estes terem uma educação menos elaborada, ainda assim,

---

[338]CEDIC. G*rande Diccionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa* pelo Dr. Fr. Domingos Vieira dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, Porto, Editores Ernesto Chardran e Bartholomeu H. de Moraes, Segundo vol., 1873, p. 990.

[339]Sobre a cordialidade brasileira, ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro: Olympio, 1978, p. 141.

muitas vezes percebiam o esforço dos anfitriões para agradar, como constatou Maria Graham, em 1823, na sua segunda visita ao Brasil:

> Onde quer que estejam brasileiros, dos mais importantes aos mais ínfimos, devo dizer que sempre encontrei a maior amabilidade; desde o fidalgo, que me procura em trajes de côrte, até o camponês, ou o soldado comum, todos têm-me dado oportunidade de admirar-lhes a cortesia e de lhes ser grata.[340]

Avé-Lallemant não pôde deixar a cidade de Caravelas, na Província da Bahia, sem se "referir e agradecer a amabilidade dalgumas personalidades locais." O viajante encontrou "[...] graças a uma carta de apresentação do Senador Cansanção de Sinimbu, o mais obsequioso acolhimento e amável agasalho, pois em 1859 ainda não havia hotel em Caravelas."[341] A ausência de um alojamento próprio para viajantes incomodava o estrangeiro que, se não fosse graças a uma carta de apresentação e a gentileza de moradores, não teria onde pousar.

Em seu breve regresso a Salvador, depois de haver excursionado pelo interior, antes de partir com destino a Pernambuco, refletiu quanto à indiferença que sentiu em relação aos habitantes da cidade da Bahia. O médico alemão se questionou quanto ao motivo de nada lhe atrair

> [...] para a Vitória, a nobre, nada me chamava para seus ricos habitantes. Não consegui fazer na Bahia o conhecimento duma pessoa, duma casa, duma família, embora muitas me tivessem dispensado obséquios e atenções, que me cativasse fortemente e continuasse a interessar-me, nem mesmo entre os alemães.[342]

O estrangeiro tinha consciência de que havia sido bem recepcionado, não culpando as pessoas que conheceu por não ter criado laços afetivos na cidade. Todavia, ele parecia ter alguma mágoa por acreditar que os comerciantes eram mais bem tratados.

> Isso depende certamente apenas do viajante, recebido com gôsto à mesa, a quem se servem bons pratos e vinhos, se reserva um lugar num sofá elegante ou numa cadeira de balanço, se oferece um chá aromático, mas a quem se proporcionou pouco mais além disso, por não pertencer êle à classe dos comerciantes. Contudo, guardando as melhores recordações, penso, sempre agradecido, nos meus compatriotas da Bahia, desejando-lhes o maior lucro possível no tabaco e no açúcar. [343]

---

[340] GRAHAM, Maria. Op. cit., p. 299.
[341] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p. 154.
[342] Ibidem, p. 273.
[343] Ibidem, p.272-273.

Uma forte chuva atrapalhou um passeio que Maximiliano da Áustria realizava com sua comitiva por Itaparica. O viajante, então, procurou um lugar para abrigar-se, encontrando uma simples choupana.

> Logo apareceu, do interior da silenciosa casa de taipa, uma criança negra, simpática, com uma camisa esvoaçante, que nos olhou com grandes olhos de espanto, tornando a desaparecer, em seguida, no seu interior, para buscar o arquiavô preto. Um ancião negro, horrível, quase inteiramente despido, com a carapinha alvíssima, saiu do seu canto sombrio, arrastando-se até nós. Era uma visão penosa: uma figura saturada da vida, aproximando-se, de novo, do ser animal, ainda mais desfigurado pela elefantíase, aquela terrível doença que ataca tão freqüentemente os negros e que lhes tinha inchado os pés, transformando-os em massas disformes, de fato semelhantes as de um elefante. Mal podia mover-se e, só com a ajuda de uma grande bengala, arrastou-se para um tronco de árvore derrubado, sobre o qual se sentou, entre nós, como anfitrião.
> Toda a choupana era apenas um abrigo passageiro. O mobiliário consistia de alguns blocos de madeira, objetos de palha e cabaças. Mais primitiva não poderia ser, e pior aspecto também não deveriam ter as choupanas da longínqua pátria dos negros. Pobre arquiavô! Inteiramente sozinho e abandonado, em companhia apenas de uma criança, termina sua vida silenciosa de escravo sob tal teto, como um velho cão que se tornou inútil e que esqueceram de matar. [...] Também o arquiavô, apesar da sua dura e triste existência, estava, em meio a sua pobreza, em condições de acolher-nos regiamente, segundo o padrão europeu. Desapareceu, por um instante, na parte de trás de sua arejada moradia e arrastou, então, para junto de nós, uma cesta velha, esgarçada, cheia dos abacaxis mais magníficos e aromáticos. Para nós, europeus, era um contraste que não se pode descrever receber os régios abacaxis numa mísera choupana e da pessoa mais pobre que existe.[344]

Apesar da situação de penúria em que se encontrava o ancião, ele recebeu o visitante da melhor forma possível, oferecendo-lhe alimentos e deixando que se protegesse da chuva em sua cabana. O nobre surpreendeu-se com o "contraste" de ser recebido com tanta receptividade em uma casa tão desprovida de conforto e concluiu que "Graças à hospitalidade dos escravos, não poderíamos ter passado mais agradável e poeticamente o curto período da chuva".[345] A observação de uma residência habitada por negros o remeteu a suas brincadeiras de criança.

> Tal vilegiatura de negros deu-me um grande prazer, porque me fez lembrar muito nossa infância, quando nos construíram, em nossa bela bullin green em Schönbrunn, tais choupanas, copiadas fielmente de obras científicas. Para cada um de nós, irmãos, foi levantada uma casa de selvagens desse tipo, e nos foi cedido um pedaço de jardim.[346]

A concretização de um sonho infantil, de um príncipe europeu que desde menino já tinha imagens bem formuladas do que viria a ser uma casa de "selvagens" contrastava com a dura

[344]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.168.
[345]Ibidem, p.169.
[346]Ibidem, p.179.

realidade material em que viviam sujeitos pobres e marginalizados. Assim, a choupana que possuía um papel funcional na vida de uns, era um ícone de divertimento infantil para o *outro*.

Às margens do rio Paraguaçu, o arquiduque conheceu "um novo fenômeno da vida brasileira: o conceito de Fazenda e seu senhor", ao hospedar-se no engenho de Geremoabo. No local, foi-lhe oferecido um agradável almoço, descrito da seguinte maneira:

> Na varanda, estava posta uma mesa farta, principesca, com todo o luxo gastronômico da antiga arte culinária brasileira. Segundo costume da terra, todos os pratos – e o brasileiro os tem em grande quantidade – estavam colocados sobre a mesa; além disso, as mais deliciosas frutas, desde o tenro e suculento melão seletivos vinhos [...] Os pratos brasileiros eram muito finos, muito bem escolhidos e combinados, e sempre muito temperados com pimenta e condimentos de toda espécie. A forte condimentação dos alimentos é muito bem apropriada ao clima quente, extenuante; os condimentos revigoram o sangue e preservam o estômago de abatimento. A arte principal dos brasileiros consiste na preparação de pratos de carne e peixe, principalmente os guisados fortes e pratos com mexilhões, caranguejos e vários outros maravilhosos complementos. [...] A Farinha é seca e áspera, mas muito saborosa; as ostras suculentas, do que resulta uma feliz união que recomendo, o mais calorosamente, a todo gastrônomo que o destino traga a essas paragens. A Farinha desempenhava, de fato, aqui, um papel importante. Apresentava-se de duas formas, sempre à mão, sobre a mesa: torrada, com acompanhamento deliciosos para todos os pratos gordurosos e úmidos – especialmente muito recomendável em carne de porco – e cozida, como pirão que, no seu aspecto, lembra a papa de painço, mas que, na minha opinião, - muito pastoso e insosso. Em ambas as formas, substitui o pão, desconhecido para o habitante rural brasileiro e é consumida, apaixonadamente, por ricos e pobres, pela classe alta e pela classe baixa. É de lamentar-se que a Farinha não se conserve por muito tempo e, principalmente, não suporte o transporte marítimo. Do contrário, seca, poderia fazer parte dos prazeres dos festins europeus. Da mesma forma que não se encontra pão à mesa brasileira, faltam, também, em geral, as massas. Os legumes não estão, tampouco, muito representados. Sobre a mesa de hoje, entretanto, havia dois pratos muito interessantes para nós; inhame, a espécie de aróideas já mencionadas, cujos tubérculos, tendendo, às vezes, para a cor de rosa, soa semelhantes ao tubinambor, mas que, na minha opinião, é seco insosso, e uma tigela cheia do delicado palmito, uma iguaria luculiana do mais perfeito luxo da natureza. [347]

Maximiliano comentou sobre o requinte à mesa e a variedade de alimentos servidos, mas é válido lembrar que normalmente os brasileiros, mesmo os de melhor situação financeira, não tinham uma alimentação tão farta. Com certeza, o anfitrião quis agradar e impressionar o hóspede ilustre, preparando-lhe um banquete especial. O visitante também notou o comportamento dos escravos que serviram a refeição, elogiando-os: "Os negros, que nos serviam muito bem, de acordo com os princípios de arte, alegravam-se, intimamente, com o nosso apetite homérico e

[347] Ibidem, p.195-196.

com a nossa admiração por tudo o que era novidade". E os considerou de "agradável aparência e de todas as idades que, em habilidade, poderiam ser tomados por qualquer garçom de Paris".[348]

No entanto, ele ficou desconcertado quando foi servido informalmente, "segundo antigo costume patriarcal" pelo seu anfitrião,

> [...] de forma a mais gentil e com elegância, fazia as honras da casa e oferecia especialmente o campanha, em grande profusão, aos visitantes fatigados. Era-me constrangedor ser servido por suas mãos, pois Jeremoabo não era mais o homem pequeno, insignificante, como nos tinha parecido hoje pela manhã, mas o cidadão do mundo, se bem que de um novo mundo; era uma personalidade imponente e que inspirava respeito.[349]

As práticas relacionadas ao ato de "bem receber" variam de uma cultura a outra. Durante viagem a um país diferente é freqüente o estrangeiro passar por algum tipo de embaraço, já que possui outros modelos de comportamento. Contudo, o arquiduque percebeu a boa intenção do proprietário do engenho, reconhecendo seu gesto de hospitalidade.

Freqüentemente os viajantes levavam consigo cartas de apresentação ou portarias de autoridades, pois esses documentos lhes ajudavam a conseguir hospedagem tanto na cidade como no campo. Maria Graham, acompanhada de seu marido, não hesitou em fazer uso de uma carta quando chegou a Santa Cruz, nos arrabaldes do Rio de Janeiro. Sem ter onde abrigar-se, ela encontrou

> [...] com facilidade a casa do cavalheiro para quem tínhamos uma carta de apresentação, o capitão de fragata João da Cruz dos Reis, que é o superintendente do palácio e da fazenda. O visconde do Rio Sêco havia-nos fornecido amavelmente esta carta e explicado que o objetivo de nossa viagem era pura curiosidade, de modo que o capitão nos disse que no dia seguinte faria tudo para satisfazer-nos.[350]

Ao deixar a capital do país, em 1838, com destino à Bahia, o religioso Kidder contou com a gentileza de várias pessoas que lhe concederam "grande quantidade de valiosíssimas cartas de apresentação em inglês, português e francês".[351] Após desembarcar em Salvador, ele teve "[...] a boa fortuna de encontrar várias das pessoas às quais levávamos cartas de apresentação. Entre essas contavam-se os Cônsules norte-americano e inglês em exercício e o Rev. Mr. Parker, capelão da colônia anglo-americana."[352]

---

[348]Ibidem, p. 197.
[349]Ibidem, p.195.
[350]GRAHAM, Maria. Op. cit., p. 319.
[351]KIDDER, Daniel P. Op. cit, p. 02.
[352]Ibidem, p.09.

Quando o nobre francês Conde de Suzannet manifestou seu desejo de sair do Rio de Janeiro em direção à Bahia, por via terrestre, passando pela Província de Minas Gerais, seus conhecidos tentaram dissuadi-lo da empreitada, por não possuir o trajeto nenhuma infra-estrutura. Porém, como o Conde não desistiu da idéia, recebeu cortesmente cartas de apresentação destinadas aos fazendeiros cujas habitações encontravam-se nos caminhos por onde ele deveria passar. Além disso, o Imperador lhe concedeu, a pedido do seu encarregado de negócios, "um passaporte imperial, uma espécie de firma que me assegurava à proteção e o apoio de tôdas as autoridades do país".[353]

Imediatamente após desembarcar no porto de Salvador, o norte-americano Greene Arnold se dirigiu à casa do Sr. Porter, cônsul britânico, para deixar sua carta.[354] E para realizar sua viagem pelo norte do Brasil, o médico alemão Avé-Lallemant obteve

> [...] recomendações do Marquês de Olinda, então Presidente do Ministério, para os Presidentes das Províncias[...] cartas muito úteis de Teófilo Benedito Ottoni, que me deviam facilitar a visita ao Rio Mucuri e suas notáveis colônias, até dentro da Província de Minas Gerais, e bem assim uma série de recomendações do Barão de Mauá, que me seriam muito úteis na viagem ao longo do Rio Amazonas. Além destas, devo ainda numerosas cartas de recomendação para as pequenas Províncias de Sergipe e Alagoas [...][355]

Em viagem de Ilhéus com destino a Canavieiras - interior da Bahia - no vapor costeiro "Paraná", ele passou por um pequeno contratempo a bordo:

> Quando eu, em cima, no convés do navio, me debruçava na amurada para contemplar, mais uma vez, por despedida, o lindo cenário, caiu-me - conto isso especialmente para prevenir os viajantes - a carteira do bôlso de lado do meu casaco dentro d'água, com tôdas as minhas cartas, todo o meu dinheiro, tudo o que reservara para minha excursão aos portos do Sul da Província, exatamente 300 táleres prussianos! Se tivesse perdido ou meu dinheiro ou minhas cartas de recomendação, eu me teria arranjado muito bem com a metade restante. Mas, como ficara, minha situação era ao mesmo tempo cômica e penosa. Com cinco moedas de cobre que a ironia do destino me deixara no bôlso, deveria fazer uma viagem dalgumas centenas de milhas, excursões fluviais e por terra, e a tarefa não era pequena.[356]

O incidente ocorrido permite que o leitor tenha uma idéia da importância atribuída às cartas de apresentação, afinal, como o viajante conseguiria seguir seu trajeto sem passar por privações básicas não portando dinheiro nem recomendações? Portanto, as cartas de apresentação facilitavam

[353]SUZANNET, Conde de. Op. cit., p. 70.
[354]ARNOLD, Samuel G.. Op. cit., p. 3.
[355]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p.15.
[356]Ibidem, p.73-74.

a viagem do estrangeiro que, de posse desse tipo de documento, receberia com maior facilidade um tratamento hospitaleiro.

3.2 A HOSPEDAGEM NO INTERIOR DO BRASIL

As estalagens[357] situadas nas cidades do interior normalmente estavam construídas ao lado da casa de pasto[358] e tinham como público-alvo pequenos comerciantes e tropeiros. A diferença existente entre a hospitalidade espontânea e a paga era bastante evidente. Nas pequenas cidades, tanto a precariedade das hospedarias quanto o mau tratamento dispensado pelos hospedeiros foram muito comentados. Os estrangeiros estavam, de modo geral, acostumados com um padrão superior no que concerne aos serviços de acomodação, considerando negativas muitas das experiências vivenciadas no Brasil.[359] Esse foi o caso de Darwin que, ao viajar pelo interior do Rio de Janeiro, em 1832, descreveu a situação das hospedarias da seguinte maneira:

> Essas casas, espaçosas por vezes, são construídas com postes verticais entrelaçados de ramos que são, depois, rebocados. Raramente possuem soalho; janelas com vidraças, nunca; [...] Como via de regra, a parte da frente é toda aberta, formando uma espécie de alpendre, em cujo interior se colocam mesas e bancos.Os dormitórios são contíguos de cada lado e neles os hóspedes podem dormir com o conforto que oferecem uma plataforma de madeira e um magro colchão de capim. A venda fica num pátio, em que se alimentam os cavalos. Costumávamos, ao chegar, desarrear os animais e dar-lhes a ração do milho. Feito isso, curvando-nos reverentemente, pedíamos ao senhor o obséquio de dar-nos alguma coisa para comer. 'Qualquer coisa que quiserem, senhores!' - era sua resposta habitual. Nas primeiras vezes, dei em vão graças a Providencia, por nos haver guiado à presença de tão amável pessoa. Prosseguindo o diálogo, porém, o caso invariavelmente assumia o mesmo aspecto deplorável. 'Pode fazer-nos o favor de servir peixe?' 'Peixe? Não senhor' – 'Sopa?' 'Não senhor', 'Pão?', 'Não senhor' 'Carne seca?' 'Oh! Não senhor!' Se tivéssemos sorte, esperado umas duas horas, poderíamos conseguir frangos, arroz e farinha. Não raro, tivemos que, pessoalmente, abater com pedradas as galinhas que deviam servir para o almoço. E quando, absolutamente esgotados pela fome e pelo cansaço nos atrevíamos a dizer timidamente que nos sentiríamos muito felizes se o repasto estivesse pronto, o vendeiro nos respondia com arrogância: 'O jantar estará pronto quando ficar pronto'. Se ousássemos queixar-nos ou mesmo insistir, nos teriam dito que éramos uns impertinentes e que era melhor continuarmos a viagem. A casa e as pessoas são horrivelmente sujas e sem modos e na venda não há facas, colheres ou garfos, e estou convencido que seria difícil encontrar

[357]Denominava-se estalagem "uma casa onde se dá cama e meza aos viajantes por dinheiro". CEDIC-BA. *Grande Diccionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa* pelo Dr. Fr. Domingos Vieira dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, Porto: Editores Ernesto Chardran e Bartholomeu H. de Moraes, Segundo vol., 1873, p. 389.
[358]Ibidem, denomina-se casa de pasto uma "casa onde se vae comer por preços determinados", p. 129.
[359]PIRES, Mário J**.** Op. cit.

> na Inglaterra uma casa, por mais pobre, tão desprovida das coisas mais necessárias à vida.[360]

Darwin, assim como a maioria dos visitantes estrangeiros que viajou pelo interior, espantou-se com o desconforto das acomodações e com o modo como os alimentos eram preparados e servidos. Esses sujeitos haviam passado por um processo de refinamento das maneiras e dos hábitos, comportando-se de modo considerado próprio dos homens civilizados. "[...] as pessoas, no curso do processo civilizatório, procuram suprimir em si mesmas todas as características que julgam 'animais'. De igual maneira, suprimem essas características em seus alimentos".[361]

Mais de uma década depois, em 1845, foi a vez do Conde de Suzannet reclamar da ausência de hospedarias no interior. Ao realizar sua viagem do Rio de Janeiro para a Bahia, ele já havia sido prevenido por brasileiros de que muitos caminhos eram desertos, desprovidos de habitações e, até mesmo, de água.

> A falta de albergues e as distâncias entre as casas e a necessidade de comprar cavalos e mulas para evitar a lentidão das caravanas, que fazem apenas duas ou três léguas por dia, são apenas ligeiros inconvenientes. É preciso munir-se, como no Oriente, de uma cama, de uma cozinha e de provisões de tôda espécie, pois não se pode contar com as vendas que, as vêzes, encontramos à margem da estrada.[362]

De passagem por Porto da Estrela (atual Duque de Caxias-RJ), muito freqüentada por servir de entreposto entre as Minas Gerais e a cidade do Rio de Janeiro, ele teve que passar a noite

> [...] na casa de um velho negociante, a mais bela de Pôrto de Estrêla, e a única de dois andares. Só pude deitar-me depois de ouvir histórias de todos os viajantes mais ou menos ilustres que tinham dormido no leito que eu ia ocupar.[363]

Aliviado por ter superado as intempéries surgidas até aquele momento, incomodou-se com o fato de haver despertado a curiosidade dos hospedeiros, que lhe perguntaram sobre o motivo da viagem e sobre o que pensava a respeito do Brasil, quando, na verdade, a única coisa que desejava era dormir e descansar.

> A hospitalidade torna-se assim um transtorno e a liberdade é trocada na maioria das vezes por um bem-estar duvidoso; o menor albergue das nossas aldeias oferece mais conforto que a residência de um brasileiro rico que vive entre escravos e rebanhos.[364]

---

[360]DARWIN, Charles Robert. *The Voyage of the Beagle.* Santa Barbara: The Narrative Press, 2001, p.46-47.
[361]ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador*. uma história dos costumes.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v. I, p.128.
[362]SUZANNET, Conde de. Op. cit., p.73.
[363]Ibidem, p. 73
[364] Ibidem, p. 75.

O Conde ainda passou "por perto de inúmeras 'vendas', (sic) ou 'cabarés-albergues' que consistem de uma casa de moradia e de um alpendre (cocheira) destinado a abrigar as cargas das mulas".[365] Dando continuidade ao percurso, ele parou para descansar em Padre Correia, onde se hospedou

> [...] numa venda afamada como uma das melhores da estrada; na verdade arranjei um quarto onde sôbre alguns paus cruzados estenderam uma esteira; o proprietário estava convencido que seu albergue era dos mais confortáveis e que eu era muito feliz de compartilhar de tôdas essas delícias. O meu jantar, no entanto, foi uma coisa muito difícil: só ao cabo das três horas é que puderam servir-me uma galinha cozida e arroz feito na água. Os brasileiros preferem morrer a apressarem-se e a reclusão voluntária ou forçada das mulheres obriga a esperar com paciência os maus pratos que elas queriam mandar.[366]

A grande diferença entre os preços era um relevante aspecto das hospedarias. Os critérios utilizados para a escolha do valor cobrado se baseavam nos serviços oferecidos e no conforto dos estabelecimentos. No entanto, o valor também poderia variar segundo o julgamento que o hospedeiro fazia do viajante, sobretudo no que concernia a sua aparência. Além das hospedarias, havia os ranchos, que eram construídos às custas do tesouro real ou por particulares. Nesses locais também eram vendidos produtos e serviços aos tropeiros e, no quesito hospitalidade, não havia grande distinção em relação às demais estalagens localizadas no interior.[367]

Outra característica comum aos alojamentos de beira de estrada era o seu funcionamento irregular. O término dos alimentos estocados ou a falta de leitos para abrigar os hóspedes - quando estes estavam ocupados por parentes do hospedeiro, por exemplo - constituíam motivos suficientes para o estabelecimento fechar as portas temporariamente.[368]

Avé-Lallemant, após conhecer Salvador, decidiu empreender uma excursão por alguns "rios notáveis da Província da Bahia". Assim, ele precisou pernoitar em cidades do interior, deixando-nos o registro de algumas dessas experiências. Ao chegar em Cachoeira, encontrou um hotel de "acomodação conveniente", situado na praça, mas disse não ser esse o único alojamento da cidade, assinalando que havia pelo menos dois.[369]

Posteriormente, dirigiu-se a Canavieiras, onde constatou não ser possível "ver nada mais modesto e mais simples" que a vila, tendo se hospedado na fazenda do Dr. Magalhães, senhor que havia conhecido no Rio de Janeiro. Não obstante a excelente hospitalidade que recebeu,

---

[365] Ibidem, p. 75.
[366] Ibidem. p. 77.
[367] PIRES, Mário J. Op. cit.
[368] Ibidem.
[369] AVÉ-LALLEMANT. Op. cit., p.58.

incomodou-se por permanecer na cidade mais dias do que gostaria, devido a insistência de seu anfitrião.

Durante sua estada na residência do Dr. Magalhães, ele realizou um passeio pelas redondezas do Rio Pardo, não conseguindo voltar para a fazenda antes do anoitecer. Em função do ocorrido, teve que buscar, juntamente com os guias-canoeiros que lhe acompanhavam, um local para pernoitar, encontrando uma casa de barro

> [...] das mais pobres, cujos habitantes, descendentes de tronco indiano e africano me receberam tão amistosamente quanto possível, embora fosse para eles o recém-chegado, de origem européia, completamente desconhecido, o que a princípio os perturbava em alto grau e só a minha sem-cerimônia os pôs à vontade". [370]

Nessa noite, ele experimentou o que considerou "a verdadeira hospitalidade da floresta", pois lhe serviram algo de comer e o acomodaram junto com a família "num quartinho apertado", onde "a filha casada preparou-me uma cama, uma espécie de mesa fixa". O fato de pessoas com diferenças tão visíveis - na condição social, na raça, na língua e nos hábitos - compartilharem o mesmo teto e dormirem tranqüilas, sem medo do que o outro pudesse vir a fazer, surpreendeu-o e o fez refletir. "Uma confiança recíproca, como não se poderia encontrar em iguais circunstancias numa floresta européia, reinava entre todos". Na manhã do dia seguinte, após tomar um café servido pelos donos da casa, despediu-se dos "amáveis descendentes das selvas" e partiu com os canoeiros. Em agradecimento à boa acolhida que recebera, o médico presenteou seu anfitrião com uma espingarda de que ele havia gostado muito. [371]

3.3 A HOSPEDAGEM NA BAHIA

A palavra hotel, antes de designar um local destinado a hospedar viajantes, era utilizada - na França de Luís XIV até o final do século XVIII - para referir-se às residências dos nobres, enquanto o rei residia no *palais*. Os *hotêls* da nobreza, localizados em Paris, seguiam os moldes da habitação real, mas deveriam ser menores e menos chamativos, afinal, ninguém poderia ter uma habitação tão requintada e bela quanto a do monarca.[372]

Os *hotêls* eram grandes, pouco funcionais para os padrões urbanos e seus diversos cômodos formavam uma espécie de complexo habitacional. Também se caracterizavam por abrigar muitos

---

[370] Ibidem, p.84.
[371] Ibidem, p. 85-86.
[372] ELIAS, Norbert. *A sociedade da corte*. Lisboa: Presença Editorial, 1983.

serviçais, como lacaios, cocheiros, *chef du cuisine* e *mâitre d' hotel* (responsável pela supervisão dos outros criados e da organização da casa). Essas habitações da alta aristocracia possuíam um caráter público e simbolizavam a posição social de seus residentes. Inclusive, foi nos *hotêls* que surgiu a "cultura de salão".[373]

Desse modo, o fato de os hotéis, enquanto locais onde se pode pernoitar por um preço fixo, receber o nome que designava as antigas residências da alta sociedade da corte sugere a busca por conforto, beleza, arrojo e a pretensão de conceder aos hóspedes tratamento de "nobre".

Nos primeiros anos do século XIX, no que tange à hotelaria, acredita-se que no Brasil havia apenas estalagens, apesar da palavra *hotel* já começar a ser utilizada.[374] As instalações hoteleiras situadas na cidade da Bahia, até meados dos oitocentos, não eram consideradas de boa qualidade. Nas primeiras décadas, os viajantes recorriam ao aluguel de casas, como foi o caso do militar holandês Quirijin ver Huell, dos naturalistas Spix & Martius e do comerciante francês Louis-Françoise de Tollenare, que estiveram na Bahia entre os anos de 1807 e 1820.

O navegador mercantil inglês Thomas Lindley (preso por envolvimento no contrabando de pau-brasil) documentou, no ano de 1803:

> A Bahia está miseravelmente desprovida de acomodações para os estrangeiros, e não se conhece uma única hospedaria. Quem quiser residir temporariamente na praia, não terá outra alternativa salvo a de alugar uma casa, toda ela ou em parte, mobiliá-la, o que se consegue com facilidade, sendo amplamente suficiente algumas cadeiras, arcas e uma mesa, tudo de boa qualidade. As casas de pasto distinguem-se por uma bandeira tricolor, no alto das portas: mas são de uma inconcebível sujeira, e a cozinha é tão horrorosa que uma cela de *Saint Gilles* é muito preferível. São inúmeros os cafés. Existem em todas as ruas, desde que se possa conferir a dignidade desse nome a uma casa suja, em cuja parte da frente se alinham algumas mesas e bancos, havendo, nos fundos uma espécie de bar. E nelas se distribui um líquido nojento, denominado café, que se torna ainda mais repelente à vista do fato de ser servido em copos. Todas as manhãs, esses lugares ficam apinhados de gente de todas as classes, pessoas respeitáveis e o vulgo, que consegue fazer uma primeira refeição por quatro vinténs: consiste num copo de café e um pãozinho com manteiga irlandesa, rançosa, refugo do mercado de Lisboa.[375]

Vale lembrar que o navegador esteve no Brasil antes da abertura dos portos às nações amigas, quando o fluxo de estrangeiros que aportava em Salvador era insuficiente para criar uma dinâmica comercial voltada para atendê-los.

---

[373] Ibidem, p.97.
[374] PIRES, Mário J. Op. cit.
[375] LINDLEY, Thomas. *Narrativa de uma Viagem ao Brasil*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1969, p. 175. Ele voltava de uma viagem à ilha de Santa Helena, no oceano Atlântico Sul, quando sua embarcação sofreu algumas avarias e aportou na costa da Bahia. Entretanto, acabou se envolvendo no contrabando de pau-brasil e foi preso.

O francês Antoine Dugrivel, assim que chegou à cidade, em 1832, procurou um alojamento para hospedar-se, encontrando um único hotel, chamado *Universo*, no qual não havia mais vagas. Sugeriram-lhe, então, que fosse ao teatro, onde alugavam quartos para viajantes.[376]

Após desembarcar, Darwin procurou o *Hotel D' Univers*, situado na Cidade Alta, e com a ajuda de três palavras: "'comer' to eat, 'cama' bed e pagar", conseguiu se entender muito bem com seu anfitrião.[377]

Por sua vez, o médico e botânico inglês George Gadner, em 1837, registrou a seguinte queixa:

> [...] fomos a um grande hotel em frente ao teatro, onde nos alojamos por esta noite; mas com leitos sem conforto, com o ruído e com o tinir ainda mais alto de dólares (sic) em um aposento bem em baixo do nosso, até quase quatro horas da madrugada, nosso repouso da noite não foi dos mais revigorantes.[378]

O pastor Kidder, no seu primeiro dia na Bahia, pernoitou na casa do Sr. Foster, cônsul norte-americano, que se colocou inteiramente à sua disposição, mas, posteriormente, alugou uma casa localizada em frente às Mercês.[379]

No ano de 1843, tanto o Conde de Suzannet quanto o inglês James Wetherell teceram comentários a respeito dos meios de hospedagem. "Não podia conformar-me com os albergues da Bahia, que são de uma sujeira repugnante", declarou o primeiro, ficando muito contente ao aceitar o convite do cônsul francês para que se hospedasse em sua casa, situada na Vitória.[380] "Os hotéis são execráveis, tratando-se mais de restaurantes com salas de bilhar do que lugares destinados a fornecerem acomodações aos viajantes," foi a reclamação feita pelo segundo.[381]

Quase quarenta anos após a abertura dos portos, embora o movimento portuário fosse ampliado, Salvador ainda não havia adequado sua infra-estrutura à nova realidade que se impunha. Em 1847, ao desembarcar na cidade, acompanhado de um amigo, Greene Arnold dirigiu-se ao *Hotel do Universo*.

> Deram a mim e a Edmett um quarto bastante bom em seu aspecto exterior; [...] Estava cheia de percevejos. Depois de andar um pouco Edmet se jogou na cama e dormiu um pedaço: ao despertar literalmente fervia percevejos; só no mosqueteiro tinha mais de cem. Levantou-se e se sentou num tamborete no meio do quarto para evita-los. Jamais em minha vida vi tantos. Resolvemos não dormir na pousada, embora tivessemos mandado buscar muitas frutas.

---

[376]VERGER, Pierre**.** Op. cit., p. 124.
[377] DARWIN, Charles Robert. Op. cit., 2001, p.42.
[378]GADNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975, p.93.
[379]KIDDER, Daniel P. Op. cit., p. 11 e 53.
[380]SUZANNET,Conde de. Op. cit., p.189.
[381]WETHERELL, James**.** *Brasil: apontamentos sobre a Bahia, 1842-1857***.** Salvador: Banco da Bahia, 1972, p.146.

Depois desse desagradável incidente, eles aceitaram a hospitalidade do cônsul norte-americano Alex Tyler e foram à sua casa, localizada na Vitória, "um subúrbio da Bahia, numa colina onde residem quase todos os estrangeiros. Tem um alojamento em um edifício de um andar com tanto conforto quanto se pode desejar e um criado alemão que se ocupa em arrumar a casa".[382] Na residência do jovem Tayler, passaram "momentos muito agradáveis."[383]

O inglês Alexander Marjoribanks passou por Salvador no ano de 1850, hospedando-se também no *Hotel do Universo*. Ele não fez comentários quanto aos serviços oferecidos no estabelecimento, mas disse ter aproveitado a ocasião para observar detalhadamente os escravos que trabalhavam no local.[384]

Figura 8: Vista da Ladeira de São Bento para o Largo do Teatro, vendo-se à esquerda o Hotel D'Univers.

[382] Ibidem, p. 4.
[383] ARNOLD, Greene. Op. cit., p. 4.
[384] AUGEL, Moema P. Op. cit., 1980, p. 87.

Avé-Lallemant, oito anos mais tarde, antes de partir da capital baiana com destino a Caravelas, deixou sua bagagem no "pequeno *Hotel Inglês*". Ele regressou quatro meses depois, quando foi informado de que seus "bons e simples hospedeiros" haviam se mudado. Depois de muito procurá-los, encontrou-os "na longínqua Rua das Mangueiras, perto da nova via férrea".[385] O médico ficou admirado e contente por sua bagagem, que incluía pedras e frutos, ter sido cuidadosamente guardada por tanto tempo e pelo fato de os hospedeiros terem se preocupado com sua prolongada ausência.

Na segunda metade do século, Maximiliano da Áustria dirigiu-se, primeiramente, a um hotel localizado no Largo do Teatro. Sobre essa experiência - na qual também se pode observar o quanto o comportamento do viajante estava imbuído de racismo - ele declarou:

> É humano, depois de todo o encantamento, sentirmos necessidade de alimentar, materialmente, a chama do entusiasmo. Daí passarmos os olhos a nossa volta, à procura de um Hotel. Segundo informações vagas recebidas ainda a bordo, descobrimos pelos letreiros, numa transversal, algo semelhante a um restaurante. [...] Pequenas mesas, imagens obrigatórias de romances franceses, e até algo semelhante a um cardápio indicaram-nos que devíamos nos encontrar numa fábrica de comida. Por toda a parte, reinava um completo silêncio, que oprimia o estômago. Não apareceu vivalma para nos servir. Tudo estava como que morto. Teria talvez a febre amarela varrido esse local? Finalmente, já dávamos vasão à nossa impaciência, quando apareceu, como almas extenuadas saídas do túmulo, uma corja mulata, das mais diversas tonalidades que, evidentemente, acabava de fazer uma sesta lerda. Mas, nesse momento, começaram os apuros: na nossa impensada vertigem de alegria, não tínhamos levado conosco nenhum conhecedor de línguas, e nenhum de nós até agora entendia a língua selvagem. Além disso, as pessoas faziam uma cara fechada e aborrecida, esquecendo-se de que estavam ali para servir o público. Por fim, num ataque de triste melancolia, balbuciei: chá, chá! Tal palavra, que tinha lido nas tabuletas de Lisboa, ajudou a provocar um lampejo na pouca inteligência das extenuadas criaturas, e outros sinais extraídos da linguagem dos macacos produziram algum efeito. Finalmente, apareceram miniaturas de xícaras com um chá ralo, açúcar pisado, marrom como a poeira da rua, e até uma espécie de bife, mas que, por ser tão duro, devia ter sido importado, há meses, da Inglaterra. Meus pobres dentes não conseguiram mastigá-lo. Através da mímica do ordenhar, pedimos leite para o nosso chá, mas a criadagem de cor apenas zombou de nós, E, com os mesmos gestos, fez-nos compreender que só encontraríamos leite de manhã cedo. [...] Era compreensível que o nosso grupo, do ponto de vista culinário, estivesse curioso com aquilo que foi chamado de hotel. [...] Espumando de raiva deixamos o hotel onde, neste grande centro comercial, nenhum indivíduo falava francês, inglês, alemão ou italiano. Conciliatória e ingênua, porém, foi a boa - vontade de um dos garçons rudes, que nos balbuciou o nome de um hotel melhor, onde, também, se falavam outros idiomas. Nessa honestidade, soprou o fresco alento da mata virgem. [386]

[385] AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p. 272.
[386] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p. 88, 89 e 90.

Posteriormente, o arquiduque austríaco se instalou no *Hotel Frévrier*, também situado no Largo do Teatro.[387] Nesse estabelecimento, ele vivenciou uma experiência totalmente diferente, pois foi muito bem atendido e pôde apreciar uma comida que considerou deliciosa.

> Mas, aqui, estávamos no seio de Abraão: água gelada deliciosa, as frutas mais maravilhosas e, nas refeições que se preparavam, os pratos mais saborosos, adequados ao clima, através de grandes quantidades de condimentos. Tudo preparado com carinho e de forma bastante convidativa, um serviço cortês e fino, moldes europeus [...].[388]

O hotel possuía uma localização privilegiada, pois das sacadas da sala de bilhar avistava-se a Cidade Baixa e a parte interna da baía. "Tal panorama é muito atraente, já que a ladeira é a artéria principal da Bahia...".[389] Segundo sua descrição, o estabelecimento era bastante movimentado, freqüentado principalmente por europeus residentes ou de passagem pela cidade. Em seus salões se reunia uma "animada sociedade francesa", sendo a galeria-varanda o local destinado à diversão.[390]

Entre os funcionários do local, o arquiduque citou a eficiência do garçom Henry e a gentileza do proprietário, que além de preocupar-se com os serviços prestados no hotel, fornecia aos viajantes informações sobre a cidade e o país, indicando locais que deveriam ser visitados, fatores que o tornavam "um pai contemporizador para com seus hóspedes". [391]

Seis anos mais tarde, o editor de um jornal inglês, William Scully, identificou um hotel "muito bom" localizado na Calçada e dirigido por um compatriota.[392] Ainda na década de 60, o navegador francês Ernest Mouchez teceu uma opinião contrária, registrando não haver hotéis de qualidade na Bahia.[393]

O jornalista Armand Goegg, que viera da Alemanha no ano de 1880, encontrou um bom alojamento dirigido por um alemão, o *Hotel Muller*. E a viajante francesa Louise Bourbonnaud, que passou por Salvador em 1885, escreveu que após o desembarque subiu de elevador para a Cidade Alta e se dirigiu ao *Hotel de France*, surpreendendo-se com o fato de não encontrar ali

---

[387] Provavelmente, tratava-se do *Hotel do Universo*, o estabelecimento hoteleiro mais conhecido da cidade. Porém, não encontrei fontes suficientes para comprovar tal hipótese.
[388] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p. 91.
[389] Ibidem, p. 94.
[390] Ibidem, p. 140.
[391] Ibidem, p. 91.
[392] Apud AUGEL, Moema P. Op. cit., 1980, p. 110.
[393] Ibidem., p. 105.

ninguém que falasse francês.[394] No mesmo ano, o austríaco Moritz Lamberg - que morou por vinte anos no Brasil - ao visitar a Bahia, opinou que os hotéis da Cidade Baixa eram "pequenos, sujos e incômodos", trasladando-se, por esse motivo, para a Cidade Alta.[395]

A princesa Therese da Baviera, em 1888, hospedou-se em um alojamento dirigido por uma alemã, que identificou como "uma espécie de pensão", tendo que se deslocar para a Cidade Baixa para fazer as refeições. Era difícil encontrar na Bahia um alojamento que suprisse as necessidades e expectativas de um ator social com as características de Therese. Embora seja possível inferir que o local onde se hospedara era muito simples comparado ao padrão com o qual estava habituada, ela não teceu rigorosas críticas quanto à qualidade da pensão e ainda relativizou a ausência de luxo ao escrever que o alojamento encontrava-se "em meio a encantadores jardins".[396]

Na última década do século, no ano de 1895, o botânico alemão W. Detmer, logo que chegou à cidade, optou pelo "*Hotel Sul-Americano*... em frente ao *Hotel Paris*, sendo melhor que este último... e ambos na cidade alta". No entanto, apesar de inicialmente ter utilizado a hospedagem paga, posteriormente ele aceitou a hospitalidade do Sr. Weber, representante da casa comercial *Ottens*, dirigindo-se para a residência do seu anfitrião.[397]

Como se nota, era comum o estrangeiro procurar um alojamento que fosse dirigido por conterrâneos, o que assinala o desejo de encontrar algum elemento familiar, um ponto de apoio durante a permanência em terras distantes. O auxílio de um hoteleiro proveniente do mesmo país seguramente tornaria a viagem mais prática, uma vez que a comunicação seria facilitada e, possivelmente, os hábitos cotidianos seriam mais próximos.

[394] Ibidem, p. 119 e 122.
[395] Ibidem, p.156.
[396] VON BAYERN, Therese Prinzessin. Op. cit., p. 226.
[397] Apud AUGEL, Moema P. Op. cit, 1980, p. 193.

Figura 9: Vista da Ladeira de São Bento, de onde se observam os hotéis Paris, Luzo-Brazileiro e Sul-Americano.

Nem todos os viajantes que vieram à Bahia e deixaram relatos escritos fizeram menção ao que tange à oferta de acomodações e serviços de alimentação existente na cidade e, muitos, nem sequer citaram o local onde estiveram hospedados. Contudo, entre os estrangeiros que registraram comentários sobre o tema e que estiveram na cidade até meados do século XIX, as críticas foram, em sua maioria, negativas, referindo-se sempre a pouca oferta de alojamentos e locais para fazer as refeições ou à falta de qualidade dos mesmos. Porém, a partir da segunda metade dos oitocentos, apesar de muitos visitantes ainda tecerem duras críticas, alguns elogiaram os hotéis e os hoteleiros que lhes acolheram. Em outros casos, eles registraram que, ao menos, puderam optar entre dois ou mais estabelecimentos.

Era comum a utilização dos serviços de um alojamento pago nos primeiros dias de estadia, recebendo, em seguida, o convite para se hospedar na casa de algum residente, principalmente se o viajante estivesse munido de cartas de recomendação. Outros, no entanto, preferiram a incógnita e a liberdade de permanecerem num hotel, como foi o caso do arquiduque Maximiliano, que recusou não só a recepção oficial feita pelo Presidente da Província, o Sr.

Conselheiro Ferreira Penna, como também o convite para hospedar-se no palácio do governo, fato que deixou o político bastante descontente.

Além dos estrangeiros, em finais do século XIX, Salvador já contava com fluxos esporádicos de viajantes oriundos do interior da Província, em geral, dos municípios do Recôncavo. O *Vapor de Cachoeira* era muito utilizado para transportar esses passageiros que pretendiam fazer compras, veranear ou participar de festas populares, a exemplo do Carnaval (chamado de Entrudo até meados dos oitocentos).[398]

Comumente, caixeiros e pessoas provenientes não só do interior da Bahia, mas também do Piauí e de Minas Gerais, realizavam compras ou negociavam na capital baiana, hospedando-se na casa dos lojistas, a grande maioria situada na Cidade Baixa.[399]

3.4 ANÚNCIOS DE SERVIÇOS

Nos oitocentos, os serviços relacionados ao universo da hospitalidade, como as hospedarias e os restaurantes, eram incipientes no Brasil, pois o turismo ainda não existia enquanto fenômeno social e tanto a organização das viagens quanto dos serviços demandados por elas não se apresentavam como atividade sócio-econômica capaz de gerar renda e melhorar a infra-estrutura dos destinos receptores. Entretanto, ao longo do século, as viagens se tornaram mais constantes e ganharam uma nova dimensão, relacionadas ao poder aquisitivo e ao *status* social. Esse fato gerou pequenas mudanças no estilo de vida de algumas famílias e na mentalidade de muitos indivíduos que, a partir de então, passaram a vislumbrar outras paisagens e novos comportamentos sociais.

O afluxo de viajantes que aportava na Bahia acarretou na multiplicação das necessidades de equipamentos e serviços, o que pode ser observado através do aumento de anúncios em jornais e almanaques, principalmente a partir da segunda metade do século, ofertando serviços de hospedagem, gastronomia e lazer.

---

[398] QUEIROZ, Lúcia A. Op. cit.

[399] LIMA, José F. da Silva. *A Bahia de há 66 annos*: reminiscências de um contemporâneo. Folhetim do Jornal da Bahia de 1907. Bahia: Victoria, 1939.

No que tange às opções de entretenimento, pode-se dizer que alguns hotéis, além do pernoite e dos serviços de alimentação, também ofereciam jogos, a exemplo do bilhar, e organizavam bailes de máscara. O jornal *O Século*, em fevereiro de 1850[400], anunciava:

BAILE MASCARADO.

Ferraro e C.ª previnem ao respeitavel publico, que nos dias 9 e 11 do corrente haverá baile mascarado no hotel de S. João, e os bilhetes acham-se á venda no mesmo hotel.

No jornal *O Interesse Público*, em dezembro de 1860,[401] encontra-se a seguinte publicação:

Attenção, rapasiada do bom gosto.

Domingo 9 de desembro he a abertura do hotel Garibaldi na casa do finado João Adrião Chaves na estrada da Valla. De manhã haverá u bella maniçoba e outras mais iguarias, a tarde haverá o bello devirtimento das bochas a italiana e outros devirtimentos; assim como o bom café pelo novo modelo da maquina de circulação.

[400] CEDIG. Anúncios. *O Século.* Bahia, 7 de fev. 1850, nº 193, anno 3, p.4.
[401] CEDIG. Anúncios.*O Interesse Público*. Bahia, 6 de dez. 1860, nº 13, anno 1, p. 4.

Até mesmo uma propaganda de hotel redigida em inglês (com erros gramaticais) foi encontrada no periódico baiano *Jornal da Tarde*, em abril de 1860,[402] assinalando a intenção do proprietário de atrair hóspedes ingleses e norte-americanos:

HOTEL BAHIANO.

N. 11—LADEIRA DA GAMELEIRA—N. 11.

BAHIA.

The proprietor of this Hotel so advantageous ly situated ina commanding eminence begs leave to informe the Public, that in this establishment may be found well ournished rooms and saloens, properly ventilated. The greatest acitivity and cleanse reignes throughout all. The Charges are moderate.

[402]CEDIG. Anúncios. *Jornal da Tarde*. Bahia**,** 12 de abril 1860, nº 35, anno 1.

[403]Eis a tradução da publicidade para o português: "O proprietário desse hotel tão cheio de vantagens, com camas altas (sic) informa ao público que nesse estabelecimento há quartos e salões mobiliados e adequadamente ventilados. As melhores atividades reinam por toda à parte. Os preços são moderados." [Trad. da autora].

O mesmo recurso foi utilizado em outro anúncio, no ano de 1885:

Figura 10: Anúncio do Hotel Restaurante Francez.

Sendo mais abrangente que a primeira propaganda - o hotel foi anunciado em dois idiomas, o português e o francês. No texto, ainda é ressaltado que no local falava-se “todas as línguas”, com o intuito de cativar os viajantes estrangeiros e destacar-se perante os concorrentes. Provavelmente, havia no estabelecimento alguém que falasse mais de um idioma, não sendo plausível haver algum funcionário que conhecesse “todas as línguas”, mesmo que estivesse subentendido que se tratava daquelas faladas pela maioria dos estrangeiros que visitava a Bahia.

O anunciante do *Hotel Müllem* indicou em língua francesa que o estabelecimento tinha “vista da baía” e que no local falava-se quatro idiomas. Como se vê, esse era um recurso comercial bastante utilizado pelos principais hoteleiros, visando destacar seus produtos e serviços aos clientes vindos do exterior, que procediam, sobretudo, de países europeus, mas também de portos africanos, asiáticos, antilhanos, da região platina e da América do Norte.

Figura 11: Anúncio do Hotel Müllem, no ano de 1889.

Por sua vez, o proprietário do *Hotel des Étrangers* evidenciou o objetivo de chamar a atenção dos estrangeiros não só pelo anúncio bilíngüe, bem como pelo próprio nome dado ao estabelecimento.

Figura 12: Anúncio do Hotel des Étrangers, no ano de 1888.

No Rio de Janeiro, durante o II Reinado, o costume de freqüentar restaurantes e cafés estava se firmando, sendo que o mesmo não acontecia em relação aos hotéis.[404] Em Salvador, essa realidade não era diferente, porém, o que se observa por intermédio dos anúncios dos jornais baianos é que os hotéis passaram a ofertar outros serviços além da hospedagem e a agregar novos valores ligados à comodidade e ao bem-estar.

No *Grande Hotel de Paris*, onde no fim do século XIX os "coronéis" da região da Chapada e do Cacau costumavam se hospedar quando vinham à capital, o cliente poderia pernoitar, tomar banhos quentes e frios,[405] fazer as refeições e divertir-se com jogos de bilhar. Caso não quisesse usufruir todos esses serviços, poderia escolher o que mais lhe conviesse, como se observa no anúncio abaixo:

[404] LYRA, Heitor. *História de d. Pedro II. (1938-40).* São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1977, 3 vols., p. 63.
[405] No século XIX, o banho estava em processo de consolidação como prática de higiene diária. Acreditava-se que a água morna energizava o organismo; a água quente, além de energizadora, servia para o relaxamento muscular; e a água fria era usada nas hidroterapias. VIGARELLO, Georges. *O Limpo e o Sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 210.

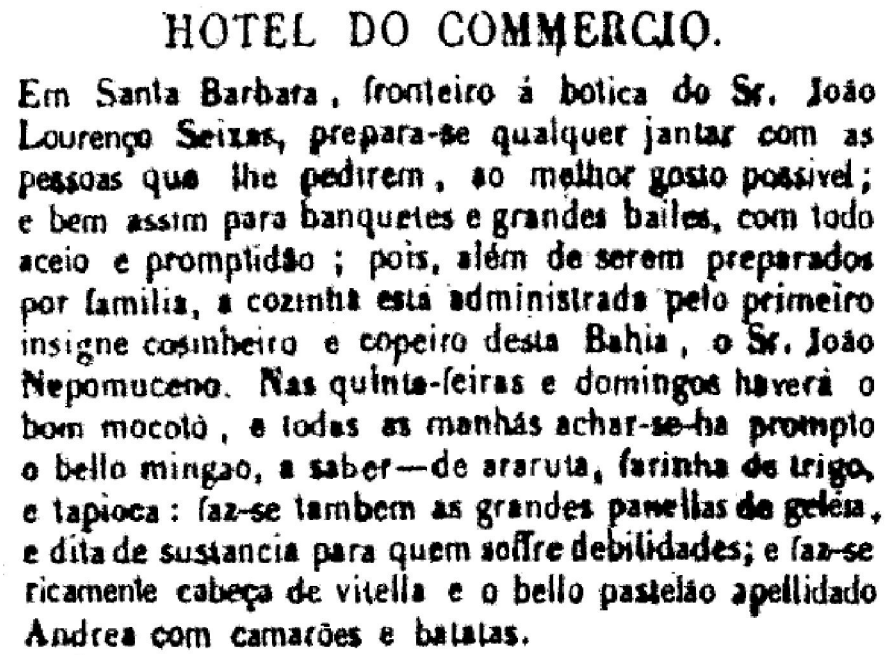
Figura 13: Anúncio do Grande Hotel de Paris, no ano de 1885.

Os estrangeiros reclamavam amiúde do desconforto dos equipamentos hoteleiros e dos serviços prestados, até mesmo porque muitos estabelecimentos que se intitulavam hotéis eram, na verdade, restaurantes, bilhares ou cafés que nem sequer ofereciam hospedagem. Outros, no entanto, ao menos dispunham de cômodos para receber viajantes, mas de maneira amadora e improvisada.

Esse quadro foi sendo alterado ao longo dos oitocentos, especialmente nas últimas décadas, quando os meios de hospedagem começaram a melhorar seu aspecto visual e a receber investimentos com o intuito de proporcionar maior conforto e bom atendimento aos hóspedes.

Para os estratos mais elevados da sociedade local freqüentar os restaurantes dos hotéis, aos poucos, foi se tornando um hábito. Os proprietários, visando incentivar ainda mais esse novo

costume, noticiavam nos periódicos seus serviços gastronômicos, como mostra o anúncio abaixo, de 1850. [406]



HOTEL DO COMMERCIO.

Em Santa Barbara, fronteiro á botica do Sr. João Lourenço Seixas, prepara-se qualquer jantar com as pessoas que lhe pedirem, ao melhor gosto possivel; e bem assim para banquetes e grandes bailes, com todo aceio e promptidão; pois, além de serem preparados por familia, a cozinha está administrada pelo primeiro insigne cosinheiro e copeiro desta Bahia, o Sr. João Nepomuceno. Nas quinta-feiras e domingos haverá o bom mocotó, e todas as manhãs achar-se-ha prompto o bello mingao, a saber—de araruta, farinha de trigo, e tapioca: faz-se tambem as grandes panellas de geléa, e dita de sustancia para quem soffre debilidades; e faz-se ricamente cabeça de vitella e o bello pastelão apellidado Andrea com camarões e batatas.

Em 24 de agosto do mesmo ano[407]:

HOTEL DO COMMERCIO.

—O dono da casa, denominada — Hotel do Commercio—, e fronteira á botica do Sr. Seixas em Santa Barbara, e seo irmao e mais familia agradecem ás pessoas que empregão no mesmo Commercio a generosa concurrencia que têm prestado ao dito seo estabellecimento; e esperando a continuação de tal favor; de que sobretudo depende a manutenção e prosperidade da mesma casa, e subsistencia do annunciante, promettem esmerar-se quanto possão, em servir cada vez melhor aos seos freguezes e protectores: assim como haverá todos os dias das 10 horas do dia em diante sorvetes de todas as qualidades preparados por Joao Roland, bem como vinho e champanhe e refrescos de todas as qualidades de uzo da Italia.

[406] CEDIG. Anúncios.*O Século***.** Bahia, 30 de jul. 1850, nº 254, anno 3, p. 4.
[407] Ibidem, 24 de agosto de 1850. nº 264, anno 3.

No jornal *Alabama*, em novembro de 1881, há uma nota do *Hotel das Nações* comunicando os principais pratos preparados pela casa, nos quais incluíam-se: sopas, canjas, filé à francesa, filé à italiana, peixe ensopado, rim à portuguesa, assado de vitela, frango de molho pardo, ostras cruas e diversas sobremesas, tais como: panqueca, omelete *sucrée*, doce de limão e frutas.[408]

Figura 14: Foto do Hotel das Nações, localizado no Comércio. Na esquina, situava-se o mercado de Santa Bárbara, antigo Morgado.

A cozinha nacional e local representada pelas frutas, pelo mingau e pelo mocotó, dialogava com uma culinária de padrão internacional, como a omelete *sucré* e o filé à francesa. Por mais que se ofertassem pratos afrancesados à população baiana, com o propósito de refinar seu paladar, a culinária local, com forte influência das cozinhas indígena e africana, fazia parte da cultura do povo, independentemente da classe social.

Assim, a culinária se tornou mais um dentre os elementos que despertava a atenção dos estrangeiros que estiveram na Bahia. "Como é comum em tais ocasiões, os mais velhos habitantes do Brasil preferirem o que vinha de fora, enquanto todos nós demos preferência às produções do país",[409] comentou Maria Graham, a respeito do cardápio de um jantar festivo do

[408] CEDIG. Annuncio. *Alabama*, Bahia, segunda, 15 de nov. 1881, anno XIX.
[409] GRAHAM, Maria. Op. cit., p. 181.

qual participou no Rio de Janeiro. Em Salvador, ela provou "a mistura africana de legumes, cozido com azeite de Dendê", constatando que o quitute ficaria "excelente" temperado com sal.[410]

Greene Arnold, enquanto passeava pela Cidade Alta, aproveitou para observar muitas árvores, frutas e frutos locais. Ele experimentou goiabas, ananazes, romans, amêndoas, melões, inhames, batatas e diversos outros alimentos.

> [...] o sabor da manga me desagrada, mas a gente se afeiçoa. A jaca é uma fruta rara, a parte comestível é o saco volumoso que contem os caroços dispostos em filas como nos melões; este bago é branco, viscoso e enjoativamente doce. Comem-nos os negros mas não me agradam. O jambo é um fruto mui raro, do tamanho da lima, redondo e rosado, com uma forte fragância e sabor muito semelhante a da canela rosada. A pitanga é [...] saborosa, ligeiramente amarga, porém mui acida e excelente comida com açúcar ou em geléa. O tamarindo é uma variedade de acácia ou de mimosa. A fruta cresce em bainha, como em outras acácias e é tão boa para comer em seu estado natural como conservada em açúcar.[411]

Durante sua permanência na cidade da Bahia, Maximiliano da Áustria normalmente fazia suas refeições no hotel onde se hospedara. Quanto a um dos jantares que lhe foi servido no estabelecimento, ele escreveu:

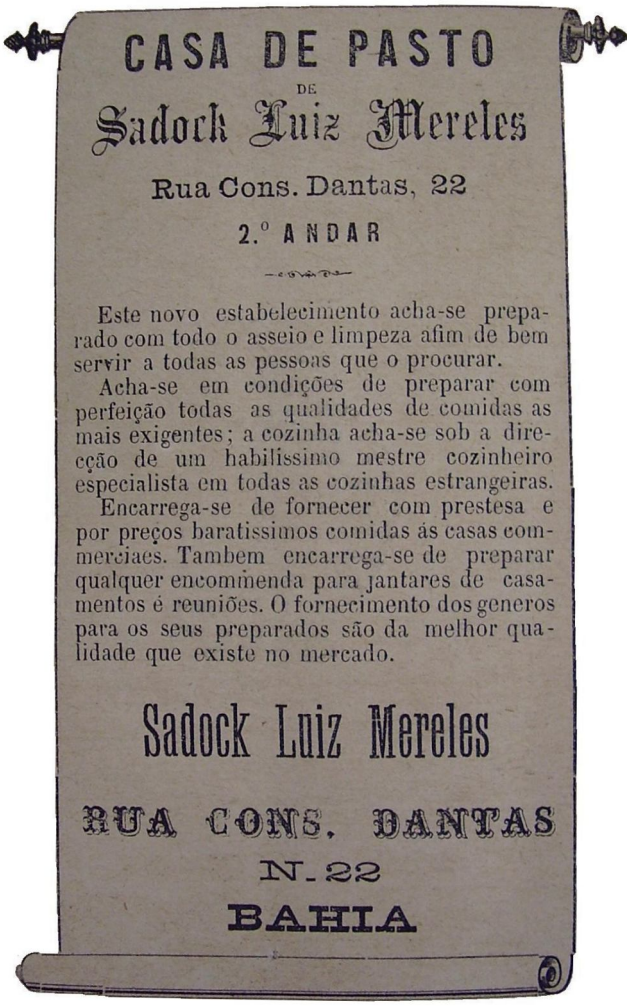
> Uma cesta das mais esplêndidas frutas tropicais, os régios abacaxis no centro, e algumas travessas de frios bem preparados enfeitavam o jantar, ao qual nos entregamos com redobrado prazer [..] Os pratos de refeição de hoje, com base na cozinha francesa, eram adequados ao clima equatorial e, daí, fortemente condimentados. Lembro-me, especialmente agradecido, de uma lagosta deliciosíssima, em nada inferior a suas irmãs adriáticas, confirmando o dito de que o mar é um só. Tenho que lembrar-me, também, de uma travessa de camarões cheirosos, da tonalidade de pétalas de rosas e que, já atingindo a esfera do ideal, não tinham mais o sabor de mariscos e,sim, de frutas doces, semelhantes a amêndoas. Por outro lado, os doces brasileiros de frutas agridoces, semelhantes a terebentina, misturados com uma grande quantidade de melaço, não me agradaram de maneira alguma, pois me fizeram lembrar muito certos medicamentos que nos davam, quando crianças.[412]

O arquiduque teve a oportunidade de fartar-se com pratos típicos, mas também da cozinha francesa, afinal, o proprietário do hotel "já sabia quem hospedava", apesar de haver tido "a sutileza de não o demonstrar a não ser pela refeição excelente e fina que tinha preparado".[413] O sabor dos doces brasileiros avivou a memória gustativa do visitante ao remetê-lo a momentos da sua infância. As vivências ocorridas durante uma viagem, quando se está longe de casa e vivendo

[410] Ibidem, p.395.
[411] ARNOLD, Samuel G. Op. cit., p. 7-8.
[412] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p.114-115.
[413]Ibidem, p. 115.

novas experiências, comumente remetem o indivíduo a lembranças, inclusive de cheiros e sabores, despertando esse tipo de sensação.

Na segunda metade do século XIX, casas de pasto e cafés foram instalados em Salvador. Hoteleiros e demais comerciantes que atuavam no ramo da alimentação encontraram um filão na organização de festas e banquetes, trabalhando com encomendas de jantares e até mesmo alugando as dependências de seus estabelecimentos para a realização de eventos. Desse modo, a sofisticação das práticas alimentares se desenvolveu juntamente com a criação de novos espaços de sociabilidade, alterando hábitos de consumo e de lazer da sociedade baiana.



CASA DE PASTO

DE

Sadock Luiz Mereles

Rua Cons. Dantas, 22

2.° ANDAR

Este novo estabelecimento acha-se preparado com todo o asseio e limpeza afim de bem servir a todas as pessoas que o procurar.

Acha-se em condições de preparar com perfeição todas as qualidades de comidas as mais exigentes; a cozinha acha-se sob a direcção de um habilissimo mestre cozinheiro especialista em todas as cozinhas estrangeiras.

Encarrega-se de fornecer com prestesa e por preços baratissimos comidas ás casas commerciaes. Tambem encarrega-se de preparar qualquer encommenda para jantares de casamentos é reuniões. O fornecimento dos generos para os seus preparados são da melhor qualidade que existe no mercado.

Sadock Luiz Mereles

RUA CONS. DANTAS

N. 22

BAHIA

Figura 15: Anúncio de casa de pasto, no ano de 1889.

Em relação à comida servida nesses locais, verifica-se que, de um modo geral, nas primeiras décadas dos oitocentos havia pouca variedade de alimentos e não existia uma preocupação em surpreender os clientes, fosse pelo sabor do repasto ou pela estética do prato. Esse fato acorria por diversos fatores, como a precariedade do abastecimento, limitado até mesmo

nas capitais,[414] e pelos padrões comportamentais ligados aos serviços e aos costumes à mesa, que se diferenciavam dos conhecidos pela maioria dos estrangeiros.

A associação feita entre hospedagem e alimentação era tanta que nos almanaques administrativos e comerciais da cidade da Bahia, relativos aos anos de 1845, 1855 e 1863, os hotéis e casas de pasto eram anunciados como um único tipo de estabelecimento, a distinção entre eles só apareceu no Almanack de 1873. Em 1845, foram arroladas nove "casas de pasto e hospedarias", a listagem continha o nome do proprietário do local, o endereço e, quando havia, o nome comercial. Entretanto, há maiores informações, em tom de publicidade, de duas hospedarias:

- "Hotel do Universo de João Baptista de Figueiredo, ao largo do Theatro: n'essa casa se hospedão as principais pessoas, que aportão á esta cidade."
- "Penção particular e banhos, rua da Gameleira n. 10: n'esta casa que he uma das melhores situações da cidade, com magnífica vista de mar, alugão-se quartos mobilhados por dias ou por mezes, dá-se á comer aos hospedes, e há banhos quentes. Tudo por preço fixo."[415]

Em 1855, contabilizavam-se treze "hotéis e casas de pasto", sendo que sete já estavam identificados como hotel e possuíam nomes fantasia: *Hotel da Fama, Hotel do Universo, Hotel da Alliança, Hotel Globo, Hotel do Commercio, Hotel das Nações* e *Hotel d' Alfândega*. Mais uma vez o *Hotel Universo* ganhou maior destaque, pois ao seu endereço estavam acrescidas algumas informações, conforme ilustração abaixo:

Figura 16: Anúncio de hotel.

[414]Nos oitocentos, a base alimentar brasileira era composta essencialmente por farinha, feijão, arroz, carne seca, toucinho e açúcar. LIESELLOTE H. Ornellas. *A alimentação através dos tempos*, 3 ed, Florianópolis: Ed. UFSC, 2003.

[415]CEDIC-BA. SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. *Almanach civil, político e comercial da Bahia para o ano de 1845.* [s.n.], 1998, Salvador, Edição fac-similar, p. 239.

Cumpre mencionar que o médico José da Silva Lima, na crônica de costumes que escreveu sobre a Bahia oitocentista, afirmou que por volta de 1840 havia somente uma hospedaria na cidade, *O Figueiredo*, freqüentada principalmente por viajantes estrangeiros.[416] De acordo com a leitura dos almanaques, é possível inferir que o referido estabelecimento era o *Hotel Universo*, cujo primeiro dono se apresentava como João Baptista de Figueiredo. Em seguida, o alojamento passou para o nome de sua viúva e, em 1863, apareceu cadastrado como sendo propriedade de Paul Vargue. Na década seguinte, catalogou-se o hotel já rebatizado de Figueiredo, porém, pertencente a José Pereira da Silva Porto. Não obstante o comentário do cronista, as fontes provam que pelo menos a partir de 1845, a capital baiana já contava com outras estalagens.

Em 1863[417] são listados vinte estabelecimentos do gênero, sendo que onze foram identificados com nomes comerciais. Em 1873,[418] são enumerados, separadamente, dez hotéis e oito casas de pasto. Em 1881[419] há onze hotéis, mas o item casas de pasto não mais aparece. A documentação não revela o motivo pelo qual não são registradas casas de pasto nesse ano. Acredito que possa ter ocorrido uma fusão desse tipo de estabelecimento com os hotéis ou cafés, visto que no final do século, em 1899, são documentados 9 hotéis, 8 casas de pensão, 7 cafés, 12 pastelarias e 32 restaurantes.[420] Portanto, casa de pasto deixou de ser a nomenclatura dominante e o restaurante se consolidou enquanto local onde se servia refeições mediante pagamento e fora do âmbito doméstico.

Aos poucos, os estabelecimentos do ramo alimentício e de hospedagem começaram a despontar na paisagem urbana da cidade. Na figura 17, a seguir, os dizeres da propaganda do *Restaurant e Café Amazona* destacam a sua localização privilegiada, revelando que o restaurante estava inserido em área provida de transportes públicos, próximo do porto e da estação de trem. Por seu turno, na figura 18, o concorrente *Hotel, Restaurant e Pastelaria Ferreira* informou estar "collocado no principal logar da cidade alta e no centro das linhas e comunicação de bonds, perto do Elevador Lacerda". Além da ênfase dada à localização, as casas apresentavam outros

---

[416]LIMA, José F. da Silva. Op. cit.
[417]CEDIC-BA. MASSON, Camillo de Lellis. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Bahia, para o anno de 1863*, terceiro depois do bissexto. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia, 1863.
[418]CEDIC-BA. PIMENTA, Altino Rodrigues. *Almanak Administrativo comercial e industrial da Província da Bahia, para o anno de 1873*. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Oliveira Mendes &C. 1872, anno I.
[419]CEDIC-BA. FREIRE, Antonio. *Almanak da Província da Bahia*. Brasil, Bahia, Salvador: Lhito-Typographia de João Gonçalves Tourinho, 1881.
[420] CEDIC-BA. REIS, Antonio Alexandre Borges dos. *Almanack Administrativo, indicador, noticioso, commercial e litterario do Estado da Bahia para 1899, segundo anno.* Brasil, Bahia, Salvador: Editores Wilcke, Picard & C., 1899.

atrativos, como: possuir adega especial, servir *lunch* a qualquer hora, elaborar bandejas ricamente enfeitadas e sortidas de doces especiais, receber encomendas para jantares de casamentos e inaugurações de estradas de ferro.

Figura 17 (à esquerda): Anúncio de restaurante-café, no ano de 1899.
Figura 18 (à direita): Anúncio de hotel - restaurante – pastelaria, no ano de 1899.

É interessante notar que os nomes comerciais mesclavam conceitos e denominações que no Brasil estavam entrelaçados, assim: “hospedarias”, “hotéis” e “casas de pasto” agregavam ao nome palavras como “Hotel”, “Pensão”, “Restaurant”, “Café Restaurant” indistintamente, como se se tratasse de um único tipo de estabelecimento. Ou seja, ainda não havia uma nítida distinção entre esses conceitos e tampouco quanto aos serviços oferecidos em cada tipo de comércio.

Os nomes das casas comerciais nos mostram como se pretendia, nos trópicos, imitar esses ambientes europeus. Porém, as palavras em outros idiomas usadas para denominar os hotéis também nos levam a pensar que muitos hoteleiros instalados na Bahia eram, de fato, estrangeiros, até mesmo porque alguns deles possuíam sobrenomes franceses, ingleses e alemães.

Para atrair a atenção do público, o anunciante do restaurante *Cyro* informou a respeito da variedade e qualidade dos seus produtos por meio de versos rimados.

RESTAURANT CYRO

La vai verso

O Restaurant do Cyro
Ja tem dado o que fallar
Não só devido aos manjares
Como ao modo de tratar.

As comidas exellentes
Que prepara tododia,
Fazem com que felizmente
Augmente-se a freguezia.

Alem disso os bellos doces,
E a saborosa cerveja,
E o bom vinho figueira
Que a todo imperio inveja !

Annunciar os petiscos
Um pleonasmo seria
Porque bastante os conhece
Nossa gentil freguezia.

E como não ha na praça
Quem versos melhores pinte,
Vinde aos manjares soberbos
A' rua Collegio 20.

RUA DO COLLEGIO **BAHIA** RUA DO COLLEGIO

Figura 19: Anúncio do Restaurante Cyro, no ano de 1888.

Em um almanaque do início do século XX, aparece uma propaganda do já citado *Hotel Sul-Americano*, fundado em 1895. Através de anúncios e fotos do mesmo, infere-se que se tratava de um estabelecimento de destaque, que possuía certo luxo e comodidade para os padrões da época. Segundo Cid Teixeira, nas dependências do *Sul-Americano* aconteciam reuniões políticas e banquetes para homenagear personalidades influentes.[421]

[421] TEIXEIRA, Cid. História Visual. *Correio da Bahia.* v.4, 2001.

Figura 20: Anúncio do Hotel Sul-Americano, na Praça Castro Alves (antigo Largo do Teatro).

Os hotéis e restaurantes - levando-se em consideração que muitos funcionavam no mesmo local e faziam parte de um mesmo estabelecimento - desempenhavam um variado papel na vida urbana. Nos salões desses espaços semiprivados, era possível, por exemplo, organizar banquetes, marcar encontros amorosos e discutir atividades políticas, enquanto se saboreava uma bebida ou uma refeição.

O hotel como local privilegiado para encontros furtivos foi documentado por Maximiliano, que observou os freqüentadores do estabelecimento onde se hospedara.

> A tão ansiada hora do jantar tirou-me das minhas reflexões; pela varanda agitada pela presença de inúmeros franceses, senhores e damas, onde o champanha espocava e os mais estranhos rostos de aventureiros riam e tagarelavam, passei à acolhedora e arejada sala de jantar, onde uma deliciosa refeição reuniu, alegremente, nossa colônia itinerante. O que o mar, a civilização e a mata virgem ofereciam de fino e saboroso estava aqui reunido pela mão afortunada da arte francesa, deliciosamente, com profundo conhecimento e em inteligente proporção. Enquanto do nosso lado tudo corria muito animado, mas dentro dos limites alemães, os *blagueurs*, na sala vizinha, entusiasmados pelo vinho espumante mantinham uma tagarelice ininterrupta, de uma superficialidade tipicamente francesa. Alguns dos senhores, com anéis e brilhantes correntes de relógio, tinham realmente o ar de aventureiros, enquanto o mundo feminino

> francês tem aqui algo que lembra as damas das camélias da *Rue Joubert do Quartier Bréda*.[422]

Amiúde eram publicados anúncios de hotéis em jornais nos quais se solicitavam "rapazes para o serviço de meza", cozinheiros e marcadores para jogos de bilhar. "Cosinheiro - Compra-se um, paga-se bem, agradando no Hotel Figueiredo" é o conteúdo de um anúncio publicado no jornal *O Trovão*, no ano de 1868. [423] Alguns alojamentos também noticiavam nos periódicos a venda de mesas e bolas próprias para jogos, além de diversos sortimentos importados, que variavam de produtos alimentícios a acessórios do guarda-roupa feminino.

A loja *Silva Souza & Alves*, situada na Rua Cons. Dantas –1 (Antiga rua Nova do Commercio), comunicava no Almanach do Diário de Notícias, de 1885, que dispunha de um depósito de calçados e de artigos para viagens. "Variado sortimento de mallas, saccos, bolças, cadeiras e camas de campanha". Tudo por "preços muito módicos".[424] Sua concorrente, a loja *Ao Pelicano*, que ficava no Largo das Princezas, 15, em frente à Alfândega, vendia cadeiras para viagem; cadeiras portáteis, fechando-se em forma de mala; bengalas; cestas e cestinhas para compras, roupas, frutas e presentes.[425]

Na mesma publicação, a *Padaria Europea*, localizada na rua Carlos Gomes, 91, informava que fornecia, além de biscoitos finos para chás, pães enfeitados para *soirées* e bailes, "bolacha e bolachão para embarque".[426] Os comestíveis para festas e viagens também eram vendidos na *Imperial Padaria*, situada em frente ao mosteiro de São Bento.[427]

No jornal Alabama, o proprietário do *Hotel do Globo* comunicava a seus fregueses que não mais trabalharia com "as assignaturas mensaes", apresentando os novos valores das refeições e frisando que o estabelecimento possuía quartos para famílias, além de banhos quentes e frios.[428]

---

[422] HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p. 224.
[423] CEDIG. Annuncio. *O Trovão*, Bahia, sábado, 17 de out. 1868, anno 2, p.4.
[424] CEDIC-BA. Almanach do diário de noticias para 1885, quinto anno, Bahia, [s.n],1885, Bahia, p. 4.
[425] Ibidem, p. XIV.
[426] Ibidem, p. 48.
[427] Ibidem, p. 104.
[428] CEDIG. Annuncio. *Alabama* Bahia, de 13 de nov. 1881, n. 238, anno XIX.

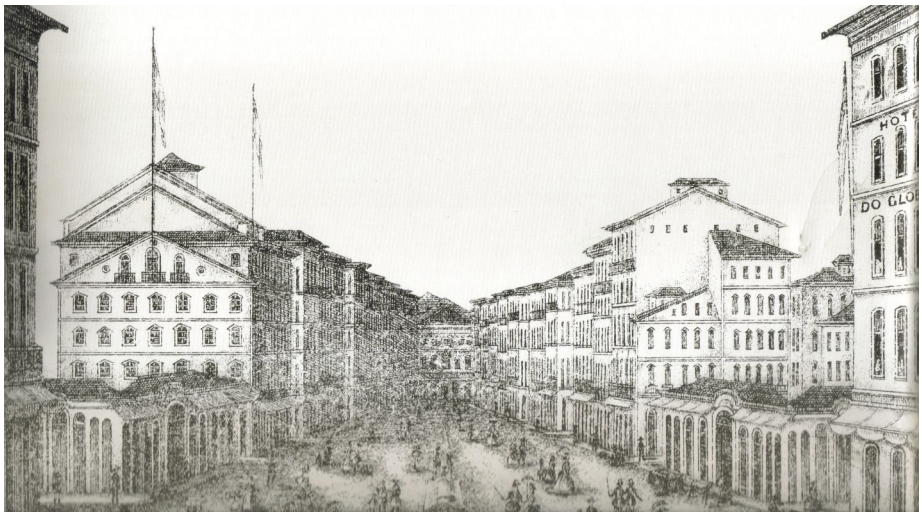


Figura 21: Gravura da Praça do Mercado, de onde se vê à direita o Hotel do Globo.

Em maio de 1879,[429] encontra-se a seguinte propagando de hotel:

HOTEL 25 DE DEZEMBRO
EM
ITAPAGIPE
A' RUA DO ROSARIO

Este estabelecimento acha-se preparado com aceio e tem constantemente comidas variadas, doces e bebidas de todas as qualidades.

Para receber com decencia as familias e mais pessôas de consideração tem sala especial, assim com quartos mobiliados para as que quizerem tomar banhos salgados.

No mesmo estabelecimento tem um bilhar de primeira qualidade, em sala especial.

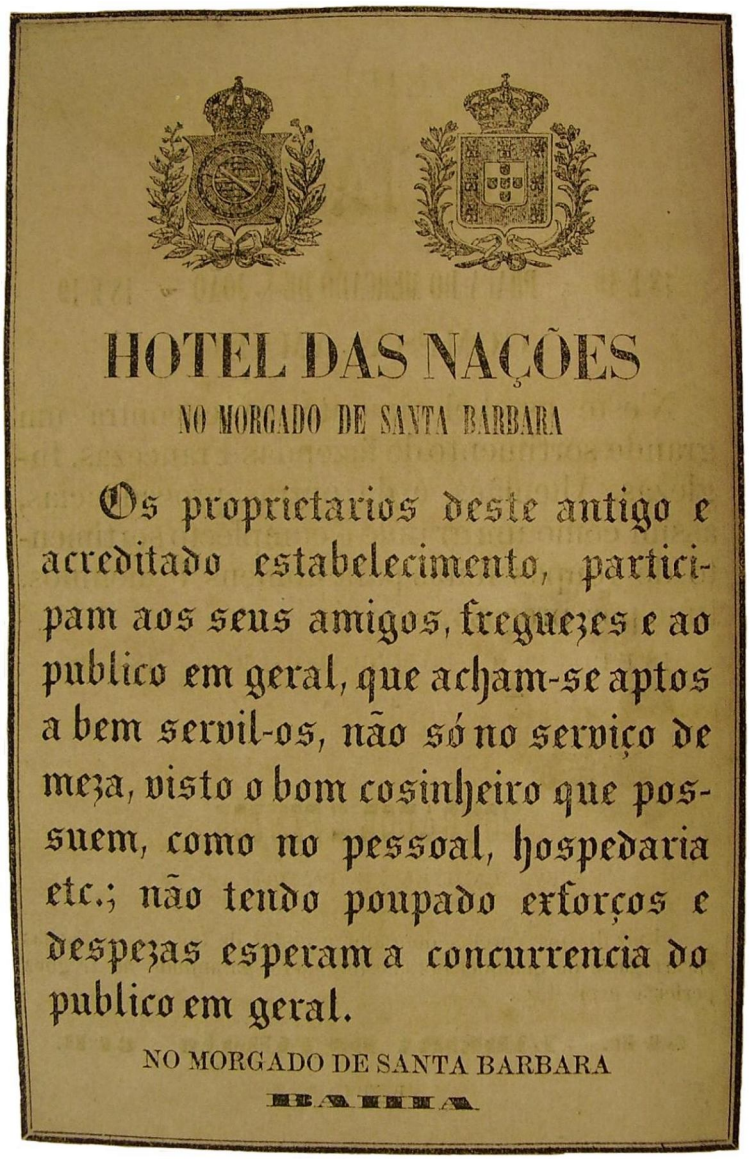
Tudo por preços commodos.

Tendo a companhia *Vehiculos Economicos* feito baixar para 100 rs. o preço das passagens de *bonds* do Bomfim a Itapagipe, por esse motivo nos dias de sexta-feira e domingos a hospedaria estará completamente abastecida de um tudo e reforçada de um pessoal excellente, afim de poder satisfazer com agrado e presteza a todos quanto a honrarem com sua freguezia.

[429] CEDIG. Annuncio. *Alabama*, Bahia, segunda, 12 de mai. 1879, n. 83, anno XVII.

Assim, tanto o *Hotel Globo* como o *25 de Dezembro*, além de trabalharem com o preparo e a venda de refeições, também disponibilizavam quartos para hóspedes e ofereciam banhos variados. Quanto ao *Hotel 25 de Dezembro*, é possível levantar a hipótese de que seus proprietários tenham realizado um acordo com os representantes da *Companhia Veículos Economicos*, a fim de angariar mais clientes para ambas e, com isso, auferir maiores lucros.

Em outra publicação, o *Hotel das Nações* também comunicou os serviços e produtos que ofertava:



HOTEL DAS NAÇÕES

NO MORGADO DE SANTA BARBARA

Os proprietarios deste antigo e acreditado estabelecimento, participam aos seus amigos, freguezes e ao publico em geral, que acham-se aptos a bem servil-os, não só no serviço de meza, visto o bom cosinheiro que possuem, como no pessoal, hospedaria etc.; não tendo poupado exforços e despezas esperam a concurrencia do publico em geral.

NO MORGADO DE SANTA BARBARA

BAHIA

Figura 22: Anúncio do Hotel das Nações, no ano de 1873.

Com efeito, havia um extenso comércio que fazia parte da dinâmica das viagens - hotéis, restaurantes, transportes, lojas que vendiam artigos para viagens, dentre outros, que buscava tornar o deslocamento ou a estada do viajante o mais cômodo possível. Em 20 de março de 1844, o jornal baiano *O Commercio* publicou um anúncio do *Almanach Civil Político e Comercial da Cidade da Bahia para o ano de 1845*, nos seguintes termos: "Dedicado ao respeitável corpo de commercio d'esta província. Esta obra he de bastante interesse não só aos habitantes d'esta província, como também aos estrangeiros que aportam a esta capital [...]".[430] A criação do Almanach, em meados do século, tinha o objetivo de atingir não apenas os comerciantes e consumidores residentes na cidade e no Brasil, mas também os sujeitos vindos do exterior. Através dos almanaques e dos anúncios de hotéis - principalmente dos redigidos em outros idiomas - percebe-se que a cidade da Bahia era visitada por diversos estrangeiros e que eles possuíam representatividade no mercado consumidor. Esse fato não passou despercebido pelos comerciantes baianos, delineando uma relação capitalista entre os visitantes e os prestadores de serviços.

No tocante aos anúncios dos meios de hospedagem, além de nos fornecerem uma idéia acerca da oferta e da demanda por esse tipo de serviço, a linguagem utilizada também indica algumas mudanças sociais. Aspectos que antes eram notificados, como o fato de o estabelecimento achar-se "preparado com aceio" e "estar abastecido de um tudo" eram pontos fortes, considerados diferenciais. Atualmente, nenhuma propaganda de hotel faria esse tipo de menção, pois os clientes já supõem que o local seja limpo e siga as normas sanitárias vigentes, assim como já está implícito que ele esteja abastecido dos produtos que oferece. Dessa forma, palavras que eram utilizadas nos anúncios com grande naturalidade, tornaram-se estranhas para nós, até mesmo engraçadas, uma vez que mencioná-las perdeu o sentido.

Por fim, a análise dos serviços oferecidos em Salvador aponta para um crescimento de opções e melhorias dos meios de hospedagem e alimentação, mesmo que a qualidade dos estabelecimentos ainda se encontrasse aquém do desejado por muitos clientes estrangeiros.

---

[430] CEDIC-BA. SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. *Almanach civil político e comercial da cidade da Bahia para o ano 1845*. [s.n], 1998, Salvador, Edição fac-similar, p. XIX.

3.5 A GASTRONOMIA E A CRIAÇÃO DE NOVAS SOCIABILIDADES

O restaurante moderno instituiu-se na França no final do século XVIII, apesar de nesse período a Inglaterra já contar com tavernas bem decoradas que serviam finas iguarias. O nome restaurante tem sua origem nos "*restaurants*" ou "caldos restaurativos" que eram indicados para restaurar as forças debilitadas de quem os consumia. Os caldos podiam ser de frango, carne de boi, ervas, raízes, a depender das necessidades e gostos dos clientes. Não tardou muito para que os comerciantes do ramo passassem a oferecer uma ampla variedade de pratos e a servi-los a qualquer hora do dia, pois pessoas sensíveis poderiam ter a necessidade de restabelecer suas forças a qualquer momento e não apenas nos horários convencionais das principais refeições. Os restaurantes também se diferenciavam dos demais estabelecimentos culinários por terem introduzido o uso do cardápio e por oferecerem um atendimento personalizado.[431]

Após a Revolução Francesa, muitos chefes de cozinha que trabalhavam na corte foram obrigados a abandoná-la e, então, começaram a executar seu ofício em restaurantes, onde prestavam seus serviços - repletos de valor simbólico - a pessoas comuns. Ao longo do século XIX, o número desses estabelecimentos aumentou sensivelmente na França e a gastronomia foi sendo aperfeiçoada.[432]

O Brasil não ficou alheio a essas modificações no modo de comer, não só por ter recebido diversos viajantes, como também pelo fato de muitos brasileiros terem visitado ou morado na Europa. Ao conhecerem os cafés e restaurantes de outros países é plausível que, ao regressarem, esses sujeitos tenham desejado freqüentar o mesmo tipo de ambiente, criando juntamente com os visitantes, a necessidade de novos espaços urbanos.

Desde a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil a vida social das principais cidades, sobretudo a do Rio de Janeiro, tornou-se mais intensa: saraus, jantares e recepções dançantes passaram a fazer parte do cotidiano das famílias ricas. Na década de 1820, Maria Graham observou as mulheres em um baile oferecido por um "respeitável comerciante inglês", no Rio de Janeiro, considerando as moças portuguesas e brasileiras "de aspecto decididamente superior às

---

[431]SPANG, Rebecca L. *A Invenção do Restaurante: Paris e a moderna cultura gastronômica*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 86.
[432]FLANORIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massino. *História da Alimentação.* São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 757.

da Bahia: parecem de classe superior. Talvez a permanência da côrte aqui por tantos anos as tenha polido".[433]

Duas décadas mais tarde, o francês Conde de Suzannet registrou suas impressões sobre as relações sociais, tecendo uma opinião diferente a da visitante inglesa:

> A sociedade da Bahia não se assemelhava em nada à do Rio de Janeiro. Lá, não se vêem a arrogância e a dureza das grandes damas que compõem, no Rio, o que se convencionou chamar 'a Côrte'. As relações sociais são mais agradáveis: há mais franqueza e cordialidade. As mulheres gozam de grande liberdade; não são contrafeitas nem tímidas, como em geral aquela espécie de escravatura doméstica torna as brasileiras. Reúnem-se nos teatros, tomam parte nas conversas, e os maridos, apesar de muito ciumentos, permitem que a gente se aproxime delas. Tôdas as mulheres desejam muito agradar, mas geralmente são feias e de pele azeitonada, que as faz parecer mulatas [...] Graças à sua influência benéfica, a Bahia conserva fielmente os hábitos europeus.[434]

A abertura dos portos ao comércio exterior e a conseqüente presença de estrangeiros no Brasil propiciou mudanças no vestuário, nas danças, nas práticas de lazer e na alimentação. A ampliação do mercado de consumo foi imediata e o "bem comer" incluía gêneros importados. O uso da farinha de trigo para o fabrico do pão, compotas de frutos tipicamente europeus e biscoitos importados de Londres ou Paris, são apenas alguns exemplos.

A Corte, localizada no Rio de Janeiro, com seus rituais e normas de etiqueta, quesitos que se tornaram fundamentais principalmente no II Reinado, legitimava o que era considerado modelo de elegância e civilidade para as elites sociais das demais cidades brasileiras, especialmente das capitais. [435]

Assim, o contato com produtos e pessoas de outros países contribuiu para alterar, gradativamente, o comportamento e alguns hábitos de consumo da sociedade baiana, sendo que as mudanças mais significativas apareceram dos anos 50 em diante.

A partir da segunda metade do século XIX, surgiram os costumes dos passeios à tarde, de se tomar um chá na *pastelaria*, um refresco no *café* e, eventualmente, fazer as refeições no *hotel* ou *restaurante*, locais onde moças e rapazes podiam ver e ser vistos e desfilar uma indumentária que seguia à moda de Paris. Contudo, cabe mencionar que esse público era ainda bastante reduzido, principalmente entre as mulheres, que possuíam hábitos mais domésticos e não costumavam sair desacompanhadas de suas casas.

---

[433] GRAHAM, Maria. Op. cit., p. 183. Percebe-se nessa fala de Maria Graham que não havia uma idéia precisa da nacionalidade brasileira.
[434] SUZANNET, Conde de. Op. cit., p.187.
[435] SCHARCWZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2004.

Para se ter uma idéia do crescimento desses novos espaços de sociabilidade na cidade do Salvador, faz-se necessário comparar e analisar os estabelecimentos catalogados nos almanaques administrativos e comerciais da Bahia entre as décadas de 1840 e 1880.

Em 1845, Salvador contava com botequins, diversas padarias e dois confeiteiros. Porém, não havia uma relação de cafés, confeitarias e mestres de cozinha.[436] Isso não significa que na cidade não era possível encontrar "chás", "cafés", "guloseimas" ou contratar os serviços de um cozinheiro. No entanto, o "chá", por exemplo, mudou de significado quando pôde ser apreciado em uma confeitaria, onde se requer normas específicas de conduta e que, apesar de ser um local aberto a todos, era preciso ter dinheiro para freqüentá-lo. E, mais do que isso, só pessoas com uma polidez devida - socialmente construída - saberiam circular com desenvoltura em um espaço como esse, o que as distinguia dos atores de outras camadas sociais e lhes propiciava uma noção de pertença sócio-cultural.

Já em 1855 subtraiu-se a relação dos confeiteiros que, provavelmente, foram incorporados às "pastelarias". Nesse ano, embora ainda não houvesse o item "cafés"; dois "botequins" relacionados possuíam nomes sugestivos, sendo eles: *Café Restaurant* e *Caffé Salloon*, ambos situados no Largo do Teatro.[437] Inclusive, era nessa área da cidade que se localizava boa parte desses estabelecimentos, conforme documentou Maximiliano da Áustria, ao identificar na Praça do Teatro "um enorme prédio com cafés, hospedarias e lojas".[438]

Dois anos depois, no Almanack de 1857,[439] já se encontrava o item "mestres de cozinha", havendo dois profissionais arrolados: João Nepomeceno e Feliciano Barato, sendo que o primeiro já havia sido citado em um anúncio do *Hotel do Commercio*, que afirmava ser sua cozinha administrada pelo "primeiro insigne cozinheiro e copeiro desta Bahia" como chamariz, o que mostra que João Nepomeceno deve ter sido uma figura de destaque entre os amantes da boa mesa que viviam na Bahia da época.

---

[436] CEDIC-BA. SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. *Almanach civil, político e comercial da Bahia para o ano de 1845.* [s.n.], 1998, Salvador, Edição fac-similar, pp.231, 234, 238, 239.

[437]CEDIC-BA. MASSON, Camillo de Lellis. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Bahia, para o annode 1855*, organizado por Camillo de Lellis Masson, Primeiro anno. Brasil, Bahia, Salvador, Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia, 1854. v II, p. 291.

[438]HABSBURGO, Maximiliano de. Op. cit., p. 88.

[439]CEDIC-BA. MASSON, Camillo de Lellis. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Bahia, para o annode 1857*, organizado por Camillo de Lellis Masson. Brasil, Bahia, Salvador, Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia, 1857, p. 312.

Na década de 60, não foi encontrada nenhuma modificação expressiva na quantificação e qualificação dessas casas comerciais. No Almanack de 1873[440] são listadas quatro confeitarias e, no ano de 1881,[441] ademais dos outros itens, observa-se a presença de dois cafés.

No que tange à postura da sociedade baiana, e brasileira em geral, com relação à etiqueta alimentar, tanto em jantares privados, quanto nesses novos espaços de lazer, pode-se dizer que os serviços de mesa e os acessórios com valor estético e de higiene, como a toalha de mesa e o guardanapo, ainda eram pouco utilizados. Facas, garfos e colheres não eram artigos imprescindíveis nas refeições, causando, muitas vezes, embaraço entre os comensais. Sopas, canjas e caldos eram tomados nas próprias tigelas onde eram servidos, levando-as à boca. Crianças e adultos, ricos ou remediados, freqüentemente comiam com as mãos, sendo a educação à mesa pouco rigorosa.[442]

Em Salvador, o inglês Thomas Lindley, no ano de 1803, durante um jantar na residência do capitão do Forte do Mar, Sr. José Joaquim Veloso, observou:

> [...] o horrível costume do país, qual seja, o de comer com as mãos, em vez de usar facas e garfos, pôsto que não houvesse falta dêsses utensílios. Primeiro tomam entre os dedos um pouco de carne (que é sempre tão bem passada que se separa facilmente) e, depois, legumes e farinha. Mergulham isto no môlho ou na sopa, que têm em abundância nos seus pratos, esmagam o conjunto na palma da mão, fazendo um bôlo mais ou menos do tamanho de um pequeno sabonete, o qual, assim pronto, levam imediatamente à bôca, preparando outro enquanto comem. Por mais grosseiro e repugnante que possa parecer êste quadro, não lhe estou carregando as tintas. Ambos os sexos adotam por igual a mesma prática, que predomina em quase tôdas as classes. E até mesmo perante estranhos, se acaso tomam faca e garfo, cansam-se logo de um estilo tão pouco usual, lento e enfadonho; abandonam involuntariamente o talher e recaem no hábito antigo, com redobrada avidez.[443]

Em Pernambuco, durante um jantar, a inglesa Maria Graham reparou no modo de comer dos brasileiros:

> [...] Aos estrangeiros, também, foram dados colheres e garfos, mas a falta de talheres não pareceu embaraçar os brasileiros. Cada pessoa recebeu um pequeno prato fundo de bom caldo de carne *bien doré*. Quanto ao resto todo o mundo pôs a mão no prato. Dois pratos principais ocupavam o centro da mesa. Um dêles, uma terrina contendo farinha de mandioca crua. O outro, uma pilha de peixes preparados com azeite, alho e pimenta. Cada pessoa começava por derramar

[440]CEDIC-BA. PIMENTA, Altino Rodrigues. *Almanak Administrativo comercial e industrial da Província da Bahia, para o anno de 1873*. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Oliveira Mendes &C. 1872, anno I.
[441]CEDIC-BA. FREIRE, Antonio. *Almanak da Província da Bahia.* Brasil, Bahia, Salvador: Lhito-Typographia de João Gonçalves Tourinho, 1881, p. 48.
[442] LIESELLOTE, Ornellas H. Op. cit., p. 241.; LEAL, Maria L. de M. S. *A história da gastronomia.* Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1998.
[443] LINDLEY, Thomas. Op. cit. p. 63.

> uma quantidade de farinha no caldo até êle atingir a consistência de um pirão, depois, servindo-se do peixe, que estava partido em pedaços convenientes, mergulhava-os no mingau e comia com os dedos. Em volta dos dois pratos principais havia outros da mais saborosa natureza: enguias fritas com ervas aromáticas, mariscos preparados com vinho e pimenta e outros da mesma espécie. Dentro desses também cada homem punha sua mão indiscriminadamente, e metendo seu bocado no prato fundo, ensinaram aos nossos oficiais como comer êste substituto do pão de trigo e engolir sem preocupação de ordem ou limpeza. Tôdas as espécies de pratos foram misturadas e tocadas por tôdas as mãos. Depois do jantar um escravo passou em volta uma bacia de prata com água e toalhas, após o que beberam-se alguns brindes e a função terminou com vivas.[444]

Na cidade mineira de Ouro Preto, o conde de Suzannet vivenciou uma experiência um tanto constrangedora para um homem polido como ele. Quanto ao ocorrido, o viajante narrou:

> Aceitei satisfeito um jantar que me foi oferecido: pela primeira vez era admitido na vida íntima de uma família brasileira de hábitos inteiramente diferentes dos nosso na Europa. Minha estréia estêve longe de ser agradável. Eu não falo do jantar que consistia de uma profusão de pratos poucos saborosos apesar de fortemente condimentados. Numa viagem é preciso acostumar-se ao gênero de vida do país que se percorre, e a abundância de alimentação substancial é quase o único luxo que se aprecia; mas os hábitos brasileiros desagradam profundamente. Fiquei espantado ao ouvir um dos convivas responder ao dono da casa que lhe oferecia um novo prato: "Tenho a barriga cheia." Ainda fiquei pior no fim dêsse terrível jantar: de tôdas as bôcas escapavam sons que me recoltavam; meus vizinhos ao se dirigirem a mim envolviam-me em exalações féticas e ruidosas. Quis conter-me, mas minha repugnância era mais forte que minha vontade; pretextei uma indisposição súbita para poder escapar a êsse novo gênero de suplício. Os turcos conservam ainda essa forma de polidez primitiva, mas raramente a empregam. Os brasileiros entulhando-se de pratos indigestos, adquirem quase tôdas as doenças de estômago. Os que jantam ao lado deles verificam com tristeza o seu mau estado de saúde. Quantas vêzes maldisse êsses jantares a que tive de assistir! Tornavam-se para mim um verdadeiro motivo de sofrimento; muitas vezes, usei o privilégio de ser estrangeiro para jantar em horas em que tinha a certeza de estar só.[445]

De acordo com seu país de origem e posição social, constata-se que Suzannet havia obtido um nível mais alto de refinamento e decoro, se comparado à boa parte da população brasileira. O desconforto do Conde advinha do fato de que quanto mais alto o grau de civilidade maior a vergonha e o embaraço sentido pelo indivíduo. O aumento do autocontrole e da regulação por parte das instituições e da sociedade como um todo, faz com que o comportamento do sujeito se transforme numa segunda natureza, sendo expresso como parte constituinte de sua personalidade. Desse modo, os viajantes se julgavam superiores diante de pessoas que se comportavam de

[444] GRAHAM, Maria. Op. cit.. p. 132.
[445] SUZANNET, Conde de. Op. cit., p. 102-103.

maneira considerada animalesca. Eles tendiam a achar que os seus conhecimentos técnicos, juntamente com a sua polidez, os tornavam naturalmente especiais ou melhores.[446]

Entretanto, a elegância no ato de comer e as "boas maneiras" começaram a ser gradualmente introduzidas no Brasil dos oitocentos e as camadas mais altas da sociedade desenvolveram mecanismos de maior autocontrole nas reuniões sociais.

A divulgação e a valorização da gastronomia ganharam impulso com os cardápios oferecidos pelo cozinheiro imperial e publicados pelos editores Eduardo e Henrique Laemmert.[447] Os irmãos Laemmert também publicaram, no Rio de Janeiro, em 1872, um "Novo Manual de Bom Tom", baseado no "Code Cível, Manuel Complet de la Politesse, du Ton, des Maniéres de Bonne Companhie", lançada em Paris, no ano de 1828. Entre as normas apresentadas, dizia-se que a dama que se atrasasse mais de quinze minutos seria comentada; que não se deveria levar cães e crianças para jantares; não era correto escarrar a mesa, nem falar de enfermidades; não era educado falar de boca cheia, tampouco cheirar a comida; não se deveria atirar bolinhas de pão nos vizinhos e - o manual afirmava - era de bom tom limpar a boca com o guardanapo e comer de garfo e faca.[448] Essas novas convenções e códigos de etiqueta também possuíam a função de barreira social e denotavam um modo de articular a identidade. A maneira de falar, andar, vestir-se, dançar e comer classificava e distinguia os indivíduos.

Os membros dos estratos inferiores da sociedade tendem a dar vazão a seus impulsos, enquanto as classes médias e altas se educam para domar os desejos. Peter Gay, na mesma linha teórica de Freud, diz que a população pobre já está suficientemente exposta à miséria para renunciar aos poucos prazeres que a vida lhe oferece. Em contrapartida, as sensações de vergonha e de culpa sentidas por um sujeito abastado, causadas pelo excesso de bebida ou por um comportamento *inadequado*, por exemplo, são superiores ao prazer proporcionado. Assim, é na tentativa de esquivar-se do sofrimento que o homem se esforça para enquadrar-se num determinado padrão de conduta.[449]

Na França, foi lançado em dezembro de 1825 o livro "La Physiologie du Goût", de Brillat-Savarin. A obra abordava, dentre outros temas ligados à gastronomia, a sociabilidade baseada na mesa, tornando-se um clássico do gênero. Em um dos capítulos, o autor distinguiu o prazer de comer do prazer à mesa, afirmando:

---

[446] ELIAS, Norbert. Op. cit., 1994, p. 23.
[447] LIESELLOTE H. Ornellas. Op. cit., p. 240.
[448] Ibidem, p. 248.
[449] GAY, Peter. Op. cit.

> O prazer de comer, nós o temos em comum com os animais, supõe apenas a fome e o que é preciso para satisfazê-la. O prazer da mesa é próprio da espécie humana; supõe cuidados preliminares com o preparo da refeição, com a escolha do local e a reunião dos convidados.[450]

Brillat-Severin conseguiu expressar como o homem do seu tempo estava, cada vez mais, elaborando e refinando o momento da refeição, que perpassava pela comida a ser servida, pelo modo como os comensais deveriam portar-se, pelos utensílios utilizados à mesa, até pela decoração do ambiente, demonstrando como a utilidade poderia ser enobrecida pela aparência. A restrição dos impulsos e a regulação da conduta social podem ser observadas através da mudança de significado pela qual passou a refeição, que deixou de ser um momento em que as pessoas se reuniam para saciar uma necessidade biológica, a fome, para converter-se em distintivo social, que requer paramentos específicos e comportamentos diferenciados.

Spang, que escreveu sobre a invenção dos restaurantes, diz: "As práticas envolvidas no ato de ir ao restaurante e as convenções da sensibilidade gastronômica demarcaram a comida, isolando-a e emoldurando-a, exigindo um movimento quase literal para outro espaço que não o da preparação".[451] Os códigos de conduta da vida civilizada apartavam o homem do que se tornara repugnante diante de seus delicados olhos. Em tal processo, ver um animal sendo abatido e a carne crua sendo preparada começou a causar repugnância nas criaturas mais sensíveis e acostumadas a uma vida urbanizada e materialmente confortável.

No Almanack do Diário de Notícias de 1885, a loja *Magalhães & Martins*, localizada na rua dos Ourives, 13, noticiava alguns de seus produtos: bandejas, jarras, facas e colheres para mesa. Na mesma publicação, a casa de louça *Amorim & Campos* comunicava que vendia serviço completo para chá e café; porta-licores; bandejas; talheres de cabo de búfalo e americanos; colheres para chá, sopa, açúcar e trinchantes.[452]

Assim, estava se formando em Salvador um público consumidor de artefatos de luxo e atento às regras de etiqueta. Contudo, é interessante notar como o trinchante ainda estava presente no aparato de mesa. Partes de animais de grande porte e alimentos como frangos e porcos provavelmente eram servidos inteiros, sem que isso causasse nojo ou embaraço nos comensais, diferentemente do que acontece nos dias atuais nas grandes cidades e entre as pessoas dos estratos mais elevados.

---

[450] BRILLAT-SAVARIN. *A fisiologia do gosto.* 3ª Ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 170.
[451] SPANG, Rebecca L. Op. cit, p.285.
[452] CEDIC-BA. *Almanach do Diário de Notícias para 1885*: quinto anno, Bahia, [s.n.],1885, p. 108 e 116.

A paulatina formação de um gosto considerado refinado nos trópicos influenciou hábitos alimentares e a própria estrutura da vida doméstica. As recepções, os saraus e o estabelecimento de hotéis, casas de pasto, cafés e pastelarias deram novos significados à vida social de Salvador, contribuindo para a elaboração de uma nova lógica de convivência e representando novos mercados de consumo.

Dentre alguns desses novos empreendimentos, sobressaía-se a pastelaria do italiano Lourenço Devoto. O local também dispunha de salões para festas e, aos poucos, tornou-se ponto de encontro das ilustres famílias baianas.[453]

GRANDE CONFEITARIA

E

PASTELERIA

DEVOTO

97—RUA CARLOS GOMES—97

(Antiga de Baixo)

Estabelecida nesta capital a grande confeitaria **DEVOTO** ha perto de 40 annos, nenhuma mais do que ella acha-se habilitada a receber qualquer encommenda, para com presteza aviar.

O grande capital empatado em louças, vidros e mais objectos precisos para grandes jantares, torna esta confeitaria no caso de, em os vastos salões da propriedade que occupa, preparar jantares até para 300 talheres.

Qualquer encommenda de doces e assados póde ser dirigida á Rua Carlos Gomes, n 97.

Quem quizer nesse ramo de negocio

Barateza, Perfeição e Presteza

Dirija-se a

PASTELERIA DEVOTO

BAHIA

Figura 23: Anúncio da Pastelaria Devoto, no ano de 1888.

[453] PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

Um contraponto à progressiva sofisticação dos hábitos alimentares era a prática dos ambulantes, escravos ou libertos, que vendiam seus quitutes nas ruas da cidade. O pequeno comércio de alimentos era fonte de subsistência de um significativo número de pessoas. Os produtos vendidos eram de fabricação caseira, elaborados com matéria-prima regional, mais barata e encontrada com maior facilidade, fator que explica a ausência de doces e salgados finos da culinária portuguesa nos cestos e tabuleiros das negras "ganhadeiras" e dos ambulantes em geral.[454] Esses comerciantes faziam parte da cultura culinária de Salvador, como o fazem até hoje, possuindo considerável importância na economia da cidade. O comércio alimentício não deixou de ser notado pelos visitantes, principalmente na Cidade Baixa e nas festas populares, quando esse tipo de venda se intensificava.

De acordo com o cronista baiano Manuel Querino, as noites de sábado giravam em torno dos "mocotós da meia-noite" que eram servidos em hotéis, casas de pasto e botequins, destacando os do "Hotel Baiano, do Coelho Branco, à Piedade, do Candinho Corcunda, no Maglioli, do Bico Doce, do João Gualberto, do Melânio, do Claudiano e da Aquilina". A diversão começava a partir das 22h, quando violonistas, trovadores e cantores de modinhas se encarregavam de alegrar os ambientes onde se serviam os tão afamados mocotós.[455]

O autor ainda documentou a existência de diversas salas de dança e bailes populares, onde era possível mediante a compra do ingresso, que custava dois mil réis, divertir-se até a manhã do dia seguinte. Certamente, os mocotós de sábado à noite e as festas que ocorriam nos botequins e hotéis eram freqüentados sobretudo por homens, pois as mulheres consideradas "de família" viviam mais reclusas. As boticas e as casas de tavolagem (casas de jogos) também se sobressaíam como espaços de diversão voltados para o público masculino. Nesses locais os políticos, senhores de engenho e ricos comerciantes costumavam beber, discutir política, jogar bilhar e gamão.

Durante todo o século, os principais divertimentos das famílias baianas eram os festejos religiosos, as idas à igreja e os jogos de cartas. Além disso, os integrantes dos estratos intermediário e superior freqüentavam o teatro, organizavam piqueniques, teatrinhos particulares e festas privadas, que normalmente aconteciam em virtude da comemoração de alguma data especial (batismo, casamento, aniversário, etc) ou para recepcionar um viajante considerado importante. Segundo Manuel Querino, nos bailes costumava-se dançar a valsa, a mazurca, a

[454]FERREIRA FILHO, Alberto H. *Quem pariu e bate, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940.* Salvador: EDUFBA, 2003.
[455]QUERINO, Manuel. *A Bahia de Outrora.* Salvador: Livraria Progresso, 1955, p. 202.

gavota, a quadrilha, o lanceiro, o solo-inglês e, até mesmo, algumas danças populares locais, como o lundú de Marroá.[456] Por volta de 1850, a polca, dança que estava na moda no Rio de Janeiro, espalhou-se pela cidade, animando casas e bailes.

O cônsul inglês, Mr. Pennell, fez "amavelmente" um convite ao casal Graham e aos rapazes da sua equipe para jantarem e reunirem-se em sua casa, na capital baiana. Durante o evento, "algumas senhoras tocaram quadrilhas, enquanto outras dançavam", relatou a viajante.[457]

As famílias menos abastadas passeavam nas cercanias das fontes públicas e participavam de festas populares, como o Carnaval e as efetuadas pelas irmandades. Os homens freqüentavam botequins e costumavam jogar o "três-sete" ou a víspora.[458]

Exibições de capoeira, sambas de roda e lundus realizados por negros nas ruas e praças designavam um comportamento urbano característico da cidade, despertando a curiosidade dos visitantes. Porém, nem todos os habitantes de Salvador enxergavam com bons olhos essas manifestações que, apesar de recorrentes, eram reprimidas pelo poder público.[459]

Maria Graham teceu comparações entre o nível cultural das pessoas que conheceu na Bahia e os europeus educados no exterior.

> Encontrei dois ou três homens do mundo bem informados e algumas mulheres vivamente conversáveis, mas ninguém, em nenhum sexo, que me lembrasse os homens e senhoras bem educadas da Europa. Aqui o estado da educação geral é tão baixo que é preciso mais do que o talento comum e o desejo de conhecimentos para alcançar um bom nível. Dos que lêem assuntos políticos, a maior parte é discípula de Voltaire e excede-se nas doutrinas sôbre política e igualmente em desrespeito à religião; por isso, para a gente moderada, que tenha passado pela experiência das revoluções européias, suas dissertações são às vezes revoltantes. Os portuguêses raramente jantam uns com os outros; quando o fazem, é em alguma grande oportunidade para justificar uma festa esplêndida. Encontram-se tôdas as noites, seja no teatro, seja nas casas particulares, e no último caso para jogar muito forte. A sociedade dos inglêses é exatamente o que se poderia esperar: alguns comerciantes, não de primeira ordem, cujas reflexões giram em tôrno do açúcar e do algodão, com exclusão de todos os assuntos públicos que não tenham referência direta com o comércio particular, e de tôdas as matérias de ciência ou informação geral. Nenhum sabia o nome das plantas que cercam a própria porta; nenhum conhecia a terra dez léguas além do Salvador; [...]. Fiquei, enfim, inteiramente desesperada com êsses fazedores de dinheiro destituídos de curiosidade. Estou sendo, talvez, injusta para com meus patrícios. Ouso pensar que há muitos que me *poderiam* ter fornecido êstes dados, mas o fato é que nenhum o fez, como também é verdade que pedi estas informações a todos com que me encontrei. Talvez porque uma mulher não é

[456]Ibidem, p.115.
[457]GRAHAM, Maria. Op. cit., p.147-148.
[458]QUERINO, Manuel. Op. cit., p.117. No século XIX a população não tinha o costume de ir à praia para nadar e bronzear-se. Diferentemente dos dias atuais, a praia era pouco utilizada enquanto espaço de lazer e os banhos de mar eram indicados para tratamentos de saúde.
[459] REIS, João J.Op. cit., 1999.

> considerada digna de saber alguma cousa através dêsses personagens do comércio. Os inglêses, contudo, são hospitaleiros e sociáveis entre si.[460]

Durante sua permanência no Brasil, em mais de uma ocasião a visitante percebeu certa má vontade por parte de alguns homens, inclusive entre seus concidadãos, de lhe fornecer determinadas informações, pelo fato de ela ser mulher. Assim, Maria Graham transpôs para seu relato tensões envolvendo as diferenças de gênero próprias de sua época.

Em um evento social, a viajante continuou a observar o comportamento da alta sociedade da Bahia, bem como os seus passatempos:

> Os homens portuguêses têm todos aparência desprezível. Nenhum parece ter qualquer educação da dos escritórios comerciais e todo tempo dêles é gasto, creio eu, entre o negócio e o jôgo. Do último as mulheres participam largamente depois de casadas. Antes dêsse período feliz, quando não há dansa de noite, ficam em volta das mesas de cartas e, com olhos ansiosos, acompanham o jôgo e esperam ardentemente o momento em que também poderão tomar parte nêle. Não me admiro dessa tendência. Sem educação e conseqüentemente sem os recursos do espírito, e num clima em que o exercício ao ar livre é de todo impossível, é preciso ter um estímulo. E o jôgo, tanto para o civilizado quanto para o selvagem, sempre foi recurso para tornar mais rápido o curso da vida. No momento, tivemos mêdo de que os jovens ficassem desapontados com a dansa, porque os rabequistas, depois de esperar algum tempo, foram-se embora, dizendo que não lhes tinham dado chá bastante cêdo. Mas algumas das senhoras se ofereceram para tocar piano e o baile durou até depois de meia noite.[461]

Na Corte, a viajante inglesa teve a oportunidade de visitar a casa de uma senhora "muito agradável" e se entusiasmou por haver conhecido uma mulher brasileira que "sem pretender muito mais do que é devido ao sexo, [...] pode produzir alguma influência, ainda que reduzida às ocupações e divertimentos da casa". A visitante julgou que dita mulher, por preferir "[...] os livros às cartas ou aos escândalos domésticos, em seu círculo de amizades, é capaz de promover uma cultura mais difundida, e um gôsto mais refinado na sociedade a que pertence."[462]

Elizabeth Agassiz expôs diversos comentários a respeito da educação feminina, opinando que "Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação das mulheres, o nível de ensino dado nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; [...] salvo uma ou duas matérias bem estudadas, francês e música, a educação das jovens é pouco cuidada e o tom geral da sociedade, disso se ressente".[463] Em ambas as considerações percebe-se o papel que as viajantes atribuíam às

---

[460] GRAHAM, Maria. Op. cit, p. 162-163.
[461] Ibidem, p.156.
[462] Ibidem, p. 348.
[463] AGASSIZ, Jean L.R. e Elizabeth C.A. Op. cit., p. 277. LEITE, Miriam L. M. Op. cit., p. 119, destaca que ela atuava como diretora de um colégio superior para mulheres. Esse fato seguramente direcionou seu olhar para aspectos ligados à educação feminina no Brasil.

mulheres, que deveriam ser as condutoras da *moral* e dos *bons costumes* da sociedade brasileira. Divertimentos considerados masculinos e grosseiros, como os jogos de cartas, não deveriam fazer parte do universo feminino e a falta de uma educação mais acurada voltada para esse público trazia conseqüências negativas para o país.

Em uma das reuniões sociais a qual compareceu na residência do cônsul britânico, em Salvador, Maria Graham reparou na indumentária das damas presentes:

> [...] Nas mulheres bem vestidas que vi à noite tive grande dificuldade em reconhecer as desmazeladas da manhã de outro dia. As senhoras estavam tôdas vestidas à moda francesa: Corpete, *fichu*, enfeites, tudo estava bem, mesmo elegante, e havia uma grande exibição de jóias. As inglêsas, porém, ainda que quase de segunda categoria, ou mesmo da nobreza colonial, arrebataram o prêmio de beleza e de graça, porque afinal os vestuários, ainda que elegantes, quando não são usados habitualmente, não fazem senão embaraçar e estorvar os movimentos espontâneos.[464]

O Conde de Suzannet, duas décadas depois, documentou a importância dos bailes na sociedade brasileira e compartilhou da mesma opinião de Maria Graham, observando como as vestimentas da moda européia não caíam bem nas mulheres do Brasil. Sugeriu que seria muito difícil atingir a elegância das européias nos trópicos, por mais que se tentasse imitá-las. "Onde melhor se pode observar as brasileiras é nos bailes. Chegam cobertas dos mais ricos enfeites; mas os belos tecidos não disfarçam a falta de graça, e esse luxo de mau gôsto espanta sem agradar".[465]

Por sua vez, Kidder observou a graciosidade da mulher brasileira, afirmando que

> Dificilmente qualquer imitação grotesca de modas estrangeiras poderá exceder o encanto e a beleza dos graciosos refegos das mantilhas ou dos ricos "echarpes" que às vezes as substituem, enleados de maneira caprichosa sôbre os chapéus altos, largos e ousados que usam as baianas. Contudo, o forte de uma dama brasileira é o violão e as maviosas modinhas que cantam.[466]

A vida social da Bahia oitocentista era movimentada pelos seguintes teatros: o Guadalupe, que deixou de operar em 1827; o São Pedro de Alcântara, de caráter mais popular, fechou suas portas em 1879; o São João; o Teatro do Ferrão; o Alcazar Lírico Baiano e o Politeama Baiano, inaugurado em 1886. De todos eles, o Teatro São João foi o que desempenhou maior relevância no cenário intelectual e política de Salvador, estando sempre aberto às influências vindas do exterior. Esta casa foi o palco principal da representação dos valores estéticos e culturais da alta sociedade baiana, sinalizando mudanças de atitude em relação às artes, ao entretenimento e às

[464] GRAHAM, Maria. Op. cit., p.155.
[465] SUZANNET. Conde de. Op. cit., p. 31.
[466] KIDDER, Daniel P.Op. cit., p.35.

formas de convívio social. O teatro, no século XIX, foi aos poucos substituindo a igreja como local de espetáculo e exibição pessoal, convertendo-se no principal espaço de lazer da cidade.[467]

O salão do Teatro São João era interligado a um café, um bilhar e uma sala de jogos. Constavam na sua programação: comédias, operetas italianas e dramas franceses e espanhóis, apresentados por artistas da terra, bem como por companhias estrangeiras. Como estratégia para atrair o público, o sensual lundu era freqüentemente apresentado nos entreatos. Contudo, a dança enfrentou resistência das autoridades e foi, mais de uma vez, proibida de ser encenada no local, que deveria passar uma imagem de distinção e decoro. Verger assinala que na segunda metade do XIX, os bailes de máscaras que aconteciam no São João se tornaram ponto de encontros extraconjugais.[468]

Maria Graham teve a oportunidade de assistir a uma ópera no referido teatro, espantando-se com o comportamento da platéia.

> O teatro é colocado na parte mais alta da cidade e o patamar diante dêle domina o mais belo panorama imaginável. É um belo edifício e muito confortável, tanto para os espectadores como para os atores. Interiormente é muito grande e bem traçado, mas sujo, e precisando muito ser pintado de novo. Os atores são muito maus como tais; um pouco melhor como cantores, mas a orquestra é muito tolerável. A peça era uma tragédia muito mal representada, baseada no *Maomé* de Voltaire. Durante a representação os cavalheiros e damas portugueses pareciam decididos a esquecer o palco, e a rir, comer doces e tomar café, como se estivessem em casa. Quando os músicos, porém, começaram a tocar a ouverture do ballet, tôdas as vistas e vozes voltaram-se para o palco. Seguiu-se a exigência de tocar-se o hino nacional e só depois de toca-lo e repeti-lo duas vezes permitiu-se que o ballet continuasse. Durante a algazarra provocada por isso, um capitão do exército foi preso e expulso da platéia, dizem uns que por ser batedor de carteiras, outros por estar empregando linguagem imoderada em assuntos políticos quando se estava a exigir o hino nacional.[469]

Avé-Lallemant esteve "no muito bonito" teatro da Bahia, onde assistiu por duas vezes ao *Don Juan*. No local, ele viu "côres claras e figuras européias".

> A orquestra era excepcionalmente ruim, um tanto melhor, porém, o desempenho, e ouvi com o maior prazer a nossa obra-prima alemã executada no outro lado do Oceano. Entre o auditório, o público alemão estava representado em grande número, e notei muitas figuras agradáveis nos camarotes, não, porém, tão animados como no baile. O mundo brasileiro apresentou-se também da mesma maneira, seleto e distinto. E se, desde os lugares de primeira classe até ao paraíso, não tivessem aparecido muitos Peris escuros, jugar-nos-íamos inteiramente transportado para um teatro europeu.[470]

---

[467]RUY, Affonso. *História do Teatro na Bahia, séculos XVI-XX*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.
[468]VERGER, Pierre**.** Op. cit., p.212.
[469] GRAHAM, Maria. Op. cit., p. 152-153.
[470]AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p. 47.

No entanto, a boa impressão que o teatro lhe causara durou pouco, visto que ele se chocou com "uma horrível anomalia":

> Contando-se, embora, entre os principais artistas, descendentes de europeus e muitos dêles, como, por exemplo, Dona Elvira e Zerlina, que além de perfeitas cantoras são figuras brilhantes, não se pode ver, em nenhum palco, coristas de feições mais horrendas nem iguais caricaturas de comparsas, como as que vi na Bahia. [...] Realmente, nunca vira tão extraordinário conjunto de formas e côres humanas como no fundo do palco na Bahia![471]

Como se nota, a pluralidade fenotípica da população baiana surpreendia os visitantes, que tinham referências estéticas bastante padronizadas e limitadas, não conseguindo ter uma sensibilidade mais aguçada para perceber a beleza na diversidade.

Salvador contava com um tradicional ciclo de festas, destacando-se, entre os eventos cívicos, as comemorações da Independência da Bahia, celebrando a derrota e expulsão das tropas portuguesas da Província (2 de julho), e a Independência do Brasil (7 de setembro). Todavia, os festejos religiosos representavam a maioria, dentre os quais podemos citar: o de Santa Bárbara (4 de dezembro); Nossa Senhora da Conceição da Praia (8 de dezembro); Natal (25 de dezembro); Ano Novo, acompanhado da procissão do Bom Jesus dos Navegantes (31 de dezembro e 1º de janeiro); São José (19 de março); Santo Antônio (13 de junho); São João (24 de junho); São Pedro (29 de junho) e Nossa Senhora da Boa Morte (15 de agosto). Dentre as festas móveis, as mais comemoradas eram a de Nosso Senhor do Bonfim, a de Sant'Ana, a do Divino, a de Corpus Christi e as celebrações da Semana Santa.[472]

Quase todas essas festividades tinham o respaldo das Irmandades e Ordens Terceiras – associações leigas que tinham o objetivo de demonstrar, por meio de festas e procissões, a devoção dos fiéis aos seus santos protetores. Os eventos eram realizados com quermesses, bailes à fantasia, venda de comidas típicas, músicas, danças e cerimônias cheias de pompas, convertendo-se num divertimento para os participantes. Essas comemorações fortaleciam as relações sociais e constituíam a principal maneira de celebrar a vida entre os baianos de todas as camadas sociais.[473]

Avé-Lallemant, algumas horas após ter visto uma procissão saída da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, onde apreciara "as belezas africanas", esteve em um baile alemão

---

[471]Ibidem, p. 48.

[472]Sobre algumas festas religiosas populares, ver COUTO, Edilece S. *Tempo de Festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940).* Tese de Doutoramento, Assis: UNESP, 2004.

[473]Sobre o tema, ver capítulo 2 de REIS, João J. Op. cit., 1999. Ver também CARDOZO, Manoel da S. As irmandades da antiga Bahia. *Revista de História*, Rio de Janeiro, n.95, ano 24, 1973, p.237-261.

"onde só se encontravam damas estrangeiras". Ao participar num mesmo dia de festas tão diferentes, ele aproveitou para analisar e comparar as mulheres negras da Bahia com as européias.

> Na verdade, diante dêsses radiantes exemplares das raças nórdicas, as belezas africanas transformam-se num horrendo quadro noturno. Como é inteiramente diferente uma jovem cabeça loura, de olhos claros e faces de carmim, como se o Sul tivesse plantado suas rosas nas neves do Norte; como é diferente uma jovem assim, com um vestido de cetim roçagante, quando desliza através da sala ao ritmo da música![474]

Seu depoimento é um tanto contraditório, pois ao reparar nas negras, ele elogiou sua beleza, mas ao entrar em contato com as brancas e "bem vestidas" mulheres da raça nórdica, ele não hesitou em considerá-las muito superiores em termos estéticos e a transformar as negras "num horrendo quadro noturno". As negras atraíam sua atenção pelo exotismo e sensualidade, mas, sob seu prisma, não deixavam de fazer parte de uma raça inferior e que, ao serem comparadas com exemplares nórdicos, tinham suas peculiaridades e diferenças ainda mais ressaltadas e depreciadas. Valeu-se da ocasião para contemplar "[...] com imenso prazer essas outras, êsses rebentos de troncos europeus e civilizações nórdicas, tanto maior quanto mais longe até as profundezas das longínquas florestas virgens me levaria minha viagem".[475]

O reverendo Kidder, no seu primeiro dia na Bahia esteve em um jantar, acompanhado do capelão da colônia anglo-americana, o Rev. Mr. Parker, na casa do Sr. Whately, cônsul inglês em exercício.[476] Por sua vez, o norte-americano Greene Arnold recebeu um convite para jantar com Mr. Porter, o consul britânico. "Tivemos uma ceia agradável e depois uma bôa conversação sôbre os negócios dos Estados Unidos".[477]

Na primeira vez em que Maria Graham e seu marido estiveram na Bahia, o Sr. Pennell realizou uma festa do campo para homenageá-los.

> Por isso alguns de nossos moços tiveram de ir antes e ajudar a armar as barracas, etc; mas um engano quanto às marés e ao tempo, e um êrro quanto à praticabilidade de desembarque num lugar da praia além do farol, ocasionou uma série de aventuras e acidentes, sem os quais sempre ouvi dizer que nenhuma *fête-champêtre* poderia ser perfeita. Apesar dos pesares, nossa festa foi alegre. Em vez das tendas utilizamos uma casa de campo chamada *a Roça* [*sic*], onde a beleza da situação e a elegância da construção e do jardim supriram o que poderíamos ter achado de romântico nas tendas, se tivessem sido erguidas. No jardim da *Roça*, cada arbusto de valor, seja pelos frutos seja pela beleza, estava assim cercado, e havia bancos, canais de água, e jarros de porcelana que me

[474] AVÉ-LALLEMANT, Robert**.** Op. cit**.**, p. 47.
[475]Ibidem, p. 47.
[476]KIDDER, Daniel P. Op. cit, p. 9.
[477]ARNOLD, Samuel G. Op. cit., p. 4.

> faziam quase julgar-me no Oriente. Mas há uma nota de novidade em cada coisa aqui, uma falta de interêsse em relação ao que já foi, que se sente visivelmente. No máximo podemos ascender ao selvagem despido que devorava seu prisioneiro e se adornava com ossos e penas. No Oriente a imaginação se liberta para divagar pelas grandezas passadas, na sabedoria e na polidez. Monumentos de arte e de ciência encontram-se a cada passo. Aqui, cada coisa, a própria natureza, tem um ar de novidade e os europeus ficam tão evidentemente estranhos ao clima, com seus escravos africanos, - que repugnam a quaisquer sentimentos saudáveis, - que assumem claramente o tom de intrusos, e em desacôrdo com a harmonia da cena. Contudo a *Roça* é bela e todos êsses graves pensamentos não nos impediram que nos deleitássemos com a bela paisagem[...]. [478]

Na ocasião, Maria Graham associou o Brasil à ausência de memória. Mesmo as belezas naturais não conseguiam suprir o desejo de se conectar à história e de estar em um local que tivesse uma origem, uma fundação. Quem seriam os homens que povoavam essa terra? Os índios selvagens; os europeus, que já tinham outro continente como referência e não conseguiam entrar em harmonia com o lugar; ou o negro, trazido à força da África? Assim, ela se questionou quanto à originalidade do Brasil e se desencantou ao compará-lo com o Oriente.

A contra-gosto, o arquiduque Maximiliano teve que comparecer a uma festa na casa do cônsul austríaco. Para ele, esse tipo de evento era uma perda de tempo para o viajante que buscava as belezas naturais dos trópicos.

> Hoje, depois das peripécias não pequenas do dia, eu tinha de vencer ainda o mais difícil que pode acontecer a um viajante de alta linhagem: um sarau em casa do nosso bom Cônsul, no qual deveria conhecer todos os alemães da Bahia. Convinha, pois, reunir tantas forças quanto possível, para conseguir atravessar, com decência e dignidade, essa tormenta não tropical.[479]

A festa convertia-se não em diversão, mas sim em obrigação, pois ele teria que voltar a usar traje especial e abrir mão, momentaneamente, da liberdade de estar incógnito no Brasil, sem a vigilância social que ocorre quando o sujeito está entre seus pares.

> Depois do jantar, tivemos de tomar a dura decisão de enfiarmo-nos na casaca mais preta de Gungel, apertamos a cintura num colete bem passado, e impedirmos a passagem do ar por meio de uma gravata devidamente engomada, alvíssima, apesar do desânimo d´alma provocado pela canícula dos trópicos e do cansaço natural. Se o peso de tais etiquetas já é difícil de se suportar na Europa cerimoniosa aqui, nos limites da mata virgem, na terra livre americana, é realmente cruel. Mas, em casa de Lohmann, encontrava-se a grande sociedade, e lá, a casaca tornava-se, pois, inevitável. O fato, porém, de ir, hoje, a essa festa com especial aversão, tinha ainda um significado místico particular. Lohmann

[478]GRAHAM, Maria. Op. cit**.,** p. 161-162.
[479]HABSBURGO, Maximiliano de**.** Op. cit., p. 222.

> tinha-me dito que eu encontraria em sua casa os representantes dos governos alemães e suas famílias.[480]

Descreveu a permanência no evento da seguinte forma:

> Um selecionado da nossa comitiva acompanhou-me. Era uma noite tépida e linda. No bairro consular alemão da encantadora Vittoria, tudo era animação. Cadeirinhas deslizavam pelas ruas, senhores de casaca preta seguiam a pé, e o fato de termos visto também percorrer o caminho, assim a pé, uma das delicadas flores da aristocracia da Vittoria, com plumas esvoaçantes e crínolina flutuante, demonstra que os costumes na Bahia são ainda um pouco menos rígidos do que da Europa[...] Entramos no salão de baile, espaçoso, oval, que Lohmann tinha mandado ornamentar com muito gosto. A orquestra fazia o seu possível, executando melodias straussianas. Começou uma Quadrille d`Honneur que, naturalmente, dancei com a anfitriã, mas, em vez de terminar, como é de praxe em nossa pátria, como tinha iniciado, transformou-se num redemoinho animado que apresenta de fato, alguns traços de natureza indígena e oferece ao olhar alguns momentos interessantes, mas que nunca chega ao fim sem danificar algumas crinolinas. No entanto, a civilização na Bahia não acompanhava a velocidade da nossa valsa alemã.[481]

No decorrer da festa, ele não deixou de reparar, pela janela, nos negros que também se divertiam, a seu modo, em frente à casa.

> Todas as janelas e portas estavam abertas de par em par, e nós, banhados de suor, continuávamos a dançar na brisa fresca da noite. Pelas janelas, vinda da mata virgem, brilhava, cintilante, a lua, com seu grande disco tingido de vermelho sangue e, lá embaixo, em frente à casa, à luz das tochas, os carregadores das cadeirinhas dançavam suas danças primitivas e selvagens, com o acompanhamento fanhoso de seus cantos.[482]

Assim, o visitante teve a oportunidade de contemplar, simultaneamente, duas realidades diferentes, porém relacionais, da vida cultural dos agentes sociais da cidade. A festa realizada na residência do cônsul conseguiu agradar até mesmo ao exigente gosto de Maximiliano, que estava acostumado aos requintados bailes da nobreza européia. Apesar de inicialmente haver se sentido desconfortável por ter que comparecer ao sarau, de acordo com o relato, parece que o ilustre viajante acabou por se divertir e ficou com uma boa impressão da alta sociedade baiana, no que tange à etiqueta requerida em eventos desse nível. Seguramente os anfitriões e convidados devem ter se esforçado ao máximo para mostrar seus modos *civilizados* ao homenageado da noite.

> A última etapa desse sarau foi uma excelente ceia principescamente luxuosa, com todas as iguarias dos cinco continentes, servida num salão do andar térreo. Deixei o grupo ainda embalado na dança e em meio a taças espumantes, agradeci à gentil anfitriã por sua amável hospitalidade, atirei-me em minha

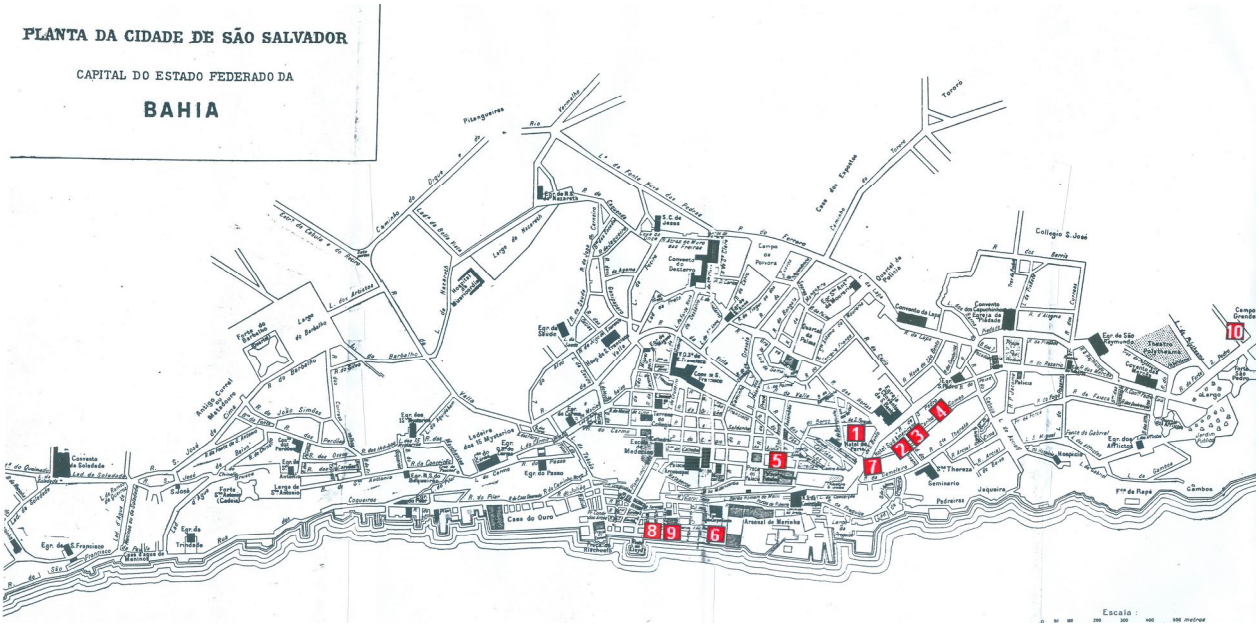
[480]Ibidem, p. 225.
[481]Ibidem, p. 227-228.
[482]Ibidem, p. 231.

> caleça, voltando para casa pela tépida noite estival de janeiro, em meio ao aroma das flores e sob o brilho rutilante das estrelas.[483]

Bailes, jantares, apresentações teatrais e outros divertimentos faziam parte do cotidiano dos viajantes que estiveram na Bahia dos oitocentos. Nessas ocasiões, eles puderam dialogar com dois mundos, o do requinte das festas de seus países, caracterizado pelos pratos franceses, utensílios importados e presença de europeus e descendentes que viviam nos trópicos; e o representado pelos pratos bem condimentados, doces feitos com frutas tropicais, maior informalidade dos anfitriões e atendimento prestado por escravos. Assim, a questão racial e a diversidade cultural perpassavam o dia-a-dia desses estrangeiros na Bahia, pois mesmo quando estavam no teatro, nos bailes ou no hotel, deparavam-se com situações em que as diferenças vinham à tona e eles eram obrigados a ver e lidar com o *outro*.

[483]Ibidem, p. 231.

ANEXO:



Localização aproximada de alguns hotéis estabelecidos em Salvador, no decorrer do século XIX:

1. Hotel Paris, no Largo do Theatro (Praça Castro Alves)
2. Hotel Sul-Americano, no Largo do Theatro (Praça Castro Alves)
3. Hotel Universo, no Largo do Theatro (Praça Castro Alves)
4. Hotel Restaurante Francez, na r. de Baixo (Carlos Gomes)
5. Hotel Ferreira, na r. Direita do Palácio
6. Hotel Müllem, na r. Nova das Princezas
7. Hotel Bahiano, na Gameleira
8. Hotel das Nações, no Morgado de S. Bárbara
9. Hotel do Commercio, no Morgado de S. Bárbara
10. Hotel des Étrangers, no Campo Grande

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos estrangeiros estiveram no Brasil ao longo do século XIX, a partir do momento em que os portos brasileiros foram franqueados às demais nações. Os viajantes oitocentistas que estiveram na Bahia formavam um grupo heterogênio, que possuía objetivos variados, como descobrir ou comprovar fatos científicos, lançar-se ao estudo da história natural e das civilizações, ter a chance de enriquecer realizando algum trabalho temporário, empreender missões religiosas ou vivenciar novas aventuras, sendo que o desejo de destacar-se socialmente perante seus pares freqüentemente acompanhava suas motivações. Em relação aos visitantes pesquisados, percebe-se que em muitos casos a viagem possuia um viés científico-recreativo, havendo um tênue limite entre eles.

É difícil conceber o caráter das viagens oitocentistas sem analisar como tais atividades foram construídas na imaginação das pessoas através da comunicação falada e escrita, especialmente da literatura de viagem. Assim, os relatos tiveram um importante papel, na medida em que contribuíram para tornar receptivos à idéia de viajar aqueles que não se satisfaziam com os horizontes do lar. Para além do desejo de travar contato com o desconhecido, o visitante almejava conferir, pessoalmente, se as informações e imagens sobre as quais lera e ouvira, de fato, correspondiam à realidade.

O encanto por uma localidade estrangeira nem sempre se dá pelo simples desejo de novidade e pela busca de diferentes distrações. Elementos de um determinado lugar que selecionamos e guardamos com prazer na memória podem revelar alguns aspectos da nossa identidade e afinar-se aos nossos anseios mais profundos. A princesa Therese da Baviera e o arquiduque Maximiliano da Áustria, por exemplo, ansiavam por liberdade e um maior contato com o clima e a natureza tropical, fatores que não encontravam em sua terra natal. Na verdade, esses personagens buscavam vivenciar, na prática, situações que já haviam vivenviado na imaginação.

Com o passar do tempo, no mundo ocidental oitocentista, a prática social de viajar foi paulatinamente criando uma infra-estrurura voltada para os viajantes. As atividades gastronômicas e de acomodação, assim como outras, foram se estruturando até se tornarem áreas de atuação profissioanal, como acontece nos dias atuais. A racionalização do tempo na sociedade capitalista gerou uma relação antagônica entre trabalho e lazer, transformando a viagem em item

do consumo moderno e o território, em mercadoria. Assim, o ato de viajar converteu-se em símbolo de prestígio e bem-estar.

No Brasil, as paisagens naturais constituíam o grande atrativo para estrangeiros ávidos por contemplarem locais desconhecidos e terem acesso à natureza abundante, que constratava com a imagem industrializada das principais cidades européias e norte-americanas. Conhecer parte do ambiente natural que ainda não havia desaparecido frente à força catalisadora do progresso, transformava em sagrado o território brasileiro.

A priori, os forasteiros estavam mais interessados em conhecer e estudar a flora e a fauna brasileira, porém, ao se depararem com as diferentes constituições da população e práticas culturais estranhas às suas, também focaram seu olhar no componente humano. A diversidade racial e cultural, ao mesmo tempo em que foi vista por muitos como um fator negativo para o progresso do país, contraditoriamente, era um dos atrativos que dava maior visibilidade ao Brasil e colaborava para colocá-lo na rota das grandes navegações científicas e das viagens particulares de aventura e lazer.

Nesse contexto, sobressaía-se a cidade da Bahia enquanto local privilegiado para a observação da natureza e dos homens, tanto por ser uma cidade portuária, como pelo clima, pelas belezas naturais, pela forte presença de negros e mestiços e por estar localizada próxima a florestas e populações indígenas. Salvador continha todos os ingredientes que povoavam o imaginário dos estrangeiros e tornavam o Brasil um país *sui-generis* e, portanto, interessante como destino de viagem.

Esses deslocamentos ocorreram no momento em que a Bahia passava de uma sociedade mercantil-escravocrata a uma sociedade capitalista, na qual o crescimento do comércio era o principal estímulo para a expansão da cidade. Com efeito, a presença dos viajantes, ao propiciar novos contatos culturais, implicou alterações no estilo de vida dos habitantes do lugar, havendo uma estreita relação entre a entrada de estrangeiros e a inserção de novos bens materiais, hábitos e idéias.

Tal processo resultou na instituição de novas formas de sociabilidade entre os visitantes e a população local, ajudando a criar uma rede de serviços relacionada às viagens e ao lazer. Apesar de na Bahia oitocentista os serviços não serem prestados de forma sistemática, já se verificava uma clara intenção de realizar as atividades laborais ligadas à hospitalidade com a finalidade de agradar ao viajante. Anunciar nos almanaques e periódicos os meios de hospedagem e os restaurantes, além de outros tipos de estabelecimentos, ressaltando seus pontos fortes e o suposto

conforto do qual dispunham, são aspectos que caracterizam os primeiros passos da cidade na prática do turismo organizado.

Desse modo, essas viagens forneceram as bases para a atividade turística que posteriormente passou a ser praticada em uma das cidades que, muito antes do surgimento do turismo de massa, já possuía uma forte característica de internacionalidade, sendo uma das mais visitadas do Brasil.

Assim, quem sabe a leitura desse trabalho, ao questionar e analisar o modo como a cidade da Bahia começou a dar os primeiros passos enquanto produto turístico, não apenas nos ajude a entender como o turismo do qual dispomos hoje se originou e se desenvolveu, mas também nos auxilie na construção de novas formas de utilizar e representar o território e de dialogar com a alteridade.

FONTES

IMPRESSAS:

Biblioteca Central da UFBA - BIC

Relatos de viagem:

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelo norte do Brasil no ano de 1859***.** Tradução de Eduardo de Lima Castro. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1961.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estada neste país durante parte dos Anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.

HABSBURGO, Maximiliano de. *Bahia 1860: esboços de viagem.* Rio de Janeiro/Bahia, Tempo Brasileiro/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

VON SPIX, J. B. e VON MARTIUS, C. F. P. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, v. 2.

Biblioteca Júlio de Mesquita Filho, Campus de Assis/SP - UNESP

Relatos de viagem:

AGASSIZ, Jean L .R. e Elizabeth C. A. *Viagem ao Brasil: 1865-1866.*Tradução de João Etienne Filho. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil.* Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975.

Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA

Relatos de viagem:

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo)*. Tradução de Moacir Vasconcelos. São Paulo: Martins, v. I, 1940.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Províncias do Norte)*. Tradução de Moacir Vasconcelos. São Paulo: Martins, vol. II, 1943.

KIDDER e FLETCHER (1845*). O Brasil e os brasileiros*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, v. 2, 1941.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Diário da Viagem ao norte do Brasil em 1859*. Salvador: Progresso/UFBA, 1959.

SUZANNET, Conde de. *O Brasil em 1845.* Tradução de Márcia de Moura Castro. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957.

WETHERELL, James**.** ***Brasil: apontamentos sobre a Bahia, 1842-1857*****.** Salvador: Banco da Bahia, 1972.

RIBEYROLLES, Charles de. *Brasil pitoresco*: história, descrições, viagens, colonização, instituições. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980.

Centro de Estudos Afro-Orientais da FFCH - CEAO

Relatos de viagem:

DARWIN, Charles. *Viagem de Um Naturalista ao Redor do Mundo*. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., [19-].

Centro de Estudos Baianos da UFBA - CEB

Relatos de viagem:

ARNOLD, Samuel Greene. *Um diário Inédito sobre a Bahia*. Tradução e prefácio: Alberto Silva. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1952.

Centro de Documentação Cultural Sobre a Bahia – CEDIC-BA

Relatos de viagem:

LINDLEY, Thomas. *Narrativa de uma Viagem ao Brasil.* São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1969.

BURMAISTER, Hermann. Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

Biblioteca do Goethe-Institut, Salvador/BA - ICBA

Relatos de viagem:

PRINZESSIN VON BAYERN, Therese. *Meine Reise in den brazilianischen Tropen*. Berlin: Verlay von Dutrich Reimer, 1897.

Thomas Cooper Library - University of South Carolina

Relatos de viagem:

DARWIN, Charles. *The voyage of the Beagle.* Santa Barbara: The Narrative Press, 2001.

Centro de Digitalização do PPGH da UFBA - CEDIG

Jornais baianos:

*Alabama (*1879 e 1881)

*Jornal da Tarde (*1860)

O Interesse Público (1860)

O Século (1850)

O Trovão (1868)

Centro de Documentação Cultural Sobre a Bahia - CEDIC

Almanaques:

Almanach do Diário de Noticias para 1885: quinto anno, Bahia, [s.n.], 1885.

FREIRE, Antonio. *Almanak da Província da Bahia.* Brasil, Bahia, Salvador: Lhito-Typographia de João Gonçalves Tourinho, 1881.

MASSON, Camillo de Lellis. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Bahia, para o annode 1855*, organizado por Camillo de Lellis Masson. Primeiro anno. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia, 1854. v II.

_____. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Bahia, para o anno de 1857*, organizado por Camillo de Lellis Masson. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia, 1857.

_____. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Bahia, para o anno de 1863*, terceiro depois do bissexto. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia, 1863.

PIMENTA, Altino Rodrigues. *Almanak Administrativo comercial e industrial da Província da Bahia, para o anno de 1873*. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Oliveira Mendes & C. Anno I, 1872.

REIS, Antonio Alexandre Borges dos. Almanak Administrativo, indicador, noticioso, commercial e litterario do estado da Bahia para 1899, organisado por Antonio Alexandre Borges dos Reis. Segundo anno, Bahia: Editores Wilcke, Picard & C., 1899.

_____. Almanak Administrativo, indicador, noticioso, commercial e litterario do Estado da Bahia para 1900, organisado por Antonio Alexandre Borges dos Reis. Terceiro anno, Bahia: Litho-Typ. Encadernação Reis & Comp., 1900.

_____. Almanak Administrativo, indicador, noticioso, commercial e litterario do Estado da Bahia para 1903, organisado por Antonio Alexandre Borges dos Reis. Sexto anno, Bahia: Editores Reis & Cia.

RIBEIRO, João. *Almanaque Brasileiro Garnier para o anno de 1909.* 7º anno, Rio de Janeiro, 1909.

ROCHA, Prudêncio de Carvalho e. *Almanach literario e de indicações para o anno de 1888.* Bahia, Salvador: Typographia do Bazar 65, 1887.

_____. *Almanack literário e de indicações para o anno de 1889.* 3º anno, Bahia: Typographia do Bazar 65, 1888.

SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. Almanach civil, político e comercial da Bahia para o ano de 1845. [s.n.], Salvador, Edição fac-similar, 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACERENZA, Miguel *A. Administración del turismo: conceptualización y organizacion*. 4 ed., vol. I, México: Trillas, 1991.

ALENCASTRO, Luiz F. de. Vida privada e ordem privada no Império. In: _____. (org.). *História da vida privada no Brasil 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

ARAÚJO, Tatiana Brito de. *Os engenhos centrais e a produção açucareira no Recôncavo Baiano.* Salvador: FIEB, 2002.

ARRUDA, Angela. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro – negociando as diferenças. In: _____. (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

AUGEL, Moema P. *Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista*. São Paulo/Brasília: Cultrix/INL, 1980.

_____. *A visita de Maximiliano da Austria a Ilhéus.* Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1981.

BARREIRO, Carlos José. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX*: cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BARRETO, Maria Renilda Nery e ARAS, Lina Maria Brandão de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos,* Rio de Janeiro, v. 10, p. 151-72, jan.-abr., 2003.

BELLUZZO, Ana Maria de Morais. *O Brasil dos viajantes*: um lugar no Universo. São Paulo/Rio de Janeiro, Metalivros/Objetiva, v. II, 1999.

BOYER, Marc. *História do Turismo de Massa*. Trad. de Viviane Ribeiro, Bauru/Salvador: EDUSC/EDUFBA, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: MICELI, Sergio (org.). *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRAGA, R. *História da Comissão Científica de Exploração.* Fortaleza: Imp. Univ. do Ceará, 1962.

BRILLAT-SAVARIN. *A fisiologia do gosto*. Trad. de Paulo Neves, 3ª Ed, São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

BURKE, E. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo.* Campinas: Papirus/Unicamp, 1993.

CAMPOS, José Ruy V. *Introdução ao universo da hospitalidade.* Campinas: Papirus, 2005.

CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes. In: NOVAIS, Adauto (org.). *O Olhar.* São Paulo: Cia das Letrs, 1997.

CARDOZO, Manoel da S. As irmandades da antiga Bahia. *Revista de História,* Rio de Janeiro, n.95, ano 24, p.237-261, 1973.

CEDIC-BA. *GRANDE DICCIONÁRO PORTUGUEZ ou Thesouro da Língua Portuguesa* pelo Dr. Fr. Domingos Vieira dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, Segundo Volume, Porto: Editores Ernesto Chardran e Bartholomeu H. De Moraes, 1873.

CHALHOUB, Sidney. *A cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

CHON, K. S. e SPARROWE, R. T. *Hospitalidade: conceitos e aplicações.* Trad. de Ana Beatriz de Miranda e Silva Ferreira. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

COUTO, Edilece S. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940).* Tese de Doutorado. Assis: UNESP, 2004.

DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: epidemia na Bahia do século XIX*. Salvador: Edufba/Sarah Letras, 1996.

DE BOTTON, Alain. *A arte de viajar.* Trad. de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DIAS, Célia Maria de M. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade. _____. (org). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas.* Barueri: Manole, 2002.

DIAS, M. O. da S. *O Fardo do Homem Branco: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos de império do comércio livre).* São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.

EDELWEISS, Frederico. *A visita de Maximiliano da Áustria à Bahia.* Salvador: Centro de Estudos Baianos/Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial da Bahia, 1961.

ELIAS, Norbert. *A sociedade da corte*. Lisboa: Presença Editorial, 1983.

_____.O processo *civilizador: uma história dos costumes.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. I, 1994.

FALCÓN, Francisco J. C. *A Época* Pombalina (política econômica e monarquia ilustrada). São Paulo: Editora Ática, 1982.

FERREIRA, Alexandre R. *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias-antropologia.* Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1974.

FERREIRA FILHO, Alberto H. *Quem pariu e bate, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940.* Salvador: EDUFBA, 2003.

FERREZ, Gilberto. *Bahia: velhas fotografias, 1858 – 1900*. Rio de Janeiro: Kosmos; Salvador: Banco da Bahia Investimentos, 1988.

FLANORIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massino. *História da Alimentação*. Trad. de Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixera, São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FRANCO Ariovaldo. *De caçador a Gourmet: uma história da gastronomia.* São Paulo: Senac, 2001.

FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa. Rio de* Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GAY, Peter. *Guerras do Prazer: a experiência burguesa - da rainha Vitória a Freud*. Trad. de Rosaura Eichemberg, São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viagem à Itália 1786-1788.* São Paulo: Cia. das Letras. 1999.

GUIMARÃES, Manoel L. L. S. História e Natureza en Von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a Nação. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. VII, p. 389-410, jul.-out., 2000.

_____. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p.5-27, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro: Olympio, 1978.

JOFFE, Hélène. Degradação, desejos e "o outro". In: ARRUDA, Ângela (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

JOVCHELOVITEH, Sandra. Re(des)cobrindo o outro - para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In: ARRUDA, Ângela (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEAL, Maria L. de M. S. *A história da gastronomia*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1998.

LIESELLOTE H. Ornellas. *A Alimentação Através dos Tempos*. 3ª ed., Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

LEITE, Ilka B. *Antropologia da viagem.* Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam L. M. *Livros de viagem* (1803-1900), Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1997.

LIMA, José F. da Silva. *A Bahia de há 66 annos*: reminiscências de um contemporâneo. Folhetim do Jornal da Bahia de 1907. Bahia: Victoria, 1939.

LYRA, Heitor. *História de D. Pedro II. (1938-40).* São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/ Itatiaia, v. 3, 1977.

MARQUES, Xavier. *O Feiticeiro.* 3. ed. São Paulo: GRD, 1975.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes*. O olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX*. Uma Província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. A opulência na província da Bahia. In: ALENCASTRO, Luiz F. De (org.). *História da vida privada no Brasil 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. *Bahia:* a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo/Salvador: HUCITEC/Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

MOURA, Milton A. *Carnaval e baianidade: arestas e curvas na coreografia de identidades do carnaval de Salvador.* Tese de Doutoramento. Salvador: FACOM/UFBA, 2001.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *As dez freguesias na cidade do Salvador*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

OLIVEIRA FILHO, João P. de. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: _____. (org.). *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil.* Rio de Janeiro: Marco Zero/ UFRJ, p.84-148, 1987.

PÁDUA, José A. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1776-1888.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

PIRES, Mário J. *Raízes do Turismo no Brasil. Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX*. Barueri: Manole, 2001.

QUEIROZ, Lúcia A. *Turismo da Bahia: estratégias para o desenvolvimento*. Salvador: EGBA, 2002.

QUERINO, Manuel. *A Bahia de outrora.* Salvador: Livraria Progresso, 1955.

REIS, João J. *A. morte é uma festa*: *ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. *Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos Malês em 1835.* São Paulo: Cia das Letras, 2003.

REJOWSKI, Mirian et al. Desenvolvimento do turismo moderno. In: _____. (org.). *Turismo no percurso do tempo.* São Paulo: ALEPH, 2002.

ROUANET, Sergio P. O olhar iluminista. In: NOVAIS, Adauto (org.). *O Olhar*. São Paulo: Cia das Letrs, 1997.

RUY, Affonso. *História do Teatro na Bahia, séculos XVI-XX*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: Costa, A. de O. & BRUSCHINI, C. (org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, v.22, n.44, p. 289-310, 2002.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de urbanização. Salvador da Bahia no século XIX*. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

SCHIAVINATTO, Iara Lis. Imagens do Brasil: entre a natureza e a história. In: Novais, F e Jancsó (org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação.* São Paulo: Hucitec/ Unijuí, 2003.

SCHINDLER, Helmut. Plumas como enfeites de moda. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos,* v. III (suplemento), 1089-108, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos.* São Paulo: Cia. das Letras, 2ª ed., 2004.

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.* São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa: o papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. Salvador, *Afro-Ásia*, 23, 2000.

SMITH, Bernard. *European vision and the Shout Pacific*. New Haven: Yale Universaty Press, 2ª ed., 1988.

SOARES, Cecília Moreira. *Mulher negra na Bahia no século XIX*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1994.

SPANG, Rebecca L. *A Invenção do Restaurante*: *Paris e a moderna cultura gastronômica*. Trad. de Cynthia Cortes e Paulo Soares, Rio de Janeiro: Record, 2003.

TEIXEIRA, Cid. História Visual (da Praça Municipal à Piedade). Livro 4. Salvador. *Correio da Bahia*, 2001.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e a narrativa. In: _____. (org.). *As morais da história*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

_____. *A conquista da América – a questão do outro.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.

URRY, John. *O olhar do turista*. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 3ª ed., 2007.

VERGER, Pierre**.** *Notícias da Bahia – 1850***.** Salvador: Corrupio, 1999.

VIANNA, Marisa. *"... vou para a Bahia"*. Salvador: Bigraf, 2004.

VIGARELLO, Georges. *O Limpo e o Sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WRIGH, Antonio Fernando Pacca de Almeida. *Desafio americano à preponderância britânica no Brasil, 1808-1850*. São Paulo/Brasília: Nacional/INL, 1978.